

Ana Emília Barros Paroleiro

**Estudo dos Recipientes Cerâmicos dos Monumentos Megalíticos
do Concelho de Castelo de Vide**

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Pré-história, orientada pelo Professor Doutor
Sérgio Monteiro Rodrigues

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Julho 2016

Estudo dos Recipientes Cerâmicos dos Monumentos Megalíticos do Concelho de Castelo de Vide

Ana Emília Barros Paroleiro

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Arqueologia, orientada pelo Professor
Doutor Sérgio Monteiro-Rodrigues

Membros do Júri

Professora Doutora Maria de Jesus Sanches
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professora Doutora Maria Teresa Soeiro
Faculdade de Letras – Universidade do Porto

Professor Doutor Sérgio Monteiro-Rodrigues
Faculdade de Letras – Universidade do Porto

Classificação obtida: 17 valores

Índice

Resumo.....	7
Abstract	8
Agradecimentos.....	9
0. Introdução.....	10
0.1. Contextualização e justificação do estudo	10
0.2. Objetivo geral e problemática do estudo	10
0.3. Procedimentos para a consecução do objetivo geral	11
0.4. Estrutura do trabalho	11
1. Castelo de Vide: Enquadramento Fisiográfico.....	13
1.1. Localização geográfica	13
1.2. Contextualização geomorfológica	13
1.3. Contextualização geológica	14
1.4. O clima: temperatura e precipitação	16
1.5. A rede hidrográfica regional.....	16
1.6. A cobertura vegetal.....	16
2. Metodologia	18
2.1. Critérios de seleção dos monumentos megalíticos estudados	18
2.2. A denominação toponímica dos monumentos megalíticos	18
2.3. Caracterização dos monumentos megalíticos: descritores utilizados.....	19
2.4. Caracterização dos recipientes cerâmicos: descritores utilizados	21
2.5. Enquadramento cronológico-cultural dos monumentos megalíticos: metodologia adotada.....	24
3. Os Recipientes Cerâmicos dos Monumentos Megalíticos de Castelo de Vide.....	25
3.1. Caracterização dos recipientes cerâmicos dos monumentos megalíticos estudados	25
3.1.1. Alcogulo 1	25
3.1.2. Alcogulo 2	29
3.1.3. Alcogulo 3	33
3.1.4. Coureleiros 1	35
3.1.5. Coureleiros 2	37
3.1.6. Coureleiros 5	39

3.1.7. Mosteiros	41
3.1.8. Pai Anes	44
3.1.9. Tapada do Souto	47
3.1.10. Currais do Galhordas	47
3.1.11. Vale da Estrada	51
3.1.12. Tapadão da Relva	53
3.1.13. Tapada dos Olheiros	56
3.1.14. Porto Eivado	58
3.1.15. Casa dos Galhardos	60
3.1.16. Nave do Grou	61
3.2. Caracterização tecno-tipológica dos recipientes cerâmicos dos monumentos megalíticos do concelho de Castelo de Vide: uma análise de conjunto	63
4. Tentativa de Enquadramento Cronológico dos Monumentos Megalíticos do Concelho de Castelo de Vide a Partir dos Respetivos Conjuntos Artefactuais	73
5. Conclusão	83
5.1. Principais conclusões	83
5.2. Implicações para o estudo da arqueologia pré-histórica do Alto Alentejo	83
5.3. Sugestões para futuras investigações e intervenções	84
6. Referências Bibliográficas	85
Anexo 1	90
1. As Antas Estudadas	91
1.1. Necrópole do Alkogulo (1-4)	91
1.1.1. Ficha de Sítio: Alkogulo 1	92
1.1.2. Ficha de Sítio: Alkogulo 2	107
1.1.3. Ficha de Sítio: Alkogulo 3	128
1.1.4. Ficha de Sítio: Anta do Cabeço	136
1.2. Necrópole dos Coureleiros	140
1.2.1. Ficha de Sítio: Coureleiros 1	140
1.2.2. Ficha de Sítio: Coureleiros 2	154
1.2.3. Ficha de Sítio: Coureleiros 4	165
1.2.4. Ficha de Sítio: Coureleiros 5	170

1.3. Ficha de Sítio: Mosteiros	178
1.4. Ficha de Sítio: Pai Anes.....	190
1.5. Ficha de Sítio: Tapada do Souto.....	198
1.6. Ficha de Sítio: Currais do Galhordas.....	201
1.7. Ficha de Sítio: Cerejeiro 1	218
1.8. Ficha de Sítio: Vale da Estrada.....	222
1.9. Ficha de Sítio: Tapadão da Relva	233
1.10. Ficha de Sítio: Tapada dos Olheiros.....	250
1.11. Ficha de Sítio: Porto Eivado	259
1.12. Ficha de Sítio: Casa dos Galhardos	270
1.13. Ficha de Sítio: Nave do Grou	276
Anexo 2	281
Anexo 3	284
Anexo 4	287
Anexo 5	349

Resumo

A presente dissertação tem como objetivo o estudo dos recipientes cerâmicos do concelho de Castelo de Vide articulando-os com a tipologia dos monumentos megalíticos, restante material arqueológico e pontuais datações absolutas.

Com este trabalho procurou-se, num primeiro momento, identificar fases de utilização das antas, e num segundo, contribuir para o estabelecimento de uma cronologia para essas mesmas fases, tendo como base sequências “cronológico-culturais” estabelecidas para outras regiões alentejanas.

Assim, constatou-se que as antas deste concelho foram, aparentemente, construídas, na sua quase totalidade, no Neolítico médio/final e Neolítico final. Muitos destes monumentos megalíticos continuaram a ser reutilizados no Calcolítico, havendo alguns onde esta utilização continuou até à Idade do Bronze.

Palavras-chaves: Pré-história; Alto Alentejo; Megalitismo; Cronologia; Recipientes cerâmicos.

Abstract

This Master Thesis was devoted to the study of ceramic/clay containers from megalithic monuments of Castelo de Vide County connecting this type of objects with other archeologic material as well as occasional absolute dating.

This work sought, first of all, to identify the stages of dolmen use and then contribute to establish a chronology of these same stages, based on chronological and cultural sequences settled in other parts of Alentejo.

Thereby, it was noted that almost all Castelo de Vide county dolmens were, apparently, built during the middle or late Neolithic period. Many of these megalithic monuments were reused during the Chalcolithic period and some were even used until the Bronze Age.

Keywords: Prehistory; Alto Alentejo; Megalithic monuments; Chronology; Ceramic containers.

Agradecimentos

Este trabalho só foi possível ser concretizado com o apoio de algumas pessoas e instituições. Assim, aproveito para fazer o devido agradecimento.

Em primeiro lugar quero agradecer aos docentes que lecionaram na minha licenciatura e mestrado, em especial à Professora Doutora Susana Oliveira Jorge, que me incutiram o gosto por este período cronológico (pré-história).

Ao Professor Doutor Sérgio Monteiro Rodrigues, orientador desta dissertação, agradeço o voto de confiança e o tempo disponibilizado para a ajuda nesta tese.

Ao Rui Mataloto por todo o tempo dispensado para a resolução das minhas inúmeras dúvidas que ia encontrando no decurso da investigação.

Ao Rui Boaventura pela sua disponibilidade em acompanhar-me ao Museu Nacional de Arqueologia onde se encontravam materiais de uma das antas do concelho de Castelo de Vide, bem como pela informação da recolha de superfície de um recipiente cerâmico, realizada por si, da anta da Tapada do Souto.

Externamente, quero agradecer à Câmara Municipal de Castelo de Vide, o apoio, logístico, ao nível de alojamento e o acesso a todo o material informático, gráfico e físico, que possibilitou a realização do estudo do espólio guardado na sua Secção de Arqueologia. Sem a ajuda dos funcionários que lá trabalham e que dispuseram tempo e esforço para me ajudarem não seria possível ter toda a informação na tese.

Por último, quero agradecer aos meus pais, Tomás e Rita, bem como ao João Santos, Ana Santos, Mafalda Bessa e Susana Neves, entre outros, por me acompanharem nesta aventura. Sem o apoio deles não teria sido possível a conclusão deste ciclo de estudos.

0. Introdução

0.1. Contextualização e justificação do estudo

O estudo dos recipientes cerâmicos tem uma grande importância para a arqueologia pré-histórica na medida em que contribui para uma melhor compreensão das comunidades do passado. Por outro lado, a sua variabilidade morfológica (e associação a outros elementos artefactuais) pode ajudar ao estabelecimento de cronologias, sobretudo quando não se dispõe de datações absolutas.

No caso dos monumentos megalíticos¹ do concelho de Castelo de Vide – tema central deste trabalho – a quase total ausência deste tipo de datações é uma realidade. Deste modo, ao centrar a atenção no vasto conjunto de recipientes cerâmicos aqui recolhidos, pretendeu-se não só proceder à sua caracterização tecno-tipológica, como também usá-los com potenciais indicadores cronológicos, uma vez que existem certas formas que, estando bem datadas e contextualizadas noutras regiões, podem ser assumidas, de certo modo, como “fósseis-diretores”.

Importa também referir que os recipientes exumados nas antas de Castelo de Vide nunca foram analisados detalhadamente. Tal facto teve um peso importante na opção pelo tema aqui desenvolvido.

0.2. Objetivo geral e problemática do estudo

O principal objetivo desta dissertação é contribuir para o conhecimento da arqueologia pré-histórica do Alto Alentejo, nomeadamente o *fenómeno tumular megalítico* do concelho de Castelo de Vide.

Apesar da maior parte das antas desta região ter sido escavada durante os últimos 150 anos, o facto é que poucos foram os trabalhos de natureza verdadeiramente científica, pelo que persistem ainda muitas questões por esclarecer, nomeadamente sobre:

- a variabilidade arquitetónica dos monumentos megalíticos;
- a cronologia da sua construção e (re)utilização;
- a variação dos “pacotes artefactuais” funerários ao longo do tempo;
- a variabilidade tecno-tipológica e significado cronológico dos recipientes cerâmicos;
- entre outras questões a serem determinadas.

¹ Neste trabalho assumem-se como monumentos megalíticos apenas os monumentos de tipo anta ou dólmen, excluindo-se, assim, outras tipologias, como por exemplo os menires.

Não pretendendo dar resposta a todas estas problemáticas, procurou-se neste trabalho avançar algumas hipóteses sobre o enquadramento temporal dos monumentos – quer em termos da sua construção, quer da sua reutilização – com base na análise dos respetivos “pacotes artefactuais”, em geral, e das formas dos recipientes cerâmicos, em particular.

0.3. Procedimentos para a consecução do objetivo geral

Para a concretização do objetivo acima mencionado levaram-se a cabo os seguintes procedimentos:

- Caracterização fisiográfica da região do concelho de Castelo de Vide para, entre outros aspetos, compreender o contexto geológico e geomorfológico de implantação dos monumentos megalíticos, procurando também articular a sua ocorrência com a existência de litologias adequadas à sua construção (neste caso, granitos);
- Inventariação de todos os monumentos megalíticos do concelho de Castelo de Vide que forneceram espólio arqueológico pré-histórico em fichas de sítio, que serviram de base ao tratamento/cruzamento da informação usada nesta dissertação;
- Análise dos recipientes cerâmicos quanto à tecnologia, morfo-tipologia e técnicas/padrões decorativos, e sua associação aos restantes elementos arqueológicos;
- Estabelecimento de possíveis etapas de construção e de (re)utilização dos monumentos megalíticos estudados a partir dos dados cronológicos fornecidos pelos recipientes cerâmicos e por outros artefactos associados, e ainda pelas datações absolutas obtidas localmente e noutras regiões do Alentejo.

0.4. Estrutura do trabalho

Este trabalho encontra-se dividido em sete capítulos, correspondendo o primeiro à introdução (capítulo 0).

O capítulo 1, denominado *Castelo de Vide: Enquadramento Fisiográfico*, tem como objetivo localizar o concelho e pôr em destaque os seus principais aspetos geológicos, geomorfológicos, climáticos, hidrográficos e florísticos.

No capítulo 2 – *Metodologia* – são descritos os procedimentos metodológicos desenvolvidos nesta dissertação, apresentando-se (1) os critérios usados na seleção dos monumentos megalíticos estudados, (2) os critérios usados na denominação das antas, (3) os descritores utilizados para a caracterização dos monumentos megalíticos, (4) os descritores usados para a caracterização dos materiais cerâmicos e, por fim, (5) os critérios utilizados para o enquadramento cronológico das antas.

No capítulo 3 – *Caracterização dos Recipientes Cerâmicos das Antas de Castelo de Vide* – procede-se ao estudo dos vasos cerâmicos exumado. Numa primeira fase, este estudo aborda individualmente cada anta, ao que se segue uma análise de conjunto.

No capítulo 4 avançam-se hipóteses sobre a cronologia dos monumentos tendo por base o modelo desenvolvido por BOAVENTURA & MATALOTO (2013). Este modelo assenta na presença/ ausência de certos artefactos que podem, segundo os autores, ser considerados como “fósseis-diretores”.

O capítulo 5 contém as conclusões principais deste trabalho, e o capítulo 6 as referências bibliográficas.

1. Castelo de Vide: Enquadramento Fisiográfico

Neste capítulo apresentam-se as principais características físicas do concelho em análise. Apesar de reconhecer que as fronteiras administrativas não fazem sentido no âmbito dos estudos sobre a Pré-história de uma qualquer região, assume-se, neste trabalho, o limite territorial correspondente àquele concelho uma vez que se estuda um conjunto de monumentos megalíticos desta área concreta.

1.1. Localização geográfica

O concelho de Castelo de Vide localiza-se no Centro-este de Portugal, na região do Alto Alentejo, distrito de Portalegre (Figura 1.1.). Faz fronteira com Espanha a nordeste, com Marvão a este, com Portalegre a sul, com o Crato a sudoeste e com Nisa a oeste e a noroeste. Tem uma área de 264,91 km² (INE, 2012: 30) e cerca de 3407 habitantes, de acordo com os dados de 2011 (INE, 2012: 96).

O concelho é dividido em quatro freguesias: Nossa Senhora da Graça e Póvoa e Meadas, a norte, Santa Maria da Devesa, a este, São João Baptista, a oeste e Santiago Maior, a sul.



Figura 1.1. – Localização geográfica do concelho de Castelo de Vide (Atlas de Portugal)

1.2. Contextualização geomorfológica

Castelo de Vide insere-se numa região aplanada, predominantemente granítica, na qual sobressaem as cristas quartzíticas da Serra de S. Mamede, orientada segundo um eixo NNW-SSE. No setor oeste do território as cotas variam entre os 220 m e os 280 m; para leste a altitude vai aumentando, em direção à referida Serra, onde atinge os 780 m (v.g. da Urra) (FERNANDES *et al*, 1973a; FEIO *et al*, 1980, 1993; RIBEIRO *et al*, 1992).

1.3. Contextualização geológica

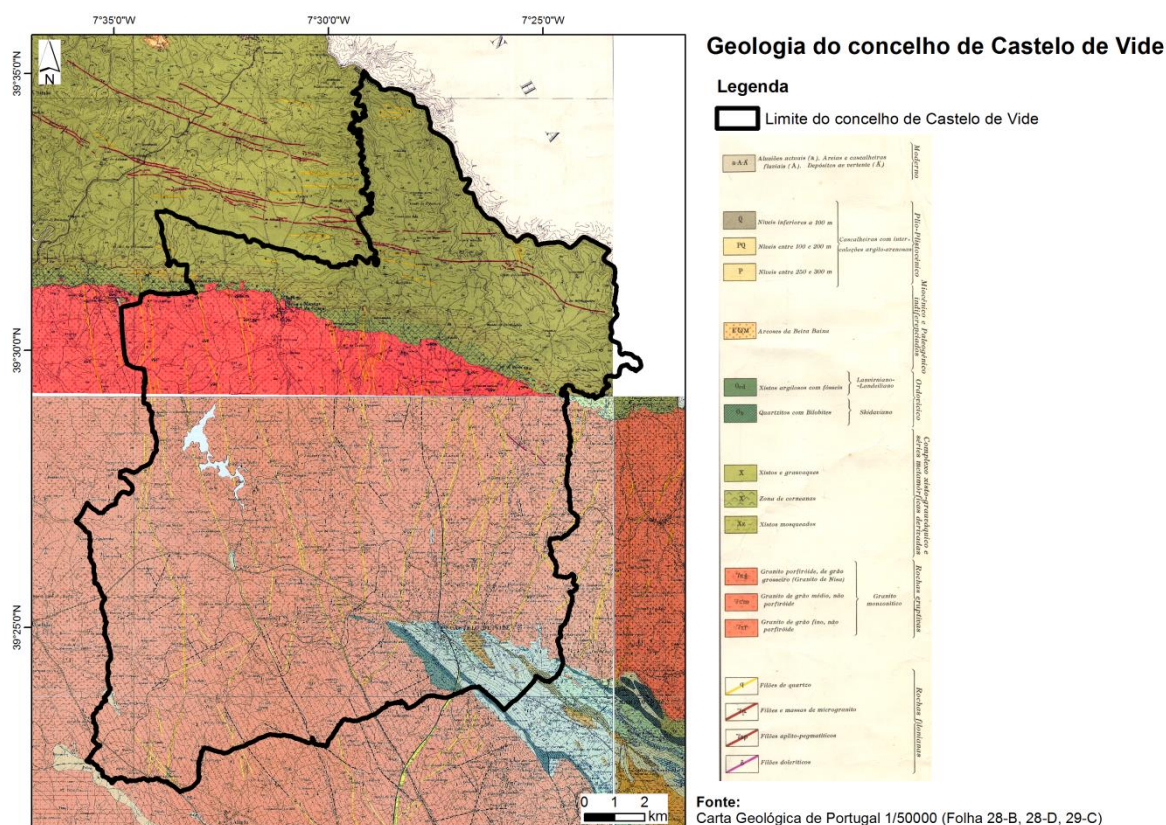


Figura 1.2. – Delimitação do concelho de Castelo de Vide na *Carta Geológica de Portugal na escala 1:50000*, folhas de 28-B (Nisa), 28-D (Castelo de Vide) e 29-C (Marvão)

Do ponto de vista geológico, o concelho de Castelo de Vide, abrangido pela *Carta Geológica de Portugal, na escala 1/50 000*, folhas 28-B (Nisa) e 28-D (Castelo de Vide), apresenta formações com idades e géneses muito diversificadas (FERNANDES *et al*, 1973b); CAMPOS *et al*, 1991) (Figura 1.2.).

As formações mais recentes, atribuídas ao Holocénico, incluem aluviões atuais (cascalhos, areias e lodos ao longo das principais linhas de água), depósitos de vertente (sobretudo nas encostas das cristas quartzíticas) e depósitos de fundo vale (essencialmente constituídos por calhaus de quartzo rolados).

Ao Mio-Pliocénico são atribuídos arenitos feldspáticos e cascalheiras de planalto, pertencentes à Bacia Terciária do Tejo.

Entre as rochas mais antigas destacam-se formações paleozoicas (xistos, quartzitos e calcários dolomíticos – *Calcários da Escusa* –, datados do Devónico inferior e médio; xistos, às vezes ampelitosos com *Monograptus*, e quartzitos associados, datados do Silúrico superior; conglomerados e arcoses da base, quartzitos e xistos, de idade ordovícica inferior), rochas do Complexo Xisto-grauváquico Ante-ordovícico e séries metamórficas derivadas, e formações do Pré-câmbrio, nomeadamente a formação Xisto-arenítica da Urre e a “Série Negra”.

As rochas magmáticas, nomeadamente o granito, têm grande relevância na região, destacando-se os granitos calco-alcalinos, porfiróides, biotíticos; os granitos alcalinos, não porfiróides, biotíticos; os granitos alcalinos, não porfiróides, associados a granodioritos e quartzodioritos; os granitos alcalinos, não porfiróides, moscovíticos; os ortognaisses graníticos, alcalinos, derivados de granitos porfiróides e não porfiróides; os granitos alcalinos gnaissóides porfiróides e não porfiróides e os dioritos, microdioritos, sienitos e monzonitos. A sua idade remonta, na generalidade, ao Ordovícico e ao Carbónico (FERNANDES *et al.* 1973).

Surgem também formações filonianas sob a forma de filões de quartzo, filões e massas aplito-pegmatíticas, pórfiros, filões básicos e rochas lamprofíricas.

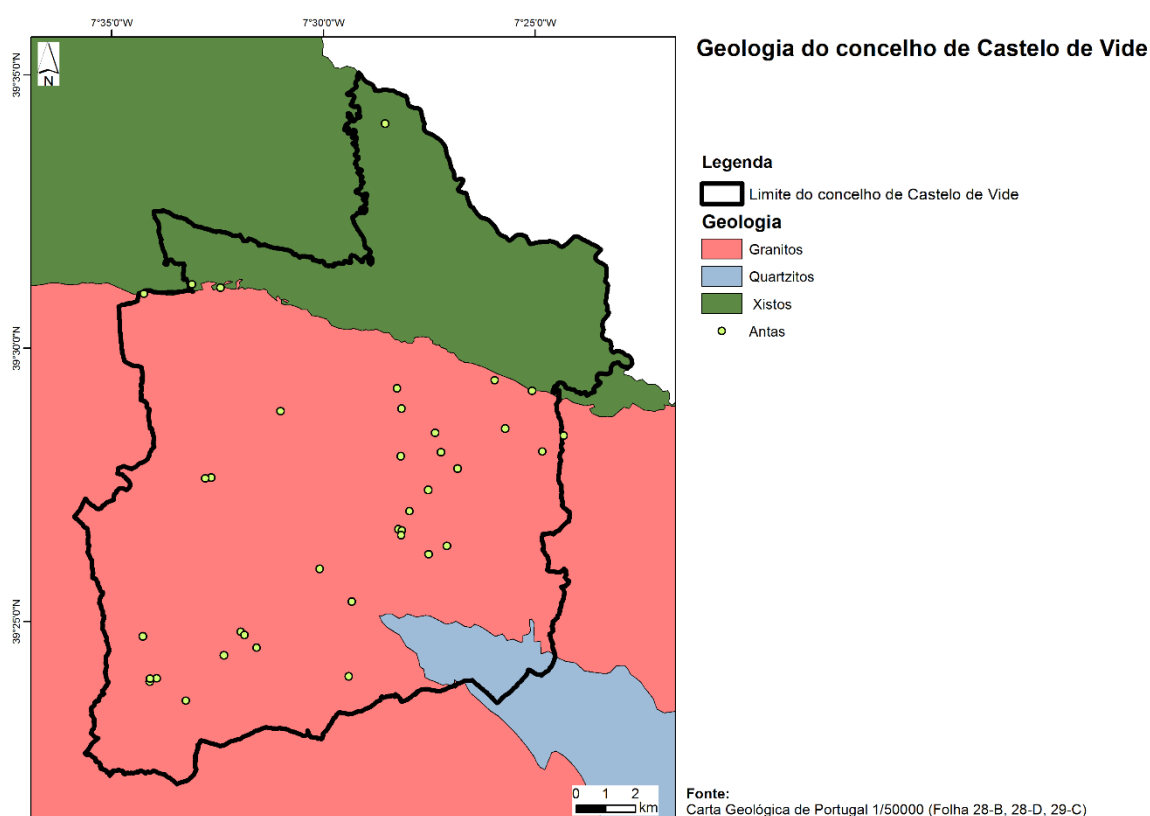


Figura 1.3. – Localização das antas do concelho de Castelo de Vide no esboço geológico realizado a partir da *Carta Geológica de Portugal* na escala 1:50000, folhas de 28-B (Nisa), 28-D (Castelo de Vide) e 29-C (Marvão). Observe-se a concentração dos monumentos megalíticos na mancha granítica.

Observando a figura 1.3. constata-se uma clara concentração dos monumentos megalíticos no sector ocupado pelos granitos, havendo apenas um no sector norte, onde predominam os xistos. Esta situação poderá decorrer do facto do granito se adequar melhor à construção deste tipo de monumentos, tanto mais que existem na região áreas com intenso diaclasamento, onde os esteios poderiam ser obtidos.

1.4. O clima: temperatura e precipitação

De acordo com Orlando Ribeiro *et al.* (1988), Castelo de Vide situa-se na denominada “*Província do Alto Alentejo*”, que apresenta um clima temperado. A temperatura média anual da região varia entre 15° C e 16° C, sendo que na Serra de S. Mamede a temperatura baixa sensivelmente 1° C. A temperatura média do mês mais quente do ano, agosto, é de 23,5° C enquanto que em janeiro esta não passa dos 8° C (Climate-Data.org). Na “*Província do Alto Alentejo*” existem 3 a 4 meses considerados secos (RIBEIRO *et al.*, 1988).

No que diz respeito à precipitação, a média anual ronda os 800-1000 mm. Os meses mais chuvosos são precisamente os inverniais (DAVEAU, 1995).

1.5. A rede hidrográfica regional

A rede hidrográfica da região onde se insere Castelo de Vide pertence na sua totalidade à Bacia hidrográfica do Tejo (DAVEAU, 1995). O principal rio regional é o Sever, que nasce no extremo sul do concelho do Marvão, na Serra de S. Mamede, a cerca de 900 m de altitude, desaguando no rio Tejo à cota de 100 m. Este rio apresenta uma orientação aproximadamente Sul-Norte.

O Sever, que faz fronteira com Espanha, delimita, na margem portuguesa, parte do concelho de Marvão e os concelhos de Castelo de Vide e de Nisa.

A bacia do Sever, bastante semelhante em ambas as margens, tanto em extensão como em paisagem, ocupa uma área total de cerca de 450 km². Muito mais ampla junto à Serra, ela vai estreitando à medida que nos aproximamos da foz (OLIVEIRA, 1997a).

O rio Sever tem como afluentes diversas ribeiras, algumas das quais cruzam o concelho de Castelo de Vide (por exemplo, Ribeira do Vale de Cano, Ribeira de Vide e Ribeira de S. João).

1.6. A cobertura vegetal

Segundo Lautensach (RIBEIRO *et al.*, 1998), no Alentejo oriental a influência continental é muito notória na flora. A azinheira, que aprecia a secura, associa-se ao sobreiro, aparecendo sozinha nos solos calcários. O pinheiro bravo, que exige maior humidade, desaparece quase completamente, dando lugar a várias espécies marcadamente xerofíticas, como *Retama* (piorno), *Genista* (genista), *Cytisus* (giesta), *Thymus* (tomilho) e *Lavandula* (alfazema).

Na Serra de São Mamede, a flora tem um carácter mais específico, essencialmente nas áreas protegidas (*idem*). No entanto, a presença humana ao longo do tempo deixou a terra com

diversas cicatrizes, transformando-a num mosaico diversificado, sobretudo devido às práticas agrícolas, à pecuária, à urbanização, bem como ao plantio de floresta com espécies introduzidas.

As espécies mais frequentes na região Castelo de Vide são: *Quercus pyrenaica*, *Physospermum cornubiense*, *Polygonatum odoratum*, *Carduus platypus*, *Cephalanthera longifolia*, *Linaria tryornithophora*, *Luzula lacteal*, *Halimium umbellatum*, *Halimium allyssoides*, *Luzula heuriquesii*, *Polystichum setiferum*, *Osmundo regalis*, *Athyrium sp.*, *Dryopteris sp.*, *Paeonia broteroi*, *Ruscus aculeatus*, *Smilax áspera*, *Adenocarpus anisochilus*, *Genista falcata*, *Cytisus striatus*, *Erica umbellata*, *Cistus psilosepalus*, *Drosophyllum lusitanicum*.

Relativamente ao passado, não existem ainda dados que permitam reconstituir a paleoflora e, conseqüentemente, conhecer a evolução da paisagem durante os últimos milénios.

2. Metodologia

Neste capítulo apresentam-se os critérios de seleção dos monumentos megalíticos estudados e a metodologia posta em prática para a sua descrição e caracterização, que contempla o inventário dos “pacotes artefactuais” neles exumados. Complementarmente expõem-se os descritores usados no estudo dos recipientes cerâmicos e, por último, explica-se a estratégia utilizada para proceder à tentativa de enquadramento cronológico das antas analisadas.

Por uma questão de gestão de espaço optou-se por colocar em anexo a descrição/caracterização dos monumentos megalíticos e o referido inventário dos artefactos que integram os respetivos “pacotes artefactuais” (Anexo 1). Por sua vez, o estudo dos recipientes cerâmicos, por se tratar do tema central desta dissertação, é apresentado no capítulo seguinte (capítulo 3).

2.1. Critérios de seleção dos monumentos megalíticos estudados

No concelho de Castelo de Vide estão identificadas 39 antas. No entanto apenas 18 forneceram espólio arqueológico pré-histórico, quer por via de escavação, quer fruto de achados furtivos. Uma vez que esta dissertação tem por base o estudo de materiais arqueológicos, apenas foram tidas em conta as 18 antas referidas. Em todo o caso, foi incluída em anexo uma listagem com todos os monumentos megalíticos do concelho, com as respetivas coordenadas geográficas (Anexo 2).

2.2. A denominação toponímica dos monumentos megalíticos

Ao longo dos anos vários autores foram usando denominações diferentes para os monumentos megalíticos deste concelho, o que tem gerado enorme dificuldade na identificação precisa das antas. Para contrariar esta situação decidi utilizar as denominações sugeridas por Rui Boaventura e André Pereira (BOAVENTURA & PEREIRA, investigação em curso), a fim de uniformizar a nomenclatura dos monumentos. Os autores acima citados têm procurado recuperar as denominações outrora utilizadas pelo casal Leisner (LEISNER & LEISNER, 1959).

Segue em anexo um quadro com os vários nomes atribuídos por diversos autores, onde se inclui também o Código Nacional de Sítio (Anexo 3).

2.3. Caracterização dos monumentos megalíticos: descritores utilizados

A caracterização dos monumentos megalíticos implicou a criação de uma ficha individual de sítio. Os respetivos descritores contemplam, a um nível mais geral, a denominação do monumento, o Código Nacional de Sítio, uma breve história das investigações nele realizadas, a classificação patrimonial, a localização administrativa, a cartografia referente à anta, as coordenadas geográficas (retangulares GAUSS), a implantação topográfica e a eventual associação a outros sítios pré-históricos.

No que respeita aos restantes descritores, eles foram construídos com base na bibliografia, nomeadamente a partir dos trabalhos de ANDRADE (2009), GONÇALVES (1989), GONÇALVES & SOUSA (2003) e PARREIRA (1996). Tais descritores são os seguintes:

1 – **Tipologia arquitetónica da anta** (ANDRADE, 2009):

- Anta de câmara e corredor diferenciados;
- Anta de câmara e corredor indiferenciados;
- Anta de corredor descentrado em relação ao eixo de simetria da câmara;
- Anta, corredor não identificado/ Anta, corredor destruído (nos casos de ausência de corredor em monumentos que aparentemente o teriam tido ou nos casos em que este foi destruído).

2 – **Diâmetro máximo da câmara** (ANDRADE, 2009):

- Pequena: diâmetro médio inferior a 2 m;
- Média: diâmetro médio entre 2 m e 3 m;
- Grande: diâmetro médio entre 3 m e 4 m;
- Muito grande: diâmetro médio superior a 4 m;
- Indeterminável (quando não é possível identificar o diâmetro máximo da câmara).

3 – **Dimensão do corredor** (GONÇALVES, 1989):

Apresenta-se a categoria a que corresponde a dimensão do corredor e à frente, sempre que possível, a extensão exata do mesmo.

- Curto: comprimento inferior ao diâmetro longitudinal da câmara;
- Médio: comprimento sensivelmente idêntico ao diâmetro longitudinal da câmara;
- Longo: comprimento superior ao diâmetro longitudinal da câmara e até ao dobro deste;
- Muito longo: comprimento superior ao dobro do diâmetro longitudinal da câmara;
- Indeterminável (quando não é possível determinar qualquer dimensão do corredor).

4 – Orientação do Corredor (ANDRADE, 2009):

- Segundo os pontos cardeais; caso não exista evidência de corredor será indicada a orientação da entrada da câmara.

5 – Número de esteios componentes da câmara (ANDRADE, 2009):

- Indica-se o número de esteios que compõem a câmara ou, na sua ausência, o número de alvéolos identificados.

6 – Número de esteios componentes do corredor (ANDRADE, 2009):

- Indica-se o número de esteios que compõem o corredor ou, na sua ausência, o número de alvéolos identificados.

7 – Morfologia da câmara (GONÇALVES & SOUSA, 2003):

- Retangular longitudinal;
- Retangular transversal;
- Subcircular;
- Elipsoidal;
- Poligonal;
- Indeterminável (quando não é possível identificar a morfologia da câmara).

8 – Morfologia do corredor (GONÇALVES & SOUSA, 2003):

- Paralelo;
- Afuselado;
- Indeterminável (quando não é possível determinar a morfologia do corredor).

9 – Laje de fecho em cutelo (ANDRADE, 2009):

- Presente;
- Ausente.

10 – Laje de cobertura da câmara (ANDRADE, 2009):

- Presença *in situ* (inteiro ou fraturado);
- Presença tombado (inteiro ou fraturado);
- Presença deslocado (inteiro ou fraturado);
- Ausente.

11 – Lajes de cobertura do corredor (ANDRADE, 2009):

- Presença *in situ* (inteiro ou fraturado);
- Presença tombado (inteiro ou fraturado);
- Presença deslocado (inteiro ou fraturado);
- Ausente.

12 – **Mamo** (PARREIRA, 1996):

- Bem preservada (a altura é superior ou igual à altura original dos esteios da câmara);
- Preservada: (a altura encontra-se até metade da altura dos esteios da câmara);
- Mal preservada: (a altura encontra-se a uma cota inferior à metade dos esteios da câmara).
- Não identificável.

13 – “**Pacote artefactual**”

No final da ficha de sítio apresenta-se um inventário dos materiais arqueológicos exumados na anta, sob a forma de quadro.

14 – **Bibliografia**

15 – **Fotos e desenhos dos materiais**

A informação para dar resposta a estes descritores foi obtida quer a partir da bibliografia, quer a partir de observações realizadas no terreno.

2.4. Caracterização dos recipientes cerâmicos: descritores utilizados

O estudo do material cerâmico centrou-se unicamente nos recipientes inteiros e nos fragmentos que permitiram a reconstituição da sua forma original. Tive também em conta a análise das técnicas de fabrico, a morfologia e as técnicas decorativas, uma vez que se trata de aspetos que de certo modo permitem o enquadramento cronológico-cultural dos vasos estudados.

O estudo assentou na observação macroscópica dos fragmentos/ recipientes.

Os descritores utilizados foram adaptados de MONTEIRO-RODRIGUES (2008), EIROA *et al.* (1999), BAPTISTA (2003) e SANCHES (1997), sendo incluídos numa base de dados (FileMakerPro versão 11.0).

Os referidos descritores são os seguintes:

1 – **Identificação do fragmento/ recipiente:** refere-se à atribuição de um número de inventário ao fragmento/ recipiente estudado. Como todos os objetos cerâmicos se encontram depositados em museus (Museu Nacional de Arqueologia, Museu Geológico de Lisboa e Museu de Vila Viçosa) ou noutras instituições (Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide) mantiveram-se os códigos e os números de inventário originais. Em caso

de ausência de número de inventário no fragmento/ recipiente foi atribuída uma numeração sequencial por monumento.

2 – Local de depósito (Anexo 4):

- Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide;
- Museu Nacional de Arqueologia;
- Museu Geológico;
- Museu de Vila Viçosa;
- Indeterminável.

3 – Localização na anta:

- Câmara;
- Corredor;
- Mamoa;
- Indeterminável.

4 – Estado de conservação (MONTEIRO-RODRIGUES, 2008):

- Bom estado de conservação;
- Estado de conservação médio;
- Mau estado de conservação.

5 – Medidas do fragmento/ recipiente (SANCHES, 1997):

- Altura máxima;
- Diâmetro exterior da boca
- Diâmetro exterior da pança
- Espessura média das paredes

6 – Tecnologia (EIROA *et al.*, 1999):

- Modelagem a partir de bola de barro;
- Técnica do rolo;
- Indeterminável.

7 – Caracterização das pastas/ Elementos não-plásticos (SANCHES, 1997; BAPTISTA, 2003):

- Finos (< 0,5mm);
- Médios (0,5 – 1mm);
- Grossos (> 1mm).

8 – Caracterização das pastas/ Textura (SANCHES, 1997):

- Textura friável;
- Textura compacta;
- Textura homogénea.

9 – Caracterização das pastas/ Cor da superfície (BAPTISTA, 2003):

- Cinzento: abrangendo cinzento claro ao negro;
- Castanho: incluindo o castanho claro e escuro;
- Vermelho: abrangendo os tons alaranjados ao vermelho escuro.

10 – Cozedura:

- Redutora (cores que variam entre o cinza e o negro);
- Oxidante (cores que variam entre o bege/ alaranjado e o avermelhado).

11 – Tratamento de superfícies (SANCHES, 1997, adaptado):

- Superfície exterior polida e interior alisada;
- Superfície exterior e interior alisadas;
- Superfície exterior alisada e interior rugosa;
- Superfície exterior e interior rugosas;
- Superfície exterior e interior polidas;
- Superfície exterior rugosa e interior alisada;
- Superfície exterior alisada e interior polida.

12 – Índice morfológico (SANCHES, 1997):

- Determinação de recipiente aberto/ fechado:

$$\frac{(\text{diâmetro externo da boca} \times 100)}{\text{Diâmetro externo da pança}}$$

13 – Caracterização morfológica (OLIVEIRA, 1997; CORREIA *et al*, 2007) (Anexo 5):

- Tipo morfológico 1 – Recipientes esféricos;
- Tipo morfológico 2 – Recipientes semi-esféricos;
- Tipo morfológico 3 – Recipientes em calote de esfera;
- Tipo morfológico 4 – Recipientes ovais;
- Tipo morfológico 5 – Recipientes esféricos de colo estrangulado;
- Tipo morfológico 6 – Recipientes elipsóides;
- Tipo morfológico 7 – Recipientes semi-elipsóides;
- Tipo morfológico 8 – Recipientes troncocónicos;
- Tipo morfológico 9 – Recipientes de corpo cilíndrico;
- Tipo morfológico 10 – “Colheres”;
- Tipo morfológico 11 – Recipientes de carena baixa;
- Tipo morfológico 12 – Recipientes de carena média ou alta;
- Tipo morfológico 13 – Campaniforme;
- Outros – Todos aqueles que não pertencerem aos tipos morfológicos acima descritos.

14 – **Técnicas decorativas** (EIROA *et al.*, 1999, adaptado):

- Incisões;
- Impressão;
- Puncionamentos simples;
- Mamilos;
- Mamilos + puncionamento simples;
- Mamilos + puncionamento oblíquo;
- Mamilos + perfuração;
- Mamilos + impressão digital;
- Mamilos + incisão + puncionamento simples;
- Alteração do bordo + incisão.

2.5. Enquadramento cronológico-cultural dos monumentos megalíticos: metodologia adotada

Dada a quase total ausência de datações absolutas para os monumentos do concelho de Castelo de Vide, o enquadramento cronológico-cultural das antas foi feito com base na periodização definida por BOAVENTURA & MATALOTO (2013). Esta periodização assenta na presença/ ausência de certos artefactos que podem, segundo os autores, ser tidos como indicadores cronológicos, uma vez que a sua idade foi confirmada por cerca de 300 datações absolutas consideradas válidas (*idem*). Em todo o caso, no final deste trabalho irei questionar o real significado de alguns destes “*fósseis-diretores*”.

3. Os Recipientes Cerâmicos dos Monumentos Megalíticos de Castelo de Vide

Neste capítulo apresentam-se os resultados do estudo dos recipientes cerâmicos provenientes dos 16 monumentos megalíticos do concelho de Castelo de Vide que forneceram este tipo de material (*vide* Anexo 1). Este estudo teve por base a metodologia já descrita no Capítulo 2.

Como foi referido anteriormente foram só tidos em conta os fragmentos cerâmicos que permitiram identificar a morfologia do recipiente ou com decoração.

3.1. Caracterização dos recipientes cerâmicos dos monumentos megalíticos estudados

3.1.1. Alcogulo 1

A recolha dos materiais arqueológicos neste monumento foi fruto de uma escavação da qual não se produziu qualquer relatório (Anexo 1), pelo que se desconhecem os detalhes dos trabalhos desenvolvidos, bem como a localização do espólio na anta.

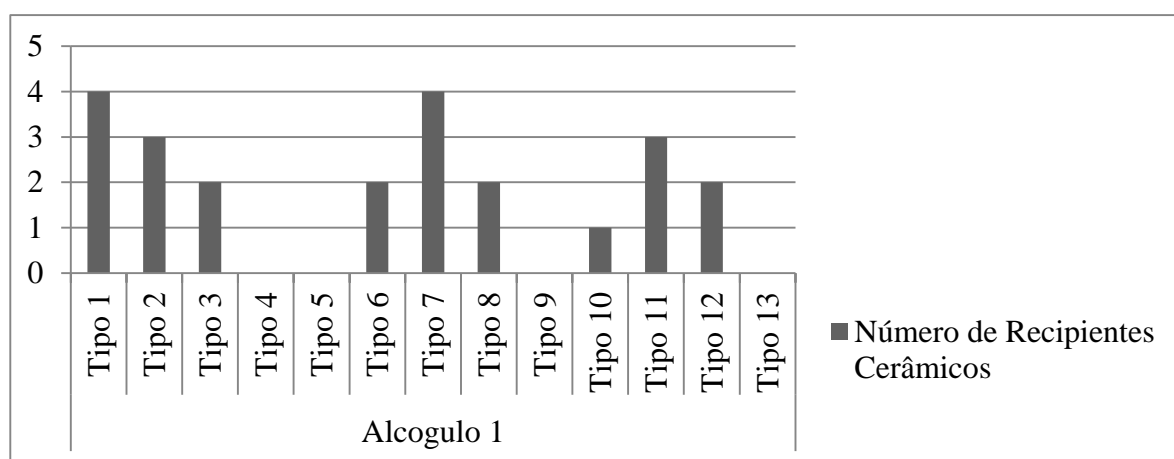


Gráfico 3.1. – Quantificação dos diferentes tipos morfológicos de recipientes cerâmicos na anta do Alcogulo 1

Os recipientes que apareceram em maior quantidade na anta do Alcogulo 1 (Gráfico 3.1.) foram os recipientes esféricos (Tipo 1) e os semi-elipsóides (Tipo 7), cada um com 4 exemplares. Em menor número surgem os recipientes semi-esféricos (Tipo 2) e os de carena baixa (Tipo 11), cada um com 3 exemplares. Os recipientes em calote de esfera (Tipo 3), os elipsóides (Tipo 6), os troncocónicos (Tipo 8) e os de carena média ou alta (Tipo 12) encontram 2 exemplares cada um. Com apenas um recipiente encontra-se o Tipo 10, uma colher.

Deste modo, verifica-se, no gráfico 3.2., o predomínio das formas abertas (Tipos 2, 3, 7, 8, 10, 11 e 12) em detrimento das formas fechadas (Tipos 1 e 6). As primeiras são compostas por 17 recipientes (71 %) e as segundas por 7 (29 %).

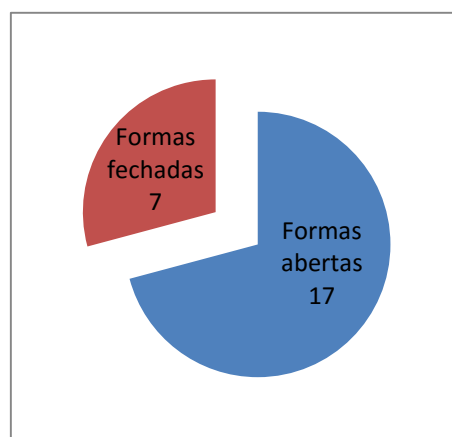


Gráfico 3.2. – Formas dos recipientes cerâmicos da anta do Alcogulo 1

Relativamente aos recipientes do tipo morfológico 1 (esféricos) observa-se o predomínio de recipientes com e.n.p. médios (3), havendo apenas 1 com e.n.p. grossos. No que respeita à textura das pastas, todos os recipientes inseridos neste tipo morfológico apresentam pastas com textura compacta. A cor das superfícies, externa e interna, é castanha em 3 exemplares. Apenas 1 recipiente apresenta a superfície externa e interna vermelha. Tendo em conta estas colorações percebe-se que estas peças poderão ter sofrido uma cozedura oxidante.

Três recipientes têm ambas as superfícies alisadas, enquanto que o restante apresenta as superfícies rugosas.

Foi possível identificar a técnica aplicada em 2 destes recipientes, tendo ambos sido modelados a partir de uma bola de barro. A modelação aplicada aos restantes é indeterminável.

Nos recipientes do tipo morfológico 2 (semi-esféricos) identificaram-se 2 exemplares com e.n.p grossos e 1 com e.n.p. médios. Dois apresentam pasta com textura compacta e o terceiro pasta com textura friável. Todas as peças deste conjunto tipológico têm em ambas as superfícies, externa e interna, coloração castanha. Com base nesta observação é possível concluir que a forma de cozedura poderá ter sido oxidante.

No que respeita ao tratamento das superfícies, todos os recipientes têm a superfície exterior e interior alisada.

Num dos fragmentos foi identificada a modelagem a partir de bola de barro, sendo a técnica de fabrico dos restantes indeterminada.

O tipo morfológico 3 (calote de esfera) está apenas representado por 2 exemplares. Um dos recipientes contém e.n.p. grossos enquanto o outro apresenta e.n.p médios. Ambas as peças evidenciam pastas com textura compacta. Estes recipientes apresentam diferentes cores da superfície: um tem a superfície externa cinzenta e a interna castanha; o outro tem a superfície externa castanha e a interna vermelha. O primeiro terá estado sujeito a cozedura redutora e o segundo a cozedura oxidante.

As diferenças também acontecem no tratamento das superfícies: um apresenta a superfície exterior e interior alisada, enquanto o outro apresenta ambas as superfícies rugosas.

Não foi possível determinar a técnica de fabrico aplicada a estes fragmentos.

Os 2 recipientes do tipo morfológico 6 (elipsóides) possuem e.n.p. grossos e pastas com textura compacta, e apresentam superfície externa e interna castanha, pelo que terão sido submetidos a cozedura oxidante. As referidas superfícies foram alvo de alisamento.

Não foi possível determinar a técnica de fabrico aplicada a estes fragmentos.

No tipo morfológico 7 (semi-elipsóides) incluem-se 2 recipientes com e.n.p. grossos, 1 com e.n.p. médios e 1 outro com e.n.p. finos, apresentando todos eles pastas com textura compacta. As cores das respetivas superfícies são variadas, havendo 2 recipientes com coloração castanha na face externa e na interna, 1 com coloração vermelha na face externa e castanha na interna, e 1 outro com coloração vermelha na superfície externa e cinzenta na interna. Apesar desta variação de cores, todos os recipientes terão sofrido cozedura oxidante.

Quanto ao tratamento das superfícies, 2 das peças apresentam a superfície exterior polida e a interior alisada, as outras 2 têm ambas as superfícies alisadas.

Dois recipientes terão sido modelados a partir de bola de barro; a técnica de fabrico dos restantes não é indeterminada.

O tipo morfológico 8 (truncocónico) está representado por apenas 2 exemplares, ambos com e.n.p. grossos. Um deles tem pasta com textura friável e o outro pasta com textura homogénea. A cor da superfície é igualmente distinta em ambas as peças: 1 tem superfície externa cinzenta e interna castanha; a outra tem a superfície externa castanha e interna cinzenta. Aparentemente, uma das peças terá estado sujeita a cozedura redutora e a outra a cozedura oxidante.

Quanto ao tratamento das superfícies, uma das peças apresenta exterior e interior rugoso enquanto que a outra tem o exterior e o interior alisados.

Não foi possível determinar a técnica de fabrico aplicada a estes fragmentos.

No tipo morfológico 10 (colher) existe apenas 1 recipiente composto por e.n.p. grossos, com pasta de textura homogénea e superfícies alisadas. A superfície externa apresenta coloração castanha e a interna cinzenta, o que remete para cozedura oxidante.

Esta “colher” terá sido obtida a partir da modelação de bola de argila.

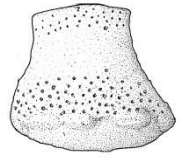
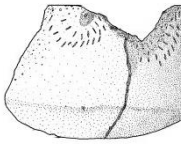
No tipo morfológico 11 (carena baixa) inserem-se 3 peças, 1 com e.n.p. finos, outra com e.n.p. médios e outra com e.n.p. grossos. Duas delas têm pasta com textura friável e a restante pasta com textura compacta. Uma das peças tem superfície externa e interna cinzenta, outra tem a superfície externa cinzenta e a interna castanha e a última coloração vermelha em ambas as superfícies. Nas 2 primeiras peças (com superfícies exteriores cinzentas) ter-se-á recorrido à cozedura redutora, enquanto que na restante a cozedura terá sido oxidante.

Foram aplicados 2 tipos de tratamento de superfície nos recipientes destes conjuntos: duas peças têm a superfície exterior e interior alisadas e uma evidencia superfície exterior e interior polida.

Não foi possível determinar a técnica fabrico aplicada nestes vasos.

Dentro deste tipo morfológico (carena baixa) foram identificados dois recipientes decorados. No primeiro caso (Quadro 3.3., AI 13) observa-se um par de mamilos na zona da carena, motivo esse acompanhado por duas bandas de puncionamentos simples, uma imediatamente acima dos mamilos e outra junto ao bordo da peça. No segundo caso (Quadro 3.3., AI 23), o fragmento possui decoração mamilada, parcialmente rodeada de puncionamentos oblíquos arrastados, ocorrendo estes elementos entre o bordo e o plano mediano da pança. A associação destes motivos origina uma figura oculada (número mínimo, uma vez que o recipiente se encontra fraturado) em que o mamilo representa a parte central do “olho” e os puncionamentos os elementos “radiais”.

Quadro 3.3. – Decoração dos recipientes do tipo morfológico 11 da anta do Alcogulo 1

Técnica Mista	Mamilos + puncionamento simples em banda		AI 13
	Mamilo + puncionamento oblíquo		AI 23

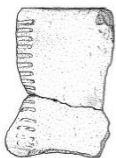
Por fim, identificaram-se 2 recipientes do tipo morfológico 12 (carena média ou alta), 1 dos quais com e.n.p. médios, e outro com e.n.p. finos. Ambos têm pastas com textura compacta. Um dos recipientes tem coloração castanha em ambas as superfícies e o outro tem a superfície externa castanha e a interna cinzenta, sugerindo estas colorações cozeduras oxidantes.

Numa das peças observam-se superfícies interna e externa alisadas enquanto que na outra peça a superfície exterior é polida e a interior alisada.

Um dos recipientes terá sido obtido a partir da modelação de bola de barro; no outro não foi possível identificar a técnica de fabrico.

Existe 1 fragmento que não foi contemplado na análise morfológica (Gráfico 3.1.) devido à sua reduzida dimensão (não obstante tratar-se de um bordo – AI 8), sendo, no entanto, considerado no estudo dos padrões decorativos (Quadro 3.4.). Trata-se de 1 fragmento com pequenas incisões horizontais sobrepostas, que não ultrapassam 1 cm de comprimento, que se iniciam imediatamente abaixo do bordo e se prolongam até à linha de fratura inferior, formando um motivo vertical. Este padrão encontra-se parcialmente truncado lateralmente também devido a fratura.

Quadro 3.4. – Decoração de um recipiente inclassificável da anta do Alcogulo 1

Incisão	Sulco em U Organização vertical		AI 8
---------	------------------------------------	---	------

3.1.2. Alcogulo 2

Os recipientes cerâmicos deste monumento megalítico encontram-se em parte numa coleção privada e apenas tive acesso à bibliografia que os referia (LEISNER & LEISNER, 1959: Tafel 3: 2). Não se sabe qual a proveniência deste material dentro da anta nem quem os possui na atualidade.

Este monumento foi alvo de outra escavação em 1975, dirigida por Maria da Conceição Rodrigues, tendo a autora escavado 1 m², aproximadamente até à profundidade de 30 cm, no interior da câmara, junto ao esteio de cabeceira (RODRIGUES, 1975).

A contagem e divisão morfológica dos materiais cerâmicos provenientes do Alcogulo 2 compõem o material que se encontra em coleção privada bem como o que está na secção de arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide, fruto da escavação acima referida. Na descrição pormenorizada por tipos morfológicos não serão contemplados os materiais aos quais não tive acesso (coleção privada).

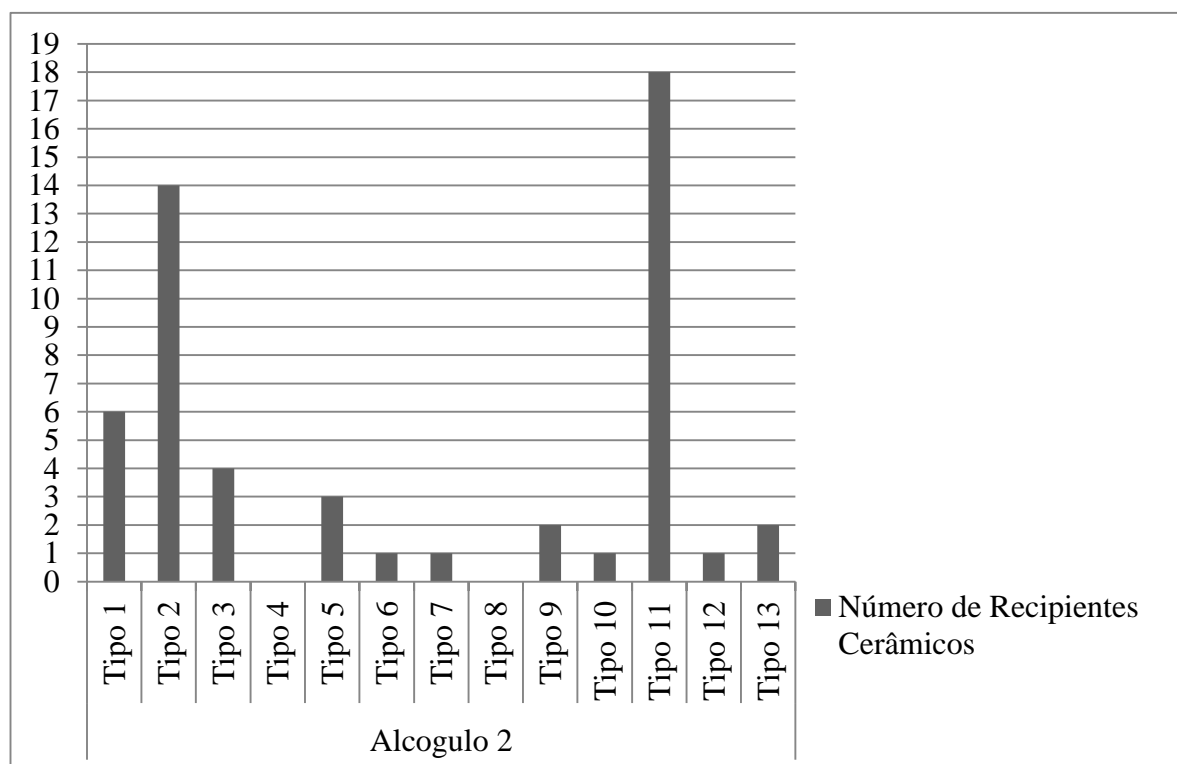


Gráfico 3.5. - Quantificação dos diferentes tipos de recipientes cerâmicos na anta do Alcogulo 2

Com a observação do gráfico acima exposto, nota-se que existe em elevado número (18) de recipientes com carena baixa (Tipo 11). Existem 14 exemplares de semi-esféricos (Tipo 2). Em número inferior, com 6 recipientes, encontram-se os esféricos (Tipo 1), os recipientes em calote de esfera (Tipo 3) com 4 peças, os esféricos de colo estrangulado (Tipo 5) com 3 exemplares, com 2 recipientes os campaniformes (Tipo 13) e com o mesmo número os recipientes de corpo cilíndrico (Tipo 9). Com apenas 1 recipiente cada, apresentam-se os

recipientes elipsóides (Tipo 6), os semi-elipsóides (Tipo 7), as colheres (Tipo 10) e recipientes com carena média ou alta (Tipo 12).

Existe uma maior quantidade, como se pode verificar no gráfico 3.6., de recipientes com formas abertas (Tipos 2, 3, 7, 9, 10, 11 e 13), com 38 peças (73 %) em relação aos recipientes de formas fechadas (Tipos 1, 5, 6, 11, 12 e 13), 14 (27 %.)

No que respeita o tipo morfológico 1 (esféricos) foi possível observar 5 exemplares. Existem 4 com e.n.p. finos e 1 com e.n.p. grossos. Dois têm pasta com textura compacta, outros 2 homogênea e 1 uma friável. Existem 2 recipientes com a superfície externa e interna castanhas, 1 com recipiente com a superfície externa e interna vermelha, outro com a superfície exterior e interior cinzenta e 1 último com a superfície externa castanha e interna cinzenta. Quatro destes recipientes terão sido submetidos a uma cozedura oxidante (superfícies externas castanhas ou vermelhas) enquanto o recipiente com a superfície cinzenta indicia uma cozedura redutora.

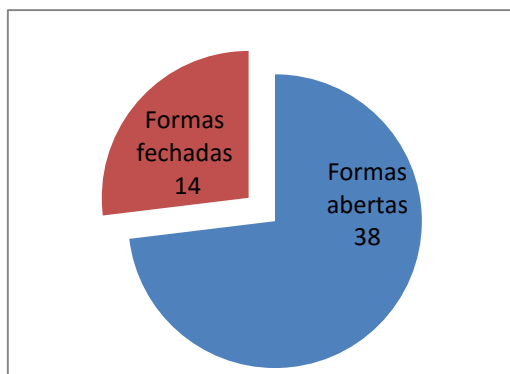


Gráfico 3.6. – Formas dos recipientes cerâmicos da anta do Alcogulo 2

Quanto ao tratamento das superfícies, 3 peças têm a superfície externa alisada e a interna também alisada e 2 recipientes possuem a superfície externa polida e a interna alisada.

Não foi possível determinar a técnica aplicada a estes recipientes.

O tipo morfológico 2 (semi-esféricos) é constituído por 14 recipientes cerâmicos, no entanto apenas foi possível analisar 8. Cinco destes recipientes são constituídos por e.n.p. médios, 2 por e.n.p. grossos e apenas 1 por e.n.p. finos, tendo 6 das peças uma pasta com textura compacta e 2 pasta textura friável. Metade das peças (4) possuem a superfície exterior e interior castanha, 2 apresentam a superfície externa castanha e a interna cinzenta, 1 tem a superfície exterior e interior cinzenta e a última tem uma superfície externa cinzenta e interna castanha. Possivelmente terão sido usadas duas formas de cozedura para a elaboração destas peças, o método de cozedura redutora (superfícies externas cinzentas) e oxidante (superfícies externas castanhas ou vermelhas).

O tratamento das superfícies é díspar dentro deste tipo morfológicos, 3 recipientes apresentam a superfície externa polida e a interna alisada, 2 recipientes têm ambas as superfícies rugosas, 2 têm as superfícies exterior rugosa e a interior alisada e 1 recipiente tem as duas superfícies alisadas.

Dois dos recipientes terão sido obtidos a partir da modelação de bola de barro; nos outros 6 não foi possível identificar a técnica de fabrico.

No tipo morfológico 3 (calote de esfera), existem 2 dos recipientes com e.n.p. grossos e 1 com e.n.p. médios, apresentando todos uma pasta com textura compacta. As cores das superfícies que os caracterizam são distintas, 1 recipiente tem a superfície externa cinzenta e a

interna castanha, outro tem a superfície externa e interna vermelha e o último tem a superfície exterior e interior castanha. Dois dos os recipientes terão sofrido uma cozedura oxidante e o terceiro uma cozedura redutora.

No que respeita ao tratamento das superfícies, 2 recipientes têm a superfície exterior e interior alisada, face o terceiro que tem duas superfícies rugosas.

Não foi possível determinar a técnica de fabrico aplicada a estes recipientes.

Só foi analisado um fragmento do tipo morfológico 5 (esféricos de colo estrangulado), que se caracteriza por ter e.n.p. médios e por apresentar uma pasta com textura compacta. A sua superfície exterior e interior são castanhas, demonstrando que no processo da sua elaboração poderá ter sofrido uma cozedura oxidante.

O tratamento de superfície aplicada nesta peça foi apenas o alisamento de ambas as faces, não sendo possível determinar a técnica de fabrico aplicada.

Não foi possível analisar o exemplar pertencente ao tipo morfológico 6 (elipsóides) nem ao tipo morfológico 7 (semi-elipsóides) uma vez que estes pertenciam a uma coleção privada. Apenas tive acesso aos desenhos publicados pelo casal Leisner (LEISNER & LEISNER, 1959: Tafel 3).


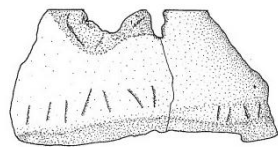
O tipo morfológico 9 (cilíndricos) é representado por 2 recipientes, com e.n.p. finos nas pastas, diferindo quanto à sua textura, 1 dos recipientes tem pasta com textura compacta e o outro tem textura friável. A coloração das suas superfícies é igual, os 2 recipientes têm a superfície exterior e interior vermelha, podendo terem sido submetidos a uma cozedura oxidante no processo de elaboração.

Um deles possui ambas as superfícies alisadas, enquanto o outro possui a superfície externa e interna polidas.

Um dos recipientes poderá ter sido modelado a partir de bola de barro, a técnica de fabrico aplicada ao segundo é indeterminável.

Inseridos neste tipo morfológico existem 2 recipientes

Quadro 3.7. – Decoração dos recipientes do tipo morfológico 9 da anta do Alcogulo 2

Incisão	Puncionamento simples em banda		AII 4
	Incisões verticais e oblíquas		AII 112

decorados (Quadro 3.7). Um dos recipientes (AII 4), de corpo cilíndrico irregular, possui uma decoração de puncionamento simples ao longo do meio do corpo. Este ocorre com o puncionamento de dois pontos na vertical que se estendem em torno de todo o objeto. O outro exemplar é 1 fragmento de um recipiente de corpo cilíndrico (AII 112). Nele são observáveis várias incisões junto à base que se deveriam estender em toda a peça. Estas incisões encontram-se na vertical ou na oblíqua.

Tal como aconteceu com o tipo morfológico 6 (elipsóides) e 7 (semi-elipsóides), também não foi possível realizar uma caracterização das pastas e a análise do tratamento de superfícies no tipo morfológico 10 (colher) pelo mesmo motivo acima referido.

O tipo morfológico 11 (carena baixa) é o que se encontra melhor representado neste conjunto de recipientes cerâmicos da anta do Alcogulo 2. Efetuei a análise de 11 recipientes e concluí que 9 deles eram constituídos por pastas com e.n.p. médios e apenas 2 com e.n.p. finos. No que toca à textura das pastas, 9 das peças têm uma pasta com textura compacta, 1 tem textura friável e outra homogênea. As cores das superfícies são variáveis neste conjunto, 5 peças têm a superfície externa e interna castanha, 3 têm a superfície externa e interna cinzenta, 2 têm a superfície exterior e interior vermelha e 1 possui a superfície externa castanha e a interna cinzenta. Através da observação da coloração das peças é possível concluir que algumas terão sofrido uma cozedura redutora (superfícies externas cinzentas) e outros uma cozedura oxidante (superfícies externas castanhas ou vermelhas).

No que respeita ao tratamento de superfícies, 6 recipientes sofreram um alisamento na superfície exterior e interior, 3 apresentam as superfícies rugosas e 2 têm ambas as faces polidas.

Apenas um recipiente poderá ter sido elaborado com a técnica de fabrico através da modelagem a partir de bola de barro, a de todos os outros é indeterminável.

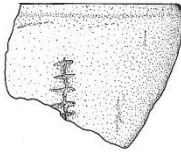
O tipo morfológico 12 (carena média ou alta) não foi analisado quanto à caracterização das suas pastas nem tratamento das superfícies.

Só foi analisado 1 recipientes do tipo morfológico 13 (campaniforme). Este é constituído por e.n.p. médios e a textura da sua pasta é friável. A cor das suas superfícies, externa e interna, é castanha, podendo ter sofrido uma cozedura oxidante no seu processo de elaboração.

Tem a superfície externa polida e a interna alisada. Não foi possível determinar a técnica de fabrico aplicada a este recipiente.

No que respeita à decoração dos recipientes cerâmicos, 10 contêm motivos decorativos importantes de referir. Destes apenas tive acesso a 3 onde, apenas um (AII 84) não foi possível de fornecer forma (Quadro 3.8.), mas é visível um motivo peculiar de dois tipos de incisão, uma é feita verticalmente, enquanto essa é cortada por pequenas incisões que a atravessam na horizontal.

Quadro 3.8. – Decoração do recipiente inclassificável da anta do Alcogulo 2

Incisão	Sulco em V Organizaçã o vertical		AII 84
---------	--	---	-----------

É nos recipientes cerâmicos que se encontram em coleção privada que encontramos maior quantidade de material decorado (Quadro 3.9.). Podemos verificar a existência da decoração plástica da aplicação de mamilos em dois recipientes, um deles de carena baixa. Em ambos os casos os mamilos encontram-se na zona central da peça. Num dos casos

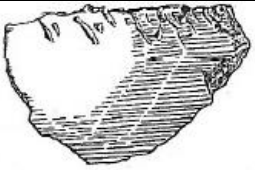
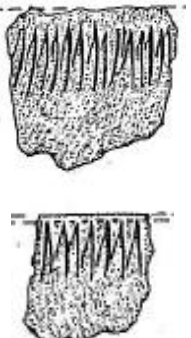
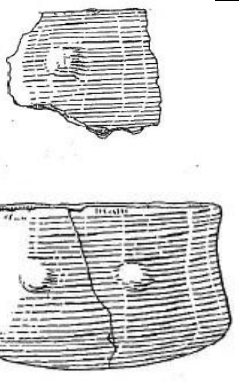
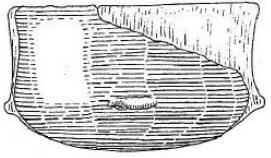
está associado a outro mamilo. Uma outra peça de carena baixa também possui a mesma

técnica decorativa, no entanto estes mamilos são achatados, não sendo possível observar se possuem perfurações.

Outros dois fragmentos, que não pertencem à mesma peça, possuem incisão que confere um motivo de zig-zag junto ao bordo. Uma das peças é claramente um recipiente semi-esférico, quanto à segunda apenas permite compreender que possui colo, não sendo identificado a morfologia total da peça.

Por último, é num recipiente semi-esférico que se pode observar novamente a técnica da incisão no bordo. O motivo parece ser irregular não sendo possível compreendê-lo.

Quadro 3.9. – Decoração do recipiente da colecção privada da anta do Alcogulo 2

Incisão	Incisões oblíquas junto ao bordo	
	Incisões em zig-zag junto ao bordo	
Decoração plástica	Mamilos	
	Mamilos Repuxados	

3.1.3. Alcogulo 3

No que respeita aos materiais cerâmicos provenientes do Alcogulo 3, não se sabe qual a localização no monumento. Estes materiais encontram-se no Museu Nacional de Arqueologia com algumas indicações antigas, sem esclarecer qualquer dúvida sobre a sua recolha, ano ou quem recolheu.

Neste monumento megalítico não existe uma grande amostra para estudo uma vez que apenas estão identificados na esta anta dois recipientes cerâmicos (Gráfico 3.10.), um de carena baixa (Tipo 11) e outro de carena média (Tipo 12). Ambas as peças têm formas abertas e as superfícies alisadas.

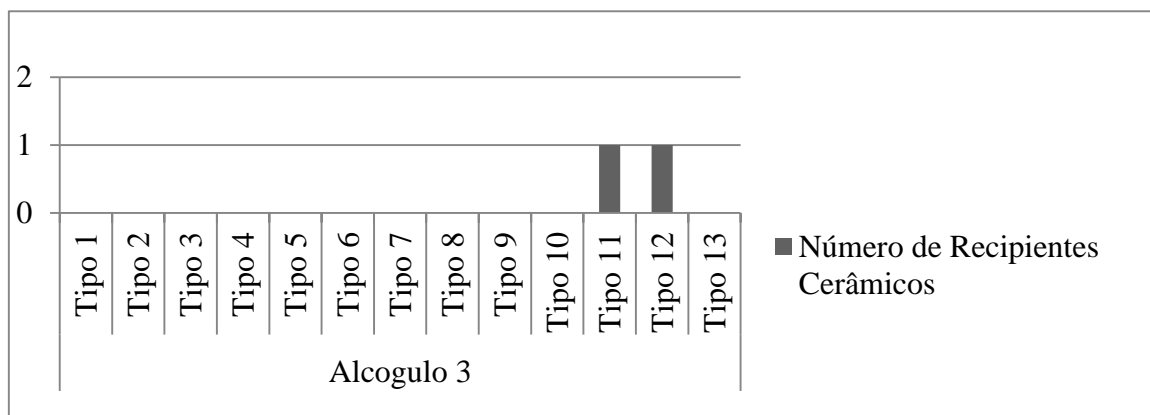


Gráfico 3.10. - Quantificação dos diferentes tipos de recipientes cerâmicos na anta do Alcogulo 3

O recipiente que representa o tipo morfológico 11 (carena baixa) apresenta uma pasta com e.n.p. médios e a textura é compacta. As suas superfícies encontram-se com muitas incrustações, no entanto é possível observar que ambas têm a coloração cinzenta, podendo revelar uma cozedura redutora.

O tratamento das superfícies é difícil de diferenciar face às incrustações, mas em algumas manchas é observável polimento na superfície externa e alisamento na interna.

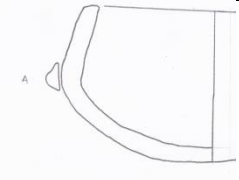
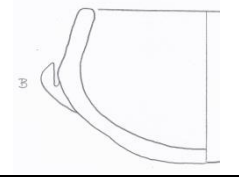
Não foi possível determinar a técnica de fabrico aplicada a este recipiente.

O tipo morfológico 12 (carena média ou alta) é caracterizado apenas por um recipiente. A sua pasta é composta com e.n.p. finos e tem uma textura friável. As suas superfícies, externa e interna, são cinzentas, demonstrando que o processo de cozedura da peça poderá ter sido através do método redutor.

A superfície exterior e interior foram alisadas. Não foi possível determinar a técnica de fabrico aplicada a este recipiente.

Este recipiente cerâmico é decorado, apresenta apenas dois mamilos achatados na carena. Um dos mamilos está totalmente perfurado, enquanto o outro, apesar de ter uma incisão na parte superior ela não ultrapassa a parte inferior do mamilo. Desta maneira a hipótese da perfuração dos mamilos de forma a possuir um carácter mais utilitário deixa de fazer sentido nesta peça (Quadro 3.11.).

Quadro 3.11. – Decoração do recipiente do tipo morfológico 12 da anta do Alcogulo 3

Decoração Mista	Mamilo + perfuração	
	Mamilo + puncionamento	

3.1.4. Coureleiros 1

A anta dos Coureleiros 1 foi escavada em 1989 e 1990 por Jorge de Oliveira (OLIVEIRA, 1990a, 1997).

Pelas informações obtidas, quer nos registos de materiais, pela consulta do diário de escavação (MAGUSTO: 1990) e pela dissertação de doutoramento de OLIVEIRA (1997), permitiu a compreender onde se localizavam parte dos recipientes no interior da anta. No corredor foram localizados 2 recipientes esféricos de colo estrangulado (tipo 5), 1 recipiente esférico (tipo 1), outro recipiente semi-elipsóide (tipo 7) e por fim um recipiente de carena baixa (tipo 11). No interior da câmara foram encontrados pelo menos 4 recipientes classificáveis, 2 são recipientes de carena baixa (tipo 11), 1 recipiente esférico (tipo 1) e por fim 1 recipiente de carena média (tipo 12).

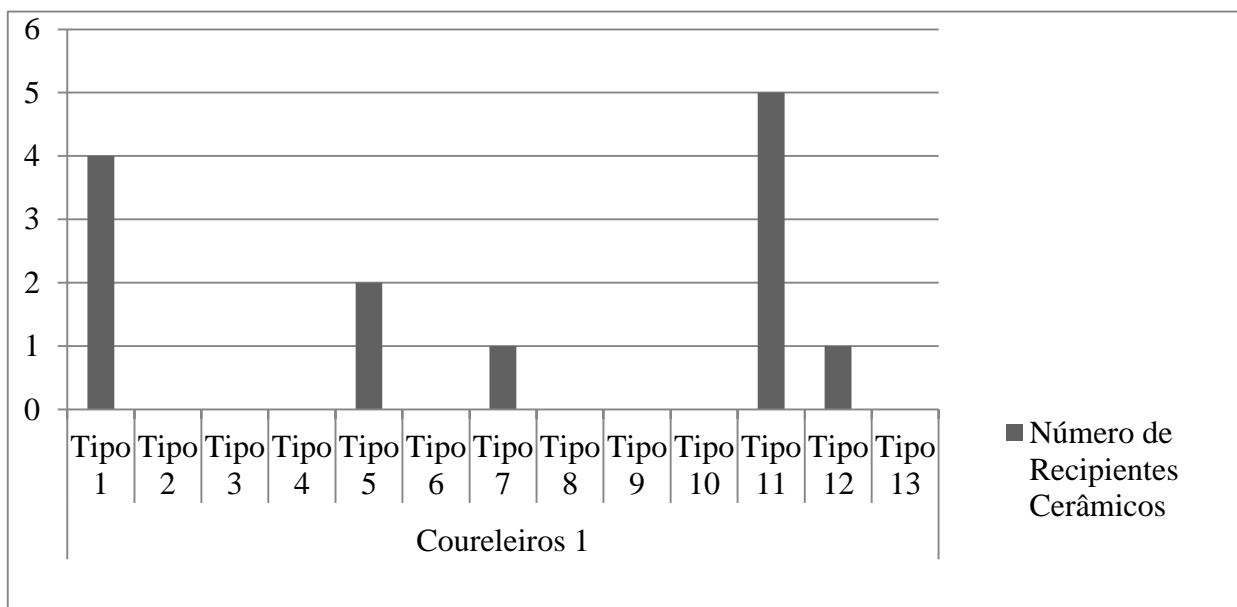


Gráfico 3.12. - Quantificação dos diferentes tipos de recipientes cerâmicos na anta dos Coureleiros 1

Neste monumento megalítico existe em maior quantidade (5) os recipientes de carena baixa (Tipo 11). Com 4 peças, encontram-se os esféricos (Tipo 1), seguidos pelos recipientes esféricos de colo estrangulado (Tipo 5) com 2 exemplares, enquanto que os semi-elipsóides (Tipo 7) e os de carena média ou alta (Tipo 12) só apresentam 1 fragmento cada (Gráfico 3.12.).

Quanto à análise da forma dos recipientes cerâmicos (Gráfico 3.13.) cheguei à conclusão que 9 (64 %) pertencem a recipientes de forma fechada (Tipo 1, 5, 7, 11). Apenas 36 % de todos os materiais cerâmicos provenientes da anta dos Coureleiros 1 são de forma aberta (Tipo 11, 12).

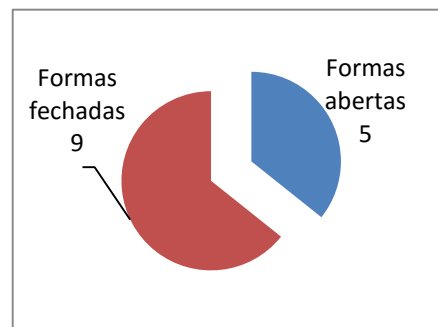


Gráfico 3.13. - Forma dos recipientes cerâmicos da anta dos Coureleiros 1

Os recipientes pertencentes ao tipo morfológico 1 (esféricos) são 4. Dois recipientes são constituídos por pastas com e.n.p. médios, 1 com e.n.p. finos e outro com e.n.p. grossos. De igual forma, 2 têm pastas com textura friável e os outros 2 têm textura compacta. Três dos recipientes têm ambas das superfícies castanhas e o quarto tem a superfície externa e interna vermelha. Assim sendo, é provável que tenham sofrido uma cozedura oxidante.

Três recipientes têm a superfície externa e interna alisadas e o outro tem a superfície externa polida e a interna alisada.

A técnica de fabrico aplicada poderá ter sido a da modelagem a partir da bola de barro num dos recipientes, a técnica aplicada aos restantes é indeterminável.

O tipo morfológico 5 (esféricos de colo estrangulado) é representado por 2 exemplares. As suas pastas são compostas com e.n.p. médios, apresentando pastas com texturas compactas. Um dos recipientes tem a superfície externa e interna vermelha, enquanto o segundo tem a superfície externa castanha e a interna cinzenta. Ambos os recipientes poderão ter sido submetidos a cozeduras oxidantes no seu processo de elaboração.

O tratamento das superfícies é diferente em ambas as peças, uma tem as duas superfícies alisadas enquanto a outra tem a superfície externa rugosa e a interna alisada.

Não foi possível determinar a técnica de fabrico aplicada a estes recipientes.

O único exemplar do tipo morfológico 7 (semi-elipsóides) tem uma pasta com e.n.p. grossos, textura compacta e ambas as superfícies são rugosas. A cor da superfície externa e interna é castanha, podendo revelar uma cozedura oxidante na sua elaboração.

Não foi possível determinar a técnica de fabrico aplicada a esta peça.


Dos 5 exemplares do tipo morfológico 11 (carena baixa), 3 caracterizam-se pelas suas pastas serem constituídas com e.n.p. grossos, 1 dos recipientes com e.n.p. médios e o último com e.n.p. finos. Todos os recipientes deste tipo morfológico apresentam texturas de pastas compactas. No que respeita às cores das superfícies, 4 deles apresentam superfícies externas e internas castanhas enquanto apenas 1 tem a superfície exterior cinzenta e a interior castanha. É de fácil supor-se que os 4 recipientes com coloração apenas castanha sofreram uma cozedura oxidante no seu processo de fabrico e o outro uma cozedura redutora.

Três das peças têm as suas superfícies alisadas enquanto as restantes 2 têm ambas as superfícies rugosas.

Não foi possível determinar a técnica de fabrico aplicada a estes exemplares.

Existe um recipiente decorado (Quadro 3.14. – CII 71) inserido neste tipo morfológico, contém a técnica decorativa de puncionamento simples de forma ordenada em banda vertical onde dois pontos se alinham e são

Quadro 3.14. – Decoração do recipiente do tipo morfológico 11 da anta dos Coureleiros 1

Incisão	Puncionamento simples em banda vertical		CII 71
---------	---	---	--------

repetidos 9 vezes até à carena do fragmento.

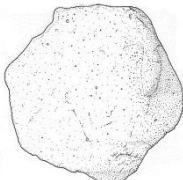
Apenas analisei 1 exemplar do tipo morfológico 12 (carena média ou alta). Os e.n.p. que constituem a sua pasta são e.n.p. médios e a textura da pasta é compacta. A superfície externa e interna é castanha, podendo revelar assim uma cozedura oxidante no momento de produção da peça.

No que respeita ao tratamento das superfícies, estas são rugosas, quer a externa como a interna.

Não foi possível determinar a técnica de fabrico aplicada a este recipiente.

Na anta dos Coureleiros 1 existe ainda um segundo fragmento decorado (Quadro 3.15. – CII 115), não passível de obtenção de forma total do recipiente, possui ao que parece uma espécie de mamilo que serviria para a sua suspensão. No entanto não é totalmente certo esta observação uma vez que a superfície externa deste fragmento está muito corroída, não descartando que pudesse ser um arranque de asa.

Quadro 3.15. – Decoração do recipiente do tipo morfológico 12 da anta dos Coureleiros 1

Decoração Mista	Mamilo (?) Arranque de asa (?)		CII 115
-----------------	--------------------------------------	---	------------

3.1.5. Coureleiros 2

A anta Coureleiros 2 foi igualmente escavada por Jorge de Oliveira em 1991 (OLIVEIRA, 1991) e apenas foi escavado o corredor. Todos os recipientes estudados são oriundos desta escavação, com exceção de um recipiente cerâmico que se encontra no Museu de Vila Viçosa e do qual não há informação quanto à sua descoberta (LEISNER & LEISNER, 1959: Tafel 4: 2).

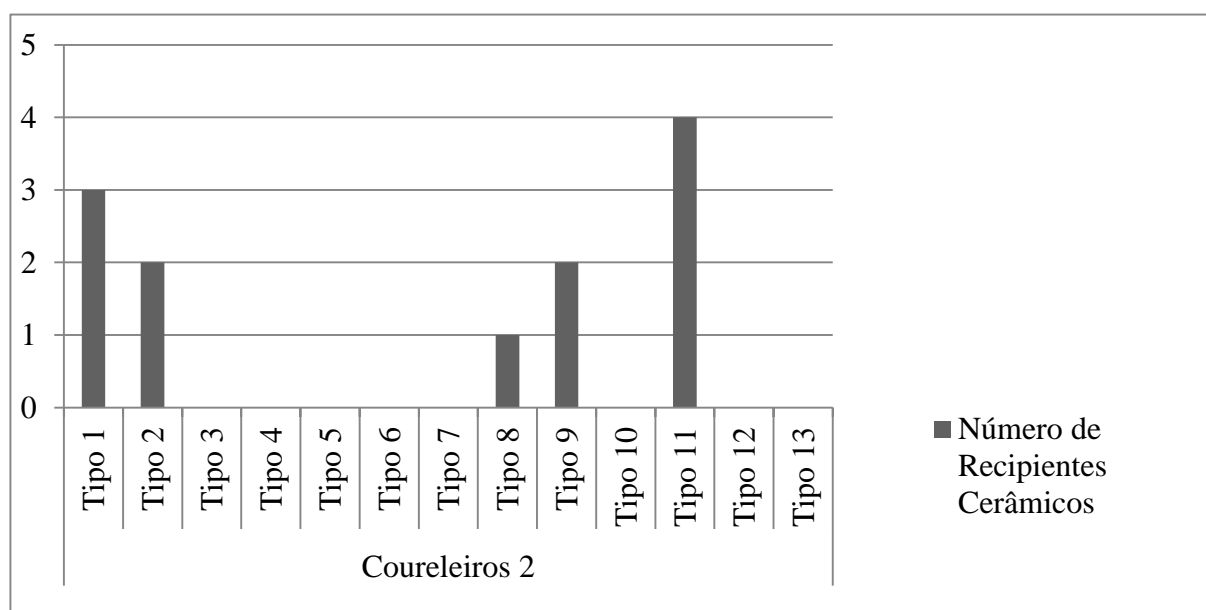


Gráfico 3.16. - Quantificação dos diferentes tipos de recipientes cerâmicos na anta dos Coureleiros 2

Existem em igual número (3) recipientes de carena baixa (Tipo 12) e esféricos (Tipo 1). Os semi-esféricos (Tipo 2) e os recipientes de corpo cilíndrico (Tipo 9) estão representados por 2 peças cada. Por último, apenas existe um troncocónico (Tipo 8) (Gráfico 3.16.).

Ainda no seguimento da análise das formas é visível no gráfico 3.17. que existe uma pequena maioria das formas abertas (Tipo 2, 8, 9, 11), com 7 recipientes (58 %), face às formas fechadas (Tipo 1, 11), 5 recipientes (42 %).

Existem 3 exemplares do tipo morfológico 1 (esféricos), sendo 2 constituídos com e.n.p. médios e o outro com e.n.p. grossos. Todos estes

recipientes têm texturas de pastas compactas. As cores das superfícies são diferentes em todas as peças, 1 tem a superfície externa e interna castanha, outra tem a superfície externa e interna cinzenta e a última tem a superfície externa castanha e a interna cinzenta. Assim sendo, é provável que 2 tenham sofrido cozedura oxidante e outra uma cozedura redutora.

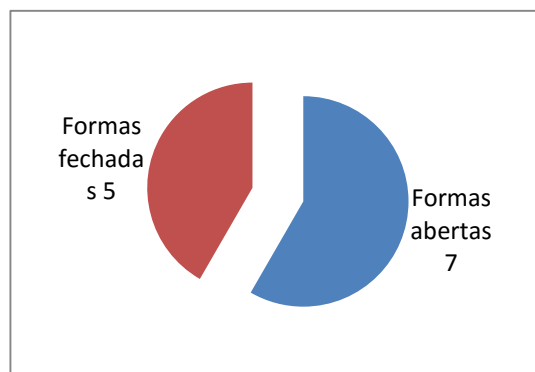


Gráfico 3.17. - Forma dos recipientes cerâmicos da anta dos Coureleiros 2

No que respeita ao tratamento das superfícies, 2 recipientes têm a superfície externa polida e a interna alisada e 1 recipiente tem as duas faces rugosas.

A técnica de fabrico aplicada num dos recipientes poderá ter sido a técnica do rolo seguida de adelgaçamento das paredes. Nas restantes peças não foi possível determinar a técnica.

No tipo morfológico 2 (semi-esféricos) existem apenas 2 exemplares. Ambos são constituídos por e.n.p. grossos e apresentam pastas com texturas compactas. A cor da superfície de 1 destes recipientes é cinzenta na superfície externa e interna, enquanto que no outro é na superfície externa castanha e na interna cinzenta. Uma das peças poderá ter sofrido uma cozedura oxidante enquanto a outra uma cozedura redutora.

Um dos recipientes tem as superfícies alisadas, face às rugosas que se encontra no segundo.


Nestes 2 recipientes talvez tenha sido aplicada a técnica da modelagem a partir de bola de barro.

Existe apenas um exemplar do tipo morfológico 8 (troncocónico) e caracteriza-se por conter e.n.p. finos e pela textura da sua pasta ser friável. A cor a superfície externa e interna é cinzenta e tem ambas as faces polidas. Poderá ter sofrido uma cozedura redutora.

Não foi possível determinar a técnica de fabrico aplicada.

Este recipiente (CIV 25) apresenta uma decoração impressa penteada retilínea desde o bordo até à base (Quadro 3.18.).

Quadro 3.18. – Decoração do recipiente do tipo morfológico 8 da anta dos Coureleiros 2

Impressão	Penteada retilínea		CIV 25
-----------	--------------------	---	--------

O tipo morfológico 9 (cilíndrico) é representado por 2 recipientes, ambos com e.n.p. médios nas suas pastas e com textura compactas. As cores das superfícies são diferentes, 1 deles tem a superfície externa e interna castanha e o outro a superfície exterior e a interior cinzenta. O primeiro poderá ter sofrido uma cozedura oxidante e o segundo uma cozedura redutora.

Estes dois recipientes caracterizam-se por terem ambas as faces alisadas.

Não foi possível determinar a técnica de fabrico aplicada.

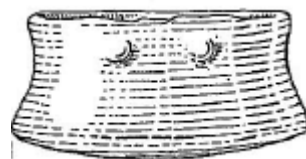
Com o maior número de exemplares (4) encontra-se o tipo morfológico 11 (carena baixa), no entanto só realizei análise exaustiva a 3 deles. Todos possuem e.n.p. diferentes, um tem e.n.p. finos, um segundo e.n.p. médios e o último e.n.p. grossos. No que se refere à textura das pastas 2 dos recipientes têm pastas com texturas compactas e o terceiro com textura friável. A cor da superfície dominante é a castanha, uma vez que duas das peças possuem essa cor em ambas as faces e a terceira tem a superfície externa castanha e a interna cinzenta. Todos estes recipientes poderão ter sido sujeitos a cozeduras oxidantes.

O tratamento das superfícies é totalmente diferente em todas, um apresenta a superfície interna e externa alisada, outro tem a superfície interna e externa polida e o terceiro tem ambas as superfícies rugosas.

Um dos recipientes poderá ter sido modelado a partir de bola de barro. A técnica de fabrico aplicada às restantes é indeterminável.

Existe um fragmento do tipo 11 que apresenta dois mamilos (quadro 3.19.), lado a lado, junto ao bordo, (LEISNER & LEISNER, 1959: Tafel 4).

Quadro 3.19. – Decoração do recipiente do tipo morfológico 12 da anta dos Coureleiros 2

Decoração Mista	Mamilos	
-----------------	---------	---

3.1.6. Coureleiros 5

A anta Coureleiros 5 foi integralmente escavada por Jorge de Oliveira (OLIVEIRA, 1991). Desta escavação foram recolhidos 6 recipientes cerâmicos, sendo possível obter a forma de apenas 4.

Segundo a bibliografia (OLIVEIRA, 1997) pelo menos 3 destes recipientes foram encontrados no corredor do monumento dos Coureleiros 5.

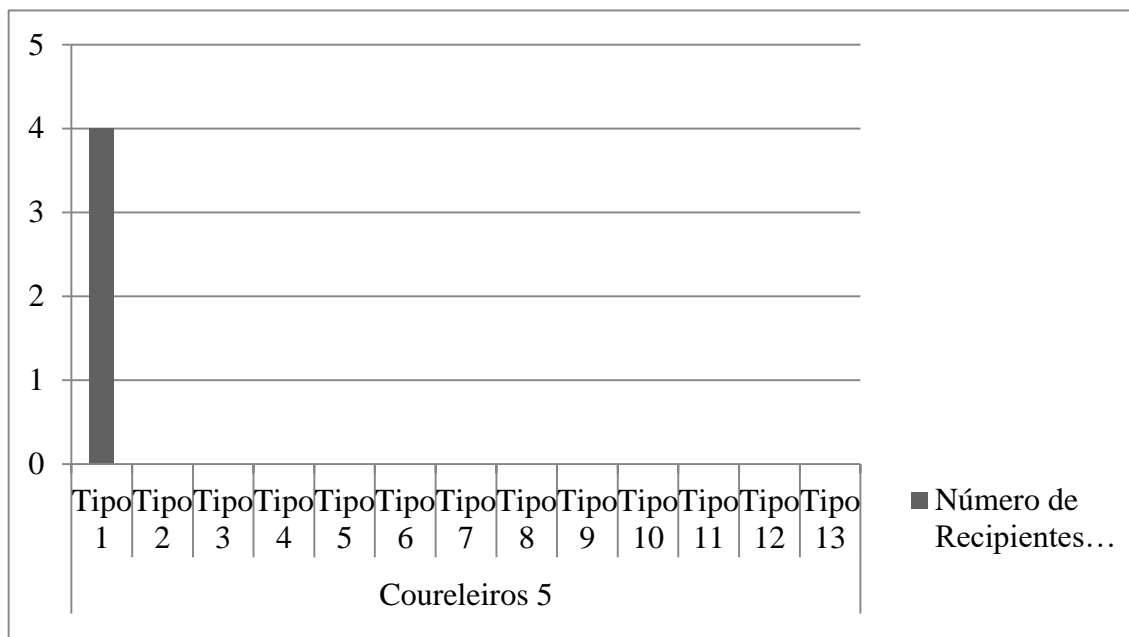


Gráfico 3.20. - Quantificação dos diferentes tipos de recipientes cerâmicos na anta dos Coureleiros 5

Como o gráfico 3.20. demonstra, existe apenas 4 recipientes totalmente classificáveis, todos eles esféricos (Tipo 1). Assim sendo, todos os recipientes têm formas fechadas.

Os 4 recipientes do tipo morfológico 1 (esféricos) têm pastas com e.n.p. médios e 2 têm pastas com textura compacta e outros 2 textura friável. No que respeita à cor das superfícies, 2 apresentam as superfícies externas e internas castanhas, outro a superfície externa e interna cinzenta e o quarto tem a superfície externa castanha e a interna cinzenta. Demonstra que poderão estar aqui representadas duas técnicas de cozedura, a oxidante (superfícies exteriores castanhas) e a redutora (superfícies exteriores cinzentas).

O tratamento das superfícies também é variado neste conjunto de recipientes, 2 têm ambas as superfícies alisadas, outro tem a superfície exterior polida e a interior alisada e o último ambas as superfícies rugosas.

A técnica da modelagem a partir de bola de barro poderá ter sido aplicada num dos recipientes, nos restantes a técnica de fabrico é indeterminável.

3.1.7. Mosteiros

O monumento megalítico dos Mosteiros foi intervencionado 3 vezes, todas elas no corredor. A primeira escavação foi em 1983 pelo Grupo de Arqueologia de Castelo de Vide e as restantes por Jorge de Oliveira em 1994 e 1995 (OLIVEIRA, 1997, 1999-2000). Assim sendo, todos os materiais aqui analisados são provenientes do corredor.

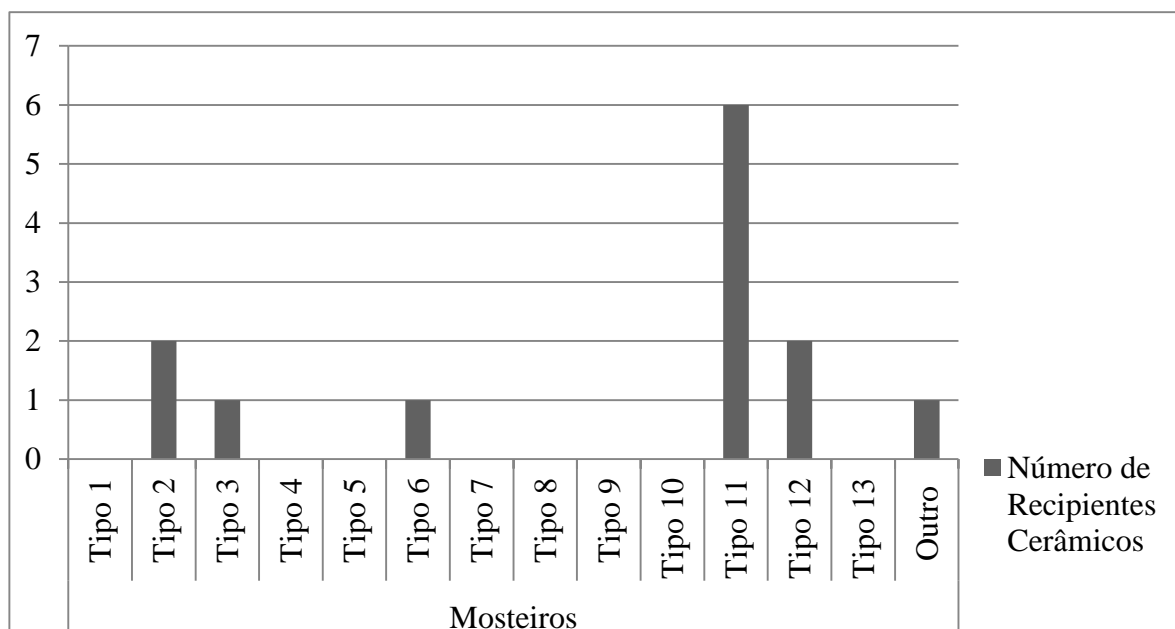


Gráfico 3.21. - Quantificação dos diferentes tipos de recipientes cerâmicos na anta dos Mosteiros

Nos recipientes cerâmicos provenientes da anta dos Mosteiros (Gráfico 3.21.) existe uma predominância (6) dos de carena baixa (Tipo 11). Com 2 exemplares cada, os semi-esféricos (Tipo 2) e os de carena média ou alta (Tipo 12). Com apenas uma peça cada encontra-se um recipiente em calote de esfera (Tipo 3) e o recipiente elipsóide (Tipo 6). Existe uma peça que foi classificada enquanto “*Outro*” uma vez que não se enquadrava em nenhum dos tipos morfológicos acima apresentados. Este recipiente (TM 4) tem um fundo plano, paredes quase cilíndricas, no entanto existe a presença leve de pança e a boca do recipiente é aberta.

Na análise da forma dos recipientes cerâmicos (Gráfico 3.22.) existe uma percentagem claramente maior (85%) das formas abertas (Tipos 2, 6, 11 e “*Outro*”) com 11 peças. Apenas 2 recipientes (15%) comportam forma fechada (Tipo 12).

No que respeita ao tipo morfológico 2 (semi-esféricos) este é caracterizado por 2 exemplares, 1 é constituído por pasta com e.n.p. médios e o outro com e.n.p. finos. Ambas as peças

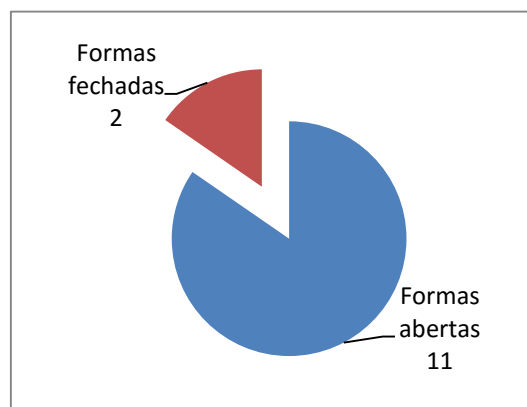


Gráfico 3.22. - Forma dos recipientes cerâmicos da anta dos Mosteiros

têm pastas de textura friável. Um dos recipientes tem ambas as superfícies castanhas e o segundo tem a superfície externa castanha e a interna cinzenta. Ambas as peças poderão ter sofrido cozeduras oxidantes.

Um dos recipientes tem ambas as superfícies polidas e o outro tem as duas superfícies alisadas.

Não foi possível determinar a técnica de fabrico aplicada.

Apenas existe um recipiente do tipo morfológico 3 (calote de esfera), este caracteriza-se por ter pasta com e.n.p. médios e textura friável. A superfície externa e interna é vermelha e alisada. Talvez tenha sofrido uma cozedura oxidante no seu processo de fabrico.

Não foi possível determinar a técnica de fabrico aplicada.

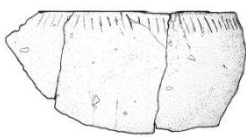
O tipo morfológico 6 (elipsóide) apenas apresenta um exemplar. Este tem uma pasta com e.n.p. médios e textura friável. A cor de ambas as superfícies é vermelha, fruto do engobe que cobre todas as superfícies. Este recipiente poderá ter sofrido uma cozedura oxidante.

Ambas as superfícies são polidas.

Não foi possível determinar a técnica de fabrico aplicada.



Este recipiente é decorado (TM 10) e apresenta a técnica da incisão de linhas verticais junto ao bordo. Estas caracterizam-se por estarem afastadas de forma relativamente regular, mas o seu comprimento muitas vezes é assimétrico (Quadro 3.23.).

Quadro 3.23. – Decoração do recipiente do tipo morfológico 6 da anta dos Mosteiros

Incisão	Incisões verticais junto ao bordo		TM 10
---------	-----------------------------------	---	-------

O tipo morfológico 11 (carena baixa) é o que está melhor representado com 6 exemplares. Três têm pastas com e.n.p. finos, 2 com e.n.p. médios e 1 com e.n.p. grossos. A textura das pastas também é diferente, 4 apresentam textura de pasta compacta e 2 friável. Três destas peças têm a superfície externa e interna castanha, 2 têm ambas as superfícies vermelhas, sendo que 1 delas está totalmente coberto por engobe e apenas 1 possui a superfície externa cinzenta e a interna castanha. A maioria das peças (5) terá sofrido uma cozedura oxidante, enquanto que uma terá sido sujeita a uma cozedura redutora.

Quadro 3.24. – Decoração do recipiente do tipo morfológico 11 da anta dos Mosteiros

Decoração plástica	Mamilos		TM 1
	Mamilos		TM 3

No que respeita ao tratamento das superfícies 4 apresentam ambas as superfícies alisadas e 2 apresentam a superfície externa e interna polida.

A técnica da modelagem a partir de bola de barro poderá ter sido aplicada num dos recipientes, aos restantes é indeterminável.

Existem recipientes deste tipo morfológico decorados (Quadro 3.24.). O primeiro caso (TM 1) encontra-se a decoração plástica mais utilizada nos contextos megalíticos, mamilos. Este recipiente contém dois mamilos lado a lado localizados imediatamente acima da carena. O segundo recipiente (TM 3) apresenta igualmente dois mamilos na sua superfície exterior junto ao bordo.

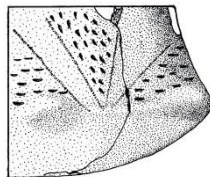
No que respeita aos recipientes do tipo morfológico 12 (carena média ou alta), apresentam pastas com e.n.p. finos e 1 por e.n.p. médios. A textura das pastas é igualmente diferente, 1 apresenta pasta friável e outro uma pasta compacta. A superfície externa e interna de 1 dos recipientes é castanha ao invés do outro que tem a superfície externa vermelha e a interna cinzenta. Ambas as peças poderão ter sofrido uma cozedura oxidante.

Quanto ao tratamento das superfícies, uma tem ambas as superfícies polidas e outra tem ambas alisadas.

Não foi possível determinar a técnica de fabrico aplicada.

Um dos recipientes tem decoração (Quadro 3.25.). O TM 14 apresenta uma decoração mista. Estas técnicas passam pela utilização de mamilos repuxados, incisões e puncionamentos simples. As incisões realizadas no fragmento assumem um carácter triangular sendo preenchidas no seu interior por puncionamentos simples. Os mamilos, apenas dois, encontram-se lado a lado na carena.

Quadro 3.25. – Decoração do recipiente do tipo morfológico 12 da anta dos Mosteiros

Decoração Mista	Mamilos repuxados + Incisão + Puncionamento simples		TM 14
-----------------	---	---	-------

O recipiente que não possui decoração (TM 2), apesar de estar inserido no tipo morfológico 12 (carena média ou alta), tem uma forma peculiar. A sua morfologia assemelha-se com os “*vasos lucerna*” (MATALOTO *et al.*, 2012: 57) que foi encontrado nos povoados de fossos do Paraíso (*idem*). No entanto o aparecimento deste tipo de vasos expande-se de igual forma a outros monumentos megalíticos, como o caso do *tholos* OP2b (GONÇALVES, 1999: 106) bem como em antas estudadas pelo casal Leisner, Horta velha do Reguengo (LEISNER & LEISNER, 1959: Tafel 9), Malalote 1 (*idem*: Tafel 19) e Brissos 1 (*idem*: Tafel 21).

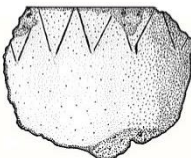
Existe ainda um recipiente classificado como “*outro*”. Tem pasta com e.n.p. grossos e a textura friável. A cor das superfícies é castanha, quer na externa quer na interna, demonstrando assim que na sua elaboração poderá ter sofrido uma cozedura oxidante.

A superfície externa foi polida e a interna alisada.

Não foi possível determinar a técnica de fabrico aplicada.

Existe um fragmento que não foi possível de obter a forma original total (TM 8), no entanto possui decoração (Quadro 3.26.). Esta localiza-se junto ao bordo e é formada por incisões que conferem uma decoração de triângulos em VV ao longo de todo o bordo.

Quadro 3.26. – Decoração do recipiente do não classificável da anta dos Mosteiros

Incisão	Decoração em VV		TM 8
---------	-----------------	---	------

3.1.8. Pai Anes

Foi realizada uma intervenção arqueológica nesta anta, em 1981, dirigida por Diamantino Sanches Trindade, com a colaboração do Grupo de Arqueologia de Castelo de Vide (G.A.V.E., 1982). Uma vez que apenas procederam à escavação da câmara da anta do Pai Anes, pode-se deduzir que todos os objetos recolhidos tenham essa localização.

O seguinte estudo incide nos recipientes cerâmicos passíveis de obtenção da forma original do objeto.

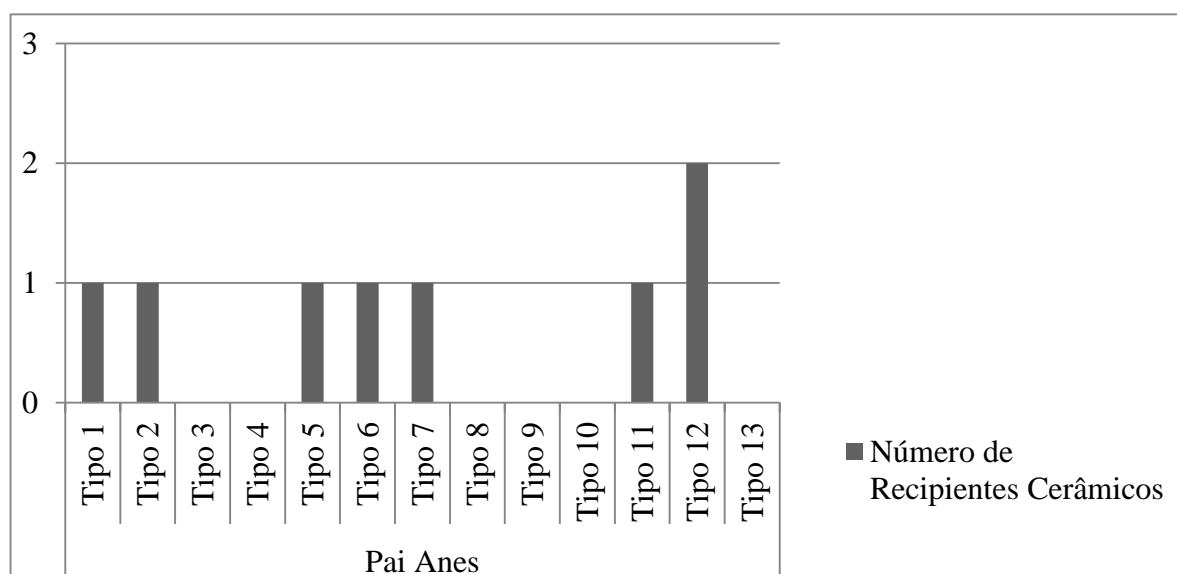


Gráfico 3.27. - Quantificação dos diferentes tipos de recipientes cerâmicos na anta do Pai Anes

Na anta do Pai Anes apenas existem 8 peças onde é possível reconstituir a forma original (Gráfico 3.27.). Verifica-se que quase todos os recipientes pertencem a tipos morfológicos diferentes, com exceção dos recipientes de carena média ou alta (Tipo 12) que contém dois exemplares, os restantes estão divididos entre os esféricos (Tipo 1), os semi-esféricos (Tipo 2), os recipientes esféricos de colo estrangulado (Tipo 5), os elipsóides (Tipo 6), os semi-elipsóides (Tipo 7) e os de carena baixa (Tipo 11).

Existe um equilíbrio entre os recipientes de formas abertas (Tipos 2, 7, 11 e 12) e de formas fechadas (Tipo 1, 5 6 e 12), cada um com 4 unidades, perfazendo 50 % para cada forma (Gráfico 3.28.).

O exemplar do tipo morfológico 1 (esféricos) apresenta uma pasta com e.n.p. finos e textura friável. A sua superfície externa e interna é cinzenta, demonstrando que poderá ter sofrido uma cozedura redutora.

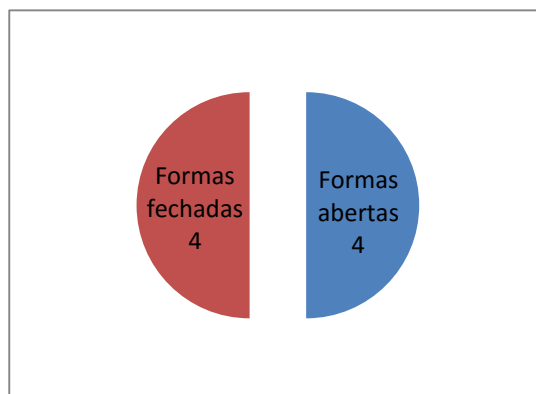


Gráfico 3.28. - Forma dos recipientes cerâmicos da anta do Pai Anes

Esta peça possui a superfície externa polida e a interna alisada.

Não foi possível determinar a técnica de fabrico aplicada.

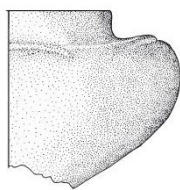
Existe apenas 1 exemplar do tipo morfológico 2 (semi-esféricos) e a sua pasta é constituída com e.n.p. grossos e textura compacta. A cor da superfície externa é castanha, a mesma que a da superfície interna, podendo revelar que este recipiente sofrera uma cozedura oxidante.

As suas superfícies encontram-se alisadas.

Não foi possível determinar a técnica de fabrico aplicada.

O exemplar do tipo morfológico 5 (esférico de colo estrangulado) apresenta uma pasta com e.n.p. médios e textura friável. Ambas as superfícies são castanhas e alisadas. As cores das superfícies demonstram que poderá ter sido sujeito a uma cozedura oxidante.

Quadro 3.29. – Decoração do recipiente do tipo morfológico 5 da anta do Pai Anes

Decoração Plástica	PA 30	
--------------------	-------	---

Não foi possível determinar a técnica de fabrico aplicada.

Apresenta uma decoração plástica no ombro da peça. Esta parece ser essencialmente decorativa (Quadro 3.29.).

Existe apenas 1 exemplar do tipo morfológico 6 (elipsóide) que tem uma pasta com e.n.p. médios e textura compacta, sendo a cor da superfície externa e interna castanha, revelando possivelmente uma cozedura oxidante.

Ambas as superfícies foram alisadas.

Não foi possível determinar a técnica de fabrico aplicada.

O tipo morfológico 7 (semi-elipsóides) tem apenas 1 exemplar, apresenta uma pasta com e.n.p. grossos e textura compacta. A superfície exterior e interior é cinzenta, podendo revelar uma possível cozedura redutora.

Ambas as superfícies foram alisadas.

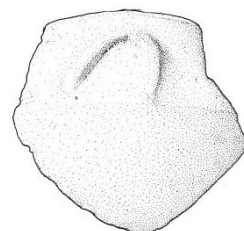
A técnica de fabrico deste recipiente poderá ter passado pela modelagem a partir de bola de barro.

O recipiente do tipo morfológico 11 (carena baixa) tem uma pasta com e.n.p. médios e textura compacta. Ambas as superfícies foram polidas e apresentam coloração castanha, levantando a hipótese de ter sido aplicado o método de cozedura oxidante.

Não foi possível determinar a técnica de fabrico aplicada.

O tipo morfológico 12 (carenas médias ou altas) é representado por 2 peças. Uma apresenta uma pasta com e.n.p. médios e outra com e.n.p. finos. Um apresenta pasta de textura compacta e outro friável. A cor da superfície de uma é castanha nas duas superfícies e a outra tem a superfície externa cinzenta e a interna castanha. Assim, poderão estar aqui representados 2 tipos de cozedura, oxidante (tonalidades que vão do vermelho ao beije) e redutora (tonalidades que vão do cinzento ao preto).

Quadro 3.30. - Decoração do recipiente do tipo morfológico 12 da anta do Pai Anes

Decoração plástica	PA 31	
--------------------	-------	---

Uma das peças tem a superfície externa e interna polidas e a outra alisada.

Não foi possível determinar a técnica de fabrico aplicada.

Um dos recipientes (TM 31) possui decoração (Quadro 3.30.), localizando-se entre a carena e o bordo. Esta assemelha-se a uma espécie de asa ou elemento de ajuda à suspensão. No entanto não é possível afirmar se possuía uma funcionalidade ou apenas era um elemento de adorno.

3.1.9. Tapada do Souto

Este monumento megalítico nunca foi alvo de uma escavação, no entanto foi recolhido um fragmento do seu interior (câmara), sendo esse fragmento analisado neste estudo (Gráfico 3.31.).

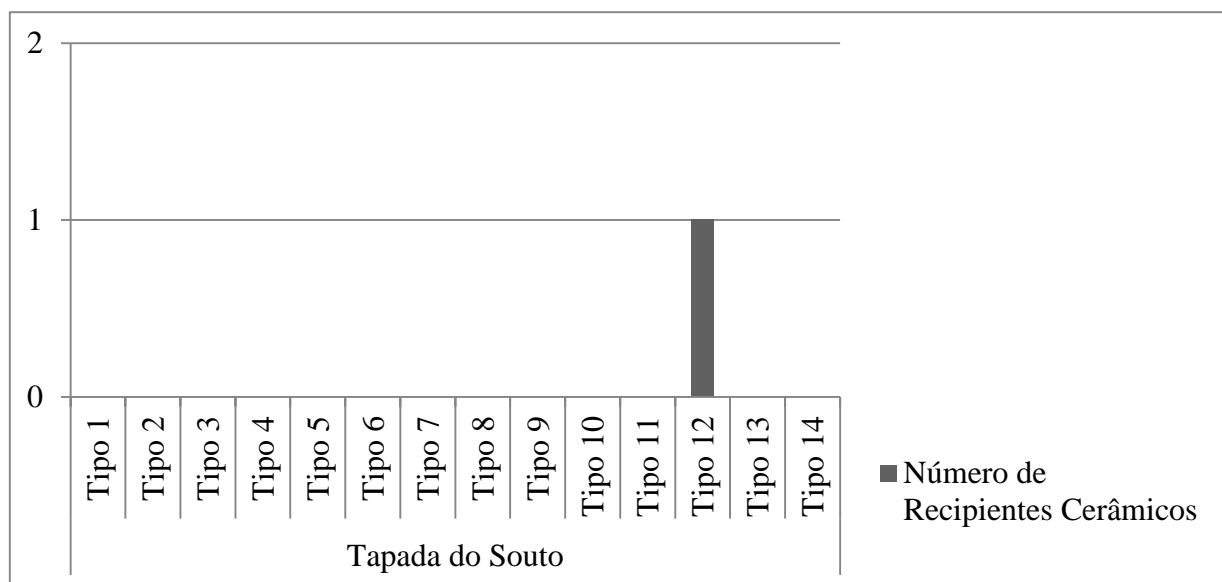


Gráfico 3.31. - Quantificação dos diferentes tipos de recipientes cerâmicos na anta da Tapada do Souto

Este fragmento pertence a um recipiente de carena baixa (tipo morfológico 11) de forma fechada. Apresenta uma pasta com e.n.p. médios e textura compacta. As suas superfícies são alisadas e de cor castanha, podendo assim ter sido submetido a uma cozedura oxidante.

Não foi possível determinar a técnica de fabrico aplicada.

3.1.10. Currais do Galhordas

Na anta dos Currais do Galhordas foram realizadas três campanhas de escavação dirigidas por Sérgio MONTEIRO RODRIGUES (2011b, 2013, 2015). Os materiais aqui estudados dizem respeito à primeira parte da segunda campanha.

Foi possível situar localizar os recipientes na anta do Currais do Galhordas, assim sendo, os recipientes de tipo morfológico 1 (esféricos) encontravam-se exclusivamente na câmara. Os de tipo morfológico 2 (semi-esféricos) encontravam-se em igual número no corredor (2) e no interior da câmara (2). As duas peças que integram o tipo morfológico 4 (ovais) estavam no corredor (1) e outro no início da câmara e final do corredor. O único exemplar de recipientes esféricos de colo estrangulado (Tipo 5) encontrava-se na câmara e o do tipo morfológico 9 (corpo cilíndrico) estava no corredor. A maioria dos recipientes de carena baixa (Tipo 11) encontraram-se na câmara (5) e apenas 2 peças foram encontradas no corredor. O mesmo acontece com os recipientes de carena média ou alta (Tipo 12), onde 5 foram encontrados na câmara e apenas 1 no corredor. O único recipiente campaniforme (Tipo 13) foi encontrado na câmara.

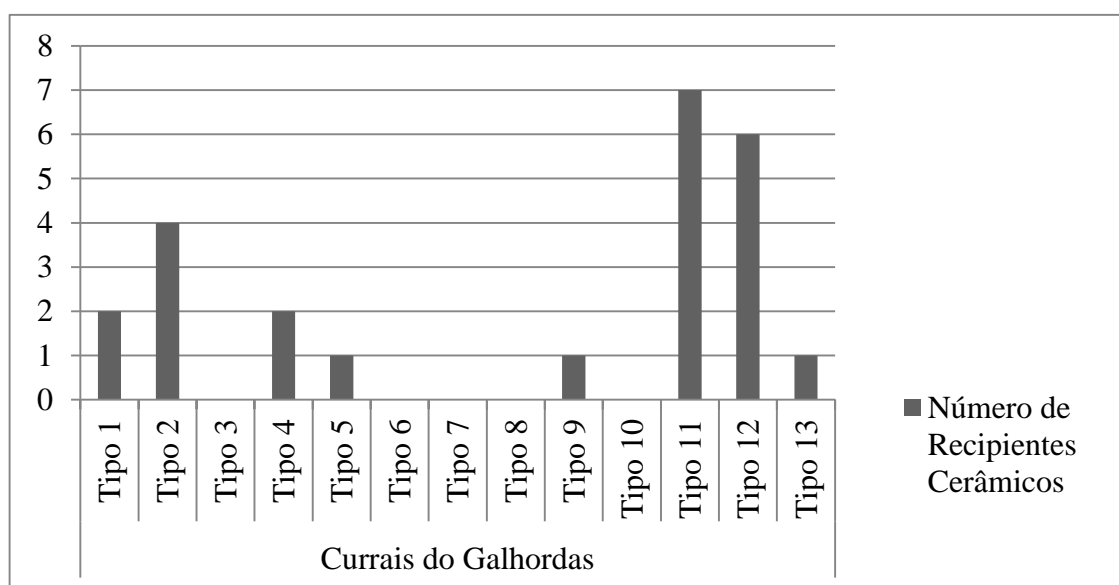


Gráfico 3.32. - Quantificação dos diferentes tipos de recipientes cerâmicos na anta do Currais do Galhordas

Como é possível observar no gráfico 3.32., neste monumento megalítico os recipientes de carena baixa (Tipo 11) são os dominantes, com 7 exemplares. Imediatamente a seguir encontram-se os de carena média ou alta (Tipo 12) com 6 peças. Existe 4 exemplares de recipientes semi-esféricos (Tipo 2), seguido por 2 esféricos (Tipo 1) e 2 ovais (Tipo 4). Por fim, com 1 recipiente cada encontra-se os Tipo 5 (recipientes esféricos de colo estrangulado), Tipo 9 (recipientes de corpo cilíndrico) e Tipo 13 (campaniformes).

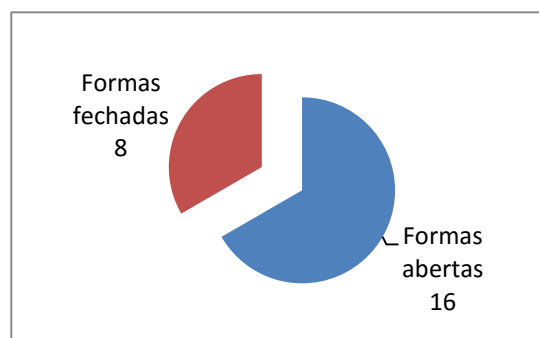


Gráfico 3.33. - Forma dos recipientes cerâmicos da anta do Currais do Galhordas

O gráfico 3.33. foi composto pelos 16 recipientes (67%) provenientes da anta dos

Currais do Galhordas que têm forma aberta (Tipos 2, 4, 7, 12) e pelos 8 recipientes (33%) que têm forma fechada (Tipos 1, 5, 9, 12 e 13).

No que respeita ao tipo morfológico 1 (esféricos) existem apenas 2 exemplares. Caracterizam-se por terem pastas com e.n.p. médios e texturas compactas. Ambos apresentam superfícies rugosas e superfície externa e interna vermelha, podendo revelar uma cozedura oxidante.

Não foi possível determinar a técnica de fabrico aplicada.

Existem 4 exemplares inseridos no tipo morfológico 2 (semi-esféricos), 3 deles têm pastas com e.n.p. finos e apenas 1 com e.n.p. médios. No que respeita ao tratamento da superfície, 2 recipientes pasta de textura friável, 1 compacta e o último homogénea. Existem 2 peças que têm a superfície externa e interna vermelha, 1 com a superfície externa e interna cinzenta e o último tem a superfície externa vermelha e a interna cinzenta. Três destes recipientes poderão ter sofrido uma cozedura oxidante e 1 uma cozedura redutora.

Duas peças têm as superfícies, interna e externa, alisadas, outra tem a superfície externa polida e a interna alisada e por fim o outro recipiente tem ambas as superfícies polidas.

A modelagem a partir da bola de barro poderá ter sido aplicada num recipiente, a técnica de fabrico dos restantes é indeterminável.

No tipo morfológico 4 (ovais) os dois recipientes caracterizam-se por 1 ter uma pasta com e.n.p. finos e o outro com e.n.p. grossos, sendo ambas as pastas de textura compacta. As 2 peças apresentam a superfície externa e interna alisada e castanha, podendo revelar uma cozedura oxidante.

Não foi possível determinar a técnica de fabrico aplicada.

Só existe 1 recipiente do tipo morfológico 5 (esférico de colo estrangulado). Caracteriza-se por apresentar uma pasta com e.n.p. grossos e textura compacta. A superfície externa e interna é rugosa e castanha, demonstrando que esta peça poderá ter tido uma cozedura oxidante.

É possível que a técnica de fabrico utilizada neste tenha sido a modelagem a partir da bola de barro.

De igual forma, apenas existe 1 exemplar do tipo morfológico 9 (cilíndrico). Este é constituído por uma pasta com e.n.p. finos e textura friável. Ambas as superfícies, interna e externa, foram polidas e têm uma coloração vermelha, podendo revelar uma cozedura oxidante.

Não foi possível determinar a técnica de fabrico aplicada.

O tipo morfológico 11 (carena baixa) está representado por 7 recipientes, 4 têm pastas com e.n.p. médios, 2 com e.n.p. finos e 1 com e.n.p. grossos. No que respeita às pastas estas



apresentam texturas diversas, 4 recipientes têm texturas compactas, 2 friáveis e apenas 1 homogênea. Três das peças têm a superfície externa e interna castanha, 1 tem a superfície externa e interna vermelha, duas tem superfície exterior e interior cinzenta e 1 tem a superfície externa vermelha e a interna cinzenta. Existe neste conjunto recipientes que poderão ter sofrido uma cozedura oxidante (5) (tonalidades que variam entre o castanho e o vermelho) e outros cozedura redutora (2) (tonalidades que variem entre o cinzento e o preto).

O tratamento de superfícies também é diversificado, 3 recipientes têm ambas as superfícies alisadas, 3 têm a superfície externa e interna polidas e apenas 1 tem as duas superfícies rugosas.

A modelagem a partir da bola de barro poderá ter sido aplicada num recipiente, a técnica de fabrico dos restantes é indeterminável.

Existem 6 recipientes pertencentes ao tipo morfológico 12 (carena média ou alta) e todos eles têm pastas com e.n.p. médios e texturas compactas. Existem 3 peças com a superfície exterior e interior castanhas, 1 com a superfície externa e interna vermelha, outra com ambas as superfícies cinzentas e por fim, 1 com a superfície externa castanha e a interna cinzenta. É possível supor que neste conjunto possa ter havido

Quadro 3.34. - Decoração dos recipientes do tipo morfológico 12 da anta do Currais do Galhordas

Decoração Mista	Mamilo + Perfurações		Vaso 4
Decoração Plástica	Mamilo		Vaso 28

dois tipos de cozedura, uma oxidante (tonalidades que variam do beije ao vermelho) e outra redutora (tonalidades que variam do cinzento ao preto).

No que respeita ao tratamento das superfícies, 4 dos recipientes têm ambas as superfícies alisadas e os restantes (2) têm a superfície externa e interna rugosas.

Não foi possível determinar a técnica de fabrico aplicada.

Dentro deste conjunto existe um recipiente decorado (Vaso 4). Este possui uma decoração plástica, mamilo, com duas perfurações. Existe ainda um outro recipiente com decoração (Vaso 28) que apenas apresenta um mamilo na carena (Quadro 3.34.).

Existe 1 exemplar do tipo morfológico 13 (campaniforme), este possui uma pasta com e.n.p. grossos e textura compacta. A superfície externa e interna foram alisadas e têm a coloração castanha, podendo revelar uma cozedura oxidante.

Não foi possível determinar a técnica de fabrico aplicada.

3.1.11. Vale da Estrada

Este monumento foi escavado em 1982, pelo Grupo de Arqueologia de Castelo de Vide. São os recipientes cerâmicos provenientes desta escavação que foram estudados.

Não existe qualquer tipo de registo que localize os materiais na anta.

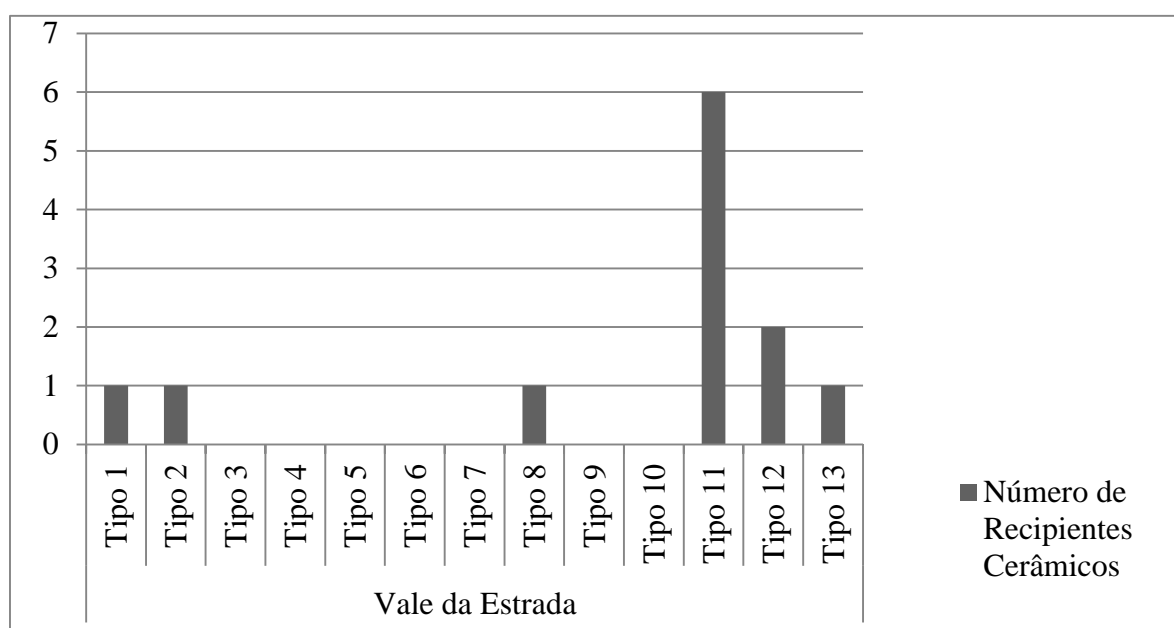


Gráfico 3.35. - Quantificação dos diferentes tipos de recipientes cerâmicos na anta do Vale da Estrada

No conjunto dos materiais cerâmicos do monumento megalítico do Vale da Estrada (Gráfico 3.35.), 6 deles pertencem a recipientes de carena baixa (Tipo 11). Dois são de carena média ou alta (Tipo 12), 1 esférico (Tipo 1), 1 semi-esférico (Tipo 2), 1 troncocónico (Tipo 8) e 1 campaniforme (Tipo 13).

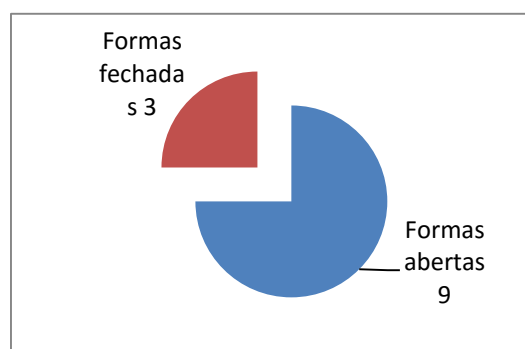


Gráfico 3.36. - Forma dos recipientes cerâmicos da anta do Vale da Estrada

Continuando no estudo das formas dos recipientes cerâmicos (Gráfico 3.36.) é visível que 9 peças (75%) têm formas abertas (Tipos 2, 8, 11 e 13), ao invés 3 recipientes (25%) que apresentam formas fechadas (Tipos 1 e 12).

Existe 1 exemplar do tipo morfológico 1 (esféricos) que possui pasta com e.n.p. finos e textura homogênea. A superfície externa e interna são rugosas e têm a coloração castanha, o que poderá revelar uma cozedura de oxidante.

Não foi possível determinar a técnica de fabrico aplicada.

O tipo morfológico 2 (semi-esféricos) é apenas representado por 1 exemplar constituído por uma pasta com e.n.p. médios e textura friável. A cor das suas superfícies é castanha, podendo supor-se que terá sido sujeito a uma cozedura oxidante.

A superfície externa é polida e a interna é alisada.

Não foi possível determinar a técnica de fabrico aplicada.

Tal como acontece nos tipos morfológicos anteriores, o tipo 8 (truncocónico) apenas é representado por 1 recipiente. Na composição da pasta estão incluídos e.n.p. grossos e a textura é compacta. A superfície interna e externa é rugosa e cinzenta, indicando que esta peça poderá ter sido cozida num ambiente redutor.

Não foi possível determinar a técnica de fabrico aplicada.

O tipo morfológico 11 (carena baixa) é o que tem mais recipientes (6). No que respeita à caracterização das pastas, 3 têm e.n.p. médios, 2 têm e.n.p. finos e 1 tem e.n.p. grossos. Quatro recipientes têm pastas com texturas compactas, 1 tem textura homogénea e o último tem textura friável. As cores das superfícies também são variadas, 3 recipientes têm a superfície externa e interna castanha, 2 têm a superfície externa vermelha e interna castanha e apenas 1 tem a superfície externa cinzenta e interna castanha. Um destes recipientes poderá ter tido uma cozedura redutora e as restantes uma cozedura oxidante.

Quatro destas peças têm a superfície externa e interna alisadas, 1 tem ambas as superfícies polidas e a outra tem as duas faces rugosas.

A modelagem a partir da bola de barro poderá ter sido aplicada num recipiente, a técnica de fabrico dos restantes é indeterminável.

O tipo morfológico 12 (carena média ou alta) é representado por 2 peças. Uma possui pasta com e.n.p. finos e outra com e.n.p. médios, tendo ambas uma pasta de textura friável. Um dos recipientes tem a superfície externa e interna cinzenta enquanto o outro tem a superfície externa castanha e a interna cinzenta. Podemos estar face à aplicação de dois métodos de cozedura, uma oxidante e outra redutora.

Ambas as peças têm as superfícies alisadas.

Não foi possível determinar a técnica de fabrico aplicada.

O recipiente pertencente ao tipo morfológico 13 (campaniforme) tem uma pasta com e.n.p. finos e textura compacta. A superfície externa e interna são alisadas e apresentam uma coloração castanha, podendo indicar uma cozedura oxidante.

Não foi possível determinar a técnica de fabrico aplicada.

3.1.12. Tapadão da Relva

Este monumento foi escavado em 1982 pelo Grupo de Arqueologia de Castelo de Vide. São os materiais cerâmicos provenientes desta escavação que foram aqui analisados.

Não se sabe onde foi efetuada a recolha destes objetos na anta.

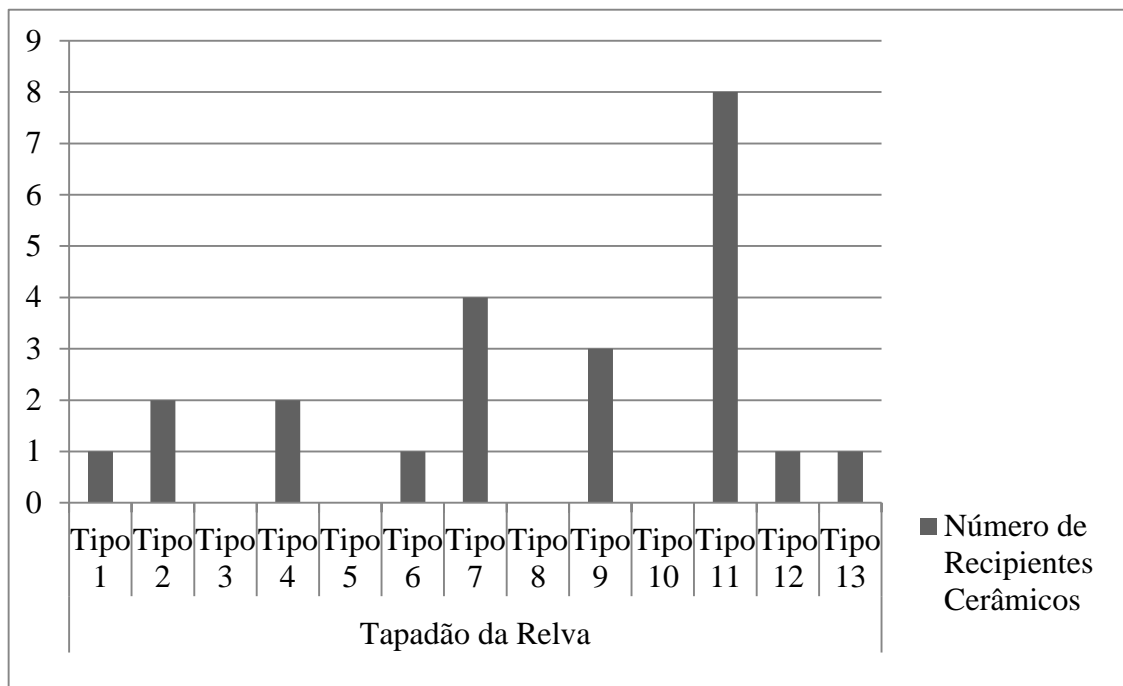


Gráfico 3.37. - Quantificação dos diferentes tipos de recipientes cerâmicos na anta do Tapadão da Relva

No conjunto dos recipientes cerâmicos (gráfico 3.37.) existe um elevado número de recipientes de carena baixa (Tipo 11), 8 exemplares. Existem 4 semi-elipsóides (Tipo 7), 3 recipientes de corpo cilíndrico (Tipo 9), 2 semi-esféricos (Tipo 2) e com o mesmo número (2) existem recipientes em calote de esfera (Tipo 4). Existe igualmente 1 esférico (Tipo 1), 1 elipsóide (Tipo 6), 1 de carena média ou alta (Tipo 12) e por fim 1 campaniforme (Tipo 13).

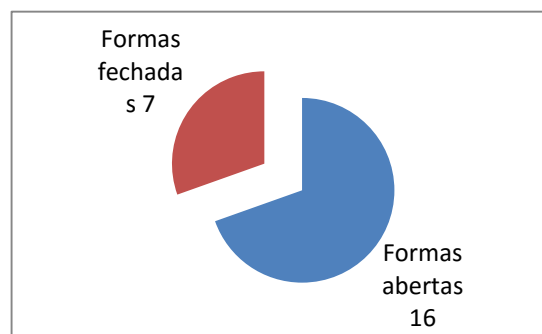


Gráfico 3.38. - Forma dos recipientes cerâmicos da anta do Tapadão da Relva

Neste conjunto estudado (gráfico 3.38.), 16 recipientes (70%) têm forma aberta (Tipos 2, 4, 7, 9, 11 e 13) *versus* 7 (30 %) que apresentam formas fechadas (Tipos 1, 6, 7, 9, 11 e 12).

O recipiente do tipo morfológico 1 (esférico) apresenta uma pasta com e.n.p. finos e textura friável. A superfície externa e interna castanha o que poderá demonstrar que esta peça sofreu uma cozedura oxidante.

Tem a superfície externa polida e a interna alisada.

A possível técnica de fabrico empregue foi a da modelagem a partir de bola de barro.

O tipo morfológico 2 (semi-esféricos) é representado por 2 recipientes. Um apresenta uma pasta com e.n.p. grosso e outro com e.n.p. médios e ambas têm pastas com texturas compactas. As duas superfícies de 1 dos recipientes são castanhas, enquanto o outro tem a superfície externa vermelha e a interna cinzenta. As duas peças podem ter sido cozidas através do método oxidante.

No que respeita ao tratamento das superfícies, uma das peças tem ambas as faces alisadas enquanto a outra tem-nas rugosas.

Poderá ter sido utilizada a técnica de modelagem a partir da bola de barro num recipiente, a técnica de fabrico do outro é indeterminável.

Os 2 recipientes que constituem o tipo morfológico 4 (ovais) têm pastas com e.n.p. finos e texturas homogêneas. Um dos recipientes tem a superfície externa e interna cinzenta e o outro tem a superfície externa castanha e a interna cinzenta. As duas peças poderão ter sofrido cozeduras diferentes, redutora e oxidante.

O tratamento das superfícies é igualmente diferente, 1 tem ambas as superfícies alisadas enquanto o outro tem as duas faces polidas.

Poderá ter sido utilizada a técnica de modelagem a partir da bola de barro num recipiente, a técnica de fabrico do outro é indeterminável.

O tipo morfológico 6 (elipsóides) é apenas representado por um recipiente de pasta com e.n.p. médios e textura compacta. A superfície externa e interna foram alisadas e são vermelhas, podendo revelar uma cozedura oxidante.

Não foi possível determinar a técnica de fabrico aplicada.

Existem 4 recipientes do tipo morfológico 7 (semi-elipsóide). Dois deles têm pastas com e.n.p. finos, 1 com e.n.p. médios e outro com e.n.p. grossos. Dois dos recipientes têm pastas com textura compacta e os restantes têm texturas friáveis. Todos os recipientes têm cores de superfícies diferentes, 1 dos recipientes tem ambas as superfícies castanhas, outro tem a superfície externa e interna vermelha, o terceiro a superfície externa castanha e a interna cinzenta e o último a superfície externa cinzenta e a interna castanha. Três dos recipientes poderão ter sofrido uma cozedura oxidante enquanto um outro provavelmente uma cozedura redutora.

No que respeita ao tratamento das superfícies, 2 recipientes apresentam ambas as faces alisadas, outro a face externa polida e a interna alisada e o último tem as duas superfícies rugosas.

Três destes recipientes poderão ter sido modelados a partir de bola de barro, a técnica de fabrico aplicada ao quarto é indeterminável.

Do tipo morfológico 9 (cilíndrico) existem 3 exemplares de pastas com e.n.p médios (2) e e.n.p. finos (1), tendo 2 uma pasta de textura compacta e 1 friável. Dois dos recipientes têm a superfície externa cinzenta e a

interna castanha enquanto o outro tem ambas as faces castanhas. Podem existir aqui 2 tipos de cozeduras presentes neste conjunto, redutora e oxidante.

Todos os recipientes contêm tratamentos de superfícies diferentes, 1 recipiente tem ambas as superfícies alisadas, outro tem as duas faces rugosas e o terceiro tem-nas polidas.

Dois destes recipientes poderão ter sido modelados a partir de bola de barro, a técnica de fabrico aplicada ao terceiro é indeterminável.

São os recipientes do tipo morfológico 11 (carena baixa) que se apresentam em maior quantidade neste monumento megalítico (8). Três têm pastas com e.n.p. médios, outros 3 com e.n.p. grossos e 2 com e.n.p. finos. No que respeita à textura das pastas, 5 dos recipientes têm texturas compactas, 2 friáveis e 1 homogénea. As cores das superfícies são variadas, 3 recipientes têm ambas as superfícies vermelhas, 2 têm a superfície externa castanha e a interna cinzenta, outros 2 têm a superfície externa cinzenta a interna castanha e apenas 1 recipiente tem ambas as superfícies castanhas. Neste conjunto existem recipientes que poderão ter sofrido uma cozedura oxidante e outros redutora.

Existem 3 tratamentos de superfícies representados neste conjunto, 4 recipientes têm ambas as superfícies alisadas, 3 têm a superfície exterior polida e a interna alisada e apenas 1 recipiente tem a superfície externa e interna rugosa.

Não foi possível determinar a técnica de fabrico aplicada.

Existe um recipiente (TR 7) deste conjunto que é decorado, contém dois mamilos (decoração plástica) junto ao bordo (Quadro 3.39.).

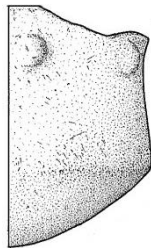
Do tipo morfológico 12 (carena média ou alta) existe apenas 1 exemplar de pasta com e.n.p. finos e textura friável. A superfície externa é castanha e a interna cinzenta, o que poderá revelar uma cozedura oxidante.

Ambas as superfícies foram polidas.

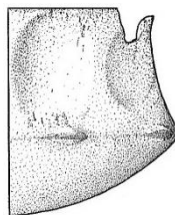
Não foi possível determinar a técnica de fabrico aplicada.

Este recipiente (TR 4) apresenta uma decoração peculiar (Quadro 3.40.). Apresenta duas impressões digitais imediatamente

Quadro 3.39. - Decoração do recipiente do tipo morfológico 11 da anta do Tapadão da Relva

Decoração Plástica	Mamilos		TR 7
--------------------	---------	---	---------

Quadro 3.40. - Decoração do recipiente do tipo morfológico 12 da anta do Tapadão da Relva

Decoração Mista	Impressão digital + Mamilos		TR 4
-----------------	-----------------------------	---	---------

acima da carena. Nesta estão representados 2 mamilos repuxados.

O último tipo morfológico representado nesta anta é o 13 (campaniforme) apenas com 1 recipiente. Este é constituído por uma pasta com e.n.p. finos e textura friável. A cor de ambas as superfícies é castanha, podendo revelar uma cozedura oxidante.

Ambas as faces estão polidas.

Não foi possível determinar a técnica de fabrico aplicada.

3.1.13. Tapada dos Olheiros

Esta anta foi alvo de escavação em 1982 dirigida pelo Grupo de Arqueologia de Castelo de Vide. É o conjunto cerâmico proveniente desta escavação que foi analisado.

Não se sabe onde foi efetuada a recolha destes objetos na anta.

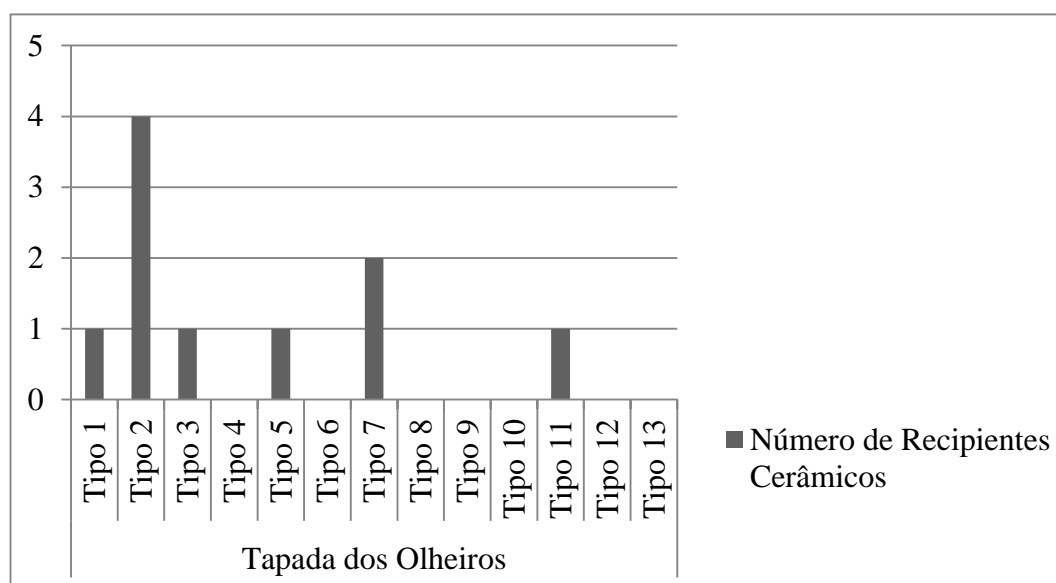


Gráfico 3.41. - Quantificação dos diferentes tipos de recipientes cerâmicos na anta da Tapada dos Olheiros

Na anta da Tapada dos Olheiros apenas 10 recipientes forneceram dados sobre a sua forma original (Gráfico 3.41.). Em maior quantidade, 4 exemplares, existem os recipientes semi-esféricos (Tipo 2). O número de semi-elipsóides (Tipo 7) é de 2. Com 1 exemplar de cada estão os esféricos (Tipo 1), os recipientes em calote de esfera (Tipo 3), os esféricos de colo estrangulado (Tipo 5) e os de carena baixa (Tipo 11).

Como é possível observar no gráfico 3.42., 7 recipientes (70%) deste monumento megalítico possui forma aberta (Tipos 2, 3 e 7), ao invés dos 3 recipientes de forma fechada (Tipos 1, 5 e 11) que apenas representam 30 %.

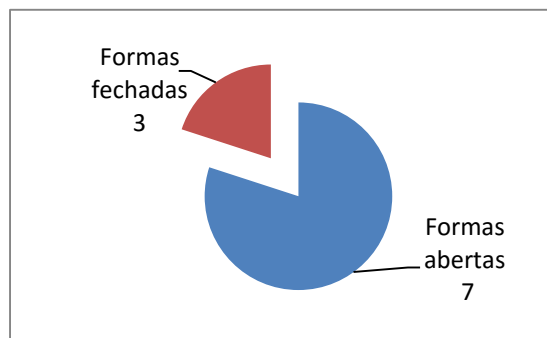


Gráfico 3.42. - Forma dos recipientes cerâmicos da anta da Tapada dos Olheiros

No que respeita ao tipo morfológico 1 (esféricos) apenas está representado por 1 recipiente constituído por pasta com e.n.p. finos e textura compacta. A superfície externa e interna são castanhas, podendo revelar uma cozedura oxidante.

Apresenta a superfície externa polida e a interna alisada.

Não foi possível determinar a técnica de fabrico aplicada.

Existem 4 recipientes pertencentes ao tipo morfológico 2 (semi-esféricos). Dois são constituídos por pastas com e.n.p. grossos, 1 com e.n.p. finos e outro com e.n.p. médios. No que respeita à textura das pastas, 3 dos recipientes têm texturas compactas e 1 homogénea. As cores das superfícies são variadas, 2 têm ambas as superfícies castanhas, outro tem-nas vermelhas e o último tem-nas cinzentas. Fica aqui a possibilidade de 3 destes recipientes poderem ter sofrido uma cozedura oxidante e o restante uma cozedura redutora.

Três peças têm a superfície externa polida e a interna alisada, a outra tem ambas as superfícies alisadas.

Não foi possível determinar a técnica de fabrico aplicada.

Com apenas 1 peça cerâmica está representado o tipo morfológico 3 (calote de esfera). Este é constituído por pasta com e.n.p. médios e textura compacta. A sua superfície interna e externa foram alisadas e têm a coloração castanha, podendo demonstrar uma cozedura oxidante.

Não foi possível determinar a técnica de fabrico aplicada.

O mesmo acontece com o tipo morfológico 5 (esférico de colo estrangulado) que apenas tem 1 recipiente constituído por pasta com e.n.p. médios e textura compacta. A superfície externa e interna apresentam-se alisadas e de cor vermelha, podendo revelar uma cozedura oxidante.

Não foi possível determinar a técnica de fabrico aplicada.

Do tipo morfológico 7 (semi-elipsóides) existem 2 exemplares constituídos por pastas com e.n.p. médios. Um dos recipientes tem a pasta de textura compacta enquanto o outro tem uma textura friável. As duas peças têm a superfície externa e interna da mesma cor, a primeira tem-nas castanhas enquanto a segunda tem-nas vermelhas. Estas colorações podem demonstrar que ambas as peças possam ter sofrido cozeduras oxidantes.

Um dos recipientes apresenta a superfície externa e interna alisada e o outro a superfície exterior polida e a interior alisada.

Não foi possível determinar a técnica de fabrico aplicada.

Existe apenas 1 recipiente do tipo morfológico 11 (carena baixa), este caracteriza-se pela pasta ser constituído com e.n.p. médios e textura compacta. A superfície externa e interna foram alisadas e têm coloração castanha, podendo representar uma cozedura oxidante.

Possivelmente a técnica aplicada para a elaboração desta peça foi a modelagem a partir de bola de barro.

3.1.14. Porto Eivado

Este monumento foi alvo de duas campanhas de escavação, em 1988 e em 1989, sob a direção de Jorge de Oliveira (OLIVEIRA, 1988, 1989 b), 1997). Os materiais cerâmicos que foram analisados provieram destas intervenções.

Não foi possível localizar com certeza os recipientes no interior do monumento.

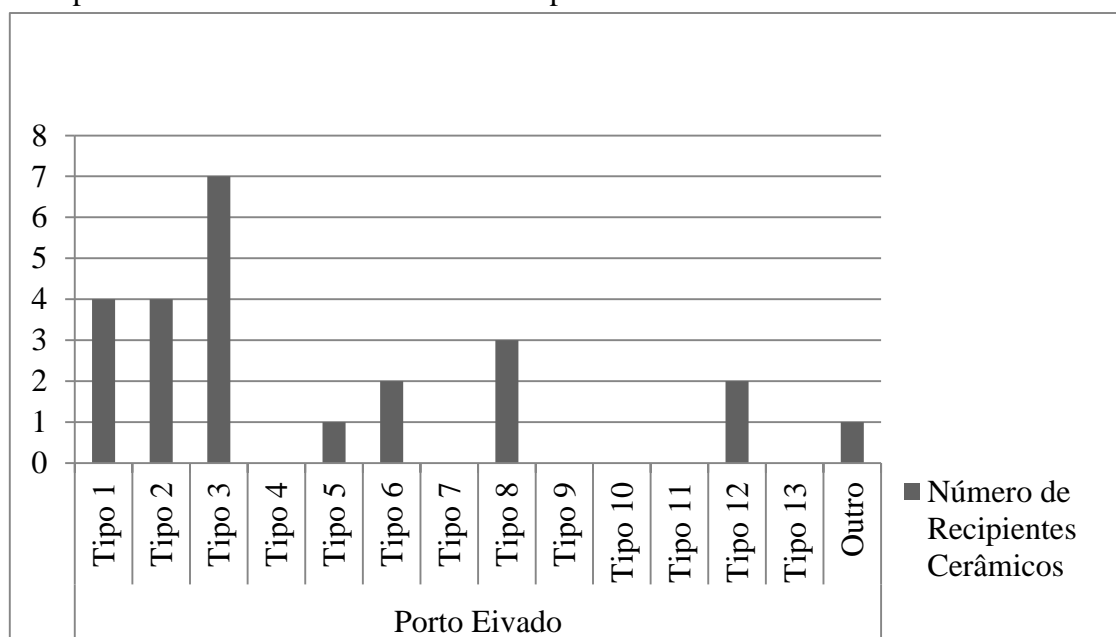


Gráfico 3.43. - Quantificação dos diferentes tipos de recipientes cerâmicos na anta do Porto Eivado

Dos recipientes passíveis de restituir a forma (Gráfico 3.43.), 7 são de recipientes em calote de esfera (Tipo 3), 4 são esféricos (Tipo 1), 4 que são semi-esféricos (Tipo 2), 3 de recipientes troncocónicos (Tipo 8), 2 recipientes elipsóides (Tipo 6), e 2 de carena média (Tipo 12). Há neste conjunto apenas 1 fragmento de recipiente esférico de colo estrangulado (Tipo 5). No que respeita ao fragmento “*Outro*” (PV 73) este não apresenta a sua forma total, mas dá para identificar as paredes retas que se abrem em direção à boca.

Como é possível observar no gráfico 3.44., 16 recipientes (67%) provenientes da anta do Porto Eivado têm formas abertas (Tipos 2, 3, 8 e 12), ao invés de 8 recipientes (33%) pertencem a recipientes de forma fechada (Tipos 1, 5 e 6).

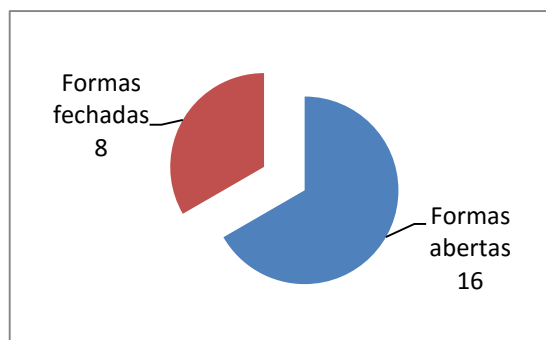


Gráfico 3.44. - Forma dos recipientes cerâmicos da anta do Porto Eivado

No tipo morfológico 1 (esféricos) foi possível realizar uma análise exaustiva a 3 recipientes. Dois deles têm pastas com e.n.p. médios e apenas 1 com e.n.p. finos, no entanto todos apresentam pastas de texturas compactas. No que respeita à cor das superfícies, dois têm a superfície externa e interna castanhas, o outro tem a superfície externa vermelha e a interna castanha, demonstrando que todas as peças poderão ter sofrido uma cozedura oxidante.

Todas as peças sofreram um alisamento como tratamento das superfícies.

Pode eventualmente identificar-se a técnica da modelagem a partir de bola de barro um recipiente. Nos outros recipientes a técnica de fabrico aplicada é indeterminável.

Dos 4 recipientes que representam o tipo morfológico 2 (semi-esféricos) apenas consegui caracterizar 1. Este tem uma pasta com e.n.p. finos e textura compacta. Ambas as superfícies foram alisadas e têm a cor cinzenta, o que poderá revelar uma cozedura redutora.

Não foi possível determinar a técnica de fabrico aplicada a este recipiente.

O mesmo acontece com os representantes do tipo morfológico 3 (calote de esfera), apenas tive acesso a 3 recipientes. Estes apresentam pastas com e.n.p. médios e texturas compactas. Dois têm as superfícies castanhas enquanto o outro apresenta em ambas as faces a coloração vermelha, no entanto, todos poderão ter sido sujeitos a uma cozedura oxidante.

As superfícies externas e internas de dois destes recipientes são rugosas, o outro apresenta-as alisadas.

Não foi possível determinar a técnica de fabrico aplicada.

Não foi possível analisar o recipiente que constitui o tipo morfológico 5 (esféricos de colo estrangulado).

Apesar do tipo morfológico 6 (elipsóide) ser composto por 2 exemplares, apenas tive acesso a 1. Este tem uma pasta com e.n.p. finos e textura compacta. Ambas as superfícies encontram-se polidas e são cinzentas, podendo revelar uma cozedura redutora.

Não foi possível determinar a técnica de fabrico aplicada.

O recipiente analisado do tipo morfológico 8 (truncocónico) é constituído por uma pasta com e.n.p. finos e textura compacta. A superfície externa e interna foram alisadas e são de cor castanha, podendo revelar uma cozedura oxidante.

Não foi possível determinar a técnica de fabrico aplicada.

Os recipientes do tipo morfológico 12 (carena média ou alta) caracterizam-se por um apresentar uma pasta com e.n.p. médios e o outro com e.n.p. finos. Um dos recipientes tem uma pasta com textura compacta e o da outra homogénea. A cor das superfícies de um dos recipientes é castanha enquanto no segundo, todas as faces são vermelhas. Isto poderá revelar que as duas peças poderão ter sofrido cozeduras oxidantes.



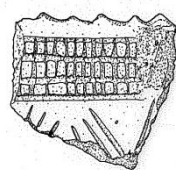
Uma delas tem ambas as superfícies rugosas enquanto a outra tem as duas faces polidas.

Não foi possível determinar a técnica de fabrico aplicada.

Não foi possível analisar o recipiente do tipo morfológico “outro”.

Quadro 3.45. - Decoração dos recipientes cerâmicos inclassificáveis da anta do Porto Eivado

Existem 3 recipientes decorados, todos eles inclassificáveis (Quadro 3.45.). O primeiro (PV 99) e o segundo (PV 100) fragmentos têm a mesma decoração. Esta caracteriza-se por incisões oblíquas no bordo com perfil em V. O terceiro fragmento contempla decoração mista. No bordo pode-se observar uma intenção de

Incisão	Simple oblíqua		PV99
			PV100
Decoração Mista	Alteração do bordo + incisão em padrão + incisão		PV107

alteração do mesmo. Imediatamente abaixo do bordo encontra-se uma matriz de incisões que se apresentam em quadriculados. Por último, sem se conseguir compreender o motivo encontram-se 3 incisões que se desenvolvem obliquamente da esquerda para a direita enquanto outras 3 incisões aparecem exatamente no sentido oposto. Nunca se chegam a tocar.

3.1.15. Casa dos Galhardos

Esta anta foi escavada em 1982 pelo Grupo de Arqueologia de Castelo de Vide. Os materiais cerâmicos aqui estudados são provenientes dessa intervenção.

Não se sabe onde foi efetuada a recolha destes objetos na anta.

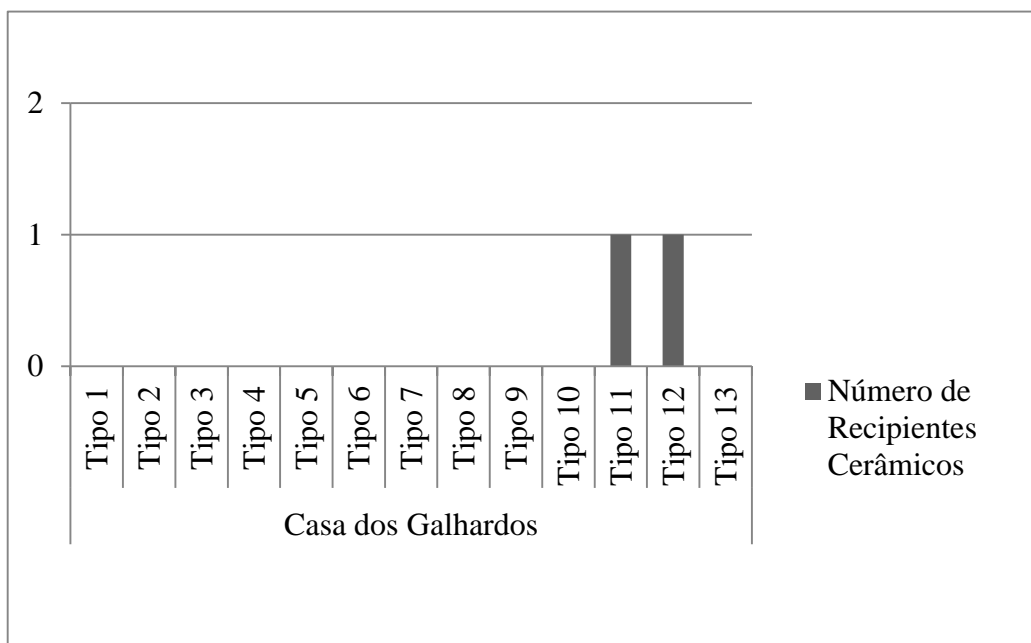


Gráfico 3.46. - Quantificação dos diferentes tipos de recipientes cerâmicos na anta da Casa dos Galhardos

Apenas existem dois recipientes oriundos desta anta (Gráfico 3.46.). Um deles é um recipiente de carena baixa (Tipo 11) de forma aberta e o outro um recipiente de carena média (Tipo 12) com a forma fechada.

O recipiente do tipo morfológico 11 (carena baixa) tem uma pasta com e.n.p. médios e textura compacta. A superfície externa e interna foram alisadas e são vermelhas, demonstrando que esta peça poderá ter sofrido uma cozedura oxidante.

Não foi possível determinar a técnica de fabrico aplicada.

O recipiente do tipo morfológico 12 (carena média ou alta) tem uma pasta com e.n.p. médios e textura compacta. A superfície externa é castanha e a interna cinzenta. Esta peça possivelmente esteve sujeita a uma cozedura oxidante.

Ambas as superfícies foram alisadas.

A técnica aplicada para a elaboração desta peça poderá ter sido a modelagem a partir de bola de barro.

3.1.16. Nave do Grou

Foi escavada em 1982 pelo Grupo de Arqueologia de Castelo de Vide. A área escavada é desconhecida, bem como a localização do objeto cerâmico encontrado.

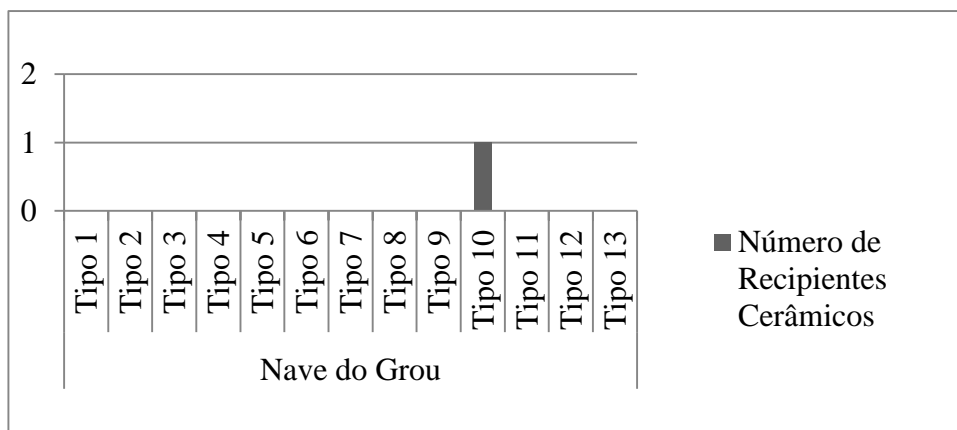


Gráfico 3.47. - Quantificação dos diferentes tipos de recipientes cerâmicos na anta do Nave do Grou

No monumento apenas foi encontrado um fragmento de uma colher (Gráfico 3.47. – Tipo 10) com uma pasta constituída por e.n.p. finos e com uma textura de pasta friável. No que respeita às superfícies, ambas são alisadas e a sua coloração é castanha, quer na face externa bem como na interna. É possível concluir que poderá ter sofrido uma cozedura oxidante.

A técnica aplicada para a elaboração desta peça poderá ter sido a da modelagem a partir de bola de barro.

3.2. Caracterização tecno-tipológica dos recipientes cerâmicos dos monumentos megalíticos do concelho de Castelo de Vide: uma análise de conjunto

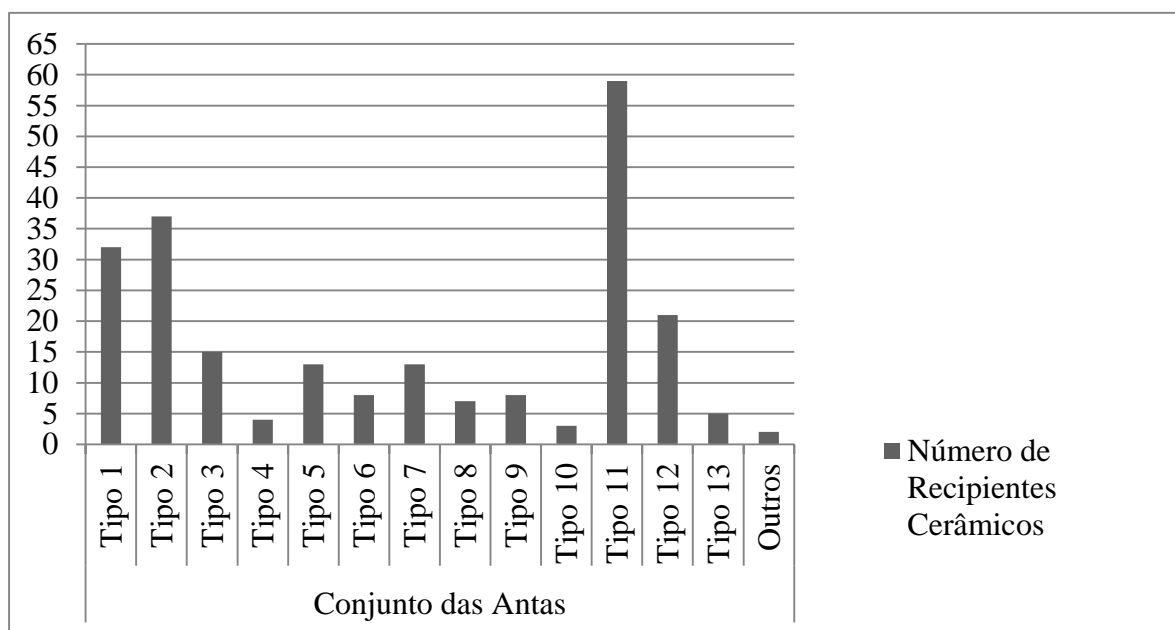


Gráfico 3.48. - Número e divisão por tipos dos recipientes cerâmicos do conjunto das antas

Do conjunto das 16 antas recolheram-se 223 recipientes para os quais foi possível reconstituir a morfologia original (Gráfico 3.48.). Em claro destaque encontram-se os recipientes de carena baixa (Tipo 11) com 60 exemplares (26,9%), seguindo-se os recipientes semi-esféricos (Tipo 2) com 37 (16,6%), os esféricos (Tipo 1) com 32 (14,4%), os de carena média ou alta (Tipo 12) com 21 (9,4%), os recipientes em calote de esfera (Tipo 3) com 15 (6,7%), os semi-elipsóides (Tipo 7) 12 (5,4%), os esféricos de colo estrangulado (Tipo 5) com 9 peças (4,1%), os elipsóides (Tipo 6) e os de corpo cilíndrico (Tipo 9) com 8 cada (3,6%), os troncocónicos (Tipo 8) com 7 (3,1%), os campaniformes (Tipo 13) com 5 (2,2%) e os ovais (Tipo 4) com 4 (1,8%). As “colheres” (Tipo 10) e os *diversos* são os tipos menos representados, com apenas 3 (1,3%) e 2 exemplares (0,9%), respetivamente.

Como é possível observar no gráfico 3.49., 67,9% (152) dos recipientes apresentam formas abertas (Tipos 2, 3, 4, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13 e *diversos*); 32,1% (72) possuem formas fechadas (Tipos 1, 5, 6, 7, 9, 11, 12 e 13).

O tipo morfológico 1 (esféricos) está presente num número muito significativo das antas estudadas, mais concretamente em 11 das 16 (ou seja, em cerca de 68,8%). Dentro deste tipo morfológico foi possível analisar 29

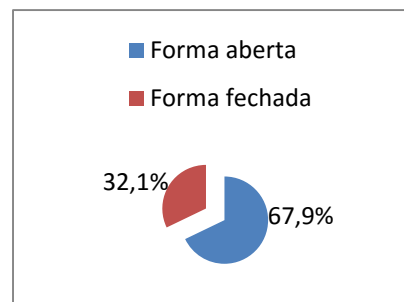


Gráfico 3.49. - Forma dos recipientes cerâmicos do conjunto das antas

recipientes², possuindo a sua maioria e.n.p. médios (15 peças, 51,7%); 10 exemplares têm pastas com e.n.p. finos (34,5%), e os restantes com e.n.p. grossos (4 peças, 13,8%). A textura das pastas é na sua maioria compacta (19 exemplares, 65,6%), seguindo-se as friáveis (7 peças, 24,1%) e as homogêneas (3 recipientes, 10,3%). No que respeita à cor das superfícies, a maioria dos recipientes apresentam a superfície externa e interna castanha (16 peças, 55,2%), sendo residuais os recipientes com superfície externa e interna vermelha (5 peças, 17,2%), superfície externa e interna cinzenta (4 peças, 13,8%), superfície externa castanha e interna cinzenta (3 peças, 10,3%) e superfície externa vermelha e interna castanha (1 recipiente, 3,5%). Perante estas evidências é possível concluir que existe um predomínio da cozedura oxidante (25, 86,2%) em detrimento da redutora, documentada por 4 peças (13,8%).

Uma grande porção de recipientes evidencia a superfície interna e externa alisada (14, 48,3%), sendo de menor quantidade as superfícies rugosas (6, 20,7%). No entanto é de salientar que ainda assim 9 (31%) recipientes apresentam a superfície exterior polida e a interior alisada.

Foi neste tipo morfológico que se encontrou o único fragmento que terá sido produzido pela técnica do rolo (3,5%); 7 (24,1%) terão sido relacionados com modelagem a partir de bola de barro; de resto, existe uma enorme quantidade de recipientes (21 peças, 72,4%) para os quais não foi possível determinar a técnica de fabrico aplicada.

O tipo morfológico 2³ (semi-esféricos) está representado em 10 das 16 antas estudadas. Os seus recipientes são compostos por pastas com e.n.p. finos (7 peças, 25%), com e.n.p. médios (11 peças, 39,3%) e com e.n.p. grossos (10 peças, 35,7%) revelando uma utilização quase uniforme de todos os tipos de e.n.p.. Pelo contrário, no que respeita à textura das pastas, estas são na sua maioria compactas (18 peças, 64,3%), seguidas das friáveis (8 peças, 28,6%) e em menor número, homogêneas (2 peças, 7,1%). O mesmo acontece com a cor das superfícies, grande parte desta amostra apresenta a superfície externa e interna castanha (13 peças, 46,4%), seguidas de recipientes com superfície externa e interna cinzenta (5 peças, 17,9%), superfície externa castanha e interna cinzenta (4 peças, 14,3 %), superfície externa e interna vermelha (3 peças, 10,7%), superfície externa vermelha e interna cinzenta (2 peças, 7,1%) e superfície externa cinzenta e interna castanha (1 peças, 3,6%). Grande parte das peças poderão ter sofrido uma cozedura oxidante (22 recipientes, 78,6%) e as restantes 6 (21,4%) talvez uma cozedura redutora.

Tal como acontece no tipo morfológico 1 (esféricos), o tratamento das superfícies mais utilizado é o alisamento de ambas as faces (12 peças, 42,9%), em menor número, com apenas 2 exemplares (7,1%), aparecem peças com a superfície exterior rugosa e a interior alisada e outras duas (7,1%) com ambas as superfícies polidas. É de salientar que 8 recipientes (28,6%) têm a superfície externa polida e a interna alisada e 4 peças (14,3%) apresentam a superfície exterior e interior rugosa

² Muito embora o tipo morfológico 1 seja constituído por 32 exemplares apenas pude analisar 29 uma vez que os restantes se encontram em colecção privada.

³ Muito embora o tipo morfológico 2 seja constituído por 37 exemplares apenas pude analisar 28 uma vez que os restantes se encontram em colecção privada.

No que respeita à técnica aplicada, talvez 7 recipientes (25%) tenham sido compostos por modelagem a partir de bola de barro, os restantes 21 (75%) são indetermináveis.

O tipo morfológico 3⁴ (calote de esfera) apenas está representado em 5 antas e tem na totalidade 10 exemplares. Estes são na maioria compostos por pastas com e.n.p. médios (7 peças, 70%), sendo os restantes 3 (30%) com e.n.p. grossos. É de ressaltar que não foi encontrado nenhum com e.n.p. finos. Tal como acontece no tópico anterior, existe uma total ausência de peças com pastas de textura homogênea, apenas existindo recipientes com textura compacta (9 recipientes, 90%), a exceção é apenas de 1 que tem a textura da pasta friável (1 exemplar, 10%). A cor das superfícies não revela uma predominância de um tipo, as cores das peças estão quase uniformemente divididas entre superfície externa e interna castanha (4 peças, 40%), superfície externa e interna vermelha (3 peças, 30%), superfície externa cinzenta e interna castanha (2 peças, 20%) e por fim, apenas existe 1 exemplar (10%) com a superfície externa castanha e a interna vermelha. No que respeita à cozedura, 8 recipientes (80%) poderão ter sofrido uma cozedura oxidante e apenas 2 (20%) uma cozedura redutora.

Nesta amostra apenas foi aplicado dois tipos de tratamentos de superfícies, 6 recipientes (60%) apresentam a superfície exterior e interior alisadas e 4 (40%) têm ambas as superfícies rugosas.

Não foi possível determinar qual a técnica de fabrico aplicada nestes recipientes.

O tipo morfológico 4 (ovais) é apenas representado por 4 exemplares encontrados em 2 antas (Currais do Galhordas e Tapadão da Relva). Na sua maioria são constituídas por pasta com e.n.p. finos (3 peças, 75%), havendo a exceção de 1 peça (25%) ser composta com e.n.p. grossos. Apenas se verificaram pastas de texturas compacta e homogênea, divididas equitativamente (2 peças cada uma, 50%). Duas das peças (50%) apresentam a superfície externa e interna castanha, a terceira (25%) tem a superfície externa e interna cinzenta e a última (25%) a superfície externa castanha e a interna cinzenta. Assim sendo, 3 recipientes (75%) poderão ter sido sujeitos a cozeduras oxidantes e apenas 1 (25%) a uma cozedura redutora.

A maior parte destas peças (3 exemplares, 75%) apresentam ambas as superfícies alisadas, a exceção é feita por apenas 1 peça (25%) que tem ambas as superfícies polidas.

Um dos recipientes (25%) talvez tenha sido fabricado através da modelagem a partir de bola de barro, nos restantes 3 (75%) a técnica de fabrico foi indeterminável.

O tipo morfológico 5⁵ (esféricos de colo estrangulado) é representado por 6 exemplares, e foi recolhido em 5 monumentos megalíticos. A maioria dos recipientes é

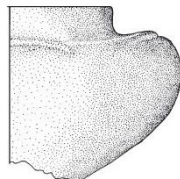
⁴ Muito embora o tipo morfológico 3 seja constituído por 15 exemplares apenas pude analisar 10 uma vez que 4 encontram-se apenas representados em publicação do OLIVEIRA, J. (1997) e não tive acesso aos materiais e 1 encontra-se em colecção privada.

⁵ Muito embora o tipo morfológico 5 seja constituído por 9 exemplares apenas pude analisar 5 uma vez que 1 encontram-se apenas representados em publicação do OLIVEIRA, J. (1997) e não tive acesso aos materiais e 2 encontra-se em colecção privada.

constituída por pastas com e.n.p. médios (5 recipientes, 83,3%), apenas 1 (16,7%) é composto com e.n.p. grossos. Tal como acontece no tópico anterior, 5 das peças (83,3%) têm uma textura de pasta compacta, sendo a exceção feita por uma (16,7%) que tem a textura da pasta friável. Neste conjunto é possível verificar uma ausência de recipientes com textura da pasta homogénea.

Existem três categorias representadas no que respeita às cores das superfícies, 3 peças (50%) têm a superfície externa e interna castanhas, 2 (33,3%) têm ambas as superfícies vermelhas e apenas 1 (16,7%) apresenta a superfície externa castanha e a interna cinzenta. Todas as peças poderão ter sofrido uma cozedura oxidante.

Quadro 4.50. - Decoração do recipiente cerâmico do tipo 5.

Decoração Plástica	PA 30	
--------------------	-------	---

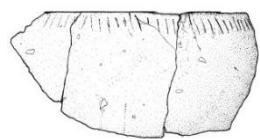
A sua maioria tem ambas as superfícies alisadas (4 recipientes, 66,6%), havendo apenas 1 recipiente (16,7%) com a superfície exterior e interior rugosa e outro (16,7%) com a superfície exterior rugosa e a interior alisada.

Foi identificado um exemplar (16,7%) que poderá ter tido como técnica de fabrico a moldagem a partir de bola de barro, a dos restantes é indeterminável (83,3%).

Existe um recipiente deste tipo morfológico decorado (PA 30) como é visível no quadro 4.50..

O tipo morfológico 6⁶ (elipsóides) é representado por 6 exemplares divididos por 4 antas. No que respeita à caracterização das pastas, 3 recipientes (50%) são compostos com e.n.p. médios, 2 (33,3%) com e.n.p. grossos e 1 (16,7%) com e.n.p. finos. Nas texturas das pastas já existe um predomínio das texturas compactas (5 peças, 83,3%) e apenas há um recipiente (16,7%) com a textura friável. Existem 3 categorias de cores presentes neste conjunto, superfície externa e interna castanha (3 peças, 50%), superfície externa e interna vermelha (2 peças, 33,3%) e superfície externa e interna cinzenta (1 peça, 16,7%). Assim, apenas 1 destes recipientes (16,7%) poderá ter sofrido uma cozedura redutora enquanto os outros (83,3%) poderão ter sido submetidos a uma cozedura oxidante.

Quadro 4.51. - Decoração do recipiente cerâmico do tipo 6.

Incisão	Incisões verticais junto ao bordo	
---------	-----------------------------------	---

A maioria dos recipientes apresenta a superfície exterior e interior alisada (4 peças, 66,7%) e apenas 2 (33,3%) apresentam a superfície exterior e interior polida.

⁶ Muito embora o tipo morfológico 6 seja constituído por 8 exemplares apenas pude analisar 6 uma vez que 1 encontram-se apenas representados em publicação do OLIVEIRA, J. (1997) e não tive acesso aos materiais e 1 encontra-se em colecção privada.

Não foi possível determinar a técnica de fabrico aplicada a estes recipientes cerâmicos.


Existe apenas um recipiente deste tipo morfológico decorado (TM 10). Este apresenta incisões verticais junto ao bordo que estariam presentes em toda a peça (Quadro 4.51.).

O tipo morfológico 7 (semi-elipsóides) é representado por 12 exemplares divididos por 5 antas. Cinco destes recipientes (41,7%) são compostos por e.n.p. grossos, 4 (33,3%) por e.n.p. médios e 3 (25%) por e.n.p. finos. No que respeita à textura das pastas, há um predomínio da textura compacta (9 peças, 75%) face à textura friável (3 peças, 25%). É importante referir que existe uma total ausência de pastas com texturas homogêneas. Neste conjunto 5 recipientes (41,8%) têm ambas as superfícies castanhas, em menor número 2 exemplares (16,7%) que têm a superfície externa e interna vermelha e com apenas 1 exemplar (8,3%) cada, existem peças com a superfície externa e interna cinzenta, com a superfície externa castanha e interna cinzenta, com a superfície externa cinzenta e interna castanha, superfície externa vermelha e interna castanha e superfície externa vermelha e interna cinzenta. Assim sendo, é possível identificar que a maioria das peças sofreu uma cozedura oxidante (10 recipientes, 83,3%) e apenas 2 (16,7%) sofreram cozeduras redutoras.

Grande parte dos recipientes apresentam a superfície exterior e interior alisada (6 peças, 50%), no entanto existem exemplares que sofreram tratamentos de superfícies que as deixaram polidas no exterior e alisadas no interior (4 peças, 33,3%), ou simplesmente rugosas em ambas as faces (2 peças, 16,7%).

Foi possível identificar a técnica da moldagem a partir de bola de barro em metade (50%) dos recipientes, nos restantes esta foi indeterminável.

Quadro 3.52. - Decoração do recipiente cerâmico do tipo 8.

Impressão	Penteada retilínea	
-----------	--------------------	---

O tipo morfológico 8⁷ (truncocónicos) é apenas representado por 5 exemplares, recolhidos em 3 antas. Grande parte é constituída por e.n.p. grossos (60%), no entanto 2 (40%) são compostos por e.n.p. finos. Não existe nenhum exemplar com e.n.p. médios. Existem 3 peças (60%) que apresentam uma textura compacta, uma (20%) textura friável e uma (20%) textura homogênea. Quase todos os recipientes apresentam cores de superfícies diferentes, 2 (40%) têm a superfície externa e interna cinzenta, os outros têm, superfície externa e interna castanha (1 peça, 20%), superfície externa castanha e interna cinzenta (1 peça, 20%) e superfície externa cinzenta e interna castanha (1 peça, 20%). Três destes recipientes (60%) poderão ter sofrido cozeduras redutoras e apenas 2 (40%) foram submetidos a cozeduras oxidantes.

No que respeita ao tratamento das superfícies, 2 peças (40%) têm a superfície externa e interna alisadas, outras duas possuem superfície exterior e interior rugosas (2 peça, 40%), e superfície exterior a interior polida (1 peça, 20%).

⁷ Muito embora o tipo morfológico 8 seja constituído por 7 exemplares apenas pude analisar 5 uma vez que 2 encontram-se apenas representados em publicação do OLIVEIRA, J. (1997) e não tive acesso aos materiais.

Não foi possível identificar a técnica aplicada a estes recipientes.

Existe um recipiente deste tipo morfológico decorado com uma impressão penteada retilínea que vem desde o bordo até ao fundo (CIV 25) como é visível no quadro 3.52..


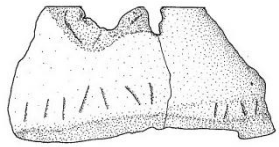
O tipo morfológico 9 (corpo cilíndrico) é representado por 8 exemplares, encontrados em 4 antas. Metade (4 peças) destes recipientes é constituída por e.n.p. finos e a outra metade por e.n.p. médios, revelando uma ausência de recipientes composto por e.n.p. grossos. A maioria das peças apresenta uma textura da pasta compacta (5 recipientes, 62,5%), ainda que 3 (37,5%) tenham uma textura friável. As cores das superfícies dividem-se em: superfície externa e interna vermelhas (3 peças, 37,5%), superfície externa e interna castanha (2 peças, 25%), superfície externa cinzenta e interna castanha (2 recipientes, 25%) e superfície externa e interna cinzenta (1 peça, 12,5%). Desta forma, 5 recipientes sofreram uma cozedura oxidante (62,5%) e 3 (37,5%) uma cozedura redutora.

No que respeita ao tratamento das superfícies, metade das peças apresenta a superfície exterior e interior alisadas (4 peças, 50%), de seguida aparecem 3 recipientes (37,5%) com a superfície exterior e interior polida e apenas 1 (12,5%) com a superfície exterior e interior rugosa.

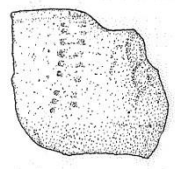
Foi identificada a técnica da modelagem a partir de bola de barro em 3 recipientes (37,5%), nos restantes (62,5%) esta identificação foi indeterminável.

Existem dois recipientes deste tipo morfológico decorados (Quadro 3.53.), ambos com incisões. Um (AII 4) apresenta puncionamentos simples em banda na zona do corpo da peça, o segundo (AII 112) apresenta incisões verticais e oblíquas junto ao fundo.

Quadro 3.53. - Decoração do recipiente cerâmico do tipo 9.

Incisão	Puncionamento simples em banda	
	Incisões verticais e oblíquas	

O tipo morfológico 10⁸ (colher) contempla apenas dois exemplares, oriundos da anta do Alcogulo 1 e da anta do Nave do Grou. Um dos recipientes é composto por e.n.p. finos e o outro por e.n.p. grosso, uma das peças têm a textura da pasta friável e a outra homogénea. Uma apresenta a superfície externa e interna castanha, enquanto a outra tem uma superfície externa castanha e interna cinzenta. Ambas revelam que sofreram uma cozedura oxidante.

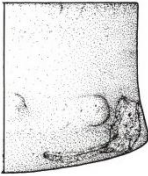

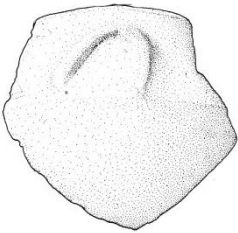
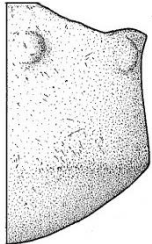
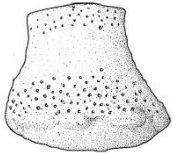
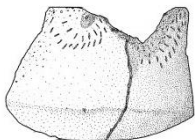
Incisão	Puncionamento simples em banda vertical	
---------	---	---

⁸ Muito embora o tipo morfológico 10 seja constituído por 3 exemplares apenas pude analisar 2 uma vez que os restantes se encontram em colecção privada.

De igual forma, estes 2 recipientes têm ambas as superfícies alisadas.

Foi identificada a técnica da modelagem a partir de bola de barro nas duas colheres.

O tipo morfológico 11⁹ (carena baixa) é que se encontra melhor representado nas antas em estudo. Tem 53 exemplares divididos por 12 antas. Grande parte dos recipientes é composto por e.n.p. médios (28 peças, 52,8%) e em menor número aparecem as peças constituídas por e.n.p. grossos (11 recipientes, 20,8%), ficando como intermédio os recipientes com e.n.p. finos (14 peças, 26,4%). No que respeita à textura das pastas, quase a totalidade apresenta textura de pasta compacta (38 peças, 71,7%), seguida pelas peças com textura de pasta friável (11 peças, 20,8 %) e apenas 4 (7,5%) têm a textura da pasta homogénea. Neste conjunto está presente amplas combinações de cores nas superfícies, 23 recipientes (43,4%) têm a superfície externa e interna castanha, 10 (18,9%) têm a superfície externa e interna vermelha, 7 (13,2%) têm a superfície externa e interna cinzenta, 6 (11,3%) têm a superfície externa cinzenta e interna castanha, 4 (7,6%) têm a superfície externa castanha e interna cinzenta, 2 (3,7%) têm a superfície externa vermelha e a interna castanha e apenas 1 (1,9%) tem a superfície externa vermelha a interna cinzenta. Com isto é possível concluir que a maioria das peças sofreu uma cozedura oxidante (40, 75,5%) enquanto as restantes sofreram uma cozedura uma cozedura

Decoração Plástica	Mamilos	
	Mamilos	
	PA 31	
	Mamilos	
Decoração Mista	Mamilos + puncionamento simples em banda	
	Mamilo + puncionamento oblíquo	

⁹ Muito embora o tipo morfológico 11 seja constituído por 60 exemplares apenas pude analisar 52 uma vez que 7 se encontram em colecção privada e 1 no museu de Vila Viçosa.

Quadro 3.55. - Decoração do recipiente cerâmico do tipo 12.

reduzida (13, 24,5%).


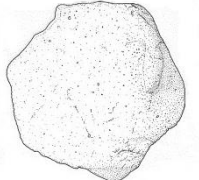
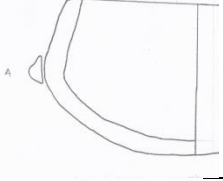
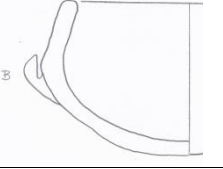

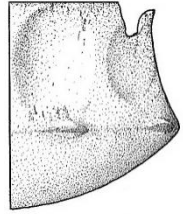
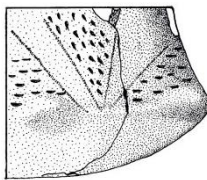
Quanto ao tratamento das superfícies, um elevado número de recipientes apresenta ambas as superfícies alisadas (29 peças, 54,7%), de seguida vem os recipientes com ambas as faces polidas (11 peças, 20,8%), os recipientes com ambas as superfícies rugosas (9 recipientes, 17%) e por último, as peças com a superfície exterior polida e interior alisada (4 recipientes, 7,5%).

Apenas foi possível identificar a técnica da modelagem a partir de bola de barro em 6 peças (11,3%), nas restantes 47 (88,7%) foi indeterminável.

Existem 7 recipientes (AI 13, AI 23, CII 71, TM 1, TM 3, PA 31, TR 7) deste tipo morfológico com decoração (Quadro 3.54.), a maioria destes recipientes possuem mamilos, ou mamilos em associação com outras técnicas decorativas. Estas decorações foram devidamente descritas anteriormente (capítulo 3.1.).

O tipo morfológico 12 (carena média ou alta) é representado por 21 recipientes distribuídos por 11 monumentos megalíticos. A sua maioria é

constituída por e.n.p. médios (14 peças, 66,7%) e por e.n.p. finos (7 recipientes, 33,3%), revelando uma ausência de recipientes compostos por e.n.p. grossos. No que respeita à textura das pastas, 14 recipientes (66,7%) apresentam uma textura compacta, 6 (28,6%) uma textura friável e apenas 1 (4,7%) apresenta uma textura homogênea. Nove recipientes (42,8%) têm a superfície externa e interna castanha, 5 (23,8%) têm a superfície externa castanha e a interna cinzenta, 3 (14,3%) têm ambas as superfícies cinzentas, 2 (9,5%) têm a superfície externa e interna vermelha, com apenas 1 exemplar (4,8%) cada, aparecem os recipientes com superfície externa cinzenta e interna castanha e com superfície externa vermelha e interna

Decoração Plástica	Mamilo	
	Mamilo (?) Arranque de asa (?)	
Decoração Mista	Mamilo + perfuração	
	Mamilo + puncionamento	
	Mamilo + Perfurações	
	Impressão digital + Mamilos	
	Mamilos repuxados + Incisão + Puuncionamento simples	

cinzenta. Desta forma, a maioria dos recipientes sofreu uma cozedura oxidante (17, 81%) enquanto os restantes foram sujeitos a uma cozedura redutora (4, 19%).

O tratamento das superfícies mais aplicado foi o do alisamento em ambas as superfícies (12 peças, 57,2%), de seguida aparecem 4 recipientes (19%) com a superfície exterior e interna rugosa e com o mesmo número existem recipientes com ambas as superfícies polidas. Apenas aparece uma peça (4,8%) com a superfície exterior polida e interior alisada.

Foi identificada a técnica da modelagem a partir de bola de barro em 2 recipientes (9,5%), nos restantes 19 (90,5%) foi indeterminável.

Existem 6 recipientes decorados (AIII vaso 1, CII 115, TM 14, Vaso 4, Vaso 28 e TR 4), quase todos têm mamilos como decoração (Quadro 4.55.). Todos foram descritos anteriormente, na análise por antas (3.1.).

O tipo morfológico 13¹⁰ (campaniforme) é constituído por 3 exemplares, encontrados em 3 antas. Um deles é constituído por e.n.p. finos, outro por e.n.p. médios e um por e.n.p. grossos. Dois têm uma textura de pasta friável e a outra tem uma textura compacta. Não existe nenhum exemplar com uma textura de pasta homogénea. Todos os recipientes apresentam a superfície externa e interna castanha, podendo revelar que todos sofreram cozedura oxidante.

No que respeita ao tratamento das superfícies, uma peça apresenta a superfície exterior e interior alisada, outro com a superfície exterior polida e interior alisada, por último existe uma peça com ambas as superfícies polidas.

Não foi possível identificar a técnica aplicada.

A partir da dispersão dos materiais nas antas que forneceram informação acerca da localização dos mesmos é possível observar que o tipo morfológico 1 (esféricos) estão presentes quase com o mesmo número na câmara (9 peças, 56,3%) e no corredor (7 recipientes, 43,7%). Os recipientes do tipo morfológico 2 (semi-esféricos) apresentam o dobro dos recipientes na câmara (12 peças, 66,7%) em comparação com os encontrados no corredor (6 recipientes, 33,3%). No tipo morfológico 3 (calote de esfera) conseguiu-se localizar 4 recipientes, no entanto 3 (75%) foram retirados do interior da câmara e apenas 1 (25%) estava localizado no corredor. O tipo morfológico 4 (ovais) apenas foi encontrado no corredor (2 peças). O tipo morfológico 5 (esféricos de colo estrangulado) foi encontrado na câmara (3 peças, 60%) e no corredor (2 recipientes, 40%). O tipo morfológico 6 (elipsóides) e 7 (semi-elipsóides) foram encontrados em igual número no corredor e na câmara, um exemplar em cada. O único recipiente de tipo morfológico 8 (truncocónicos) foi encontrado no corredor. O tipo morfológico 9 (corpo cilíndrico) está representado por 3 recipientes (60%) no corredor e 2 (40%) na câmara. Não foi possível localizar nas antas nenhum recipiente do tipo

¹⁰ Muito embora o tipo morfológico 13 seja constituído por 4 exemplares apenas pude analisar 3 uma vez que o restante se encontram em colecção privada.

morfológico 10 (colher). Os recipientes do tipo morfológico 11 (carena baixa) aparece em grande número no interior da câmara (19 peças, 63,3%), mas também aparecem num número significativo no corredor (11 recipientes, 36,7%). O mesmo acontece com as peças do tipo morfológico 12 (carena baixa ou alta) onde aparecem em maior quantidade no interior da câmara (9 peças, 75%) e 3 (25%) no corredor. Os recipientes do tipo morfológico 13 (campaniformes) só se encontraram na câmara (2 recipientes).

4. Tentativa de Enquadramento Cronológico dos Monumentos Megalíticos do Concelho de Castelo de Vide a Partir dos Respetivos Conjuntos Artefactuais

O concelho de Castelo de Vide possui 19 antas que forneceram materiais arqueológicos, não existindo, no entanto, datações absolutas suficientes que as permitam localizar temporalmente. Para colmatar esta lacuna optei por seguir a proposta de Boaventura e Mataloto (2013), desenvolvida para o Alentejo e Algarve, regiões carentes deste tipo de datações.

Os referidos autores, com a colaboração de Monge Soares, criaram um modelo cronológico para o Megalitismo do Sul de Portugal, que teve como base de referência 150 datações absolutas consideradas “seguras”, “provenientes de locais habitacionais temporalmente contemporâneos de vários tipos de sepulcros, bem como destes últimos, normalmente enquadrados em 4 grupos genéricos: grutas naturais, antas, grutas artificiais e tholoi” (BOAVENTURA & MATALOTO, 2013: 81). Os autores realizaram uma avaliação crítica de todos os contextos arqueológicos e tiveram em conta a natureza dos materiais orgânicos datados, excluindo deste modo datações que não cumpriam parâmetros mínimos de segurança. Pretenderam assim reduzir o erro no intervalo temporal que define o chamado *Fenómeno Megalítico* do sul.

As 150 datações referidas permitiram, deste modo, estabelecer distintas fases da evolução do Megalitismo, fases essas igualmente individualizáveis em função de “pacotes artefactuais” particulares.

De acordo com Boaventura e Mataloto (*idem*), as mais antigas manifestações “megalíticas” – utilização de cavidades naturais e sepulcros proto-megalíticos – iniciam-se genericamente na primeira metade do IV milénio a.n.e., e apresentam ao nível do espólio arqueológico micrólitos geométricos, lâminas delgadas pouco retocadas e utensílios de pedra polida, estando ausente a cerâmica. “As datações das ocupações anteriores às antas de Vale Rodrigo 2 e 3 foram utilizadas para balizar de alguma forma um momento inicial da sequência, designada Fase 1. As datas sobre carvão Ua-10830 e KIA-31381 (3940-3520 cal BCE e 3940-3700 cal BCE) parecem estabelecer momentos de *termini post quos*, portanto anteriores à construção dos respetivos sepulcros” (*idem*, 94) (Figura 4.1.).

A Fase 2, também denominada “*pré-ídolos-placa*”, corresponde à “emergência e generalização do Megalitismo pelo menos desde o segundo quartel do IV milénio a.n.e., ou mais apropriadamente os meados do milénio. Esta fase, onde essencialmente se conhecem espólios utilitários, teria perdurado até aos meados do último quartel deste milénio” (*idem*, 96) (Figura 4.1.), encontrando-se documentada por conjuntos artefactuais mais arcaicos – geométricos, lâminas, instrumentos de pedra polida e raros recipientes cerâmicos lisos (normalmente globulares) – onde não constam pontas de seta, ídolos-placa e variantes, alabardas, lâminas ovóides e lâminas espessas retocadas (*idem*, 94-95).

De um modo geral, esta Fase 2 poderia ser correlativa da primeira etapa de utilização dos monumentos megalíticos do concelho de Reguengos de Monsaraz, definida pelo casal Leisner (LEISNER & LEISNER, 1985; GONÇALVES, 1992), bem documentada na Anta 1 do Poço da Gateira, onde se exumaram “12 machados polidos de secção cilíndrica, 1 machado de secção trapezoidal, 12 enxós, 1 goiva, 22 micrólitos, 8 lâminas sem retoque e vasos esféricos e esféricos achatados, de superfície almagrada, sem decoração” (LEISNER & LEISNER, 1985:214; 1951).

Dos últimos séculos do IV aos meados do III milénio a.n.e. terá decorrido a Fase 3, observando-se então “a introdução de um pacote artefactual mais ideotécnico” (BOAVENTURA & MATALOTO, 2013: 96), onde podem encontrar-se ídolos-placa, pontas de seta, recipientes cerâmicos fechados e abertos, alabardas, lâminas ovóides e grandes lâminas retocadas. Aparentemente, nesta fase, sobretudo na transição do IV para o III milénio a.n.e., a construção de antas parece verificar-se ainda (*idem*, 92) (Figura 4.1.).

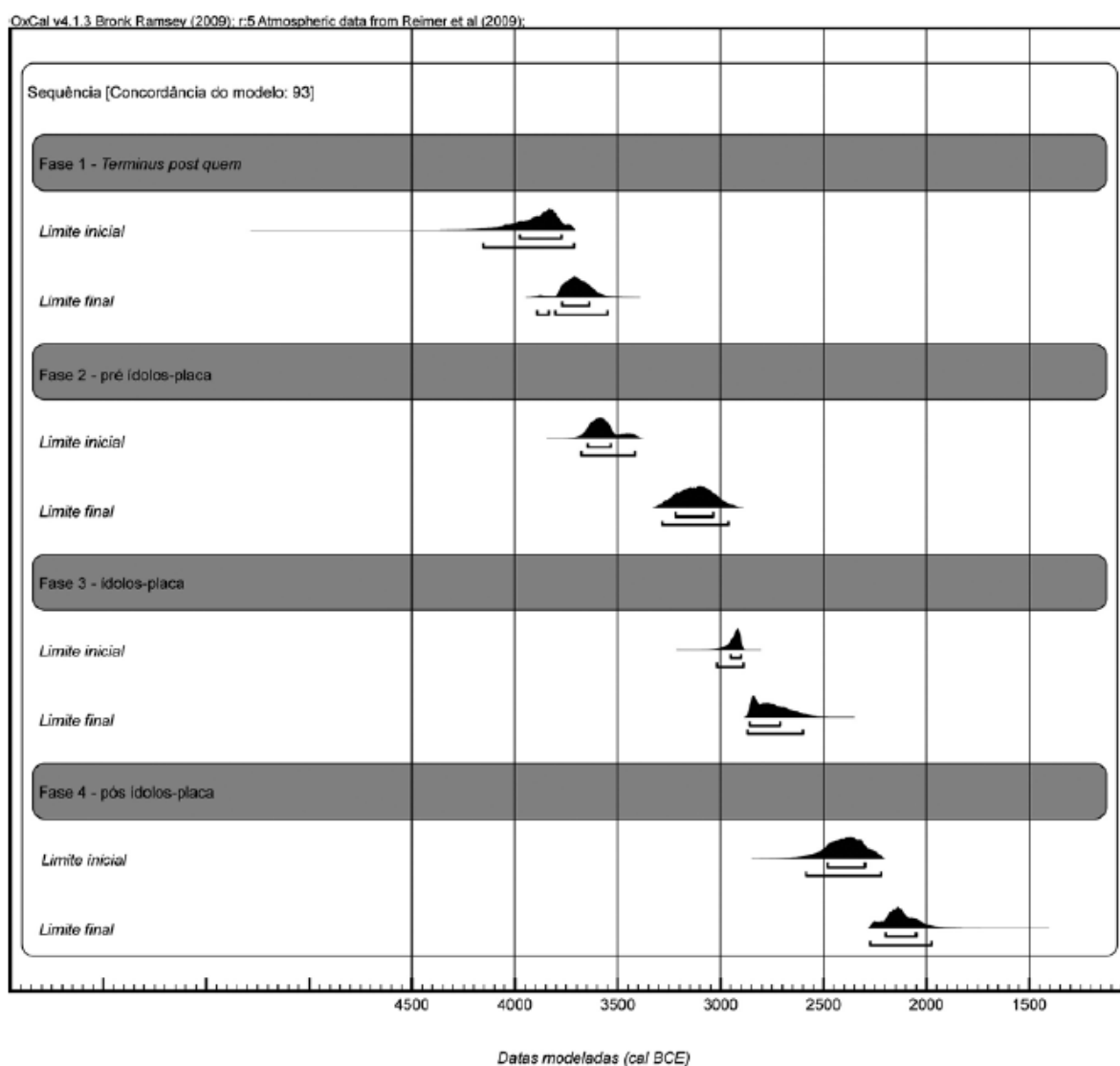


Figura 4.1. – Fases sequenciadas dos sepulcros do Sul de Portugal (BOAVENTURA & MATALOTO, 2013: 95)

Ainda em relação aos recipientes cerâmicos, Boaventura e Mataloto (2013) salientam que os dados disponíveis não permitem para já esclarecer o momento da sua introdução generalizada enquanto artefacto funerário. É um facto que nas deposições mais antigas estes materiais não estão presentes; durante a primeira metade do III milénio a.n.e. a sua ocorrência torna-se abundante. Assim, os autores consideram provável que no último quartel do IV milénio a.n.e. a sua introdução tenha ocorrido em associação a geométricos, pequenas lâminas e utensílios de pedra polida, i.e., em associação ao pacote artefactual “arcaico” (*idem*, 94).

A Fase 4 inicia-se pelo menos na segunda metade do III milénio prolongando-se até aos meados do milénio seguinte (Figura 4.1.). Segundo Mataloto e Boaventura (2013), “parece ter corrido já num período em que vários sepulcros parecem ter sido encerrados ou com reutilizações onde a cultura material associada se mantém pouco legível, mas aparentemente sem uma relação direta com as práticas funerárias que deram origem e mantiveram o uso daquelas estruturas” (*idem*, 95). Ainda de acordo com estes autores, é interessante verificar que a proposta para o final do que se entende como Megalitismo coincide genericamente com o aparecimento de cerâmicas com formato e decoração campaniformes (*idem*, 96).

Assiste-se igualmente, nesta fase, a modificações importantes na estrutura arquitetónica dos monumentos. Por exemplo, poderá ter havido remoção de lajes que permitem novas entradas na câmara funerária e mesmo no corredor, prolongamento destes últimos, intervenções nas mamoadas, entre outros. No caso da anta dos Currais do Galhordas este tipo de ações terá ocorrido de forma bastante evidente (Monteiro-Rodrigues 2013, 2015, no prelo).

Como acima referi, a inexistência de datações absolutas para as antas de Castelo de Vide impossibilita o seu enquadramento cronológico preciso. No entanto, a utilização das propostas de Mataloto e Boaventura (2013) enquanto exercício preliminar permitiu avançar algumas hipóteses que terão de ser obviamente confirmadas através de investigação futura.

Quadro 4.2. Conjuntos artefactuais por anta e por fases segundo a cronologia de BOAVENTURA & MATALOTO

Antas	Materiais Arqueológicos Associados	Fase 1	Fase 2	Fase 3	Fase 4
Alcogulo 1	•Lâminas/Lamelas	-	-	Retocadas	-
	• Micról. Geom.	-	x	-	-
	• Pontas de seta;	-	-	x	-
	• M.P.P.	-	x	-	-
	• Cerâmica	-	Globulares	Colher	Carenada
	• Contas de colar	-	-	x	-
	• Placas de “xisto”	-	-	x	-
	• Outros	-	-	-	-
Alcogulo 2	•Lâminas/Lamelas	-	Não retocadas	Retocadas	-
	• Micról. Geom.	-	x	-	-
	• Pontas de seta	-	-	x	-
	• M.P.P.	-	x	-	-
	• Cerâmica	-	Globular	-	Carenada;
	• Contas de colar	-	-	x	Campaniforme
	• Placas de “xisto”	-	-	x	-

Antas	Materiais Arqueológicos Associados	Fase 1	Fase 2	Fase 3	Fase 4
	• Outros	-	-	-	-
Alcogulo 3	• M.P.P. • Cerâmica • Placas de “xisto”; • Báculo	- - - -	x - - -	- - x x	- Carenada - -
Anta do Cabeço	• M.P.P. • Placas de “xisto”	- -	x -	- x	- -
Coureleiros 1	• Lâminas/Lamelas • Micról. Geom. • Pontas de seta • Percutores • M.P.P. • Enxós • Moventes • Cerâmica • Contas de colar • Placas de “xisto” • Outros	- - - - - - - - - - -	Não retocadas x - - x x - - - - -	Retocadas - x - - - - - - x x	- - - - - - - Carenada - - -
Coureleiros 2	• Lâminas/Lamelas • Micról. Geom. • Pontas de seta; • M.P.P. • Enxós • Cerâmica • Contas de colar • Placas de “xisto” • Outros	- - - - - - - - -	Não retocadas x - x x - - - -	Retocadas - x - - - - x x -	- - - - - Carenada - - -
Coureleiros 4	• Micról. Geom. • Percutores • M.P.P. • Enxós • Moventes • Outros	- - - - - -	x - x x - -	- - - - - -	- - - - - -
Coureleiros 5	• Lâminas/Lamelas • Micról. Geom. • Pontas de seta • Percutores • M.P.P. • Enxós • Cerâmica • Placas de “xisto” • Outros	- - - - - - - - -	Não retocadas x - - x x - - -	Retocadas - x - - - - - x -	- - - - - - - - -
Mosteiros	• Lâminas/Lamelas • Micról. Geom. • Pontas de seta • Pontas de lança • Alabardas • M.P.P. • Cerâmica • Contas de colar • Placas de “xisto” • Zoomorfos • Outros	- - - - - - - - - - -	Não retocadas x - - - - x Cerâmica com engobe - - -	- - x x x - Globular x x x -	- - - - - - Carenada - - - -
Pai Anes	• Lâminas/Lamelas • Micról. Geom. • Pontas de seta • M.P.P. • Cerâmica • Contas de colar	- - - - - -	- x - x - -	Retocadas - x - -	- - - Carenada

Antas	Materiais Arqueológicos Associados	Fase 1	Fase 2	Fase 3	Fase 4
	<ul style="list-style-type: none"> • Placas de “xisto” • Outros 	- -	- -	x	
Tapada do Souto	<ul style="list-style-type: none"> • Cerâmica 				Carenada
Currais do Galhordas	<ul style="list-style-type: none"> • Micról. Geom. • Pontas de seta • M.P.P. • Enxós • Cerâmica • Contas de colar • Placas de “xisto” • Outros 		x x x	x Fundo Plano x x	Carenada Campaniforme.
Cerejeiro 1	<ul style="list-style-type: none"> • Lâminas/Lamelas • Micról. Geom. • M.P.P. • Cerâmica • Outros 		Não retocadas x x		
Vale da Estrada	<ul style="list-style-type: none"> • Lâminas/Lamelas • Pontas de seta • Cerâmica • Contas de colar • Placas de “xisto” • Outros 			Retocadas x x x	Carenada; Campaniforme.
Tapadão da Relva	<ul style="list-style-type: none"> • Lâminas/Lamelas • Micról. Geom. • Pontas de seta • M.P.P. • Enxós • Cerâmica • Contas de colar • Placas de “xisto” • Outros 		Não retocadas x x x	x x x	Carenada; Campaniforme.
Tapada dos Olheiros	<ul style="list-style-type: none"> • M.P.P. • Enxós • Cerâmica • Contas de colar • Placas de “xisto” • Báculos • Outros 		x x	x x x	Carenada
Porto Eivado	<ul style="list-style-type: none"> • Lâminas/Lamelas • Pontas de seta • Percutores • M.P.P. • Moventes • Cerâmica • Placas de “xisto” • Outros 		Não recotadas x	Retocadas x x	
Casa dos Galhardos	<ul style="list-style-type: none"> • Lâminas/Lamelas • Micról. Geom. • Pontas de seta • Cerâmica • Contas de colar • Outros 		Não retocadas x	x x	Carenada
Nave do Grou	<ul style="list-style-type: none"> • Micról. Geom. • M.P.P. • Cerâmica. 		x x	Colher.	

Legenda: M.P.P. – Machados de Pedra Polida; Micról. Geom. – Micrólitos Geométricos

Assumindo esta proposta de datação baseada na presença/ ausência de certas categorias artefactuais (Quadro 4.2.) (BOAVENTURA & MATALOTO 2013) constata-se que a construção dos dólmenes do concelho de Castelo de Vide poderá ter-se iniciado na denominada Fase 2, isto é, em torno do intervalo compreendido entre 3750-3125 a.n.e.. O desconhecimento de evidências arqueológicas atribuíveis à Fase 1 (*idem*) poderá traduzir a sua real inexistência na região ou, simplesmente, decorrer da falta de investigação sistemática. Torna-se por isso fundamental proceder à escavação integral dos monumentos megalíticos por forma a detetar eventuais vestígios que remetam para momentos anteriores à sua construção (Fase 1).

Entre os diversos monumentos megalíticos do Quadro 4.2., 17 poderão remontar à Fase 2 – em função da presença de micrólitos geométricos, lâminas não retocadas, instrumentos de pedra polida e alguns vasos globulosos –, apesar de a maior parte conter igualmente materiais arqueológicos de fases mais recentes (Fase 3 e Fase 4). No entanto, a anta dos Coureleiros 4 e a anta do Cerejeiro 1 (ver Anexo 1) possuem apenas elementos do “pacote artefactual” da Fase 2. No primeiro caso – Coureleiros 4 – encontraram-se 8 machados de pedra polida, 3 micrólitos geométricos e 3 enxós; no segundo caso – Cerejeiro 1 – exumaram-se 2 machados de pedra polida, 2 lâminas não retocadas e 1 micrólito geométrico.

Coureleiros 4 integra-se numa necrópole composta por 5 monumentos, sendo esta a única anta da necrópole que forneceu um conjunto artefactual homogéneo, que permite delimitar cronologicamente a sua utilização (como se referiu, da Fase 2: c. 3750-3125 a.n.e.). Curiosamente, na anta dos Coureleiros 2 (a poucos metros da anta número 4) obteve-se uma datação pelo C14 que, apesar do elevado desvio padrão, abrange ainda os últimos 300 anos do IV milénio (4240+/-150 BP: 3335-2459 cal BC 2σ) (OLIVEIRA, 1997).

Coureleiros 4 é uma anta de câmara e corredor diferenciados cujo diâmetro máximo da câmara é de aproximadamente 2,70 metros e a dimensão atual do corredor é de aproximadamente 1,50 metros, encontrando-se orientado a Este. Apesar deste monumento possuir apenas artefactos representativos da Fase 2, ele é arquitetonicamente semelhante à anta da Nave do Grou e à da Tapada dos Olheiros, as quais possuem evidências de utilizações de diversas fases cronológicas (Quadro 4.3.). No caso da anta da Nave do Grou ocorrem materiais conectáveis com a Fase 2 e a Fase 3; na anta da Tapada dos Olheiros foram encontrados “fósseis-diretores” da Fase 2, Fase 3 e Fase 4. Perante isto, pode supor-se que monumentos aparentemente contruídos numa mesma fase e com as mesmas características arquitetónicas terão tido diferentes padrões de utilização/ reutilização, ou seja, cada anta terá tido uma “história” particular.

Fazendo a análise das necrópoles – Alkogulo (Alkogulo 1, Alkogulo 2, Alkogulo 3 e Anta do Cabeço) e Coureleiros (Coureleiros 1, Coureleiros 2, Coureleiros 4 e Coureleiros 5) (Quadro 4.2) – constata-se que os monumentos que as constituem terão sido inicialmente utilizados (e eventualmente construídos) durante a Fase 2, uma vez mais em função da ocorrência em todos eles de micrólitos geométricos, machados de pedra polida, lâminas não retocadas, enxós e alguns recipientes cerâmicos globulosos.

A maioria das antas da Fase 2 encontra-se orientada a Este, como é o caso do Alcogulo 1, Alcogulo 2, Coureleiros 1, Coureleiros 2, Coureleiros 5, Mosteiros, Pai Anes, Currais do Galhordas, Tapada dos Olheiros, Casa dos Galhardos e Nave do Grou. Apenas o Tapadão da Relva tem orientação para Sudoeste. Nos restantes (Alcogulo 3, Anta do Cabeço e Porto Eivado) o estado de conservação não permitiu determinar a orientação da entrada (ver Anexo 1). A única anta que não forneceu artefactos conectáveis com a Fase 2 (apenas com a Fase 3 e Fase 4) encontra-se igualmente orientada a Este.

No que respeita à arquitetura, as antas da Fase 2 apresentam tipologias variadas: monumentos com câmara muito grande e corredor longo (Coureleiros 1 e Mosteiros); câmara grande e corredor longo (Alcogulo 1, Alcogulo 2, Coureleiros 2, Currais do Galhordas e Tapadão da Relva); câmara média e corredor médio (Coureleiros 5); câmara média e corredor curto (Coureleiros 4, Tapada dos Olheiros e Nave do Grou); câmara muito grande (e corredor indeterminável) (Porto Eivado) e câmara grande (e corredor indeterminado) (Alcogulo 3 e Pai Anes).

O pacote artefactual que remete para a Fase 3, presente em 16 antas, é, como se referiu, composto por ídolos-placa, pontas de seta, recipientes cerâmicos fechados e abertos, alabardas, lâminas ovóides e grandes lâminas retocadas. A presença de báculos está apenas documentada nas antas do Alcogulo 3 e Tapada dos Olheiros.

Este pacote artefactual nunca surge isolado; associa-se quer ao pacote artefactual que estabelece a fase 2, quer ao que estabelece a fase 4, quer ainda a ambos, documentando assim sistematicamente situações de reutilização dos monumentos megalíticos. Entre os que apresentam reutilizações que poderão ser temporalmente mais alargadas constam o Alcogulo 1, o Alcogulo 2, o Alcogulo 3, o Coureleiros 1, os Mosteiros, o Pai Anes, o Currais do Galhordas, o Tapadão da Relva, a Tapada dos Olheiros e a Casa dos Galhardos, todos eles com pacotes artefactuais da Fase 2, 3 e 4 (Quadro 4.2.).

A anta do Vale da Estrada (ver anexo 1) é a única que não apresenta qualquer vestígio de utilização anterior à Fase 3, pelo que a sua construção/ primeira utilização poderia datar dos finais do III a meados do II milénio a.n.e.. No entanto, para além de se tratar de uma cronologia demasiado tardia para a edificação de antas, não é de excluir a hipótese da ausência do pacote artefactual relativo à Fase 2 decorrer simplesmente de perturbações relacionadas com utilizações recorrentes do monumento ou mesmo ser resultado da metodologia empregue na sua escavação (feita por não especialistas).

Apesar dos materiais desta fase estarem presentes em inúmeras antas de Castelo de Vide, estes destacam-se no monumento dos Mosteiros, o maior dólmen do concelho (ver anexo 1). Nele exumaram-se 16 placas de “xisto”, 193 pontas de seta, 8 “pontas de lança”, 12 alabardas, 211 contas de colar e 1 zoomorfo. De notar que este material provém apenas do corredor, a única área escavada da anta.

O “valor cronológico” que nesta Fase 3 da evolução dos monumentos megalíticos é atribuído às placas de “xisto” (BOAVENTURA & MATALOTO, 2013) parece encontrar sustentação em contextos arqueológicos não funerários deste mesmo período. No povoado de

fossos de Águas Frias (Alandroal) identificaram-se inúmeros artefactos deste tipo, que foram enquadrados nos finais do IV^o milénio/ inícios do III^o milénio (CALADO, 2004; ROQUE, 2012; GONÇALVES 2013).

Todavia, os trabalhos de OLIVEIRA (2006) na Anta da Horta (Coudelaria de Alter, Alter do Chão) sugerem uma cronologia um pouco mais recuada para este objeto votivo, ainda dentro dos finais do IV milénio a.n.e. (3350-3020 cal BC 2 σ).

De acordo com Monge SOARES (2008), os recipientes cerâmicos que se enquadram no intervalo cronológico 3000-2500 a.n.e., ou seja, na Fase 3 (BOAVENTURA & MATALOTO, 2013) incluem vasos com mamilos junto ao bordo, copos e “colheres”. Estas últimas (Tipo 10, ver capítulo 2 e 3) estão presentes em apenas 3 antas do concelho de Castelo de Vide: Alcogulo 1 (1 unidade), Alcogulo 2 (1 unidade) e Nave do Grou (1 unidade). Esta fraca representatividade é comum a outros contextos arqueológicos alentejanos, como é o caso do Locus da Toca da Raposa (Coudelaria de Alter) (OLIVEIRA, 2006: 77), da Anta da Herdade dos Galvões (Alandroal) e da Anta do Olival da Pega 1 (Reguengos de Monsaraz) (LEISNER & LEISNER, 1959).

Outros autores (DINIZ, 2000; GONÇALVES & SOUSA, 2000) afirmam que é neste período cronológico que começam a aparecer as taças carenadas, nomeadamente de carena baixa. No entanto, nos monumentos megalíticos de Castelo de Vide não é ainda possível determinar com segurança o momento a partir do qual se inicia a sua produção. No caso da anta dos Currais do Galhordas, MONTEIRO-RODRIGUES (2015) atribui provisoriamente os vasos desta tipologia à Idade do Bronze Pleno do Sul de Portugal (primeira metade do II milénio a.n.e.).

A Fase 4, a mais difícil de individualizar, tem sido caracterizada pela presença de recipientes cerâmicos com carena baixa, carena média ou carena alta (e.g. taças tipo “Atalaia” e tipo “Odivelas”), e por recipientes do “mundo” campaniforme (MATALOTO, 2007; PONTE *et al.* 2012; BAPTISTA *et al.* 2013; MATALOTO & BOAVENTURA, 2013). Segundo MATALOTO (2007: 131), este espólio votivo liga-se ao universo das necrópoles do II milénio a.C. do chamado Bronze Pleno do Sudoeste Peninsular.

Em Castelo de Vide, na anta dos Currais do Galhordas, esta fase foi datada pelo radiocarbono precisamente do segundo quartel do II milénio a.n.e. (MONTEIRO-RODRIGUES *et al.*, 2016). Trata-se de uma reutilização do monumento em que surgem pequenas taças com carena baixa, taças com carena média e recipientes campaniformes. Análises aos conteúdos de três vasos relacionados com este período permitiram identificar restos de peixe e frutos vermelhos (vasos 6 e 11) e leite com restos vegetais (vaso 10) (MONTEIRO-RODRIGUES *et al.*, 2016).

No artigo “Paisagem, memória e identidade: tumulações megalíticas no pós-megalitismo alto-alentejano”, MATALOTO (2007: 130) salienta que os pacotes artefactuais exumados noutras antas de Castelo de Vide – *Anta I e II do Alcogulo* [Alcogulo 1 e Alcogulo 2], *Anta II dos Coureleiros* [Coureleiros 1] e *Anta IV dos Coureleiros* [Coureleiros 2], *Anta do Galhardo* [Casa dos Galhardos], *Anta de Olheiros* [Tapada dos Olheiros], *Anta do Pai*

Anes [Pai Anes], *Porto Aivado* [Porto Eivado], *Anta da Tapada de Matos* [Mosteiros], *Tapadão da Relva* [Tapadão da Relva] e *Anta do Vale da Estrada* [Vale da Estrada]¹¹ – remetem igualmente para reutilizações durante a Idade do Bronze, o que, aliás, é coincidente com os resultados a que cheguei (Quadro 4.2.).

No caso da anta da Tapada do Souto, a sua inclusão exclusiva na Fase 4 será seguramente aparente, uma vez que nunca foi escavada, e o fragmento de vaso de carena média nela exumado resultou de um achado fortuito. Uma apreciação geral à estrutura do monumento (muito destruído) sugere tratar-se de uma anta de dimensões grandes, semelhante a muitas outras existentes no concelho (Quadro 4.3.).

Estas reutilizações de longa duração de monumentos megalíticos são desde há muito defendidas por diversos autores. GARCÍA SANJUÁN (2005), por exemplo, a propósito da anta da Colada de Monte Novo (Olivenza, Badajoz), mostra evidências da utilização continuada do espaço interior do monumento durante a Idade do Bronze, através da existência de “enterramentos secundários” acompanhados de vários recipientes cerâmicos de carena baixa “tipo Atalaia” (SANJUÁN, 2005).

Um outro aspeto que importa referir, diz respeito às formas cerâmicas globulares, normalmente consideradas mais antigas. De facto, estas formas continuam a ser produzidas, e mesmo reutilizadas, durante a Idade do Bronze (e.g. MONTEIRO-RODRIGUES *et al.* 2016), pelo que não podem servir de “fóssil-diretor”. No caso das necrópoles de cistas de Aracena, por exemplo – La Puente, La Papua e La Barranquera –, recolheram-se vasos cerâmicos de tipologia “arcaica” num contexto datado da Idade do Bronze (MACÍAS, 1997).

Em suma, e segundo Mataloto, “a reutilização dos espaços funerários do IV/III milénio a.C. deve ter desempenhado um papel fulcral na estruturação espacial e identitária dos grupos populacionais do milénio seguinte, num processo que não foi certamente unívoco, antes diverso e complexo” (MATALOTO, 2005: 123). Ou seja, segundo o autor, inicia-se o lento processo de “triagem” social que conduz à formação das “linhagens do poder”, possivelmente as únicas com acesso a tumulações “especiais”.

Quadro 4.3. Correlação da arquitectura dos monumentos megalíticos com as Fases de ocupação segundo BOAVENTURA & MATALOTO

Arquitetura	Monumentos	Fase 1	Fase 2	Fase 3	Fase 4
Câmara muito grande – Corredor longo	Coureleiros 1				
	Mosteiros				
	Vale da Estrada				
Câmara muito grande – Corredor indeterminado	Porto Eivado				
Câmara grande –	Alcogulo 1				

¹¹ Ver anexo 2 – A denominação das antas referida por Mataloto (2007) é com base na de Jorge de Oliveira (1997).

Arquitetura	Monumentos	Fase 1	Fase 2	Fase 3	Fase 4
Corredor longo	Alcogulo 2				
	Coureleiros 2				
	Currais do Galhordas				
	Tapadão da Relva				
Câmara grande – Corredor indeterminado	Alcogulo 3				
	Pai Anes				
	Tapada do Souto		???	???	
Câmara média – Corredor médio	Coureleiros 5				
Câmara média – Corredor curto	Coureleiros 4				
	Tapada dos Olheiros				
	Nave do Grou				

Relacionando as características arquitetónicas dos monumentos megalíticos, sobretudo no que respeita à dimensão da câmara e do corredor, com as respetivas fases de construção/utilização (definidas a partir dos pacotes artefactuais neles identificados, de acordo com BOAVENTURA & MATALOTO, 2013) (Quadro 4.3.), observam-se dois aspetos dignos de menção: a) aparentemente, todas as antas estudadas terão sido erigidas na chamada Fase 2, isto é, entre 3750 e 3125 cal BC – portanto, entre o segundo quartel do IV milénio cal BC e os últimos séculos do mesmo milénio; b) A tendência para a utilização de longa duração dos monumentos megalíticos parece ser uma realidade comum à maior parte. De facto, verifica-se que a sua esmagadora maioria forneceu artefactos que documentam arqueologicamente a Fase 2, a 3 e a 4. Todavia, constata-se que nas antas dos Coureleiros 4 e 5 e na anta da Nave do Grou – todas elas com câmara média e corredor tendencialmente pequeno – os vestígios arqueológicos da Fase 4 não estão presentes. Terá isto algum significado cultural? Relevará esta situação algum tipo de preferência por deposições em monumentos de maiores dimensões a partir de um determinado momento? Ou será simplesmente consequência de um registo de campo deficiente, que não permitiu identificar artefactos de uma fase mais tardia? Só com mais investigação será possível responder a tais questões.

5. Conclusão

5.1. Principais conclusões

As principais conclusões alcançadas com este trabalho foram as seguintes:

- O conhecimento do Fenómeno Tumular Megalítico de Castelo de Vide está bastante condicionado devido à perda de muita informação importante, fruto de escavações ilegais, escavações sem qualquer critério científico, falta de publicação de resultados, entre outros;
- Os trabalhos arqueológicos realizados no concelho nunca foram sistemáticos (desde o século XIX aos finais do século XX);
- Existe uma certa homogeneidade nas características arquitetónicas dos monumentos megalíticos do concelho de Castelo de Vide;
- Existe uma grande variedade morfológica nos recipientes cerâmicos deles provenientes;
- Não são conhecidos os antecedentes imediatos do Fenómeno Tumular Megalítico no concelho Castelo de Vide;
- A construção dos monumentos megalíticos com câmara e corredor diferenciados terá ocorrido possivelmente em torno da segunda metade do IV milénio cal BC (com base em datação C14 inédita obtida na anta dos Currais do Galhordas);
- Observa-se uma tendência para a utilização de longa duração dos monumentos megalíticos – de cerca de 3750 cal BC a cerca 1500 cal BC (segundo estudos desenvolvidos no âmbito do megalitismo alentejano);
- Não é conhecido o momento a partir do qual cessa a construção de monumentos megalíticos no concelho de Castelo de Vide (embora sejam identificadas modificações na estrutura das antas em fases avançadas – e.g. Idade do Bronze);
- Sugere-se que monumentos mais pequenos possam ter tido menos tempo de utilização.

5.2. Implicações para o estudo da arqueologia pré-histórica do Alto Alentejo

Este trabalho pode servir de base a investigação futura que venha a ser realizados quer no Alto Alentejo, quer em regiões adjacentes. Nele foi aplicada uma metodologia objetiva, quer para o estudo das antas, com a realização de fichas de sítio, quer para a caracterização dos recipientes cerâmicos oriundos dos monumentos megalíticos estudados.

A interpretação dos dados e a tentativa de os enquadrar cronologicamente assentou sobretudo num modelo desenvolvido por BOAVENTURA & MATALOTO (2013), aplicado ao Fenómeno Tumular Megalítico do Alentejo e Algarve.

A presente dissertação pode ser integrada no seio de diversos trabalhos realizados sobre, e, na região, como são os casos de: SANTOS (no prelo), BOAVENTURA & PEREIRA (a publicar), MONTEIRO-RODRIGUES (2011, 2013, 2016, em elaboração), ANDRADE (2009), PARREIRA (1996) OLIVEIRA (1986, 1988, 1989a, 1989b, 1990a, 1990b, 1991, 1997, 1999-2000), RODRIGUES (1975), LEISNER & LEISNER (1959), BARBOSA (1881), SILVA (1879), COSTA (1868), entre outros.

5.3. Sugestões para futuras investigações e intervenções

Este trabalho deixa também em aberto várias possibilidades para futuras investigações e intervenções, tais como:

- Estudo exaustivo dos restantes materiais que constituem os *pacotes artefactuais* exumados nos monumentos megalíticos;
- Estudo do enquadramento dos monumentos megalíticos no território na perspectiva da Arqueologia da Paisagem;
- Escavação de monumentos megalíticos que ainda não sofreram qualquer intervenção;
- Estudo de todos os monumentos megalíticos da região do Alto Alentejo;
- Realizar datações absolutas a partir de material orgânico de vida curta proveniente de contextos significativos e preservados;
- Tentar reconstituir escavações antigas feitas por arqueólogos não profissionais, durante a década de 1980.

6. Referências Bibliográficas

- ANDRADE, M. (2009) *Megalitismo e comunidades megalíticas na área da Ribeira Grande (Alto Alentejo): definição e caracterização do fenómeno de “megalitização” da paisagem na área austral do Norte alentejano*. Dissertação de Mestrado apresentada à da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, policopiado.
- BAPTISTA, L. (2003) *A Cerâmica do Interior do Recinto de Castelo Velho de Freixo de Numão: Contributos para a Interpretação de Contextos de Uso*. Dissertação de Mestrado apresentada à da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, policopiado.
- BAPTISTA, L.; OLIVEIRA, L.; SOARES, A.M.; GOMES, S. (2013) Contributos para a discussão da construção da paisagem nas bacias das Ribeiras do Álamo e do Pisão (Beringel e Trigaches, Beja) entre IV^o e I^o milénios a.C.. In J. Jiménez Ávila, Macarena Bustamante, M. Garcá Cabezas (Eds.), *Actas de VI Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*, (Villafranca de los Barros, 4-6 de Octubre de 2012), Ayuntamiento de Villafranca de Los Barros: 792-827.
- BARBOSA, I. (1881) Monumentos Nacionais. Padrões Históricos e Commemorativos de Varões Illustres. Que são elementos apreciáveis para o estudo da História das Artes em Portugal. *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, 2^a Série, Tomo III, N^o 9: 135-144.
- BOAVENTURA, R.; MATALOTO, R. (2013) Entre mortos e vivos: nótulos acerca da cronologia absoluta do Megalitismo do Sul de Portugal. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Vol. 16: 81-101.
- BOAVENTURA, R.; PEREIRA, A. (no prelo) Revisão e inventário dos sepulcros 4^o e 3^o milénios ANE do Centro-Sul de Portugal. Movendo Megálitos no Neolítico (MEGAGEO).
- CALADO, M. (2004) *Relatório sobre a intervenção em Águas Frias*. Arquivo da DGPC.
- CAMPOS, A.B.A.; PEREIRA, L.C.G. (1991) Aspectos da estrutura do complexo xisto-grauváquico ante-ordovícico e do ordovícico da Serra de S. Miguel, Nisa, Alto Alentejo. *Terceiro Congresso Nacional de Geologia* (Coimbra): 36.
- CORREIA, V.; CRUZ, M. (2007) *Normas de inventário: Cerâmica utilitária – Arqueologia*. Lisboa, Instituto dos Museus e da Conservação, 1^a edição.
- COSTA, F. (1868) *Nocions sur l'état Préhistorique de la Terre et de l'Homme suivies de La description de quelques dolmens ou antas du Portugal*. Lisboa, Typ. da Academia.
- DAVEAU, S. (1995) *Portugal Geográfico*. Lisboa, Edições João Sá da Costa.
- DINIZ, M. (2000) Neolitização e Megalitismo: Architecturas do tempo no espaço. In Victor Santos Gonçalves (Ed.), *Muitas Antas Pouca Gente? Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo*, Lisboa, IPA: 105-116. (Trabalhos de Arqueologia 16).

EIROA, J.J.; GIL, J.A., PÉREZ, L.C.; MAURANDI, J.L. (1999) *Nociones de tecnología y tipología en Prehistoria*. Barcelona, Ariel.

FEIO, M.; ALMEIDA, G. (1980) A Serra de S. Mamede. *Finisterra* XXIX: 31-51.

FEIO, M; MARTINS, A. (1993) O Relevo do Alto Alentejo (Traços Essenciais). *Finisterra* XXVIII: 149-199.

FERNANDES, A.; CARVALHO, H.; RIBEIRO, O.; TEIXEIRA, C.; ASSUNÇÃO, C.; PILAR, L.; PERES, H. (1973a) *Notícia explicativa da Carta Geológica de Portugal na escala 1/50000, Folha 28-D, Castelo de Vide*. Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal.

FERNANDES, A.; PERDIGÃO, J.; PERES, H. (1973b) *Notícia explicativa da Carta Geológica de Portugal na escala 1/50 000, Folha 28-B, Nisa*. Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal.

GARCÍA SANJUÁN, L. (2005) Las Piedras de la Memoria. La Permanência del Megalitismo em el Suroeste de la Península Ibérica durante el II y I milénios ANE. *Trabajos de Prehistória* 62, nº1: 85-109

G.A.V.C. (1982) *Anta do Pai Anes: Contributos para o estudo da Arqueologia do Concelho de Castelo de Vide*. Câmara Municipal de Castelo de Vide. Documento interno da Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide.

GONÇALVES, V. (1989) *Megalitismo e metalurgia na Alto Algarve Oriental: uma aproximação integrada*. Lisboa: Uniarq/INIC.

GONÇALVES, V. (1992) *Revendo as antas de Reguengos de Monsaraz*. Cadernos da UNIARQ nº2. Lisboa.

GONÇALVES, V. (1999) *Reguengos de Monsaraz, territórios megalíticos*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.

GONÇALVES, V.; SOUSA, A. (2000) O grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz e a evolução do megalitismo no Ocidente Peninsular (espaços de vida, espaços de morte: sobre as antigas sociedades camponesas em Reguengos de Monsaraz). In GONÇALVES, V.S. (ed.) – *Muitas antas, pouca gente?* Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo, Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia 16): 1-104.

GONÇALVES, V.; SOUSA, A. (2003) Novos dados sobre o grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz: o limite oriental. In GONÇALVES, V.S. (ed.) – *Muita gente, poucas antas? Origens, espaços e contextos do Megalitismo*, Actas do II Colóquio Internacional sobre o Megalitismo. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia, 25): 199-226.

GONÇALVES, V. (2013) Antes do Endovélico... A propósito das placas de xisto gravadas da Anta de Santiago Maior e das Antas da Herdade dos Galvões (Alandroal, Alentejo). *Cadernos do Endovélico*, Nº1. Edições Colibri/Centro de Estudos do Endovélico. Lisboa: 105-123.

INE (2012) *Censos 2011: Resultados definitivos – Região Alentejo*, Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.

LEISNER, G. e LEISNER, V. (1951) *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz: Materiais para o estudo da cultura megalítica em Portugal*. Instituto para a Alta Cultura, Lisboa.

LEISNER, G. e LEISNER, V. (1959) *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der westen*. Madrider Forschungen 1.2. Berlim: Walter De Gruiter & Co.

LEISNER, G. e LEISNER, V. (1985) *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz*. Estudos e Memórias, 1. Lisboa: Uniarch.

MAGUSTO, J. (1990) *Diário da Escavação: Anta 2 dos Coureiros*, Secção de Arqueologia, Câmara Municipal de Castelo de Vide.

MATALOTO, R. (2005) A Propósito de um Achado na Herdade das Casas (Redondo): Megalitismo e Idade do Bronze no Alto Alentejo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, volume 8, número 2: 115-128

MATALOTO, R. (2007) Paisagem, Memória e Identidade: Tumulações Megalíticas no pós-megalitismo alto-alentejano. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, volume 10, número 1: 123-140.

MATALOTO, R.; COSTEIRA, C.; DAVIS, S., CLEMENTE, R.; SANTOS, I. (2012) – Os Povoados de fossos do Paraíso: uma ocupação do IVº/IIIº milénios a.C. na região de Elvas. Balanço das intervenções 2009-2010, *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Município de Almodôvar. 1ª Edição: 39-72.

MONTEIRO-RODRIGUES, S. (2011a) *Pensar o Neolítico Antigo. Contributo para o Estudo do Norte de Portugal entre o VII e o V milénios a.C.*. Viseu, Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta. (Estudos Pré-históricos XVI).

MONTEIRO-RODRIGUES, S. (2011b) Relatório de Escavação Arqueológica. *Primeira Campanha de Escavação na Anta dos Currais do Galhordas* (Castelo de Vide – Portalegre). Lisboa, DGPC.

MONTEIRO-RODRIGUES, S. (2013) A Anta dos Currais do Galhordas (Castelo de Vide – Centro Leste de Portugal): Resultados da primeira campanha de escavação. *Estudos do Quaternário*, 9: 57-70.

MONTEIRO-RODRIGUES, S.; OLIVEIRA, C.; ARAÚJO, A. (2016) Análise química de resíduos orgânicos identificados em vasos da anta dos Currais do Galhordas (Castelo de Vide, Alto Alentejo, Portugal). In César Oliveira, Rui Morais, Ángel Morillo Cerdán (Eds.), *Archaeoanalithics. Chromatography, and DNA analysis in Archaeology*, Esposende, Município de Esposende: 85-101.

- OLIVEIRA, J. (1986) *Levantamento Arqueológico do Concelho de Castelo de Vide*. Évora. Proc. 86/1(113)
- OLIVEIRA, J. (1988) *Relatório de Trabalhos Arqueológicos na Anta do Porto Aivado (Castelo de Vide). 1ª Campanha*. Évora. Proc. S-1865 [ant. 88/1(54)]
- OLIVEIRA, J. (1989a) *Relatório de Escavação. Anta dos Coureiros – III (Anta pequena). Campanha I*. Évora. Proc. S-439 [ant. 89/1(90)].
- OLIVEIRA, J. (1989b) *Relatório de Escavação da Anta do Porto Aivado*. Évora. Proc. S-1865 [ant.88/1(54)]
- OLIVEIRA, J. (1990a) *Anta dos Coureiros II (Anta Grande)*. Relatório de Escavação 1990. Évora. Proc. S-441 [ant.90/1(113)]
- OLIVEIRA, J. (1990b) *Relatório de Escavação. Anta dos Coureiros – III (Anta pequena). Segunda Campanha*. Évora. Proc. S-439 [ant. 89/1(90)].
- OLIVEIRA, J. (1991) *Anta IV dos Coureiros. Castelo de Vide. Relatório de escavação*. Évora. Proc. S-438 [ant.91/1(147)].
- OLIVEIRA, J. (1997a) *Monumentos Megalíticos da Bacia Hidrográfica da Rio Sever*. Tomo I. Edição Especial Ibn-Maruan. Marvão: Colibri/Câmara Municipal. Depósito Legal nº 119125/97.
- OLIVEIRA, J. (1997b) Datas absolutas de monumentos megalíticos da Bacia Hidrográfica da Rio Sever. *II Congreso de Arqueologia Peninsular*. Tomo II – Neolítico, Calcolítico y Bronze. Zaomora: Fundación Afonso Henriques: 229-239.
- OLIVEIRA, J. (1998) A Anta da Joanhina e a da Era de Guardias (Cedillo-Cáceres) no ambiente megalítico da foz do rio Sever, *Ibn Maruán*, Número 8: 203-245. Marvão: Câmara Municipal
- OLIVEIRA, J. (1999-2000) A Anta da Tapada de Matos – Castelo de Vide: Intervenção Arqueológica no corredor. *Ibn-Maruán*. Número 9/10: 239-260. Marvão: Câmara Municipal.
- OLIVEIRA, J. (2006) *Património Arqueológico da Coudelaria de Alter*. Edições Colibri.
- PARREIRA, R. (1996) *Conjunto Megalítico do Crato (Alto Alentejo). Contribuição para o registo de antas portuguesas*. Dissertação de Mestrado apresentada à da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, policopiado.
- PÉREZ MACÍAS, J. (1997) Anotaciones sobre el Bronce del Suroeste. Necrópolis de Cistas en el entorno del embalse de Aracena. *Huelva en su historia*, número 6: 9-30.
- PONTE, T. R. N. Da, SOARES, A. M. M., ARAÚJO, M. De F., FRADE, J. C., RIBEIRO, I., RODRIGUES, Z., SILVA, R. J. C., VALÉRIO, P. (2012) O Brone Pleno do Sudoeste da Horta do Folgão (Serpa, Portugal). Os Hipogeus Funerários. *O Arqueólogo Português*, Série V, 2: 265-295

REBELO, F.; CUNHA, L. (1992) O Relevo de Portugal. *Enciclopédia Temática Portugal Moderno – Geografia*, Edições Portugal Moderno, Lda.

RIBEIRO, O., LAUTENSACH, H. (1988) *Geografia de Portugal – Volume II: O Ritmo Climático e a Paisagem*, Edições João Sá da Costa, Lda.

RODRIGUES, M (1975) *Carta Arqueológica do Concelho de Castelo de Vide*. Lisboa: Junta Distrital de Portalegre.

ROQUE, C. (2012) *A Revisão da Carta Arqueológica do Alandroal: Educação para o Território*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia Pública Arte e Museologia apresentada à da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, policopiado.

SANCHES, M. (1997) *Pré-história Recente de Trás-os-Montes e Alto Douro (O abrigo do Buraco da Pala no Contexto Regional)*, 2 vol., Textos, 1, SPAE, Porto.

SANTOS, A. (no prelo) – *As Placas de Xisto dos Monumentos Megalíticos do Concelho de Castelo de Vide*. Dissertação de Mestrado da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

SILVA, J. (1879) *Notice sur les Monuments Mégalithiques du Portugal*. Association Française pour l'Avancement des Sciences. Paris, Secrétariat de l'Association.

SOARES, A. (2008) – O Monumento Megalítico Monte da Velha 1 (MV1) (Vila Verde de Ficalho, Serpa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, volume 11, número 1: 35-51.

Anexo 1

1. As Antas Estudadas

Neste anexo apresentam-se as fichas de sítio estruturadas segundo os parâmetros descritos no capítulo 2 (Metodologias). Nelas estão só representadas as antas que foram já alvo de escavações e de onde foi possível recolher materiais arqueológicos, bem como outros monumentos onde casualmente se encontraram artefactos pré-históricos. Por uma questão prática, cada monumento megalítico será descrito individualmente ou no contexto da respetiva necrópole, inventariando-se os materiais que lhes estão associados. À frente do nome da anta indica-se entre parêntesis o número que lhe corresponde no mapa (Fig. 1).

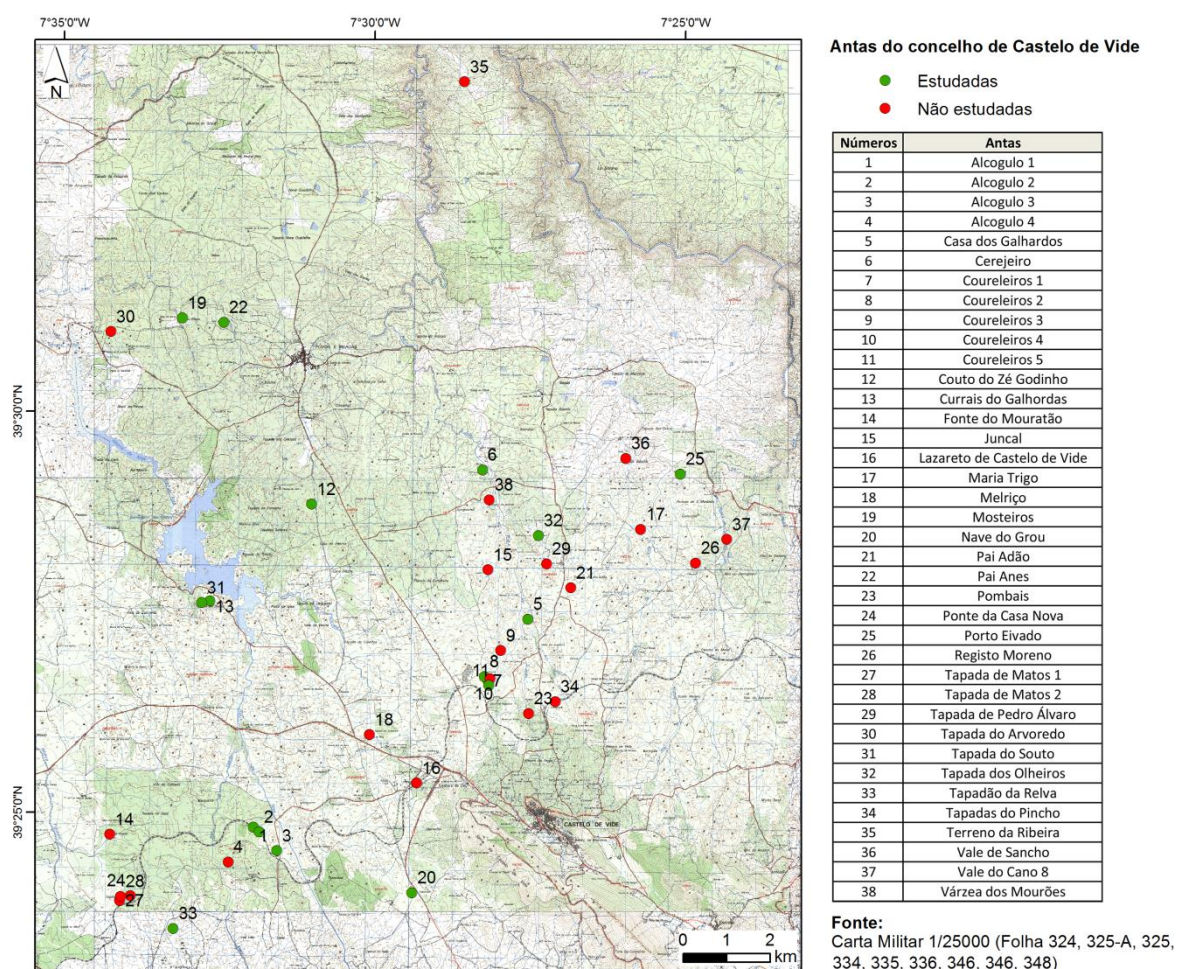


Figura 1 – Localização das antas do concelho de Castelo de Vide na Carta Militar

1.1. Necrópole do Alcogulo (1-4)

A necrópole do Alcogulo encontra-se na margem esquerda da Ribeira de Nisa, estando apenas afastada cerca de 1 km da referida linha de água.

A primeira referência à necrópole foi feita por Pereira da Costa em 1868 (COSTA, 1868), que localiza cinco monumentos na denominada Coutada d'Alcogulo. Anos mais tarde (em 1956 e 1959), o casal Leisner, aquando da sua visita a esta necrópole, só conseguiu identificar três das cinco antas (LEISNER & LEISNER, 1959). No estudo dos materiais que realizaram, que se encontravam já em museus, detetaram uma coleção pertencente ao Museu Geológico de Lisboa que apenas tinha como indicação “*Anta do Cabeço, Herdade do Baldio*” (LEISNER & LEISNER, 1959, Tafel 3: 4). Estes materiais poderão ser oriundos de um dos monumentos da necrópole do Alcogulo, muito provavelmente de uma das antas que os Leisner não conseguiram identificar no terreno. Assim sendo, poderão corresponder à anta do Alcogulo 4 ou Alcogulo 5, questão que fica em aberto uma vez que por agora não é possível solucionar o mistério.

Atualmente, a necrópole do Alcogulo integra ainda três monumentos megalíticos, dois dos quais em mau estado de conservação. São estes três monumentos que se descrevem nas fichas de sítio relativas a esta necrópole.

1.1.1. Ficha de Sítio: Alcogulo 1

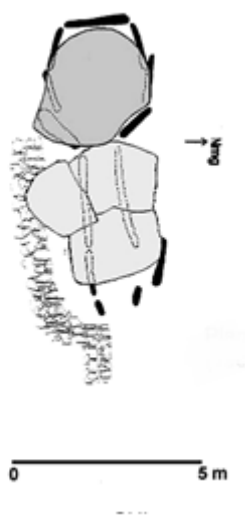


Figura 2 - Planta do Alcogulo 1
(Arquivo S.A.C.M.C.V.)



Figura 3 - Vista de Este do Alcogulo 1 (Arquivo S.A.C.M.C.V.,
modificada)

Breve história das investigações:

Este monumento está presente, como foi dito anteriormente, na obra de Pereira da Costa, que lhe atribui o nome de Anta da Borda da Coutada do Porto dos Pinheiros (COSTA, 1868). Aquando da passagem do casal Leisner pela região, estes denominaram-na Anta 1 da

Coutada do Alcogulo (LEISNER & LEISNER, 1959:14). A partir de então o número de ordem atribuído ao monumento foi respeitado pelos diversos autores que o mencionaram.

A anta do Alcogulo 1 foi escavada em 1981 pelo denominado Grupo de Arqueologia de Castelo de Vide, juntamente com Diamantino de Sanches Trindade. Uma vez que este grupo não era especializado e procedia a escavações com métodos diferentes dos considerados científicos, existem graves lacunas na compreensão da estratigrafia e na localização dos materiais arqueológicos dentro do monumento.

Posteriormente, a anta do Alcogulo 1 foi estudada por Jorge de Oliveira (OLIVEIRA 1995, 1997) no âmbito da sua dissertação de doutoramento sobre os Monumentos Megalíticos da Bacia Hidrográfica do Rio Sever.

Código Nacional de Sítio: CNS 447

Classificação Patrimonial: Monumento Nacional, 16-06-1910, DG 136, de 23-06-1910

Localização Administrativa: Lugar da Coutada do Alcogulo, Freguesia de Santa Maria da Devesa, Castelo de Vide, Portalegre

Cartografia: IGEO, Instituto Geográfico do Exército – Carta Militar de Portugal – Folha n.º 335 (1:25 000), Série M888, Lisboa. 1999

Coordenadas Geográficas: X: 251669, 02 Y: 271938, 38

Implantação Topográfica: Vale

Associação a outros sítios pré-históricos: Necrópole megalítica

1 - **Tipologia arquitetónica:** Anta de câmara e corredor diferenciados

2 – **Diâmetro máximo da câmara:** Grande (\approx 3 metros)

3 – **Dimensão do corredor:** Longo (\approx 4 metros)

4 – **Orientação do corredor:** Este

5 – **Número de esteiros componentes da câmara:** 7 esteios (5 esteios *in situ*)

6 – **Número de esteios componentes do corredor:** 6 esteios

7 – **Morfologia da câmara:** Poligonal

8 – **Morfologia do corredor:** Paralelo

9 – **Laje de fecho em cutelo:** Ausente

10 – **Laje de cobertura da câmara:** Presente *in situ*

11 – **Lajes de cobertura do corredor:** Presente (3 lajes)

12 – **Mamoa:** Mal preservada

13 – **Materiais arqueológicos exumados na Anta**

Pedra Lascada	Lâminas /Lamelas	5
	Micrólitos Geométricos	1
	Pontas de Seta	12
	Outros	--
Pedra Polida	Percutores	--
	Machados de Pedra Polida	7
	Enxós	--
	Moventes	--
	Dormentes	--
	Outros	1
Cerâmicas	(inclui fragmentos inclassificados)	28
Objectos de Adorno	Contas de Colar	8
	Placas de “Xisto”	27
	Báculos	--
	Zoomorfos	--
Outros		2

14 – **Bibliografia**

COSTA, F. (1868) *Nocions sur l'état Préhistorique de la Terre et de l'Homme suivies de La description de quelques dolmens ou antas du Portugal*. Lisboa: Typ. da Academia.

LEISNER, G. e LEISNER, V. (1959) *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der westen*. Madrider Forschungen 1.2. Berlim: Walter De Gruiter & Co.

OLIVEIRA, J. (1997) *Monumentos Megalíticos da Bacia Hidrográfica da Rio Sever. Tomo I*. Edição Especial Ibn-Maruan. Marvão: Colibri/Câmara Municipal. Depósito Legal nº 119125/97.

RODRIGUES, M (1975) *Carta Arqueológica do Concelho de Castelo de Vide*. Lisboa: Junta Distrital de Portalegre.

15 – Fotos e desenhos dos materiais¹²



Figura 4 - Foto e desenho do recipiente AI1

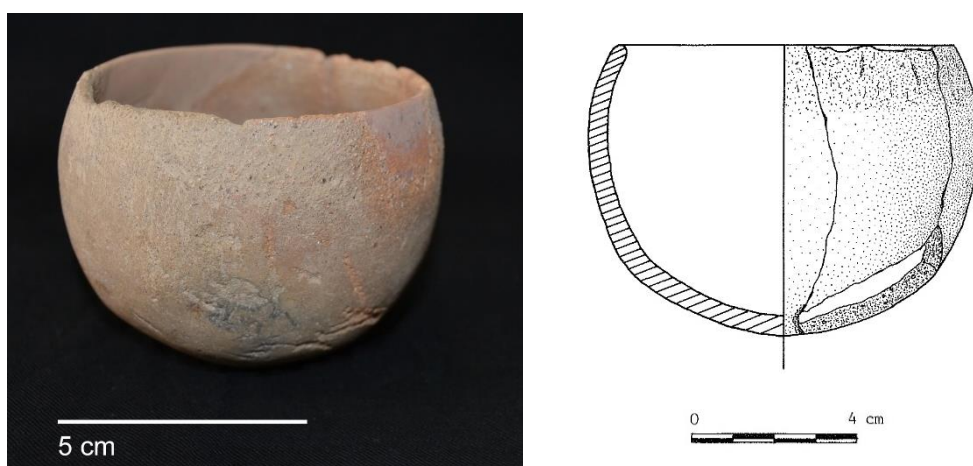


Figura 5 - Foto e desenho do recipiente AI2

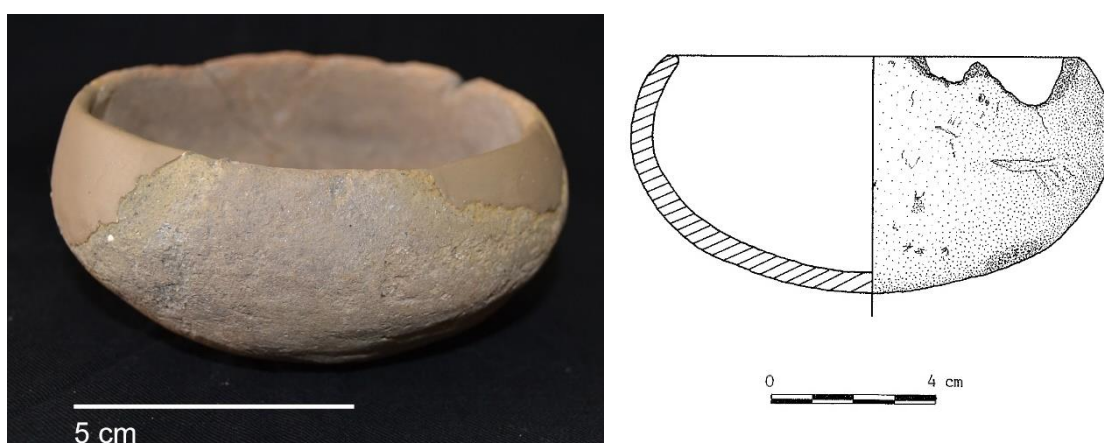


Figura 6 - Foto e desenho do recipiente AI3

¹² Desenhos cedidos pela Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide (S.A.C.M.C.V.)
Fotografias tiradas por mim.

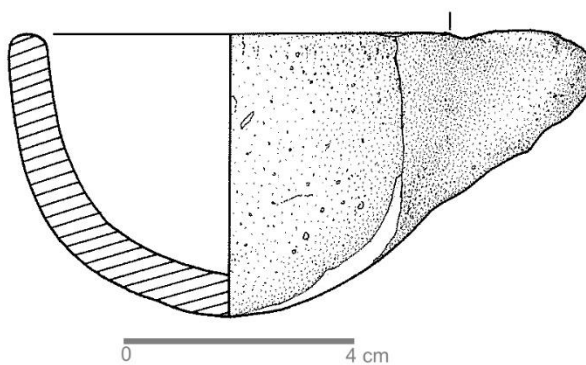


Figura 7 - Foto e desenho do recipiente AI4

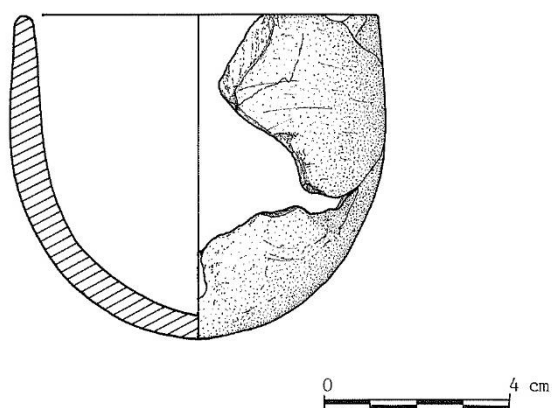


Figura 8 – Foto e desenho do recipiente AI5

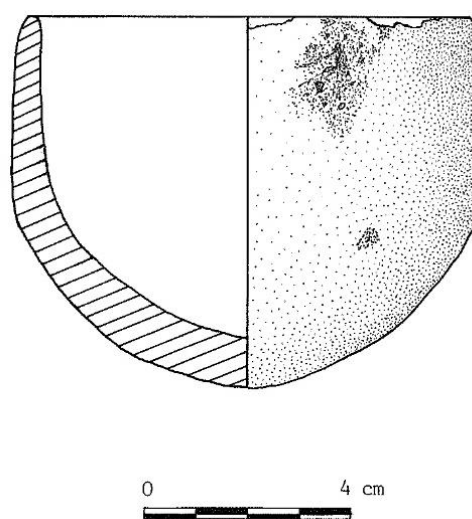


Figura 9 – Foto e desenho do recipiente AI6

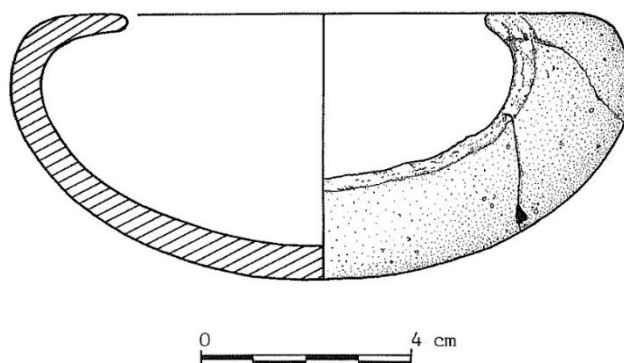


Figura 10 – Foto e desenho do recipiente AI7

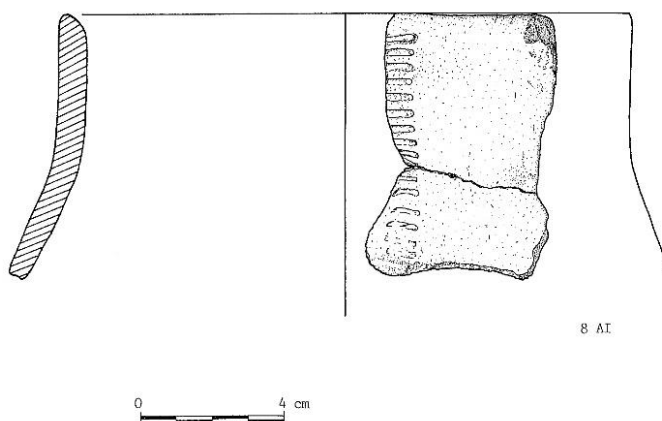


Figura 11 – Foto e desenho do recipiente AI8

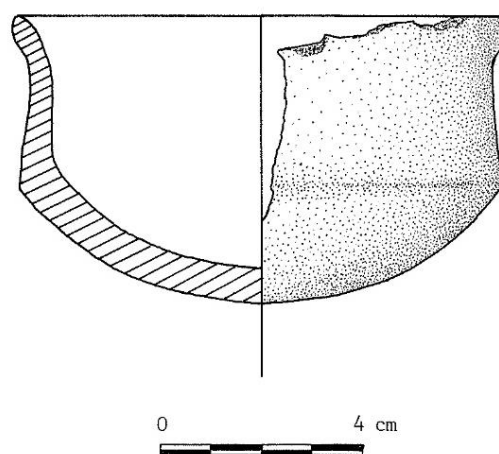


Figura 12 – Foto e desenho do recipiente AI9

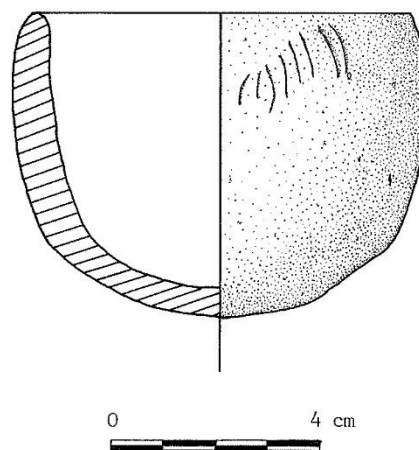


Figura 13 – Foto e desenho do recipiente AI10

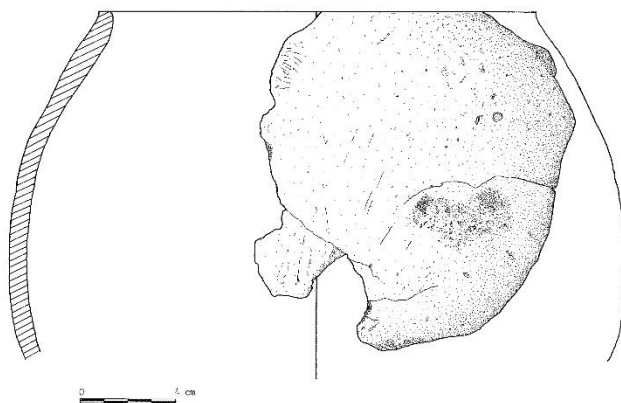


Figura 14 – Foto e desenho do recipiente AI11

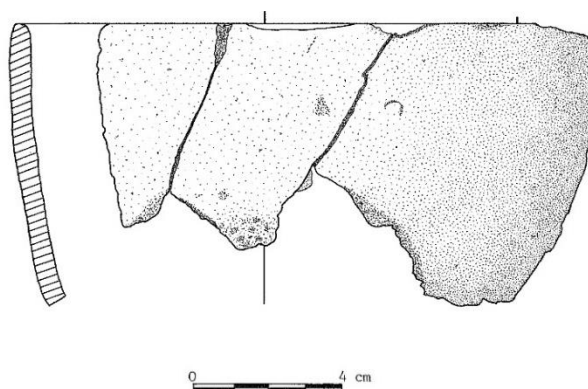


Figura 15 – Foto e desenho do recipiente AI12

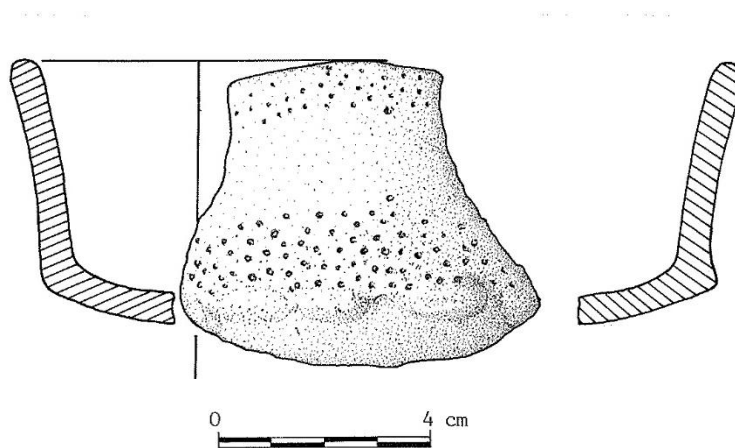


Figura 16 – Foto e desenho do recipiente AI13



Figura 17 – Foto do recipiente AI14

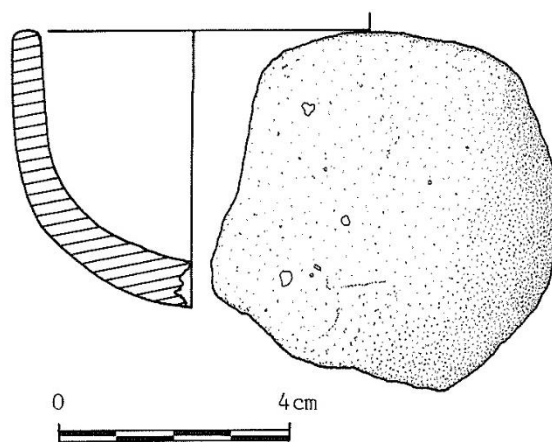


Figura 18 – Foto e desenho do recipiente AI15

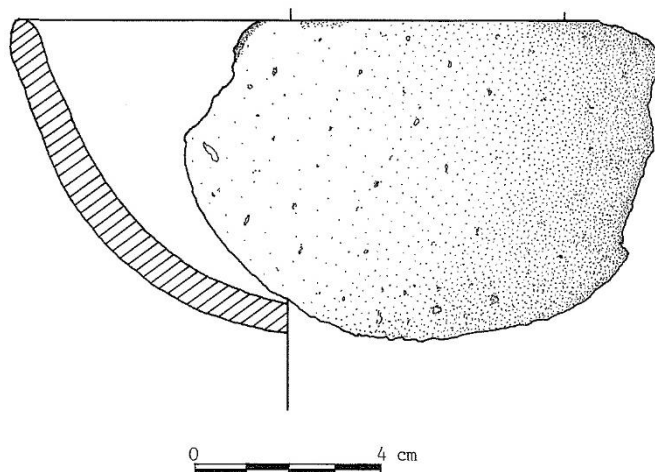


Figura 19 – Foto e desenho do recipiente AI16

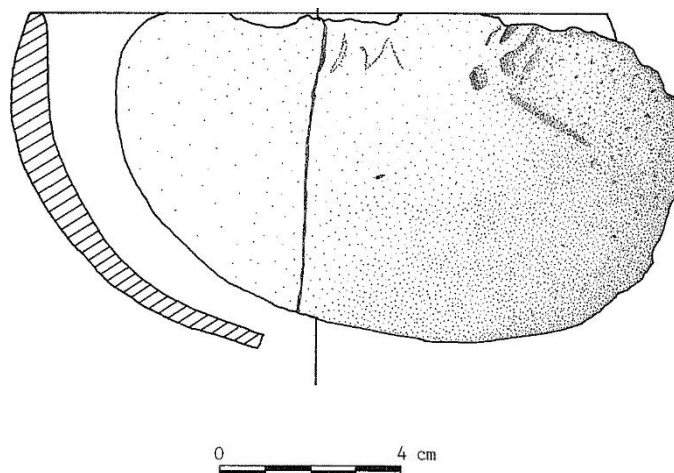


Figura 20 – Foto e desenho do recipiente AI17

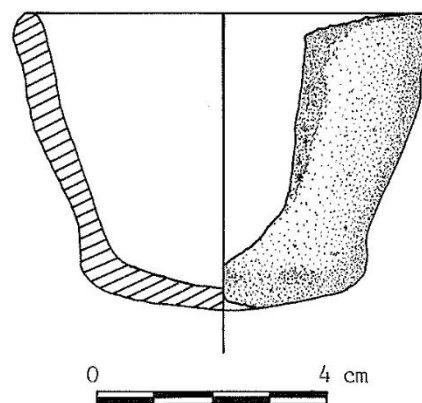


Figura 21 – Foto do recipiente AI19

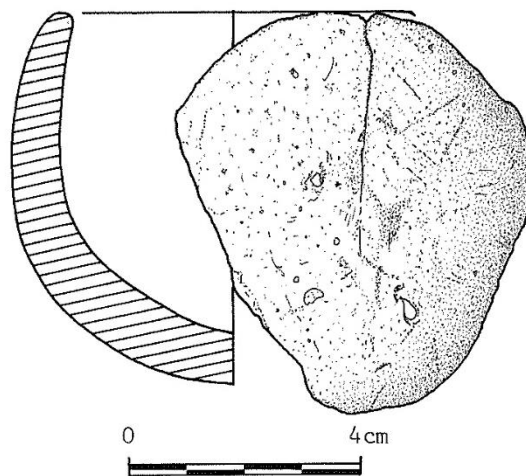


Figura 22 – Foto e desenho do recipiente AI20

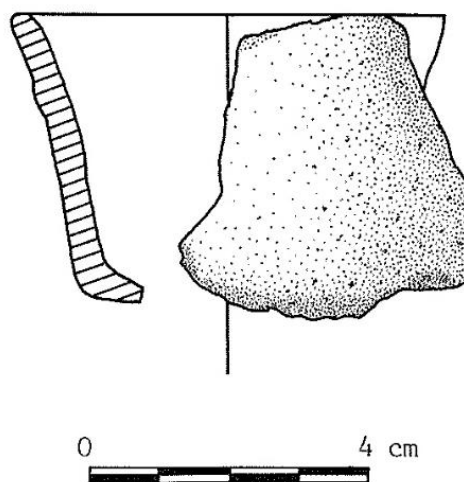


Figura 23 – Foto e desenho do recipiente AI21

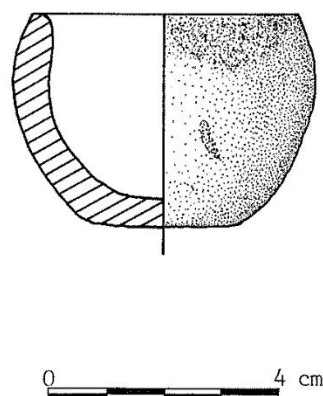


Figura 24 – Foto e desenho do recipiente AI22



Figura 25 – Foto do recipiente AI23

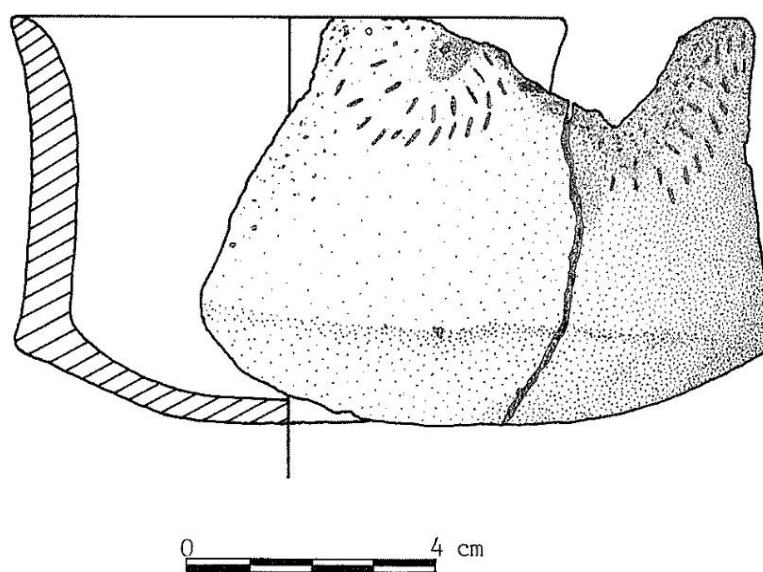


Figura 26 – Desenho do recipiente AI23

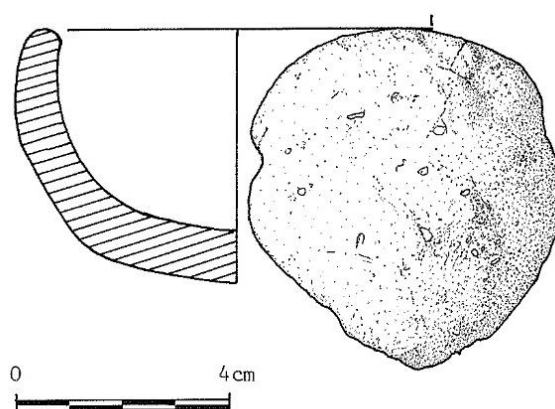


Figura 27 – Foto e desenho do recipiente AI24

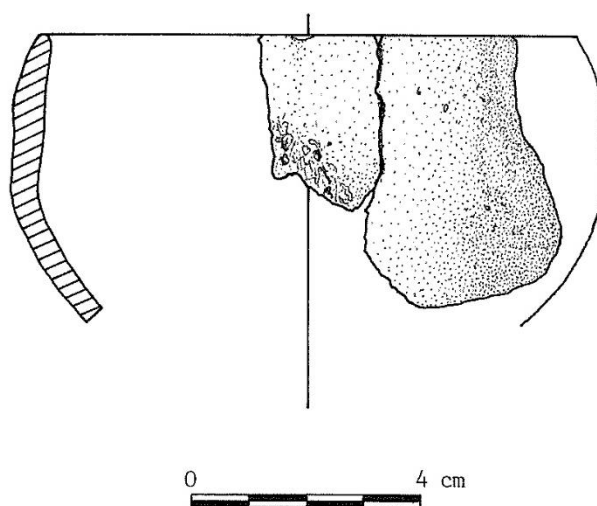


Figura 28 – Foto e desenho do recipiente AI26



Figura 29 – Foto do recipiente AI44



Figura 30 – Foto de conjunto dos recipientes cerâmicos da anta do Alcogulo 1



Figura 11 – Foto de conjunto das contas de colar da anta do Alcogulo 1



Figura 32 – Foto de conjunto das pontas de seta da anta do Alcogulo 1



Figura 33 – Foto de conjunto das lâminas da anta do Alcogulo 1



Figura 34 – Foto de conjunto dos micrólitos geométricos da anta do Alcogulo 1



Figura 35 - Foto de conjunto das placass de “xisto” da anta do Alkogulo 1

1.1.2. Ficha de Sítio: Alcogulo 2

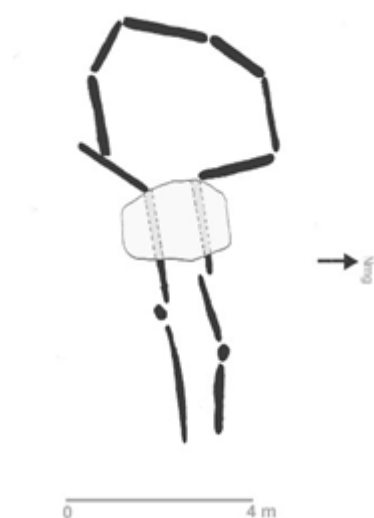


Figura 35 – Planta do Alcogulo 2
(Arquivo S.A.C.M.C.V.)



Figura 36 – Vista de Este do Alcogulo 2 (Arquivo S.A.C.M.C.V.,
modificada)

Breve história do monumento:

A primeira referência bibliográfica a este monumento encontra-se na obra de Pereira da Costa intitulada “*Descrição de alguns Dolmens ou Antas de Portugal*”, onde o autor o identifica como *dolmin* ou *anta do Milhar do Cabeço IV* (COSTA, 1868: 72). O casal Leisner denomina-o Anta 2 da Coutada de Alcogulo (do Cabeço dos Milhares) (LEISNER & LEISNER, 1959). Toda a bibliografia posterior continuou a seguir a numeração proposta pelos Leisner.

A anta do Alcogulo 2 foi alvo de uma escavação realizada por Pereira da Costa (COSTA, 1868: 72-73). Nesta intervenção, segundo o autor, apareceram *quatro machados de pedra*, que se encontravam junto à face interna do esteio à esquerda da entrada. Atualmente não se conhece o paradeiro destes objetos.

Uma segunda intervenção (1975) foi dirigida por Maria da Conceição Rodrigues, tendo a autora escavado 1 m², aproximadamente até à profundidade de 30 cm, no interior da câmara, junto ao esteio de cabeceira. Nesta pequena área encontrou abundantes fragmentos de vasos de cerâmica, algumas pontas de seta, restos de placas-ídolos em xisto, um ídolo de pedra, etc. (RODRIGUES, 1975).

É importante referir que a anta do Alcogulo 2 foi também alvo de inúmeras escavações clandestinas sobre as quais não há registos, e que parte dos materiais exumados se encontram em coleção privada de proprietário desconhecido, tendo sido apenas desenhados pelos Leisner (LEISNER & LEISNER, 1959, Tafel 3: 2).

Na tentativa de identificar o referido proprietário consultei o Arquivo Leisner, depositado na Biblioteca do Palácio Nacional da Ajuda (Caixa 65, Capilha 14), todavia sem sucesso.

OLIVEIRA (1997) estudou igualmente a anta do Alcogulo 2 para a sua tese de doutoramento.

Código Nacional de Sítio: CNS 473

Classificação Patrimonial: Imóvel de Interesse Público (DR 31/12/1997: 6896 – Dec. 67/97)

Localização Administrativa: Lugar da Coutada do Alcogulo, Freguesia de Santa Maria da Devesa, Castelo de Vide, Portalegre

Cartografia: IGEO, Instituto Geográfico do Exército – Carta Militar de Portugal – Folha n.º 335 (1:25 000), Série M888, Lisboa. 1999

Coordenadas Geográficas: X: 251794, 18 Y: 271834, 60

Implantação Topográfica: Vale

Associação a outros sítios pré-históricos: Necrópole megalítica

1 - **Tipologia arquitetónica:** Anta de câmara e corredor diferenciados

2 – **Diâmetro máximo da câmara:** Grande (\approx 3.40 metros)

3 – **Dimensão do corredor:** Longo (\approx 5.50 metros)

4 – **Orientação do corredor:** Este

5 – **Número de esteiros componentes da câmara:** 7 esteios

6 – **Número de esteios componentes do corredor:** 6 esteios

7 – **Morfologia da câmara:** Poligonal

8 – **Morfologia do corredor:** Paralelo

9 – **Laje de fecho em cutelo:** Ausente

10 – **Lajes de cobertura da câmara:** Ausente

11 – **Lajes de cobertura do corredor:** Presença (2 lajes)

12 – **Mamoas:** Preservada

Materiais arqueológicos exumados na Anta

Pedra Lascada	Lâminas /Lamelas	8
	Micrólitos Geométricos	2
	Pontas de Seta	50
	Outros	2
Pedra Polida	Percutores	--
	Machados de Pedra Polida	5
	Enxós	--
	Moventes	--
	Dormentes	--
	Outros	--
Cerâmicas	(inclui fragmentos inclassificados)	73
Objectos de Adorno	Contas de Colar	4
	Placas de “Xisto”	28
	Báculos	--
	Zoomorfos	--
Outros		--

14 – Bibliografia

COSTA, F. (1868) *Nocions sur l'état Prehistorique de la Terre et de l'Homme suivies de La description de quelques dolmens ou antas du Portugal*. Lisboa: Typ. da Academia.

LEISNER, G., LEISNER, V. (1959) *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der westen*. Madrider Forschungen 1.2. Berlim: Walter De Gruiter & Co.

LEISNER, V., LEISNER, G. (1952) Caixa 65, Capilha 14. Acessível no Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico. Lisboa, Portugal. *Arquivo Leisner*. Leis 104.

OLIVEIRA, J. (1997) *Monumentos Megalíticos da Bacia Hidrográfica da Rio Sever. Tomo I*. Edição Especial Ibn-Maruan. Marvão: Colibri/Câmara Municipal.

RODRIGUES, M (1975) *Carta Arqueológica do Concelho de Castelo de Vide*. Lisboa: Junta Distrital de Portalegre.

15 – Fotos e desenhos dos materiais¹³

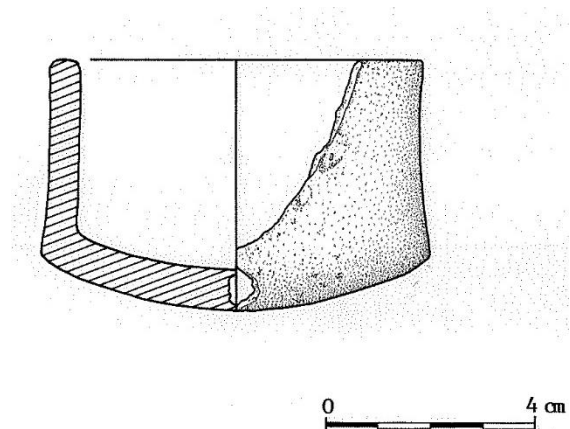


Figura 32 – Foto e desenho do recipiente AIII1

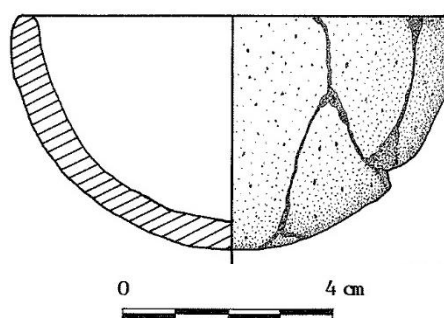


Figura 33 – Foto e desenho do recipiente AII2

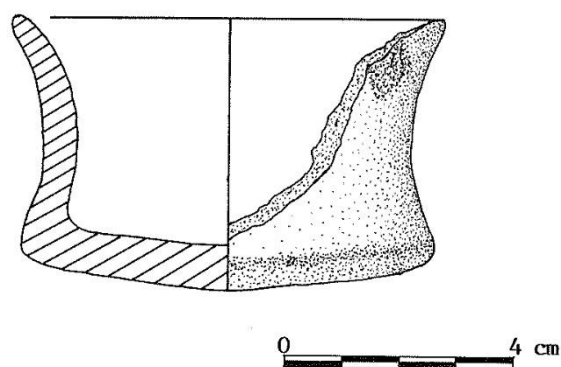


Figura 39 – Foto e desenho do recipiente AII3

¹³ Desenhos cedidos pela Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide (S.A.C.M.C.V.)
Fotografias tiradas por mim.

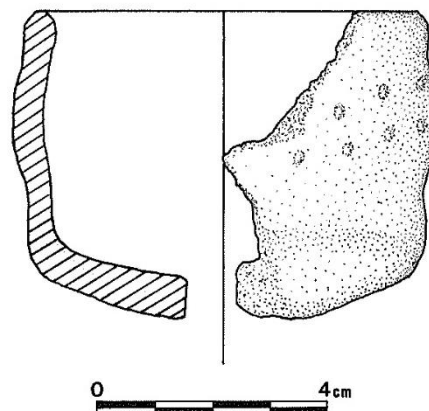


Figura 40 – Foto e desenho do recipiente AII4

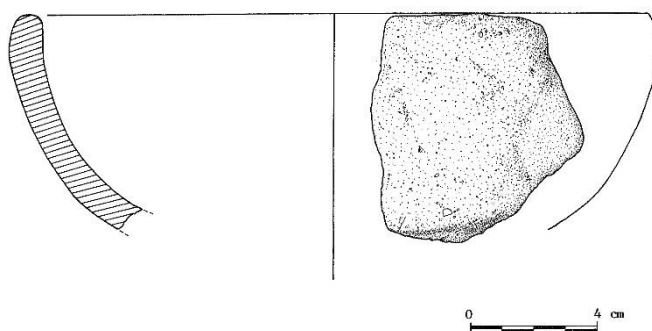


Figura 4 – Foto e desenho do recipiente AII79

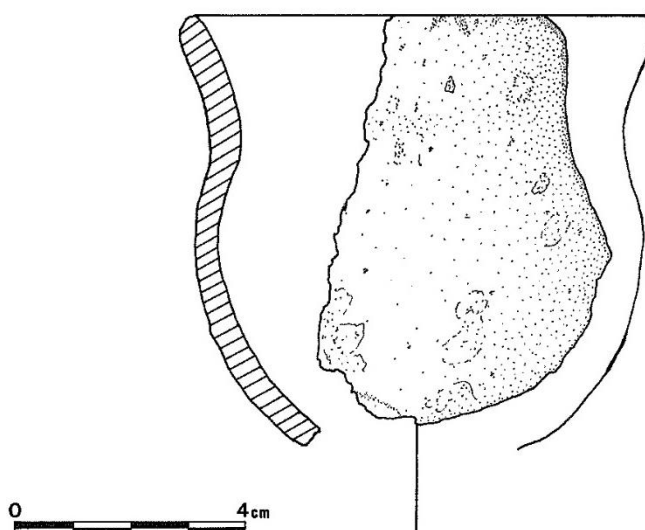


Figura 42 – Foto e desenho do recipiente AII80

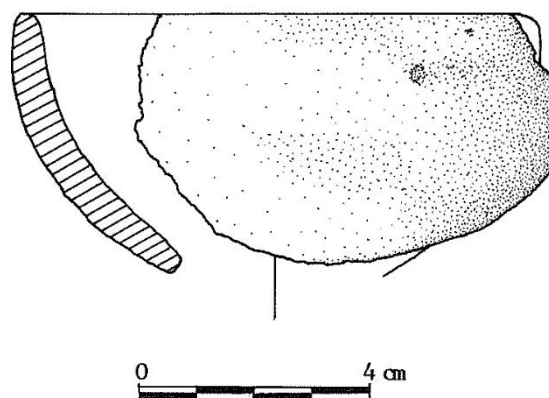


Figura 43 – Foto e desenho do recipiente AII81

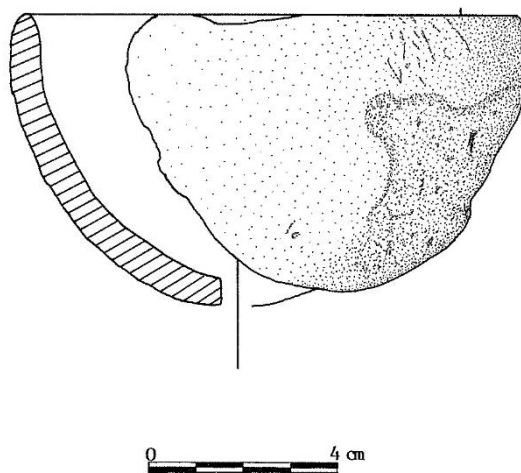


Figura 5 – Foto e desenho do recipiente AII82

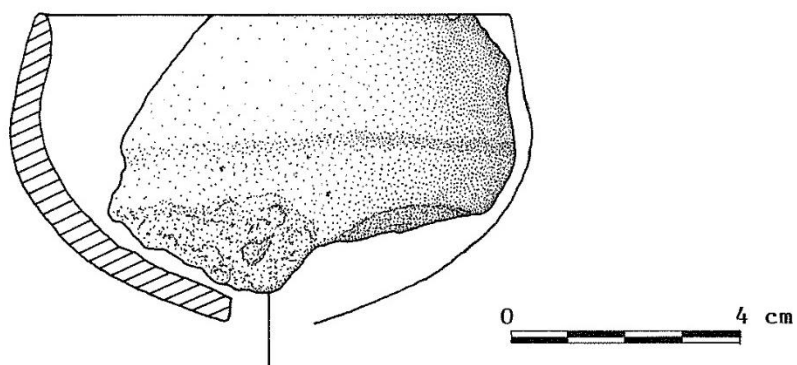


Figura 6 – Foto e desenho do recipiente AII83

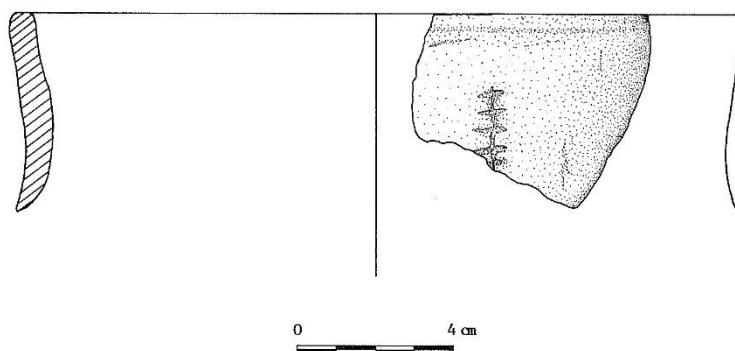


Figura 7 – Foto e desenho do recipiente AII84

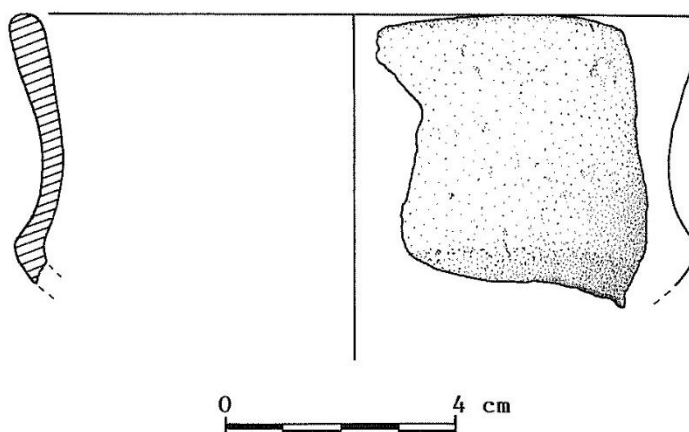


Figura 8 – Foto e desenho do recipiente AII85

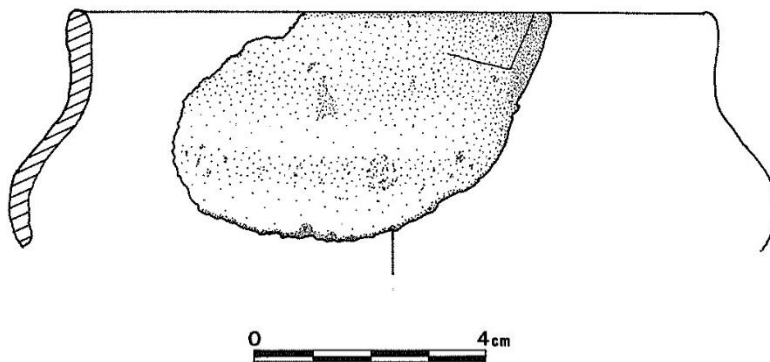


Figura 48 – Foto e desenho do recipiente AII86

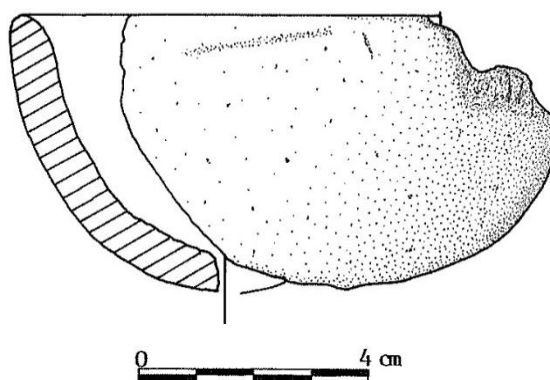


Figura 49 – Foto e desenho do recipiente AII87

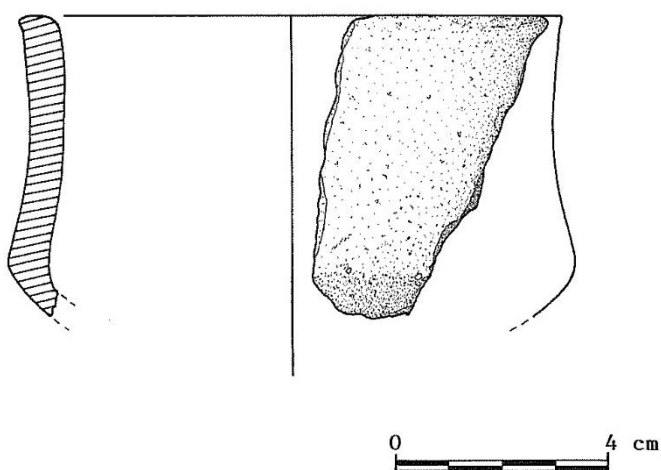


Figura 9 – Foto e desenho do recipiente AII88

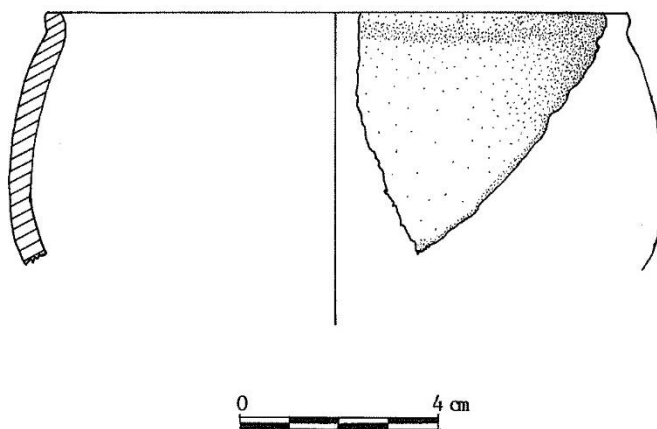


Figura 10 – Foto e desenho do recipiente AII89

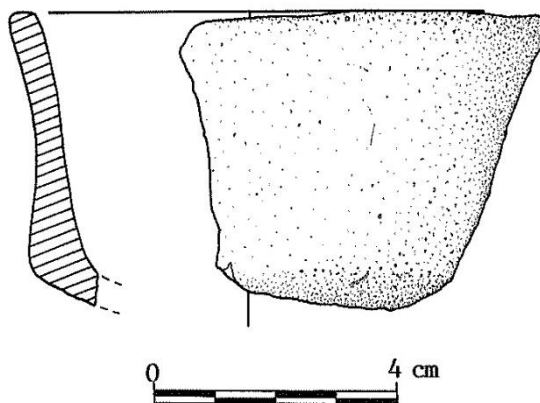


Figura 11 – Foto e desenho do recipiente AII90

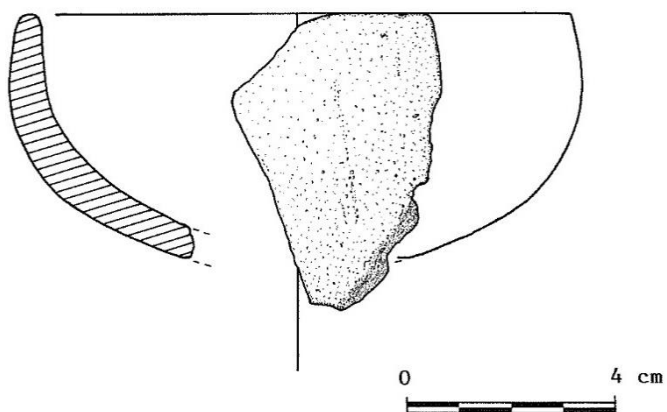


Figura 12 – Foto e desenho do recipiente AII91

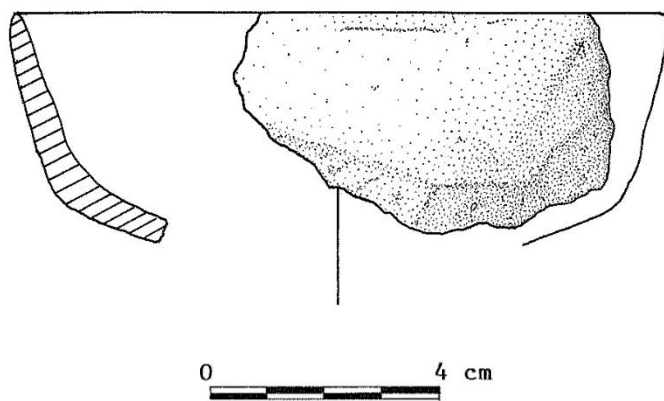


Figura 13 – Foto e desenho do recipiente AII92

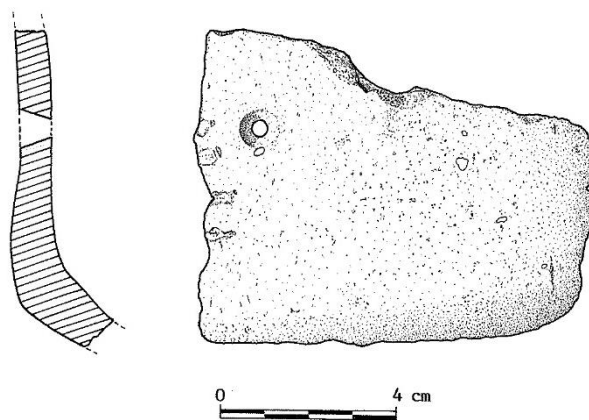


Figura 55 – Foto e desenho do recipiente AII93

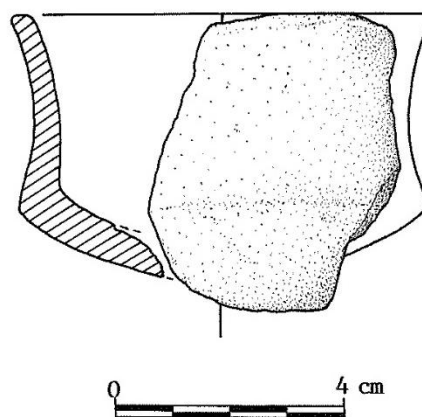


Figura 15 - Foto e desenho do recipiente AII94

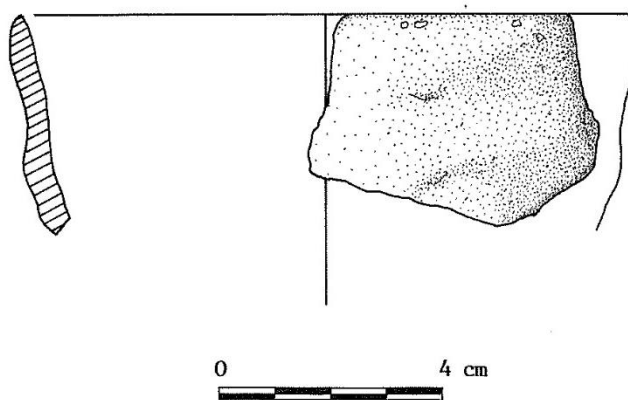


Figura 16 – Foto e desenho do recipiente AII95

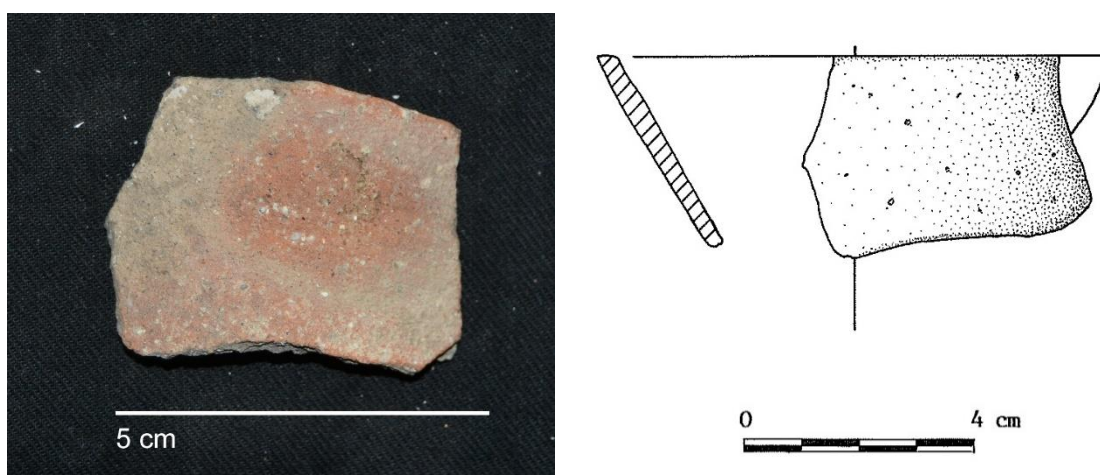


Figura 17 – Foto e desenho do recipiente AII96

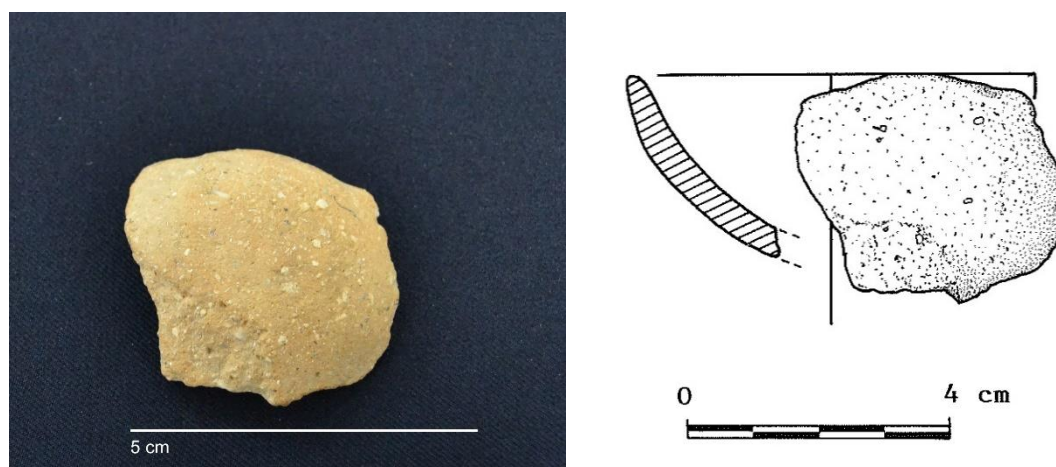


Figura 18 – Foto e desenho do recipiente AII97

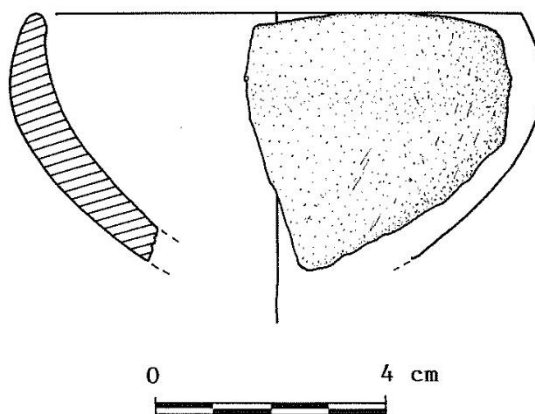


Figura 60 – Foto e desenho do recipiente AII98



Figura 6119 – Foto e desenho do recipiente AII99

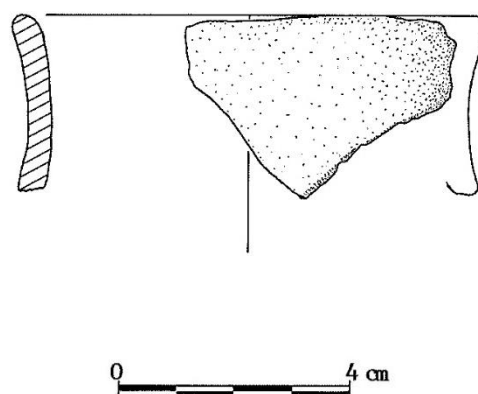


Figura 20 – Foto e desenho do recipiente AII100

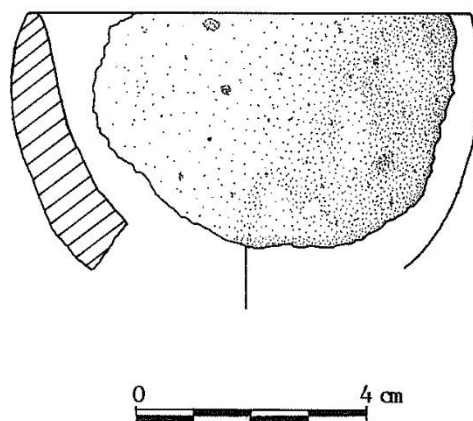


Figura 21 – Foto e desenho do recipiente AII101

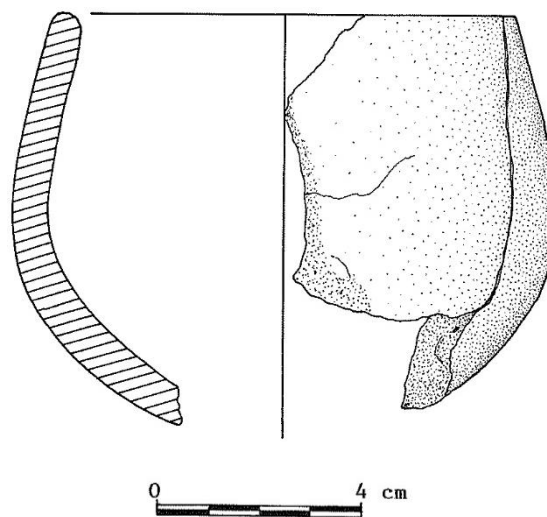


Figura 22 – Foto e desenho do recipiente AII102

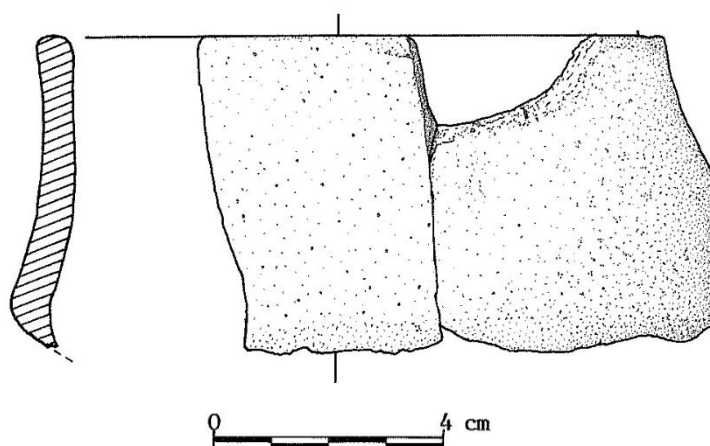


Figura 65 – Foto e desenho do recipiente AII103

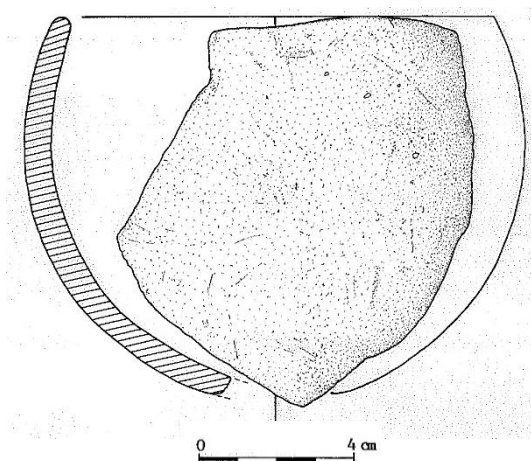


Figura 23 – Foto e desenho do recipiente AII104

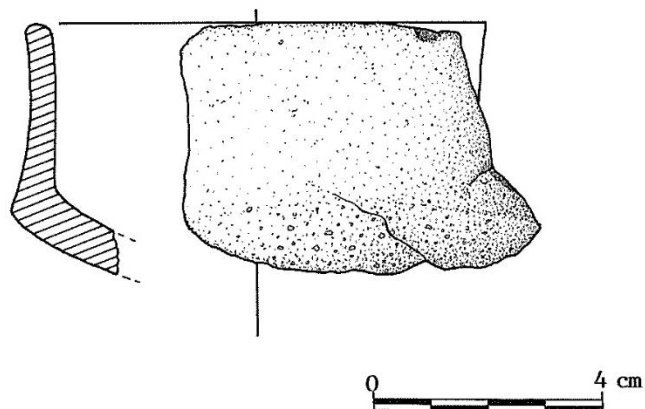
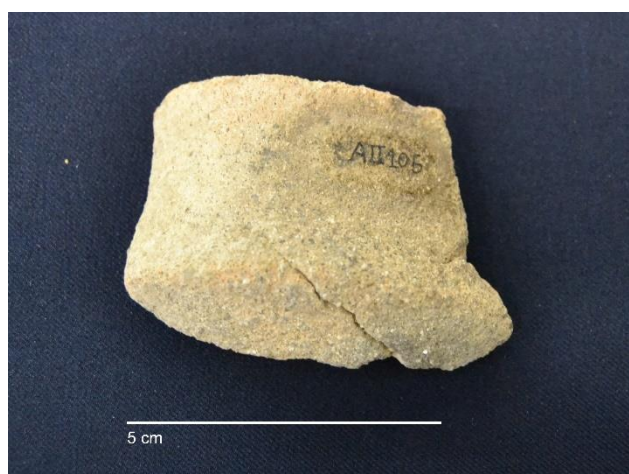


Figura 24 – Foto e desenho do recipiente AII105

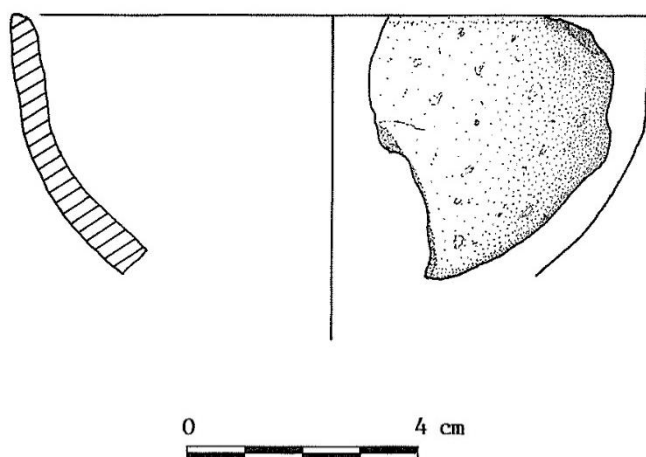


Figura 25 – Foto e desenho do recipiente AII106

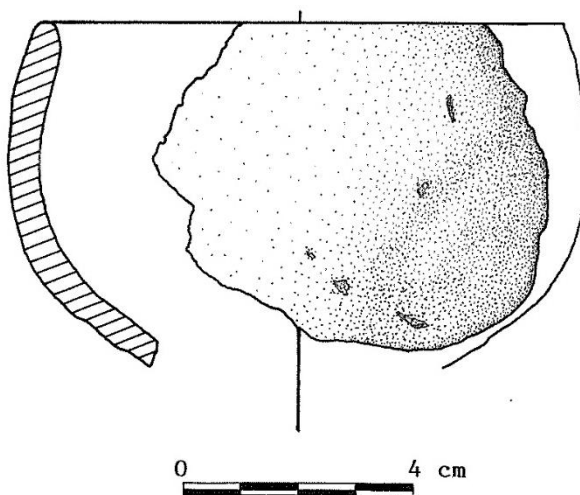


Figura 26 – Foto e desenho do recipiente AIII107

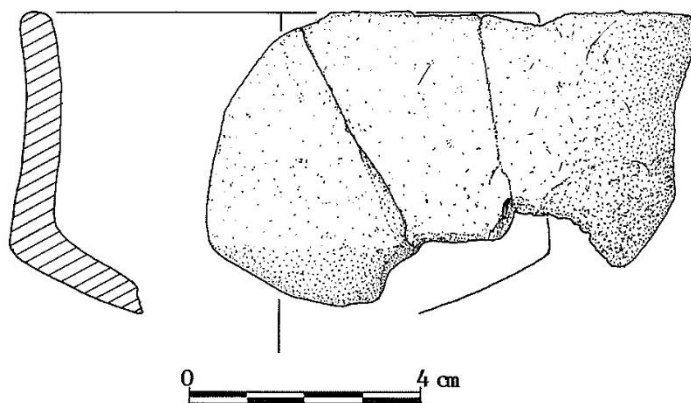


Figura 27 – Foto e desenho do recipiente AIII108

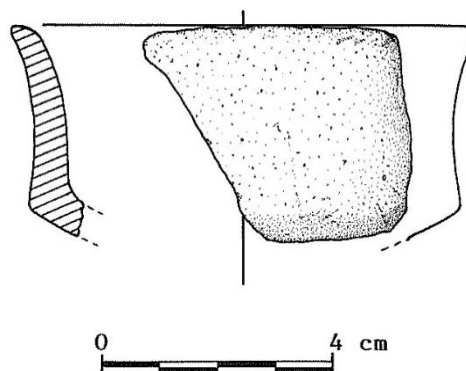


Figura 28 – Foto e desenho do recipiente AIII110

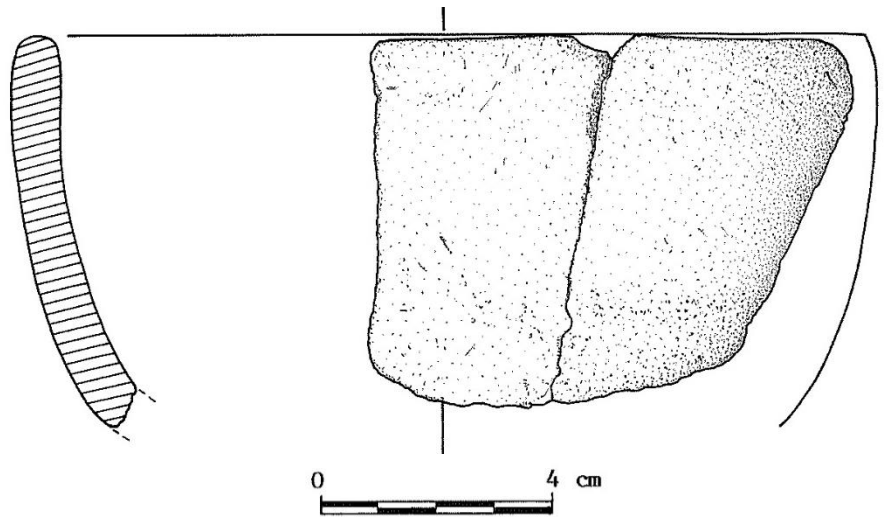


Figura 7229 – Foto e desenho do recipiente AIII11



Figura 73 – Foto do recipiente AIII12

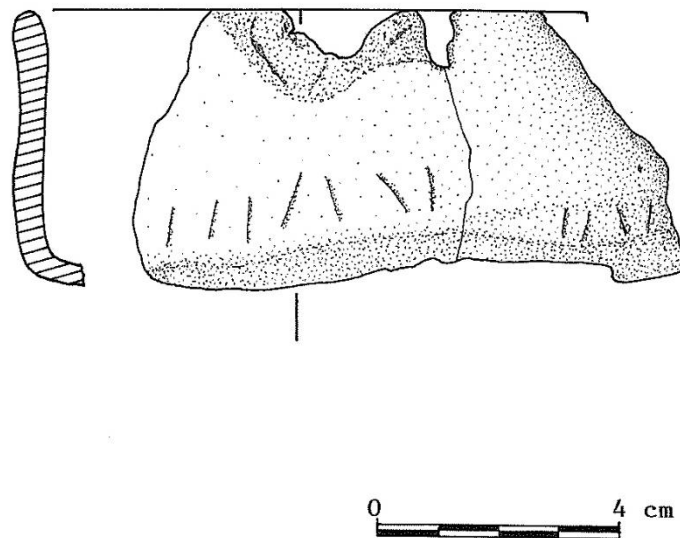


Figura 30 – Desenho do recipiente AIII12



Figura 7531 – Foto de conjunto dos recipientes cerâmicos da anta do Alkogulo 2



Figura 76 – Foto de conjunto das placas de “xisto” da anta do Alkogulo 2



Figura 32 – Foto do conjunto de pontas de seta da anta do Alkogulo 2



Figura 33 – Foto do conjunto de lâminas e lamelas da anta do Alkogulo 2



Figura 79 – Foto do conjunto de micrólitos geométricos e buris da anta do Alcogulo 2



Figura 80 – Foto de duas pontas de seta da anta do Alcogulo 2



Figura 8134 – Foto da placa de “xisto” da anta do Alcogulo 2



Figura 8235 – Foto do conjunto das contas de colar da anta do Alcogulo 2



Figura 36 – Foto do conjunto dos machados de pedra polida da anta do Alcogulo 2

1.1.3. Ficha de Sítio: Alcogulo 3

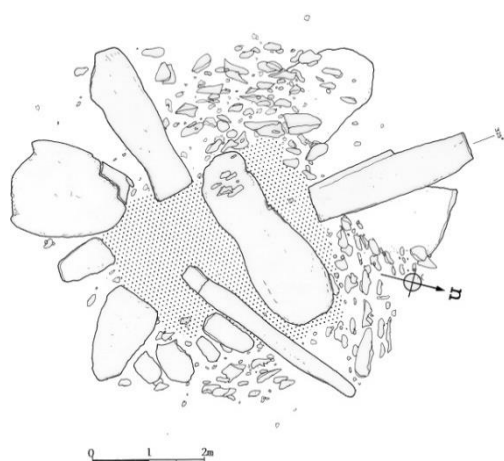


Figura 84 – Planta do Alcogulo 3 (Arquivo S.A.C.M.C.V.)



Figura 85 – Foto do Alcogulo 3 (Arquivo S.A.C.M.C.V., modificada)

Breve história das investigações:

Tal como os outros monumentos pertencentes à necrópole do Alcogulo, a anta do Alcogulo 3 foi inicialmente identificada por Pereira da Costa, tendo recebido a denominação de *dolmin* ou *Anta do Milhar do Cabeço V* (COSTA, 1868). Este autor procede a uma escavação no interior da câmara, tendo “(...) *retirado, com muita dificuldade as pedras que fixavam este esteio* [primeiro à esquerda da entrada na câmara] *no sulco praticado na terra muito batida, descobrindo-se entre ellas a face interna do esteio, três machados e uma pedra de afiar* (...)” (COSTA, 1868: 74). Infelizmente não se conhece o local de depósito destes materiais.

Possidónio da Silva refere também a existência deste monumento, que denomina Milhar do Cabeço (SILVA, 1879), e que corresponde à Anta 3 da Coutada do Alcogulo (Milhar do Cabeço) descrita pelo casal Leisner (LEISNER & LEISNER, 1959) e Maria da Conceição Rodrigues (RODRIGUES, 1975).

Este monumento foi escavado em 1981 pelo Grupo de Arqueologia de Castelo de Vide e, em 1997, por Jorge de Oliveira.

Código Nacional de Sítio: CNS 488

Classificação Patrimonial: Imóvel de Interesse Público (DR 31/12/1997: 6896 – Dec. 67/97)

Localização Administrativa: Lugar da Coutada do Alcogulo, Freguesia de Santa Maria da Devesa, Castelo de Vide, Portalegre

Cartografia: IGEO, Instituto Geográfico do Exército – Carta Militar de Portugal – Folha n.º 335 (1:25 000), Série M888, Lisboa. 1999

Coordenadas Geográficas: X: 252206, 18 Y: 271399, 40

Implantação Topográfica: Vale

Associação a outros sítios pré-históricos: Necrópole megalítica

1 - **Tipologia arquitetónica:** Anta, corredor não identificado/ corredor destruído

2 – **Diâmetro máximo da câmara:** Grande (\approx 4 metros)

3 – **Dimensão do corredor:** Indeterminável

4 – **Orientação do corredor:** Indeterminável

5 – **Número de esteiros componentes da câmara:** 7 esteiros? (bastante difícil de identificar uma vez que se encontram todos tombados)

6 – **Número de esteiros componentes do corredor:** Indeterminável

7 – **Morfologia da câmara:** Poligonal? (os esteiros encontram-se tombados)

8 – **Morfologia do corredor:** Indeterminável

9 – **Laje de fecho em cutelo:** Ausente

10 – **Laje de cobertura da câmara:** Ausente

11 – **Lajes de cobertura do corredor:** Ausente

12 – **Mamoas:** Ausente

Materiais arqueológicos exumados na Anta

Pedra Lascada	Lâminas /Lamelas	--
	Micrólitos Geométricos	--
	Pontas de Seta	--
	Outros	--
Pedra Polida	Percutores	--
	Machados de Pedra Polida	--
	Enxós	7
	Moventes	--
	Dormentes	--
	Outros	1
Cerâmicas	(inclui fragmentos inclassificados)	2

Objectos de Adorno	Contas de Colar	--
	Placas de “Xisto”	1
	Báculos	1
	Zoomorfos	--
Outros		--

14 – Bibliografia

COSTA, F. (1868) *Nocions sur l'état Préhistorique de la Terre et de l'Homme suivies de La description de quelques dolmens ou antas du Portugal*. Lisboa: Typ. da Academia.

LEISNER, G., LEISNER, V. (1959) *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der westen*. Madrider Forschungen 1.2. Berlim: Walter De Gruiter & Co.

OLIVEIRA, J. (1997) *Monumentos Megalíticos da Bacia Hidrográfica da Rio Sever. Tomo I*. Edição Especial Ibn-Maruan. Marvão: Colibri/Câmara Municipal.

RODRIGUES, M (1975) *Carta Arqueológica do Concelho de Castelo de Vide*. Lisboa: Junta Distrital de Portalegre.

SILVA, J. (1879) *Notice sur les Monuments Mégalithiques du Portugal*. Association Française pour l'Avancement des Sciences. Paris, Secrétariat de l'Association.

15 – Fotos e desenhos dos materiais¹⁴



Figura 8637 – Foto de recipiente cerâmico

¹⁴ Desenhos de Inês Conde.
Fotografias tiradas por mim.

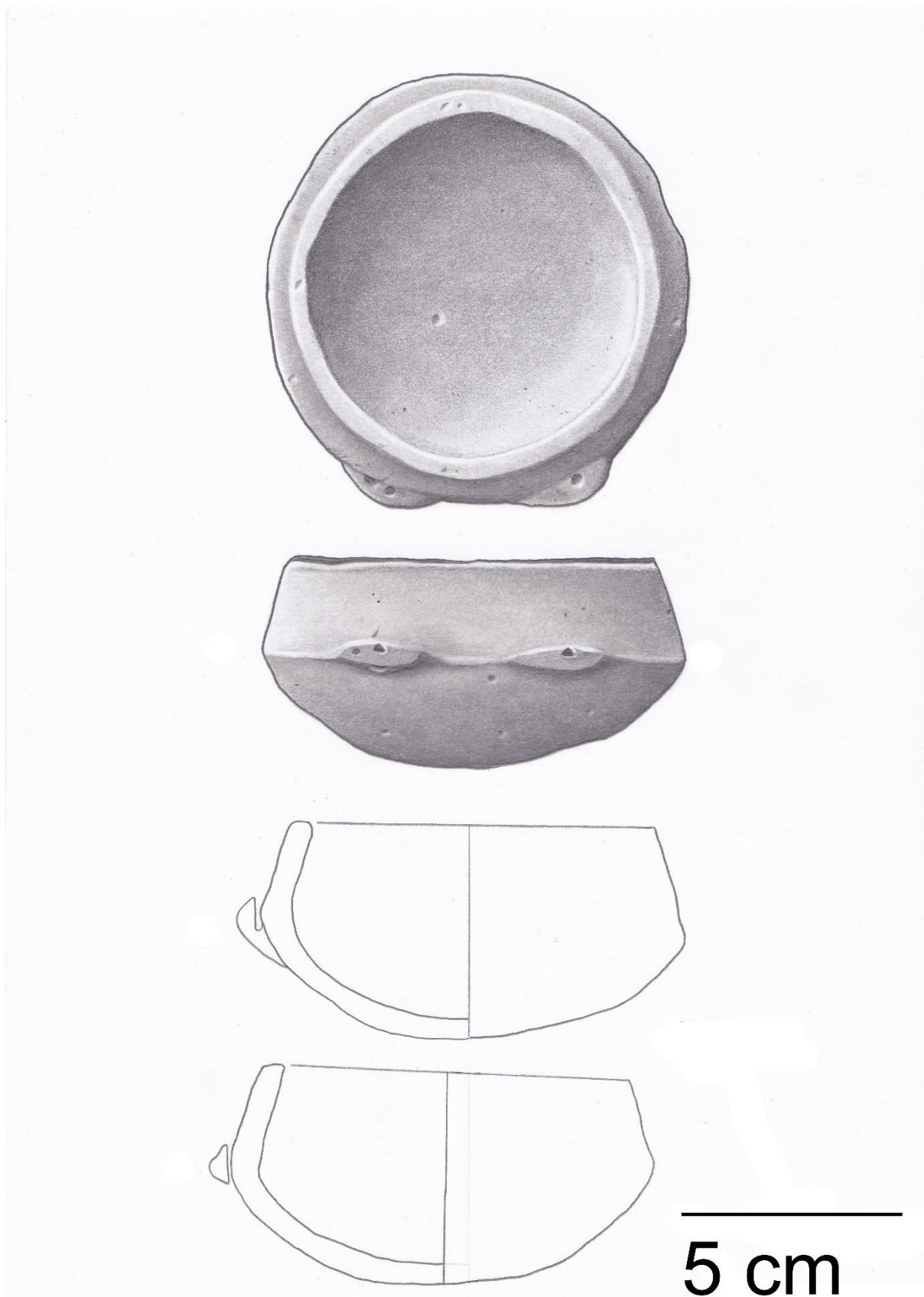


Figura 87 – Desenho do recipiente cerâmico 8230



Figura 88 – Foto do recipiente cerâmico 8231

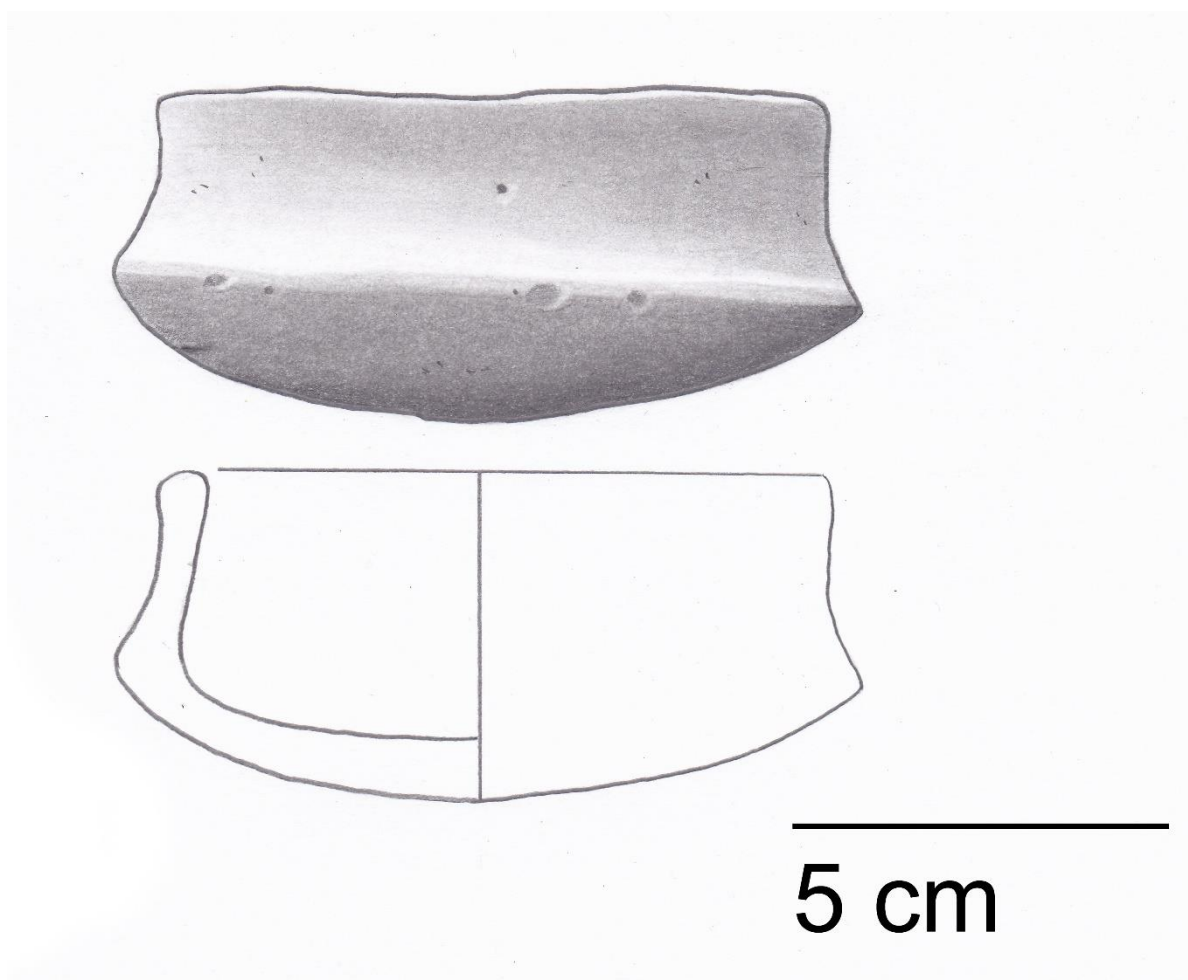


Figura 8938 – Desenho do recipiente cerâmico 8231



Figura 90 – Foto do conjunto das enxós da anta do Alcogulo 3



Figura 91 – Foto do pilão da anta do Alcogulo 3



Figura 92 – Foto do báculo da anta do Alcogulo 3



Foto 93 – Foto da placa de “xisto” da anta do Alcogulo 3

1.1.4. Ficha de Sítio: Anta do Cabeço

Breve história das investigações:

Este monumento não é atualmente conhecido. Supõe-se que estaria integrado na necrópole do Alcogulo, mas não há qualquer informação precisa quanto à sua localização. Não se exclui a possibilidade de ser um dos monumentos descritos anteriormente. A tentativa para o localizar foi efetuada pelos mais diversos autores, como os Leisner (LEISNER & LEISNER, 1959), Maria da Conceição Rodrigues (RODRIGUES, 1975), João Caninas (CANINAS, 1994), entre outros, sem que tivessem sido obtidos resultados concretos.

O nome Anta do Cabeço aparece associado a material arqueológico que se encontra exposto no Museu Geológico de Lisboa. No entanto não existe qualquer registo relativo à sua entrada na instituição, pelo que não é possível determinar a sua real proveniência. Deste modo, este material será apenas inventariado no quadro que se segue.

Materiais arqueológicos exumados na Anta

Pedra Lascada	Lâminas /Lamelas	--
	Micrólitos Geométricos	--
	Pontas de Seta	--
	Outros	--
Pedra Polida	Percutores	--
	Machados de Pedra Polida	3
	Enxós	--
	Moventes	--
	Dormentes	--
	Outros	--
Cerâmicas	(inclui fragmentos inclassificados)	--
Objectos de Adorno	Contas de Colar	--
	Placas de “Xisto”	6
	Báculos	--
	Zoomorfos	--
Outros		--

14 – Bibliografia

CANINAS, J., HENRIQUES, F. (1994) Um conjunto de placas de xisto gravadas do nordeste alentejano. *IBN Maruán: Revista Cultural do Concelho de Marvão*, Nº 4: 2-9.

COSTA, F. (1868) *Nocions sur l'état Préhistorique de la Terre et de l'Homme suivies de La description de quelques dolmens ou antas du Portugal*. Lisboa: Typ. da Academia.

LEISNER, G., LEISNER, V. (1959) *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der westen*. Madrider Forschungen 1.2. Berlim: Walter De Gruiter & Co.

RODRIGUES, M (1975) *Carta Arqueológica do Concelho de Castelo de Vide*. Lisboa: Junta Distrital de Portalegre.

15 – Fotos e desenhos dos materiais¹⁵



Figura 94 – Foto do conjunto de machados de pedra polida da Anta do Cabeço

¹⁵ Fotografias tiradas por mim.



Foto 95 – Foto da placa de “xisto” da Anta do Cabeço

1.2. Necrópole dos Coureleiros

A necrópole dos Coureleiros foi inicialmente identificada pelo casal Leisner em 1959 (LEISNER & LEISNER, 1959). No entanto, 90 anos antes, Pereira da Costa tinha já reconhecido uma anta deste conjunto, que denominou *dolmin* ou *Anta de Corleiros* (COSTA, 1868). É com Vera e Georg Leisner (LEISNER & LEISNER, 1959) que se passa a saber da existência das restantes quatro.

Após a referência dos autores acima citados, estes monumentos são igualmente mencionados nos trabalhos de Maria da Conceição Rodrigues (RODRIGUES, 1975), Jorge de Oliveira (OLIVEIRA, 1986, 1989, 1990a, 1990b, 1991, 1995, 1997).

Apesar de inicialmente o casal Leisner ter numerado as antas da necrópole, os autores que lhes sucederam acabam por não respeitar a sua numeração, atribuindo-lhes outros números (ver quadro XXXX, em anexo).

A anta dos Coureleiros 3 não tem ficha de sítio uma vez que não existe material arqueológico associado.

1.2.1. Ficha de Sítio: Coureleiros 1

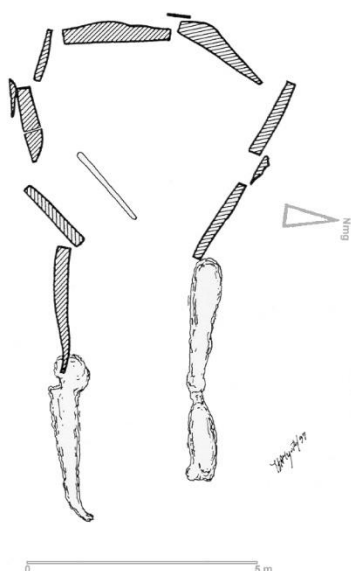


Figura 96 – Planta dos Coureleiros 1 (Arquivo S.A.C.M.C.V.)



Figura 97 – Foto da vista Sul dos Coureleiros 1 (Arquivo S.A.C.M.C.V., modificada)

Breve história da investigação:

Este dólmen foi identificado pela primeira vez por Pereira da Costa (COSTA, 1868). Posteriormente, o casal Leisner denomina-o Anta 1 da Herdade dos Coureleiros (LEISNER & LEISNER, 1959). Em 1975 Maria da Conceição Rodrigues utiliza esta mesma denominação (Coureleiros 1) (RODRIGUES, 1975).

Jorge de Oliveira, em 1989, altura em que procedeu a uma campanha de escavação no corredor desta anta (escavação que prossegue em 1990), decide atribuir-lhe uma numeração diferente da do casal Leisner – Coureleiros II (OLIVEIRA, 1990, 1997).

Código Nacional de Sítio: CNS 441

Classificação Patrimonial: Monumento Nacional (16-06-1910, DG 136, de 23-06-1910)

Localização Administrativa: Lugar dos Coureleiros, Freguesia de Santiago Maior, Castelo de Vide, Portalegre

Cartografia: IGEO, Instituto Geográfico do Exército – Carta Militar de Portugal – Folha n.º 335 (1:25 000), Série M888, Lisboa. 1999

Coordenadas Geográficas: X: 257074, 96 Y: 275316, 70

Implantação Topográfica: Encosta

Associação a outros sítios pré-históricos: Necrópole Megalítica

1 - **Tipologia arquitetónica:** Anta de câmara e corredor diferenciados

2 – **Diâmetro máximo da câmara:** Muito grande (\approx 4.80 metros)

3 – **Dimensão do corredor:** Longo (\approx 6 metros)

4 – **Orientação do corredor:** Este

5 – **Número de esteiros componentes da câmara:** 7 esteios

6 – **Número de esteios componentes do corredor:** 1 esteio e 3 alvéolos

7 – **Morfologia da câmara:** Poligonal

8 – **Morfologia do corredor:** Paralelo

9 – **Laje de fecho em cutelo:** Ausente

10 – **Lajes de cobertura da câmara:** Ausente

11 – **Lajes de cobertura do corredor:** Ausente

Materiais arqueológicos exumados na Anta

Pedra Lascada	Lâminas /Lamelas	13
	Micrólitos Geométricos	2
	Pontas de Seta	19
	Outros	2
Pedra Polida	Percutores	4
	Machados de Pedra Polida	6
	Enxós	4
	Moventes	3
	Dormentes	--
	Outros	--
Cerâmicas	(inclui fragmentos inclassificados)	18
Objectos de Adorno	Contas de Colar	52
	Placas de “Xisto”	7
	Báculos	-
	Zoomorfos	--
Outros		4

14 – **Bibliografia**

COSTA, F. (1868) *Nocions sur l'état Prehistorique de la Terre et de l'Homme suivies de La description de quelques dolmens ou antas du Portugal*. Lisboa: Typ. da Academia.

LEISNER, G., LEISNER, V. (1959) *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der westen*. Madrider Forschungen 1.2. Berlim: Walter De Gruiter & Co.

OLIVEIRA, J. (1990) *Anta dos Coureiros II (Anta Grande)*. Relatório de Escavação 1990. Évora. Proc. S-441 [ant.90/1(113)].

OLIVEIRA, J. (1997) *Monumentos Megalíticos da Bacia Hidrográfica da Rio Sever. Tomo I*. Edição Especial Ibn-Maruan. Marvão: Colibri/Câmara Municipal.

RODRIGUES, M (1975) *Carta Arqueológica do Concelho de Castelo de Vide*. Lisboa: Junta Distrital de Portalegre.

15 – Fotos e desenhos dos materiais¹⁶



Figura 98 – Foto do recipiente CII66

¹⁶ Desenhos cedidos pela Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide (S.A.C.M.C.V.)
Fotografias tiradas por mim.

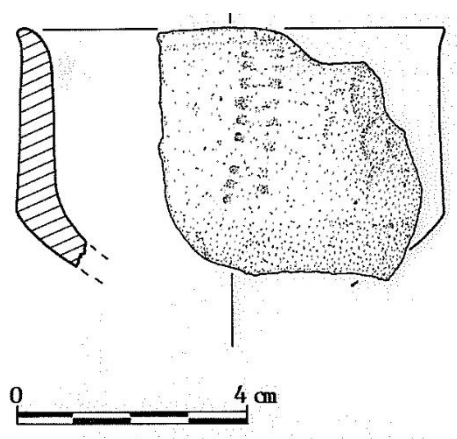


Figura 99 – Foto e desenho do recipiente CII71

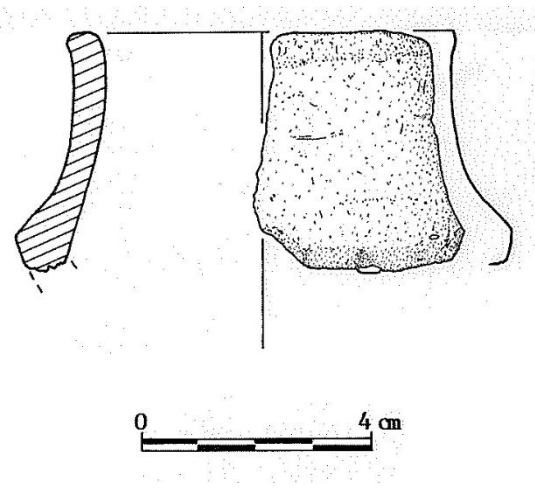


Figura 100 – Foto e desenho do recipiente CII72



Figura 101 – Foto do recipiente CII82

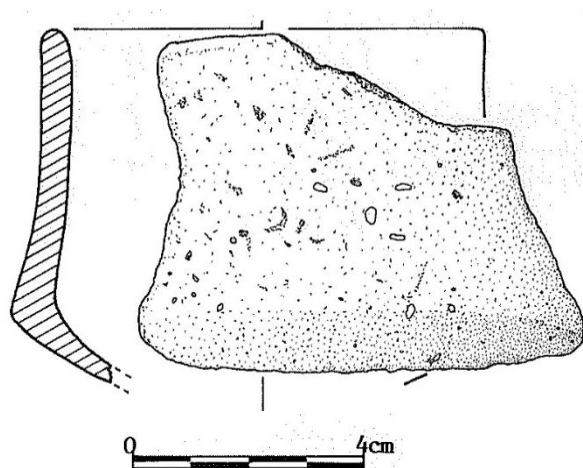


Figura 102 – Foto e desenho do recipiente CII91

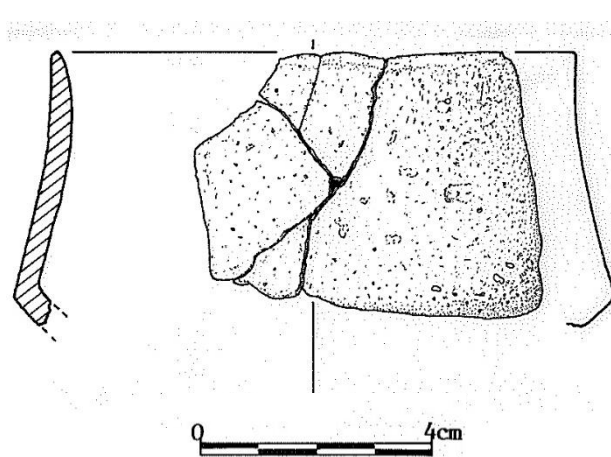


Figura 103 – Foto e desenho do recipiente CII92



Figura 104 – Foto do recipiente CII93

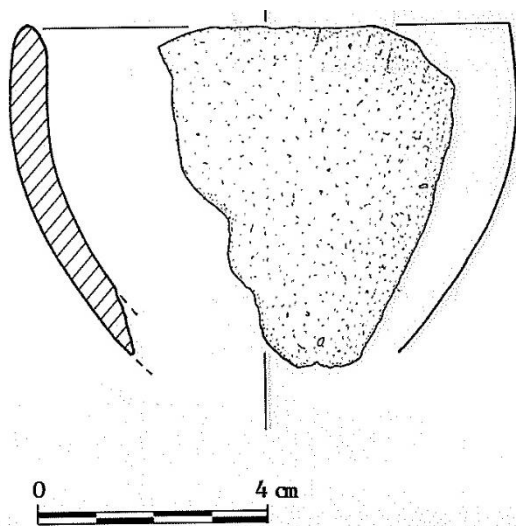


Figura 105 – Foto e desenho do recipiente CII102

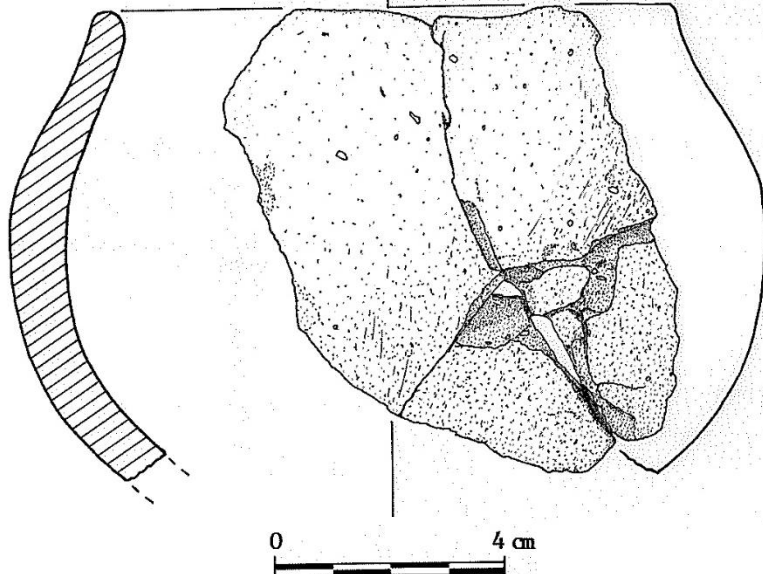


Figura 106 – Foto e desenho do recipiente CII103

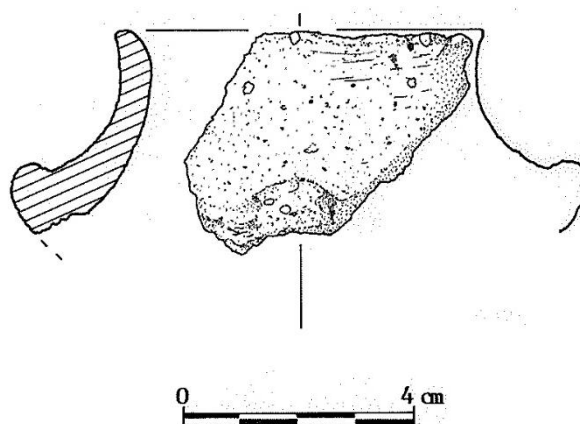


Figura 107 – Foto e desenho do recipiente CII104

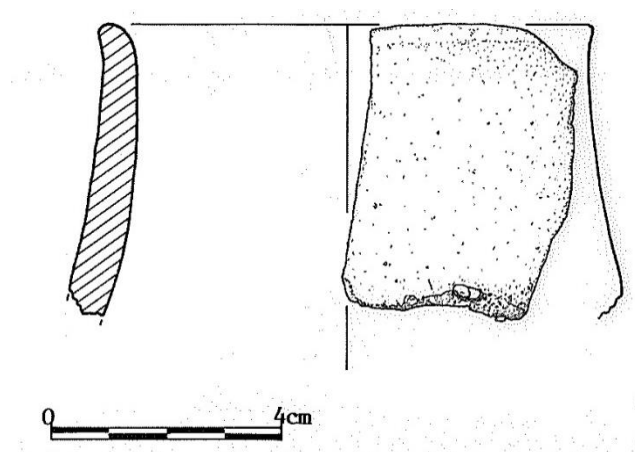


Figura 108 – Foto e desenho do recipiente CII106

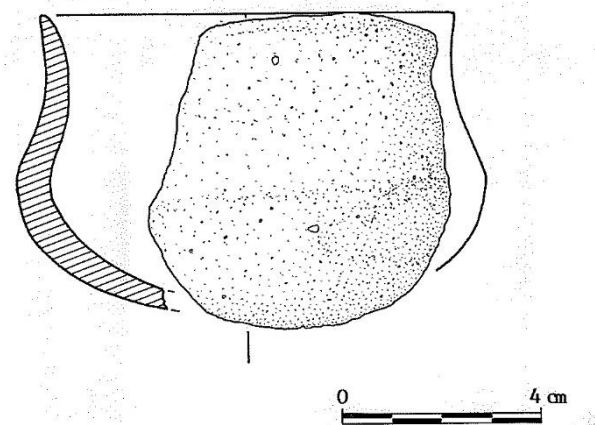


Figura 10939 - Foto e desenho do recipiente CII113

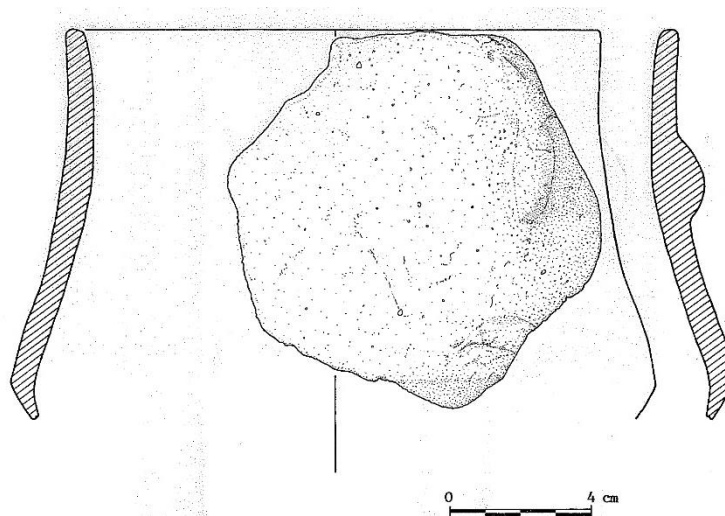


Figura 110 – Foto e desenho do recipiente CII115

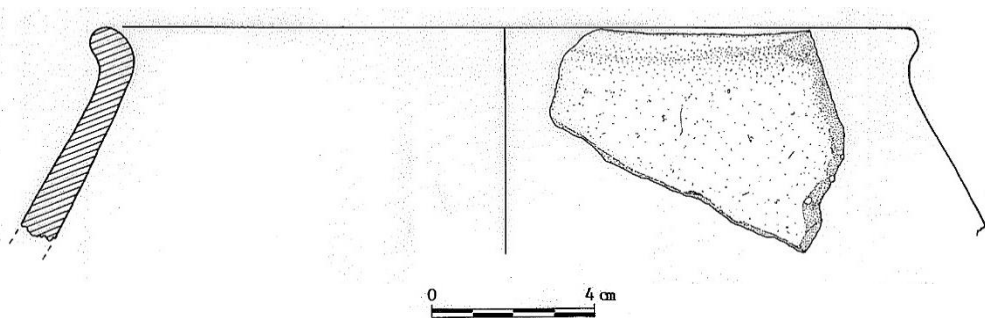


Figura 111 – Foto e desenho do recipiente CII117



Figura 112 – Foto do conjunto de recipientes cerâmicos da anta dos Coureleiros 1



Figura 113 – Foto do conjunto de percutores da anta dos Coureiros 1



Figura 114 – Foto do conjunto de enxós da anta dos Coureleiros 1



Figura 115 – Foto do conjunto de machados da anta dos Coureleiros 1



Figura 116 – Foto do conjunto de pontas de seta da anta dos Coureiros 1



Figura 117 – Foto do conjunto de lâminas da anta dos Coureiros 1



Figura 118 – Foto do conjunto de micrólitos geométricos da anta dos Coureiros 1



Figura 119 – Foto do conjunto de lamelas da anta dos Coureiros 1



Figura 120 – Foto do conjunto de contas de colar da anta dos Coureiros 1



Figura 121 – Foto do conjunto de placas de “xisto” da anta dos Coureiros 1

1.2.2. Ficha de Sítio: Coureleiros 2

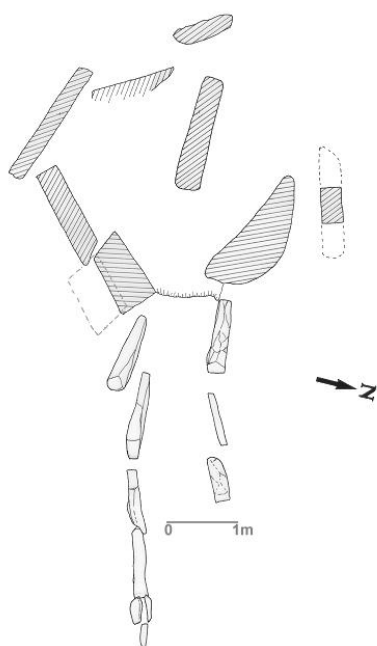


Figura 122 - Planta dos Coureleiros 2
(Arquivo S.A.C.M.C.V.)

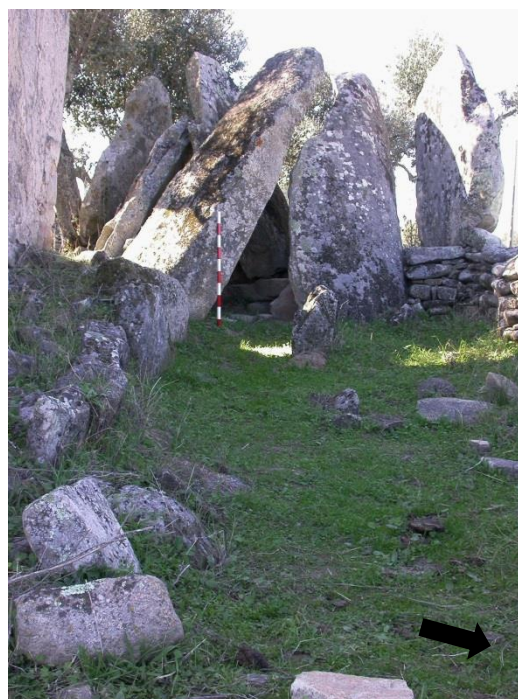


Figura 123 – Foto de vista Este dos Coureleiros 2
(Arquivo S.A.C.M.C.V., modificada)

Breve história das investigações:

Em 1959, Vera e Georg Leisner denominam este monumento Anta 2 da Herdade dos Coureleiros (LEISNER & LEISNER, 1959). Por sua vez, Maria da Conceição Rodrigues atribuiu-lhe o número 4 (Coureleiros 4) (RODRIGUES, 1975), denominação que Jorge de Oliveira (OLIVEIRA, 1997), Francisco Salpico (SALPICO, 2002) e Sandra Santos (SANTOS, 2010) mantêm.

O corredor deste monumento foi escavado por Jorge de Oliveira em 1991 (OLIVEIRA 1991).

Código Nacional de Sítio: CNS 438

Classificação Patrimonial: Imóvel de Interesse Público (DR 31/12/1997: 6896 – Dec. 67/97)

Localização Administrativa: Lugar dos Coureleiros, Freguesia de Santiago Maior, Castelo de Vide, Portalegre

Cartografia: IGEO, Instituto Geográfico do Exército – Carta Militar de Portugal – Folha n.º 335 (1:25 000), Série M888, Lisboa. 1999

Coordenadas Geográficas: X: 256997, 54 Y: 264311, 26

Implantação Topográfica: Encosta

Associação a outros sítios pré-históricos: Necrópole megalítica

1 - **Tipologia arquitetónica:** Anta de câmara e corredor diferenciados

2 – **Diâmetro máximo da câmara:** Grande ($\approx 3,5$ metros)

3 – **Dimensão do corredor:** Longo (≈ 5 metros)

4 – **Orientação do corredor:** Este

5 – **Número de esteiros componentes da câmara:** 7 esteiros (bastante deslocados da posição original)

6 – **Número de esteiros componentes do corredor:** 7 esteiros

7 – **Morfologia da câmara:** Poligonal

8 – **Morfologia do corredor:** Paralelo

9 – **Laje de fecho em cutelo:** Ausente

10 – **Laje de cobertura da câmara:** Ausente

11 – **Lajes de cobertura do corredor:** Ausente

12 – **Mamoa:** Ausente

Materiais arqueológicos exumados na Anta

Pedra Lascada	Lâminas /Lamelas	9
	Micrólitos Geométricos	1
	Pontas de Seta	30
	Outros	2
Pedra Polida	Percutores	--
	Machados de Pedra Polida	1
	Enxós	1
	Moventes	--
	Dormentes	--
	Outros	--
Cerâmicas	(inclui fragmentos inclassificados)	25
Objectos de Adorno	Contas de Colar	19
	Placas de “Xisto”	4
	Báculos	--
	Zoomorfos	--
Outros		1

14 – Bibliografia

LEISNER, G., LEISNER, V. (1959) *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der westen*. Madrider Forschungen 1.2. Berlim: Walter De Gruiter & Co.

OLIVEIRA, J. (1991) *Anta IV dos Coureiros*. Castelo de Vide. Relatório de escavação 1991. Évora. Proc. S-438 [ant.91/1(147)].

OLIVEIRA, J. (1997) *Monumentos Megalíticos da Bacia Hidrográfica da Rio Sever. Tomo I*. Edição Especial Ibn-Maruan. Marvão: Colibri/Câmara Municipal.

RODRIGUES, M (1975) *Carta Arqueológica do Concelho de Castelo de Vide*. Lisboa: Junta Distrital de Portalegre.

SALPICO, F. (2002) Antas, Menires e Bandas de Radiação. *Ibn-Marúan*. Nº 12. Marvão: Câmara Municipal: 231-235.

SANTOS, S. (2010) *Limpeza, Valorização e Conservação de Sítios e Monumentos Arqueológicos no Concelho de Castelo de Vide*. Relatório Final. Castelo de Vide. Proc. 2010/1(205).

15 – Fotos e desenhos dos materiais¹⁷

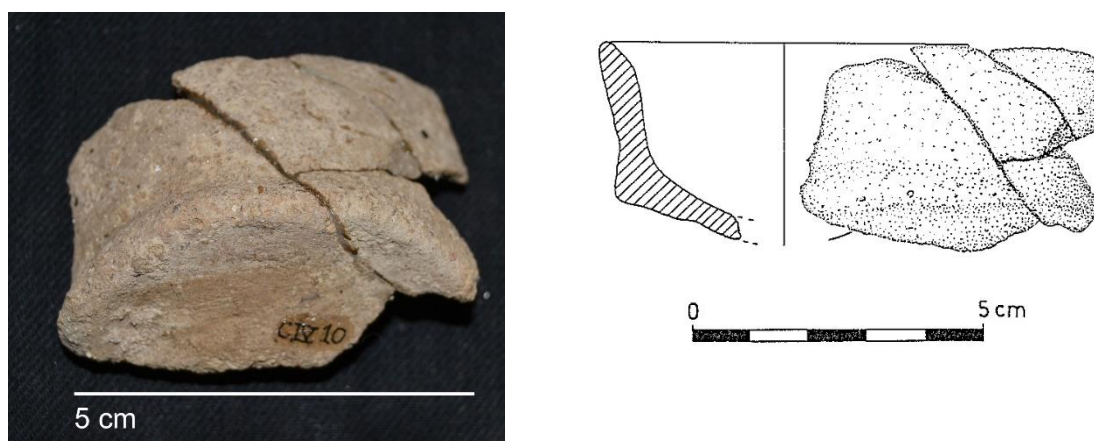


Figura 124 – Foto e desenho do recipiente CIV10

¹⁷ Desenhos cedidos pela Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide (S.A.C.M.C.V.)
Fotografias tiradas por mim.



Figura 125 – Foto do recipiente CIV25

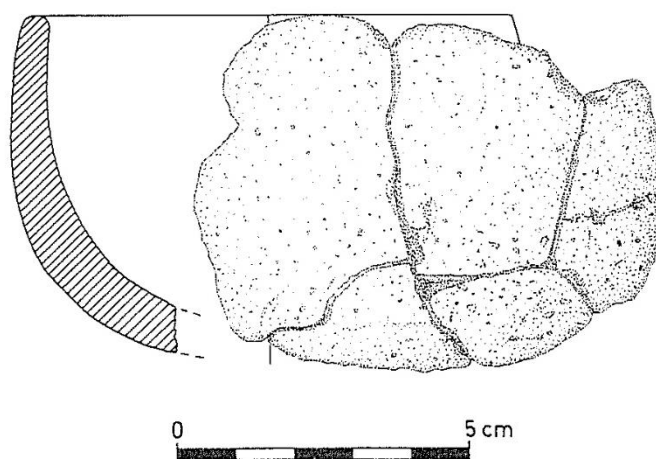


Figura 126 – Foto e desenho do recipiente CIV29

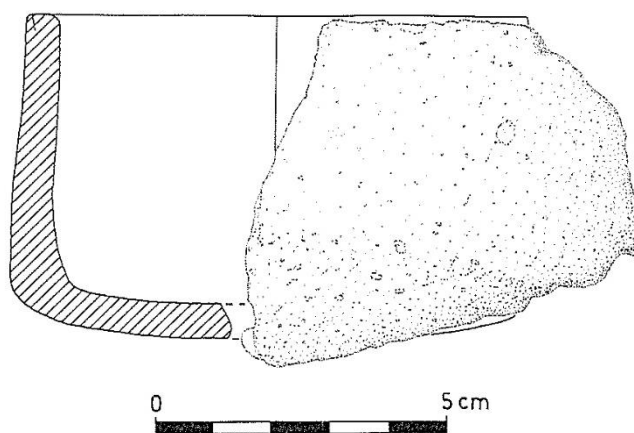


Figura 12741 – Foto e desenho do recipiente CIV30

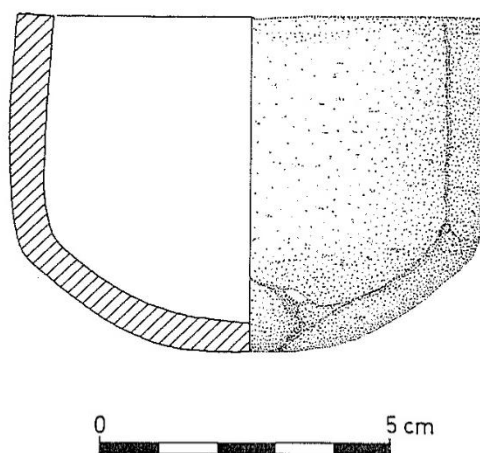


Figura 128 – Foto e desenho do recipiente CIV31

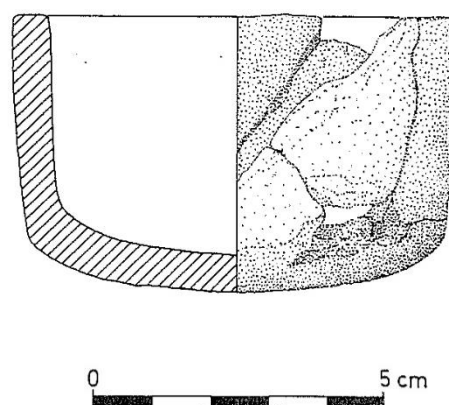


Figura 129 – Foto e desenho do recipiente CIV32

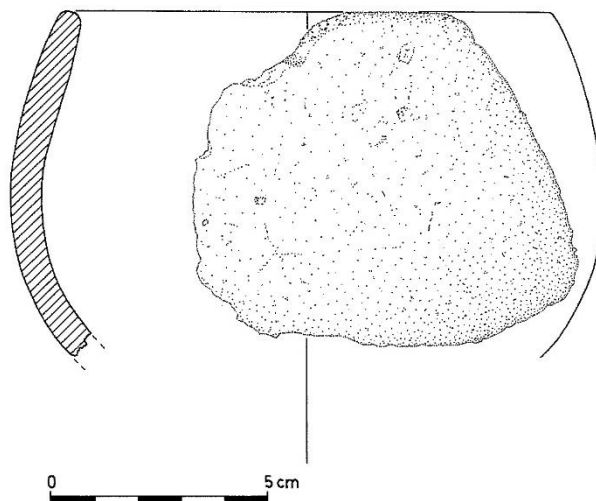


Figura 130 – Foto e desenho do recipiente CIV50

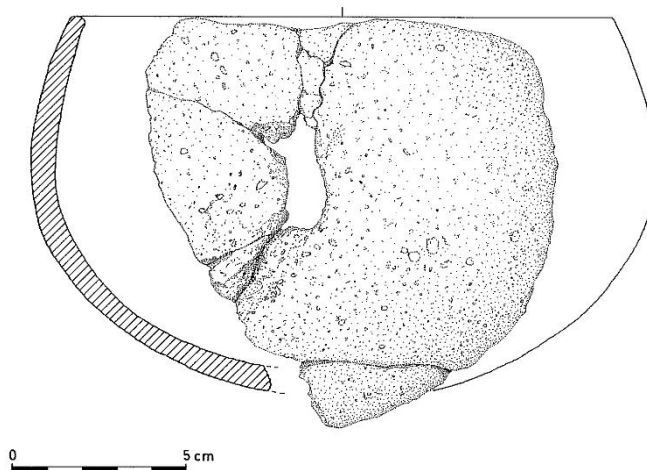


Figura 131 – Foto e desenho do recipiente CIV51

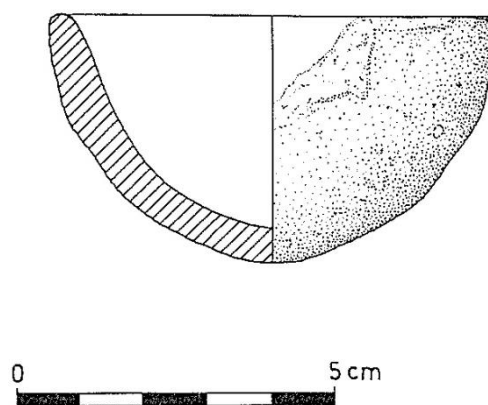


Figura 132 – Foto e desenho do recipiente CIV52

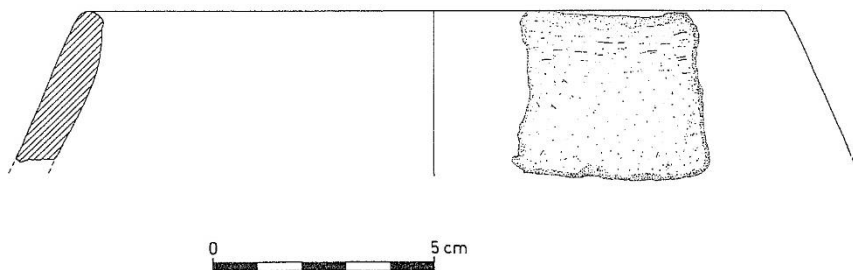


Figura 133 – Foto e desenho do recipiente CIV54

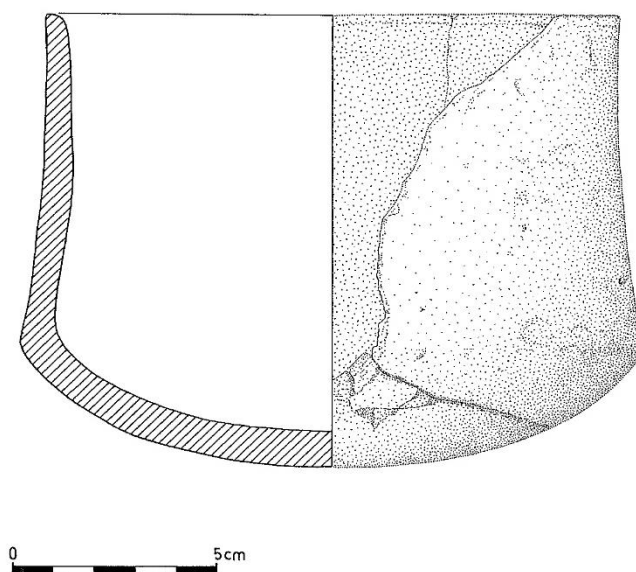


Figura 134 – Foto e desenho do recipiente CIV91



Figura 135 – Foto de conjunto dos recipientes cerâmicos da anta dos Coureleiros 2



Figura 136 – Foto de lascas e de um micrólito da anta dos Coureleiros 2



Figura 137 – Foto de conjunto das pontas de seta da anta dos Coureleiros 2

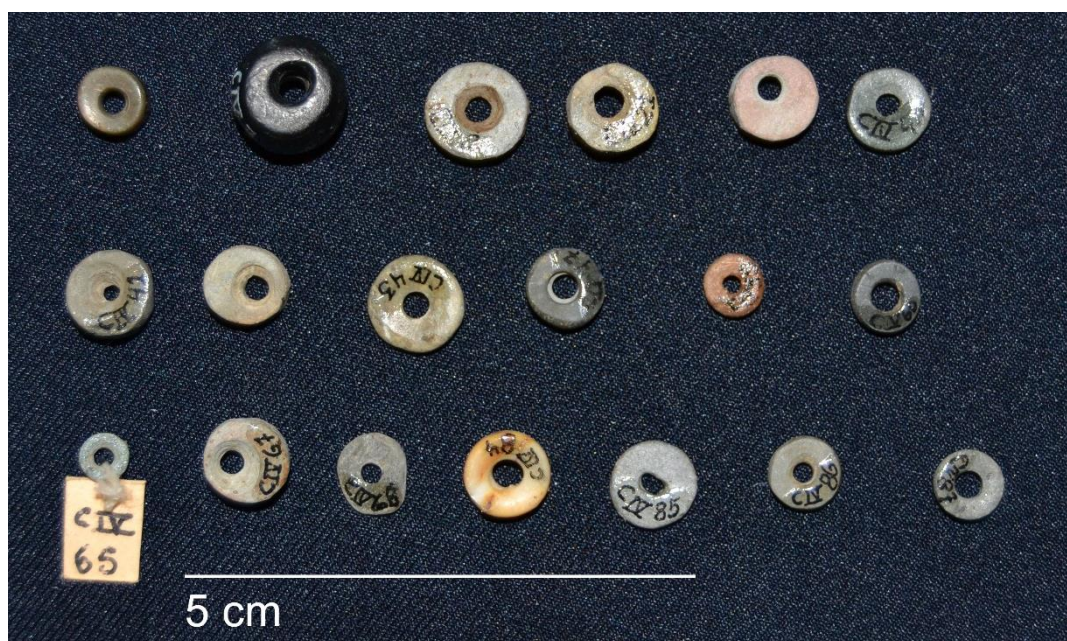


Figura 138 – Foto de conjunto das contas de colar da anta dos Coureleiros 2



Figura 139 – Foto de conjunto das lâminas da anta dos Coureleiros 2



Figura 140 – Foto do machado de pedra polida da anta dos Coureleiros 2



Figura 151 – Conjunto de placas de “xisto” da anta dos Coureleiros 2

1.2.3. Ficha de Sítio: Coureleiros 4

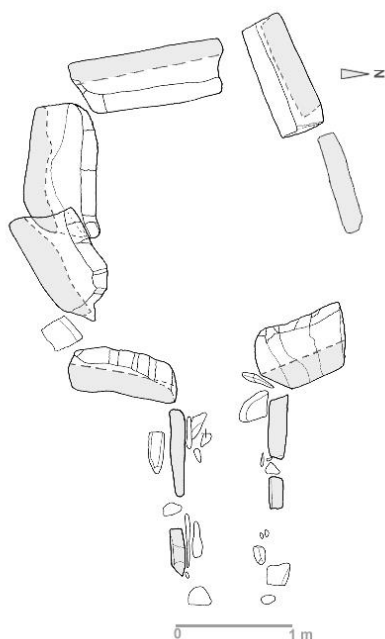


Figura 152 – Planta dos Coureleiros 4
(Arquivo S.A.C.M.C.V.)



Figura 153 – Foto de vista Nordeste dos Coureleiros 4 (Arquivo S.A.C.M.C.V., modificado)

Breve história das investigações:

Esta anta foi identificada pelo casal Leisner (LEISNER & LEISNER, 1959), que a denominou Anta 4 da Herdade dos Coureleiros. Em 1975, Maria da Conceição Rodrigues atribuiu-lhe o número 2 (Coureleiros 2), aquando da publicação da Carta Arqueológica de Castelo de Vide (RODRIGUES, 1975).

A anta dos Coureleiros 4 foi escavada por Dias de Deus, em 1945, não havendo documentação que ajude a perceber a sua intervenção (Arquivo Leisner, Caixa 67, Capilha 7). Em 1989 e 1990, Jorge de Oliveira realizou duas intervenções, que incidiram sobre a totalidade do monumento (OLIVEIRA, 1989, 1990, 1997), denominando-o Anta 3 dos Coureleiros.

Código Nacional de Sítio: CNS 439

Classificação Patrimonial: Imóvel de Interesse Público (DR 31/12/1997: 6896 – Dec. 67/97)

Localização Administrativa: Lugar dos Coureleiros, Freguesia de Santiago Maior, Castelo de Vide, Portalegre

Cartografia: IGEO, Instituto Geográfico do Exército – Carta Militar de Portugal – Folha n.º 335 (1:25 000), Série M888, Lisboa. 1999

Coordenadas Geográficas: X: 257120, 02 Y: 275363, 20

Implantação Topográfica: Encosta

Associação a outros sítios pré-históricos: Necrópole megalítica

1 - **Tipologia arquitetónica:** Anta de câmara e corredor diferenciados

2 – **Diâmetro máximo da câmara:** Média (≈ 2.70 metros)

3 – **Dimensão do corredor:** Curto (≈ 1.50 metros)

4 – **Orientação do corredor:** Este

5 – **Número de esteiros componentes da câmara:** 7 esteios

6 – **Número de esteios componentes do corredor:** 4 esteios

7 – **Morfologia da câmara:** Poligonal

8 – **Morfologia do corredor:** Paralelo

9 – **Laje de fecho em cutelo:** Ausente

10 – **Laje de cobertura da câmara:** Ausente

11 – **Laje de cobertura do corredor:** Ausente

12 – **Mamoá:** Ausente

Materiais arqueológicos exumados na Anta

Pedra Lascada	Lâminas /Lamelas	--
	Micrólitos Geométricos	3
	Pontas de Seta	--
	Outros	8
Pedra Polida	Percutores	2
	Machados de Pedra Polida	8
	Enxós	3
	Moventes	1
	Dormentes	--
	Outros	2
Cerâmicas	(inclui fragmentos inclassificados)	--
Objectos de Adorno	Contas de Colar	--
	Placas de “Xisto”	--
	Báculos	--
	Zoomorfos	--
Outros		6

14 – Bibliografia

LEISNER, G., LEISNER, V. (1959) *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der westen*. Madrider Forschungen 1.2. Berlin: Walter De Gruiter & Co.

OLIVEIRA, J. (1989) *Relatório de Escavação. Anta dos Coureleiros – III (Anta pequena). Campanha 1 – 1989*. Évora. Proc. S-439 [ant. 89/1(90)].

OLIVEIRA, J. (1990) *Relatório de Escavação. Anta dos Coureleiros – III (Anta pequena). Segunda Campanha – 1990*. Évora. Proc. S-439 [ant. 89/1(90)]

OLIVEIRA, J. (1997) *Monumentos Megalíticos da Bacia Hidrográfica da Rio Sever. Tomo I. Edição Especial Ibn-Maruan*. Marvão: Colibri/Câmara Municipal.

RODRIGUES, M (1975) *Carta Arqueológica do Concelho de Castelo de Vide*. Lisboa: Junta Distrital de Portalegre.

15 – Fotos e desenhos dos materiais¹⁸



Figura 154 – Foto do conjunto de vários objetos considerados como “outros” da anta dos Coureleiros 4

¹⁸ Fotografias tiradas por mim.



Figura 155 – Foto do conjunto de machados da anta dos Coureleiros 4



Figura 156 – Foto do conjunto de líticos (lâmina e micrólitos geométricos) da anta dos Coureleiros 4



Figura 136 – Foto do conjunto de enxós da anta dos Coureleiros 2



Figura 137 – Foto de movente e percutores da anta dos Coureleiros 2

1.2.4. Ficha de Sítio: Coureleiros 5

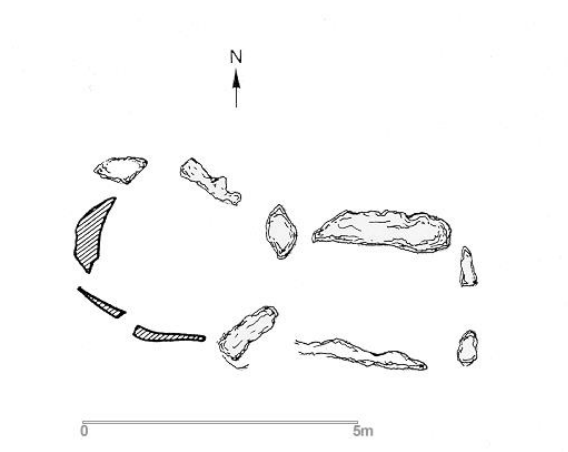


Figura 138 – Planta dos Coureleiros 5 (Arquivo S.A.C.M.C.V.)



Figura 139 – Foto da vista Este dos Coureleiros 5 (Arquivo S.A.C.M.C.V.)

Breve história das investigações:

Esta anta foi denominada Anta 5 da Herdade dos Coureleiros pelo casal Leisner (LEISNER & LEISNER, 1959). Seguidamente, em 1975, Maria da Conceição Rodrigues denomina-a Coureleiros 3 (RODRIGUES, 1975). No entanto, tal como aconteceu na anta acima descrita, também esta foi objecto de uma terceira denominação – Coureleiros 1 – por parte de Jorge de Oliveira (OLIVEIRA, 1997).

Este último investigador escavou integralmente o monumento em 1991.

Código Nacional de Sítio: CNS 437

Classificação Patrimonial: Imóvel de Interesse Público (DR 31/12/1997: 6896 – Dec. 67/97)

Localização Administrativa: Lugar dos Coureleiros, Freguesia de Santiago Maior, Castelo de Vide, Portalegre

Cartografia: IGEO, Instituto Geográfico do Exército – Carta Militar de Portugal – Folha n.º 335 (1:25 000), Série M888 Lisboa. 1999

Coordenadas Geográficas: X: 257097, 26 Y: 275214, 78

Implantação Topográfica: Encosta

Associação a outros sítios pré-históricos: Necrópole megalítica

1 - Tipologia arquitetónica: Anta de câmara e corredor diferenciados

- 2 – **Diâmetro máximo da câmara:** Média (≈ 3.20 metros)
- 3 – **Dimensão do corredor:** Médio (≈ 3.50 metros)
- 4 – **Orientação do corredor:** Este
- 5 – **Número de esteiros componentes da câmara:** 3 esteiros e 4 alvéolos.
- 6 – **Número de esteiros componentes do corredor:** 4 alvéolos
- 7 – **Morfologia da câmara:** Poligonal
- 8 – **Morfologia do corredor:** Paralelo
- 9 – **Laje de fecho em cutelo:** Ausente
- 10 – **Laje de cobertura da câmara:** Ausente
- 11 – **Lajes de cobertura do corredor:** Ausente
- 12 – **Mamoa:** Ausente

Materiais arqueológicos exumados na Anta

Pedra Lascada	Lâminas /Lamelas	6
	Micrólitos Geométricos	1
	Pontas de Seta	2
	Outros	2
Pedra Polida	Percutores	2
	Machados de Pedra Polida	1
	Enxós	1
	Moventes	--
	Dormentes	--
	Outros	--
Cerâmicas	(inclui fragmentos inclassificados)	6
Objectos de Adorno	Contas de Colar	--
	Placas de “Xisto”	5
	Báculos	--
	Zoomorfos	--
Outros		1

14 – Bibliografia

LEISNER, G., LEISNER, V. (1959) *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der westen*. Madrider Forschungen 1.2. Berlim: Walter De Gruiter & Co.

OLIVEIRA, J. (1997) *Monumentos Megalíticos da Bacia Hidrográfica da Rio Sever. Tomo I*. Edição Especial Ibn-Maruan. Marvão: Colibri/Câmara Municipal.

RODRIGUES, M (1975) *Carta Arqueológica do Concelho de Castelo de Vide*. Lisboa: Junta Distrital de Portalegre.

15 – Fotos e desenhos dos materiais¹⁹

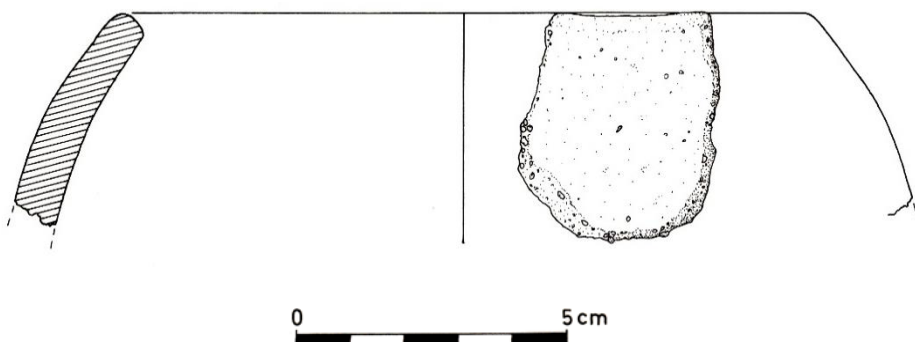


Figura 140 – Foto e desenho do recipiente CI17

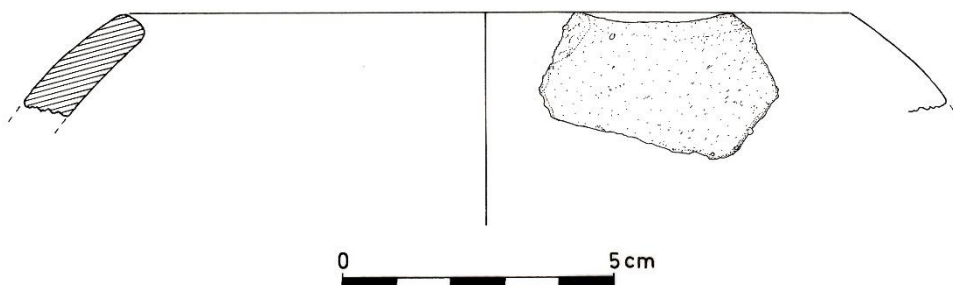


Figura 141 – Foto e desenho do recipiente CI18

¹⁹ Desenhos cedidos pela Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide (S.A.C.M.C.V.).
Fotografias tiradas por mim.

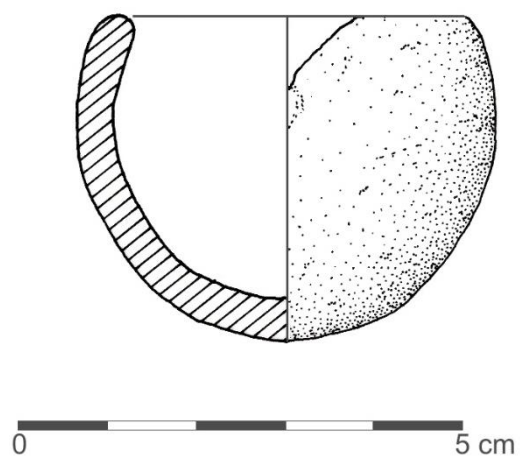


Figura 142 – Foto e desenho do recipiente CI21

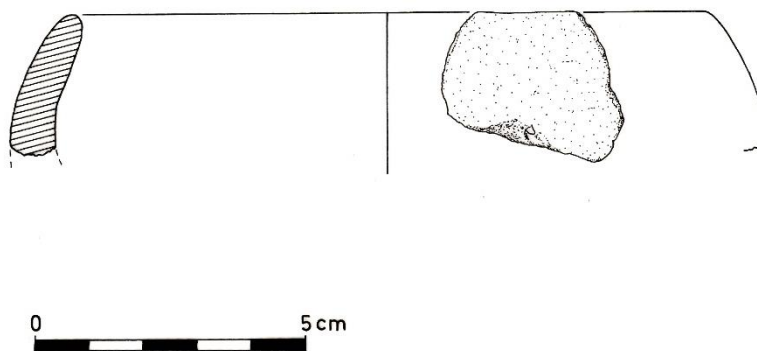


Figura 143 – Foto e desenho do recipiente CI27



Figura 144 – Foto de conjunto dos recipientes cerâmicos da anta dos Coureleiros 5



Figura 145 – Foto de conjunto dos percutores da anta dos Coureleiros 5



Figura 146 – Foto de enxada da anta dos Coureleiros 5



Figura 147 – Foto de machado da anta dos Coureleiros 5

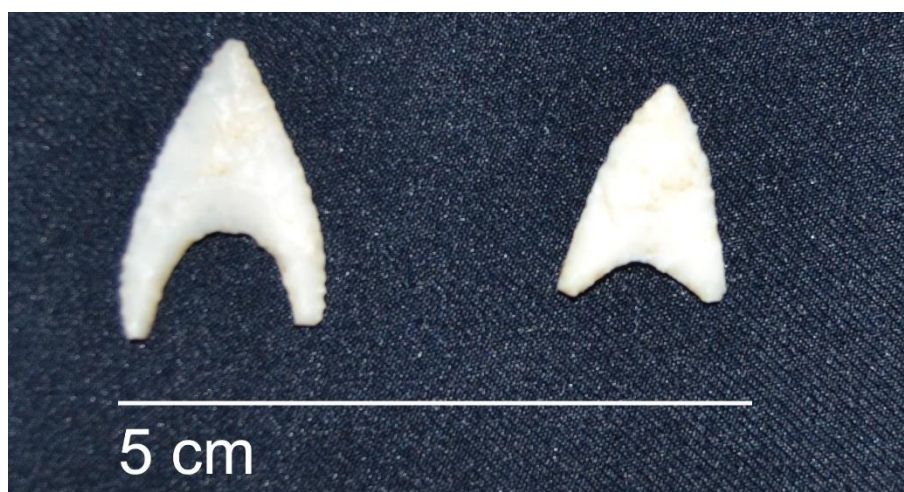


Figura 148 – Foto de conjunto das pontas de seta da anta dos Coureleiros 5



Figura 149 – Foto de conjunto de lâminas da anta dos Coureleiros 5



Figura 150 – Foto do micrólito geométrico da anta dos Coureleiros 5



Figura 151 - Foto de conjunto de placas de “xisto” da anta dos Coureleiros 5



Figura 152 – Foto de um cristal de quartzo e de um buril da anta dos Coureleiros 5

1.3. Ficha de Sítio: Mosteiros

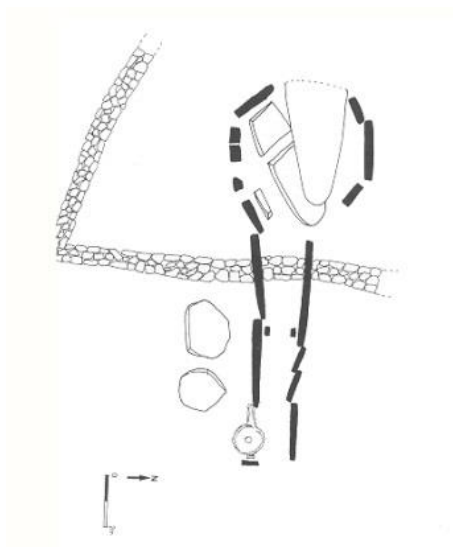


Figura 153 – Planta dos Mosteiros (Arquivo S.A.C.M.C.V.)



Figura 154 – Foto de vista Oeste dos Mosteiros (Arquivo S.A.C.M.C.V., modificada)

Breve história das investigações:

Identificada inicialmente pelo casal Leisner, que a denomina Herdade dos Mosteiros (LEISNER & LEISNER, 1959), foi-lhe atribuído, nos anos 70, um novo nome, Anta da Tapada de Matos (RODRIGUES, 1975). Esta foi também a designação utilizada, posteriormente, por Jorge de Oliveira (OLIVEIRA, 1997, 1999).

O corredor desta anta foi escavado em 1983 pelo Grupo de Arqueologia de Castelo de Vide e, em 1994 e 1995, por Jorge de Oliveira (OLIVEIRA, 1999).

Código Nacional de Sítio: CNS 1230

Classificação Patrimonial: Imóvel de Interesse Público (DR 24/12/2012: 40536-(30-31) – Port. 740-AI/2012)

Localização Administrativa: Lugar dos Mosteiros, Freguesia de Nossa Senhora da Graça de Póvoa e Meadas, Castelo de Vide, Portalegre

Cartografia: IGEO, Instituto Geográfico do Exército – Carta Militar de Portugal – Folha n.º 325 (1:25 000), Série M888, Lisboa. 1971

Coordenadas Geográficas: X: 250027, 42 Y: 283691, 34

Implantação Topográfica: Encosta

Associação a outros sítios pré-históricos: Desconhecida

1 - **Tipologia arquitetónica:** Anta de câmara e corredor diferenciados

2 – **Diâmetro máximo da câmara:** Muito grande (≈ 5.80 metros)

3 – **Dimensão do corredor:** Longo (≈ 9.20 metros)

4 – **Orientação do corredor:** Este

5 – **Número de esteiros componentes da câmara:** 8 esteios (*7 in situ*)

6 – **Número de esteios componentes do corredor:** 6 esteios

7 – **Morfologia da câmara:** Poligonal

8 – **Morfologia do corredor:** Paralelo

9 – **Laje de fecho em cutelo:** Ausente

10 – **Laje de cobertura da câmara:** Ausente

11 – **Lajes de cobertura do corredor:** Ausente

12 – **Mamoá:** Preservada

Materiais arqueológicos exumados na Anta

Pedra Lascada	Lâminas /Lamelas	98
	Micrólitos Geométricos	1
	Pontas de Seta	193
	Outros	Pontas de Lança – 8; Alabardas – 12; Outros – 5
Pedra Polida	Percutores	--
	Machados de Pedra Polida	1
	Enxós	--
	Moventes	--
	Dormentes	--
	Outros	--
Cerâmicas	(inclui fragmentos inclassificados)	22
Objectos de Adorno	Contas de Colar	211
	Placas de “Xisto”	16
	Báculos	--
	Zoomorfos	1
Outros		5

14 – Bibliografia

LEISNER, G., LEISNER, V. (1959) *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der westen*. Madrider Forschungen 1.2. Berlim: Walter De Gruiter & Co.

OLIVEIRA, J. (1997) *Monumentos Megalíticos da Bacia Hidrográfica da Rio Sever. Tomo I*. Edição Especial Ibn-Maruan. Marvão: Colibri/Câmara Municipal.

OLIVEIRA, J. (1999-2000) A Anta da Tapada de Matos – Castelo de Vide: Intervenção Arqueológica no corredor. *Ibn-Marúan*. Nº9/10. Marvão: Câmara Municipal: 239-260.

RODRIGUES, M (1975) *Carta Arqueológica do Concelho de Castelo de Vide*. Lisboa: Junta Distrital de Portalegre.

15 – Fotos e desenhos dos materiais²⁰

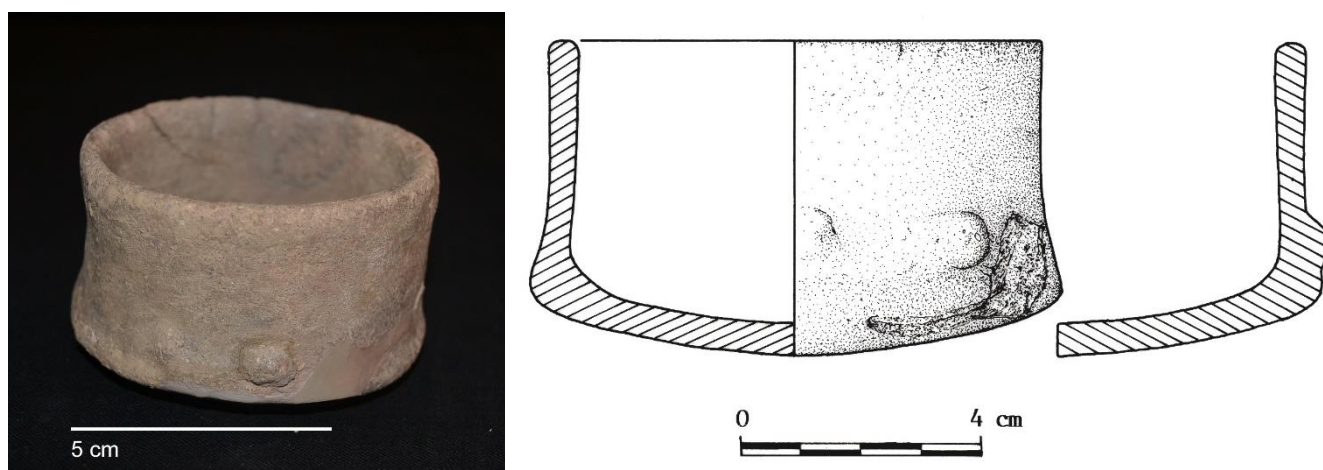


Figura 155 – Foto e desenho do recipiente TM1

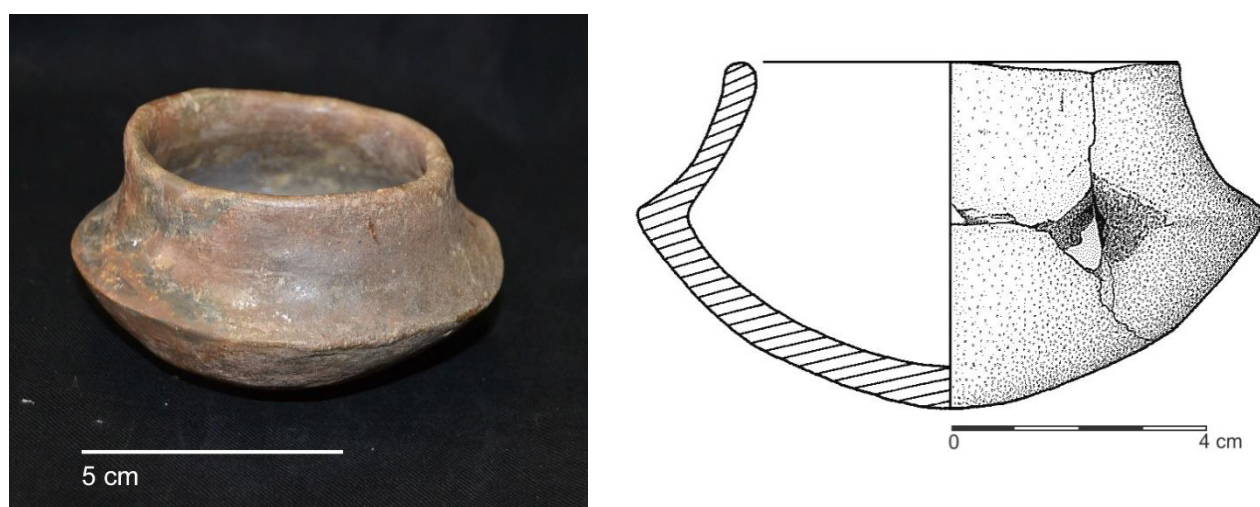


Figura 156 – Foto e desenho do recipiente TM2

²⁰ Desenhos cedidos pela Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide (S.A.C.M.C.V.).
Fotografias tiradas por mim.

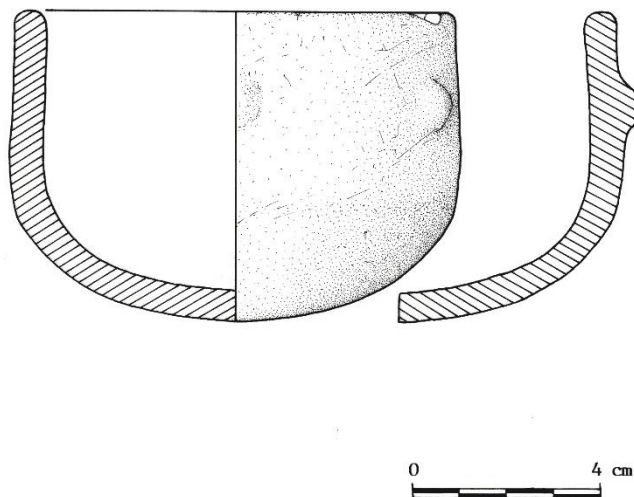


Figura 157 - Foto e desenho do recipiente TM3

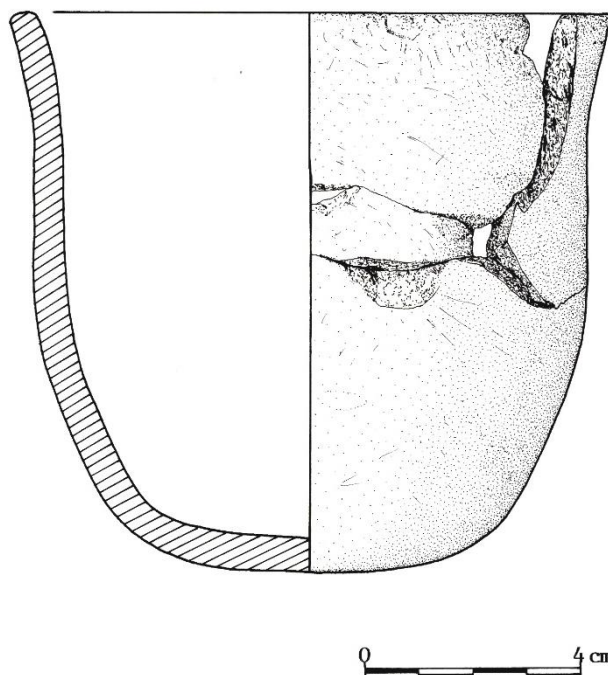


Figura 158 – Foto e desenho do recipiente TM4

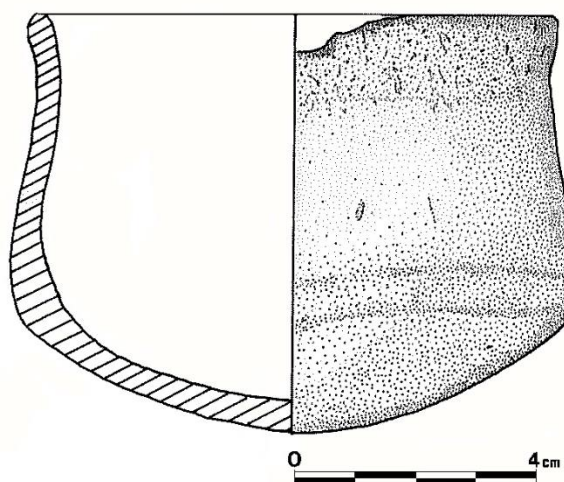


Figura 159 – Foto e desenho do recipiente TM5

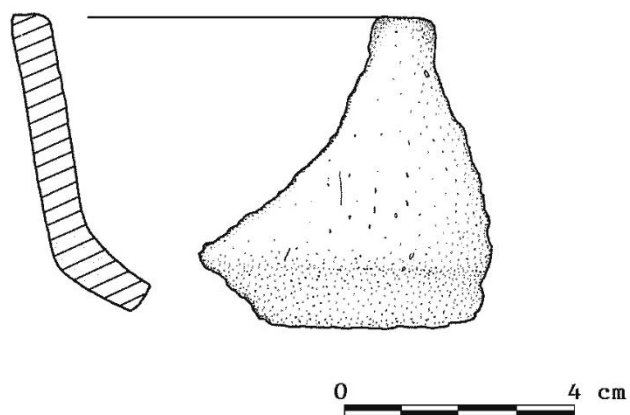


Figura 160 – Foto e desenho do recipiente TM6

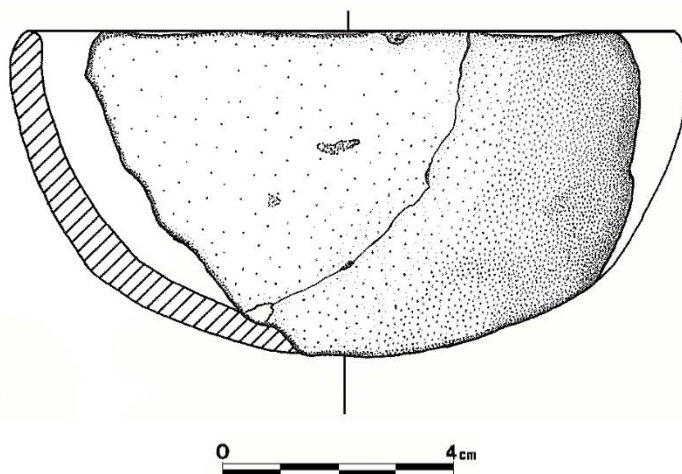


Figura 161 – Foto e desenho do recipiente TM7

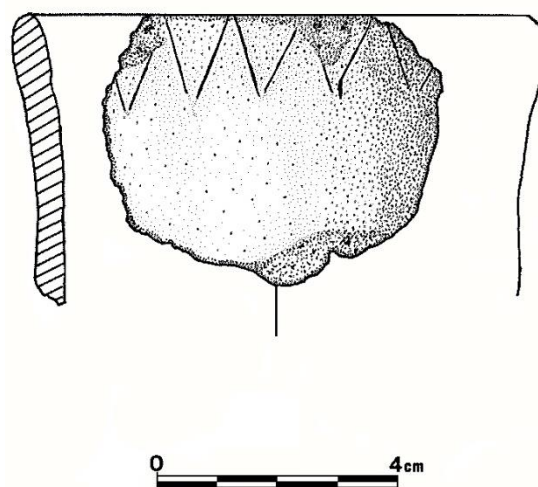


Figura 162 – Foto e desenho do recipiente TM8

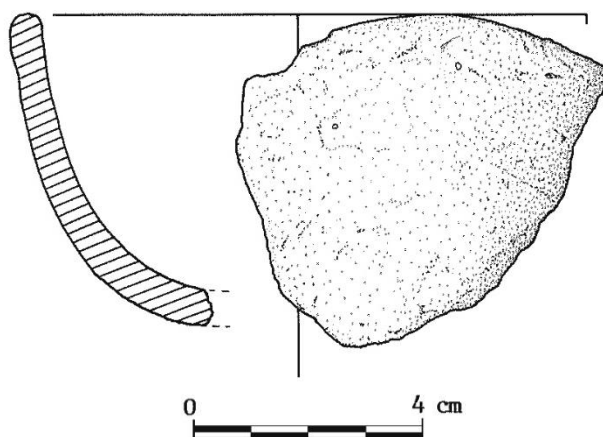


Figura 163 – Foto e desenho do recipiente TM9

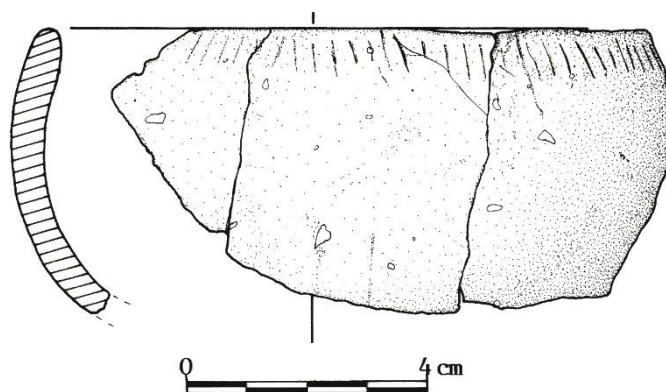


Figura 164 – Foto e desenho do recipiente TM10

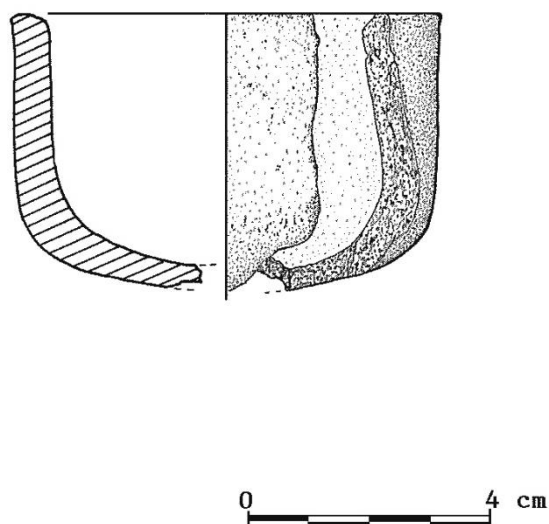


Figura 165 – Foto e desenho do recipiente TM12

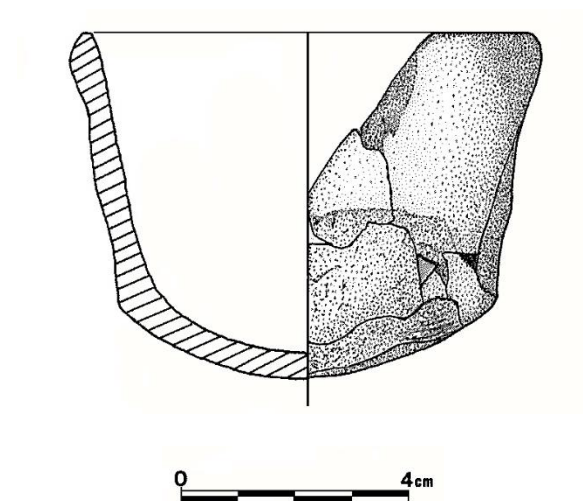


Figura 166 – Foto e desenho do recipiente TM13



Figura 167 – Foto do recipiente TM14

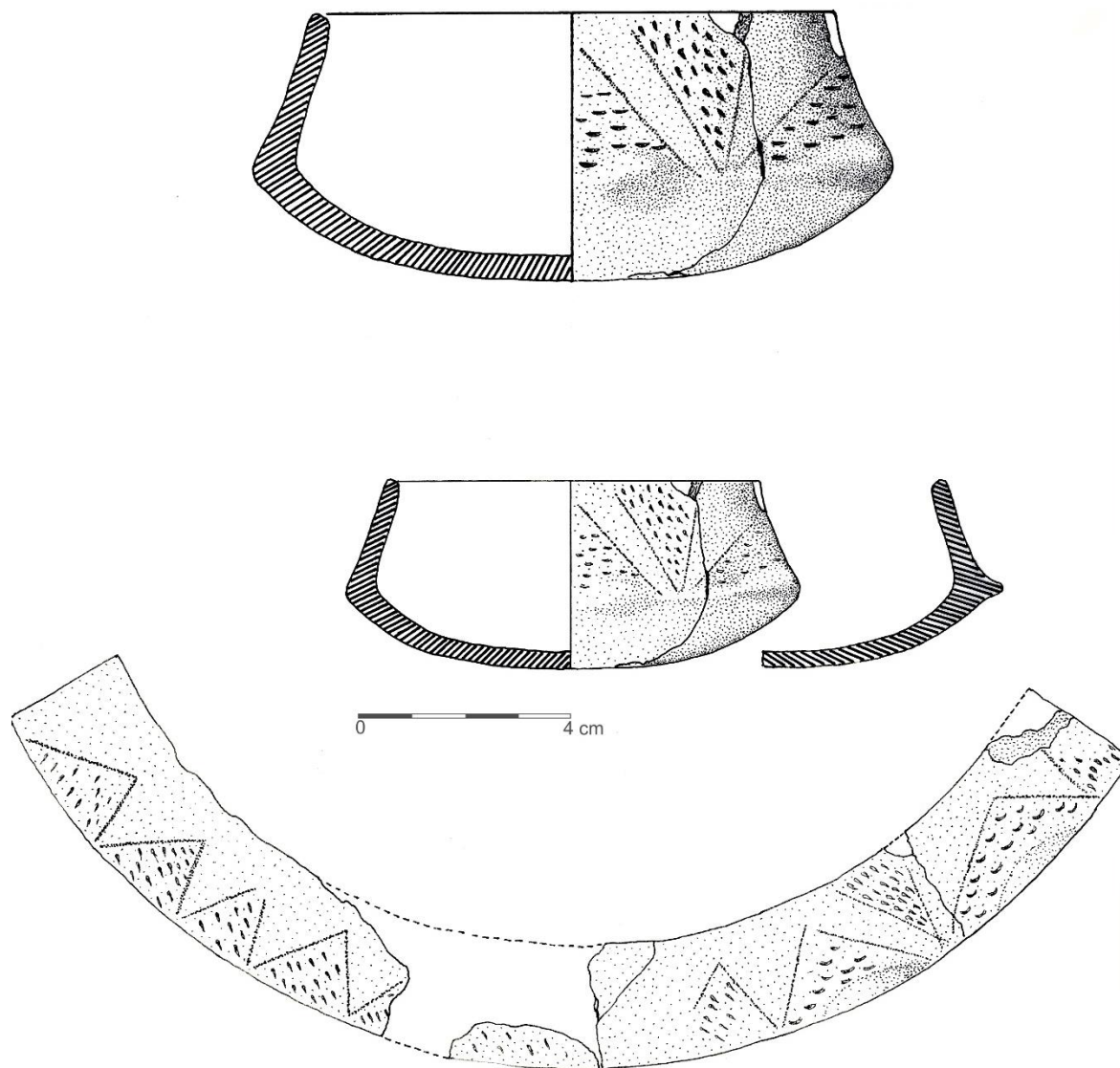


Figura 168 – Desenho do recipiente TM14

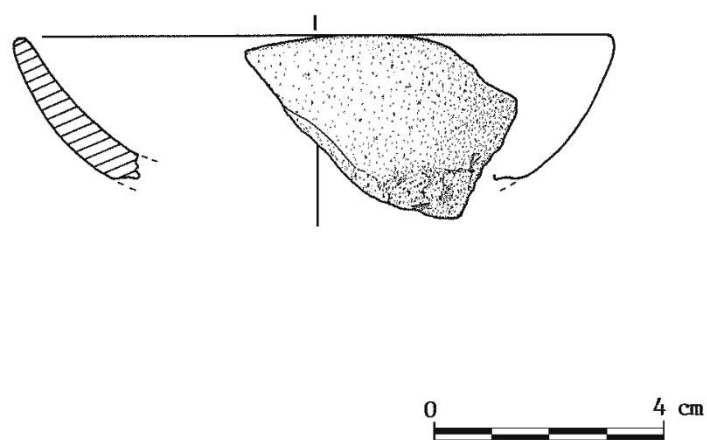


Figura 169 – Foto e desenho do recipiente TM527



Figura 170 – Foto de conjunto dos recipientes cerâmicos da anta dos Mosteiros



Figura 171 – Foto de conjunto das lâminas e lamelas da anta dos Mosteiros



Figura 172 – Foto de conjunto das pontas de seta da anta dos Mosteiros



Figura 173 – Foto de conjunto das contas de colar da anta dos Mosteiros



Figura 174 – Foto do machado da anta dos Mosteiros



Figura 175 – Foto de micrólitos, lascas e lamelas da anta dos Mosteiros



Figura 176 – Fotos de materiais considerados como “outros” da anta dos Mosteiros



Figura 177 – Foto de conjuntos das pontas de lança e alabardas da anta dos Mosteiros



Figura 178 – Foto de conjunto das placas de “xisto” da anta dos Mosteiros



Figura 179 – Foto do zoomorfo da anta dos Mosteiros

1.4. Ficha de Sítio: Pai Anes

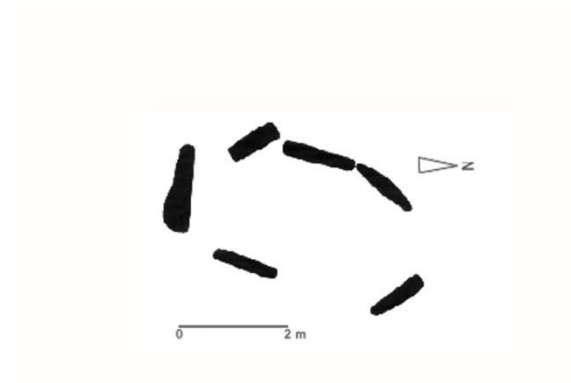


Figura 180 – Planta do Pai Anes (Arquivo S.A.C.M.C.V.)



Figura 181 - Foto de Vista Norte do Pai Anes (Arquivo S.A.C.M.C.V., modificada)

Breve história das investigações:

Este monumento foi inicialmente identificado por Maria da Conceição Rodrigues, que o publica na “*Carta Arqueológica do Concelho de Castelo de Vide*” (RODRIGUES, 1975), sob a designação de Anta de Pai Anes. Jorge de Oliveira usa o mesmo nome para o designar.

Foi realizada uma intervenção arqueológica nesta anta, em 1981, dirigida por Diamantino Sanches Trindade, com a colaboração do Grupo de Arqueologia de Castelo de Vide (*Anta do Pai Anes*, documento interno do G.A.C.V., 1982).

Código Nacional de Sítio: CNS 442

Classificação Patrimonial: Imóvel de Interesse Público (67/97, DR 301, de 31-12-1997)

Localização Administrativa: Lugar da Piçarra, Freguesia de Nossa Senhora da Graça de Póvoa e Meadas, Castelo de Vide, Portalegre

Cartografia: IGEO, Instituto Geográfico do Exército – Carta Militar de Portugal – Folha n.º 325 (1:25 000), Série M888, Lisboa. 1971

Coordenadas Geográficas: X: 250983, 30 Y: 283590, 40

Implantação Topográfica: Encosta

Associação a outros sítios pré-históricos: Desconhecida

1 - **Tipologia arquitetónica:** Anta, corredor não identificado/ corredor destruído

2 – **Diâmetro máximo da câmara:** Grande (\approx 3,80 metros)

- 3 – **Dimensão do corredor:** Indeterminável
- 4 – **Orientação do corredor:** Entrada da câmara a Este
- 5 – **Número de esteiros componentes da câmara:** 7 esteiros (6 *in situ*)
- 6 – **Número de esteiros componentes do corredor:** Indeterminável
- 7 – **Morfologia da câmara:** Poligonal
- 8 – **Morfologia do corredor:** Indeterminável
- 9 – **Laje de fecho em cutelo:** Ausente
- 10 – **Laje de cobertura da câmara:** Ausente
- 11 – **Laje de cobertura do corredor:** Ausente
- 12 – **Mamoas:** Ausente

Materiais arqueológicos exumados na Anta

Pedra Lascada	Lâminas /Lamelas	1
	Micrólitos Geométricos	1
	Pontas de Seta	2
	Outros	2
Pedra Polida	Percutores	--
	Machados de Pedra Polida	4
	Enxós	--
	Moventes	--
	Dormentes	--
	Outros	1
Cerâmicas	(inclui fragmentos inclassificados)	31
Objectos de Adorno	Contas de Colar	21
	Placas de “Xisto”	3
	Báculos	--
	Zoomorfos	--
Outros		2

14 – Bibliografia

G.A.V.C. (1982) *Anta do Pai Anes: Contributos para o estudo da Arqueologia do Concelho de Castelo de Vide*. Documento interno da Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide. Castelo de Vide.

RODRIGUES, M (1975) *Carta Arqueológica do Concelho de Castelo de Vide*. Lisboa: Junta Distrital de Portalegre.

15 – Fotos e desenhos dos materiais²¹

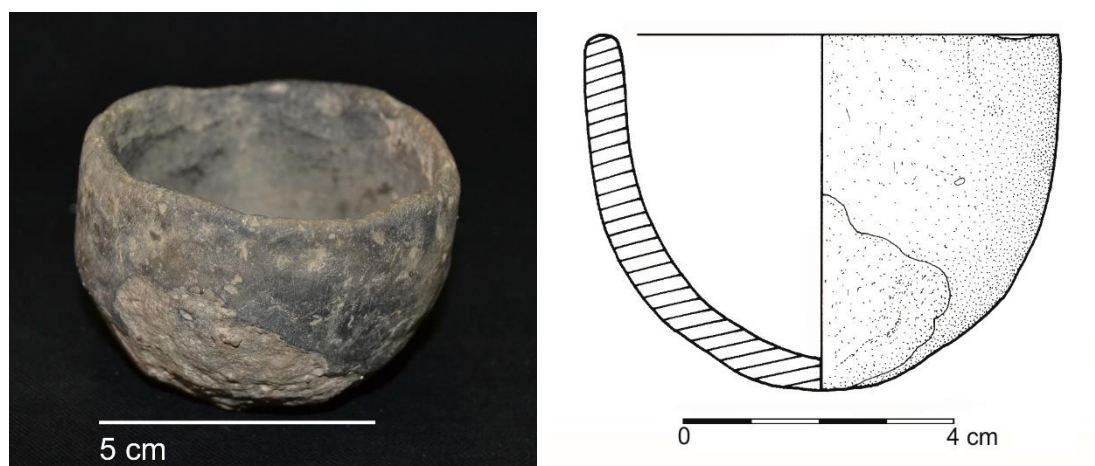


Figura 182 – Foto e desenho do recipiente PA29

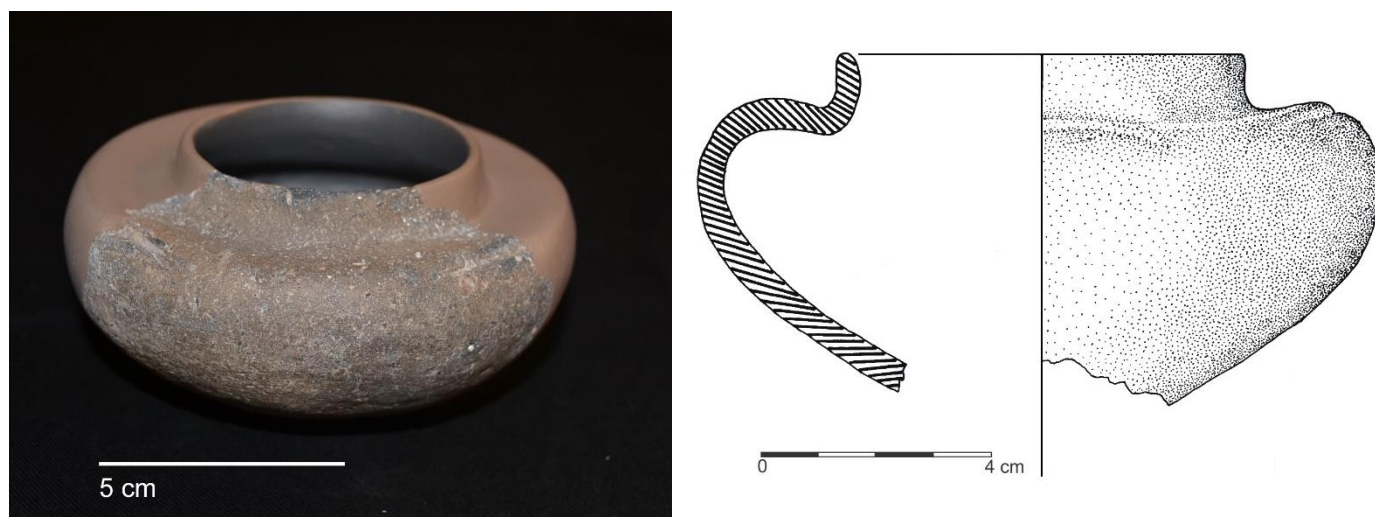


Figura 183 – Foto e desenho do recipiente PA30

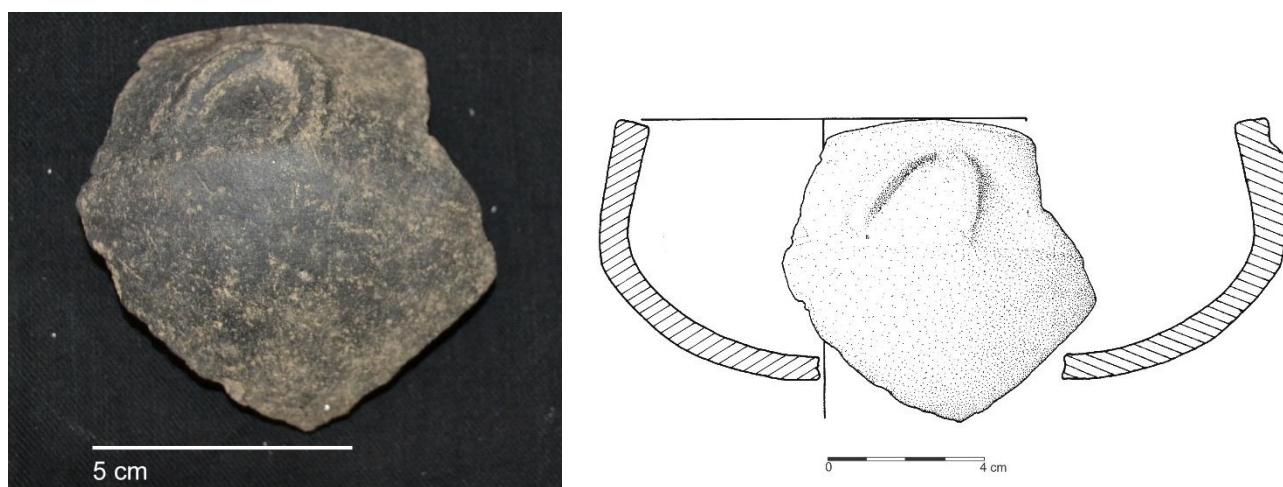


Figura 184 – Foto e desenho do recipiente PA31

²¹ Desenhos cedidos pela Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide (S.A.C.M.C.V.)
Fotografias tiradas por mim.

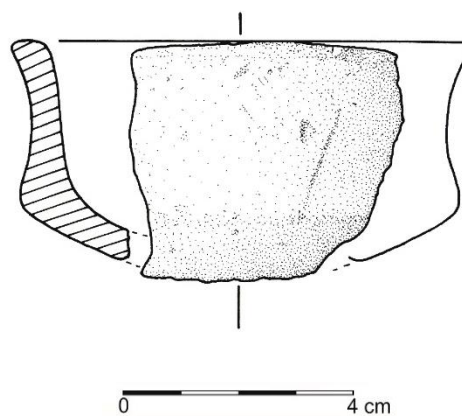


Figura 185 – Foto e desenho do recipiente PA32

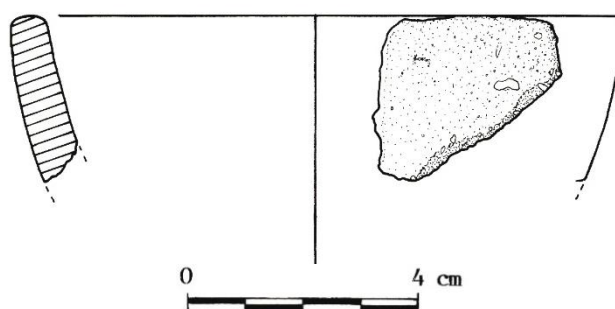


Figura 186 – Foto e desenho do recipiente PA35

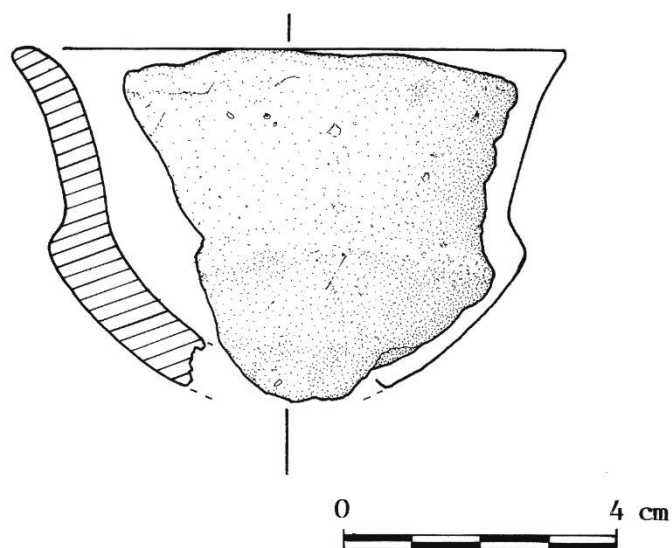


Figura 187 – Foto e desenho do recipiente PA39

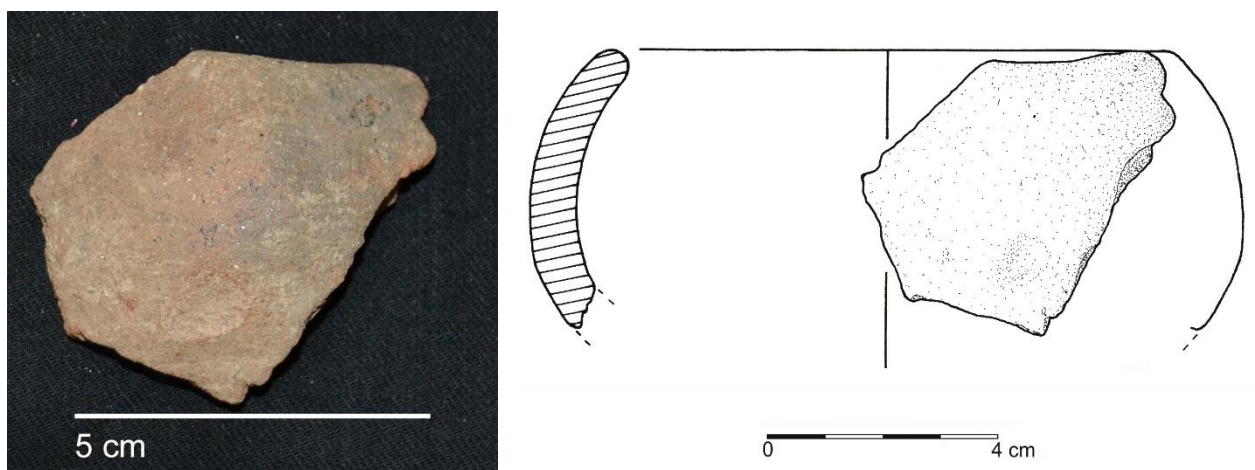


Figura 188 – Foto e desenho do recipiente PA40



Figura 189 – Foto do recipiente PA49



Figura 190 – Foto do conjunto dos recipientes cerâmicos da anta do Pai Anes



Figura 191 – Foto do conjunto dos machados de pedra polida da anta do Pai Anes



Figura 192 – Foto de micrólito, lâmina e restos de talhe da anta do Pai Anes



Figura 193 – Foto do conjunto de pontas de seta da anta do Pai Anes



Figura 194 – Foto de conjunto de “outros” da anta do Pai Anes



Figura 195 – Foto de “pedra de amolar” da anta do Pai Anes



Figura 196 – Foto de conjunto das placas de “xisto” da anta do Pai Anes

1.5. Ficha de Sítio: Tapada do Souto

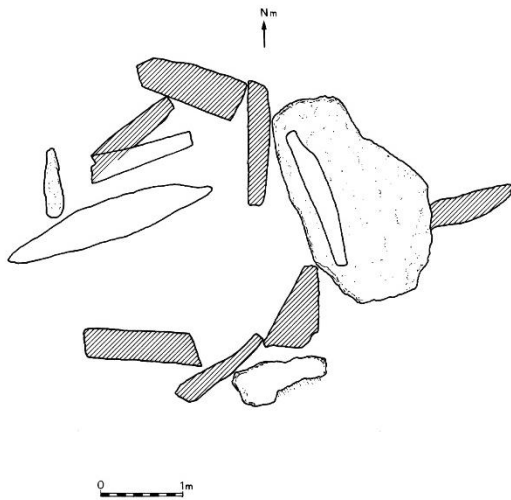


Figura 197 – Planta da Tapada do Souto (Arquivo S.A.C.M.C.V.)



Figura 198 – Vista de Noroeste da Tapada do Souto (Arquivo S.A.C.M.C.V., modificada)

Breve história das investigações:

Este monumento foi identificado em 1993 por A. Pita, J. Magusto e N. Félix, no âmbito de prospeções arqueológicas na área da Barragem da Póvoa e Meadas.

Nunca foi alvo de escavação. No entanto Rui Boaventura, aquando uma das suas deslocações aos monumentos megalíticos do concelho, recolheu um fragmento cerâmico.

Classificação Patrimonial: Imóvel de Interesse Municipal

Localização Administrativa: Lugar do Souto, Freguesia de São João Baptista, Castelo de Vide, Portalegre

Cartografia: IGEO, Instituto Geográfico do Exército – Carta Militar de Portugal – Folha n.º 335 (1:25 000), Série M888, Lisboa. 1999

Coordenadas Geográficas: X: 250470, 28 Y: 277124, 49

Implantação Topográfica: Elevação

Associação a outros sítios pré-históricos: Currais do Galhordas

1 - **Tipologia arquitetónica:** Anta, corredor não identificado/ corredor destruído

2 – **Diâmetro máximo da câmara:** Grande (\approx 3.10 metros)

- 3 – **Dimensão do corredor:** Indeterminável
- 4 – **Orientação do corredor:** Oeste (em função da entrada da câmara)
- 5 – **Número de esteiros componentes da câmara:** 7 esteios
- 6 – **Número de esteiros componentes do corredor:** Indeterminável
- 7 – **Morfologia da câmara:** Poligonal
- 8 – **Morfologia do corredor:** Indeterminável
- 9 – **Laje de fecho em cutelo:** Ausente
- 10 – **Laje de cobertura da câmara:** Presente (Tombado)
- 11 – **Lajes de cobertura do corredor:** Ausente
- 12 – **Mamoa:** Mal preservada

Materiais arqueológicos exumados na Anta

Pedra Lascada	Lâminas /Lamelas	--
	Micrólitos Geométricos	--
	Pontas de Seta	--
	Outros	--
Pedra Polida	Percutores	--
	Machados de Pedra Polida	--
	Enxós	--
	Moventes	--
	Dormentes	--
	Outros	--
Cerâmicas	(inclui fragmentos inclassificados)	1
Objectos de Adorno	Contas de Colar	--
	Placas de “Xisto”	--
	Báculos	--
	Zoomorfos	--
Outros		--

15 – Fotos e desenhos dos materiais²²

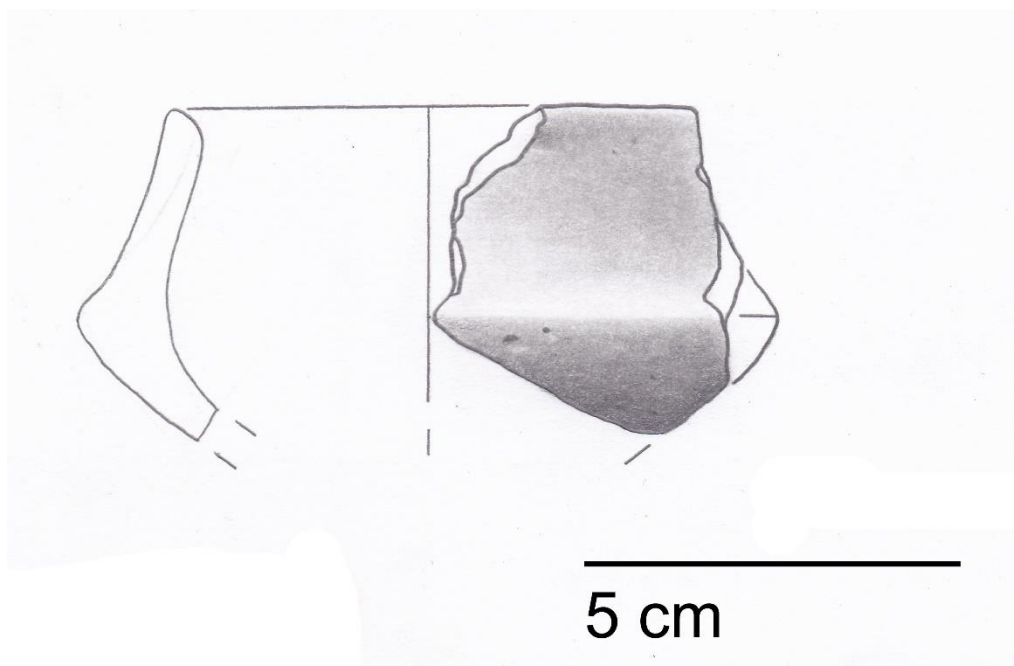


Figura 199 – Desenho do recipiente cerâmico da anra da Tapada do Souto

²² Desenho de Inês Conde

1.6. Ficha de Sítio: Currais do Galhordas

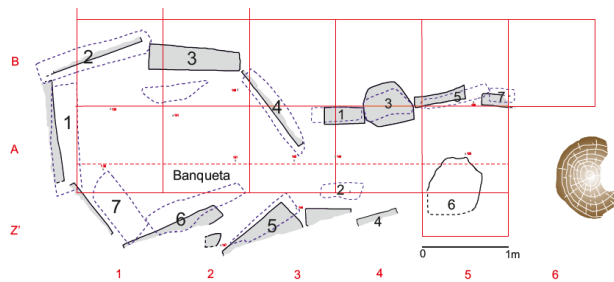


Figura 200 – Planta da anta dos Currais do Galhordas (MONTEIRO-RODRIGUES, 2013)



Figura 201 – Foto da anta dos Currais do Galhordas vista de Nor-noroeste (MONTEIRO-RODRIGUES, 2013)

Breve história das investigações:

Esta anta foi identificada por A. Pita, J. Magusto e N. Félix em 1993 (MONTEIRO-RODRIGUES, 2013), no âmbito de prospecções levadas a cabo na área da Barragem da Póvoa e Meadas.

Nela foram realizadas três campanhas de escavação (2011, 2013 e 2015), dirigidas por Sérgio Monteiro Rodrigues. Os resultados publicados até ao momento dizem respeito à primeira e parte da segunda campanha (MONTEIRO-RODRIGUES, 2011, 2013, 2016).

Código Nacional de Sítio: CNS 7270

Classificação Patrimonial: Em Vias de Classificação (Homologado como IM - Interesse Municipal)

Localização Administrativa: Lugar do Souto, Freguesia de São João Baptista, Castelo de Vide, Portalegre

Cartografia: IGEO, Instituto Geográfico do Exército – Carta Militar de Portugal – Folha n.º 335 (1:25 000), Série M888, Lisboa. 1999

Coordenadas Geográficas: X: 250661, 34 Y: 277165, 54

Implantação Topográfica: Vale

Associação a outros sítios pré-históricos: Tapada do Souto

1 - **Tipologia arquitetónica:** Anta de câmara e corredor diferenciados

2 – **Diâmetro máximo da câmara:** Média (\approx 2,80 metros)

- 3 – **Dimensão do corredor:** Longo (\approx 4 metros)
- 4 – **Orientação do corredor:** Este
- 5 – **Número de esteiros componentes da câmara:** 7 esteios
- 6 – **Número de esteios componentes do corredor:** 6 esteios
- 7 – **Morfologia da câmara:** Poligonal
- 8 – **Morfologia do corredor:** Paralelo
- 9 – **Presença ou ausência da laje de fecho em cutelo:** Ausente
- 10 – **Laje de cobertura da câmara:** Presente (tombado)
- 11 – **Lajes de cobertura do corredor:** Ausente
- 12 – **Mamoa:** Mal preservada

Materiais arqueológicos exumados na Anta

Pedra Lascada	Lâminas /Lamelas	1
	Micrólitos Geométricos	1
	Pontas de Seta	2
	Outros	--
Pedra Polida	Percutores	--
	Machados de Pedra Polida	6
	Enxós	--
	Moventes	--
	Dormentes	--
	Outros	--
Cerâmicas	(inclui fragmentos inclassificados)	24
Objectos de Adorno	Contas de Colar	6
	Placas de “Xisto”	4
	Báculos	--
	Zoomorfos	--
Outros		--

14 – Bibliografia

MONTEIRO-RODRIGUES, S. (2011) *Relatório de Escavação Arqueológica. Primeira Campanha de Escavação na Anta dos Currais do Galhordas (Castelo de Vide – Portalegre)*. Lisboa, DGPC.

MONTEIRO-RODRIGUES, S. (2013) A Anta dos Currais do Galhordas (Castelo de Vide – Centro Leste de Portugal): Resultados da primeira campanha de escavação. *Estudos do Quaternário*, 9: 57-70.

MONTEIRO-RODRIGUES, S.; OLIVEIRA, C.; ARAÚJO, A. (2016) Análise química de resíduos orgânicos identificados em vasos da anta dos Currais do Galhordas (Castelo de Vide, Alto Alentejo, Portugal). In César Oliveira, Rui Morais, Ángel Morillo Cerdán (Eds.), *Archaeoanalithics. Chromatography, and DNA analysis in Archaeology*, Esposende, Município de Esposende, 85-101.

15 – Fotos e desenhos dos materiais



Figura 202 – Foto do recipiente cerâmico vaso 2 da anta dos Currais do Galhordas



Figura 203 – Foto do recipiente cerâmico vaso 3 da anta dos Currais do Galhordas



Figura 204 – Foto do recipiente cerâmico vaso 4 da anta dos Currais do Galhordas

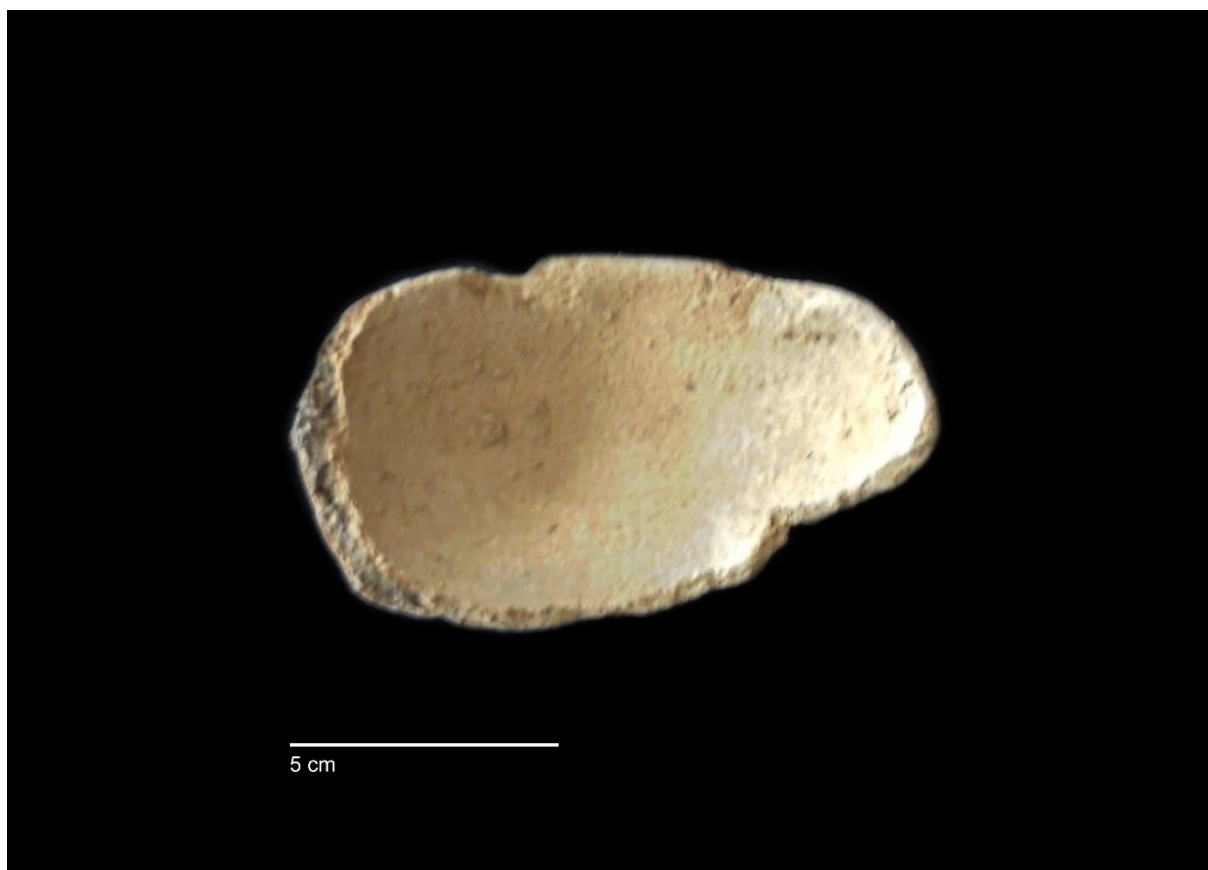


Figura 205 – Foto do recipiente cerâmico vaso 5 da anta dos Currais do Galhordas



Figura 206 – Foto do recipiente cerâmico vaso 6 da anta dos Currais do Galhordas

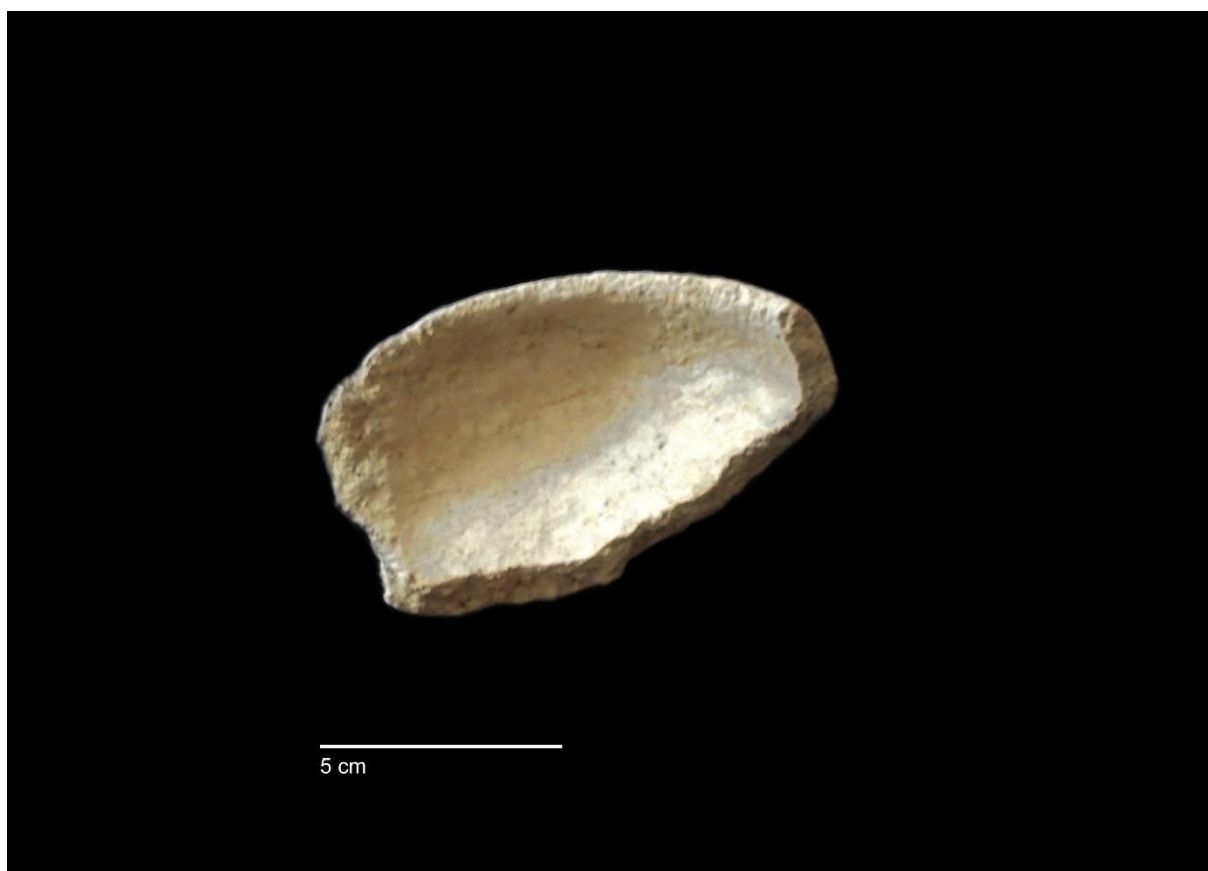


Figura 207 – Foto do recipiente cerâmico vaso 7 da anta dos Currais do Galhordas

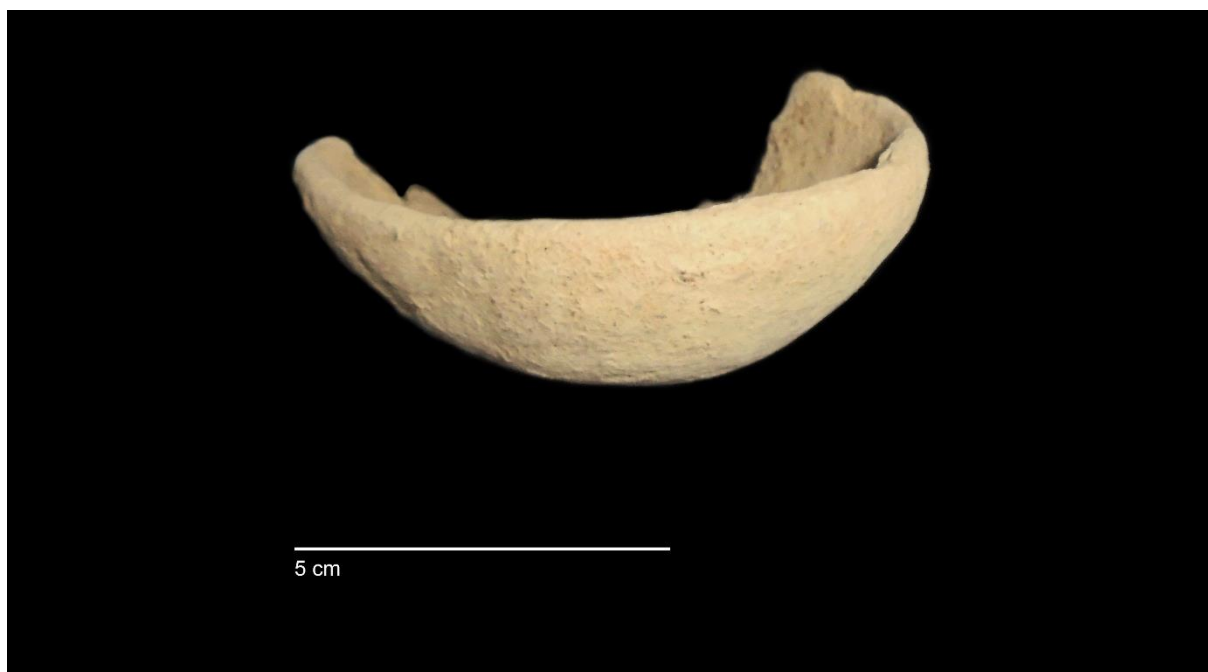


Figura 208 – Foto do recipiente cerâmico vaso 8 da anta dos Currais do Galhordas



Figura 209 – Foto do recipiente cerâmico vaso 9 da anta dos Currais do Galhordas



Figura 210 – Foto do recipiente cerâmico vaso 10 da anta dos Currais do Galhordas

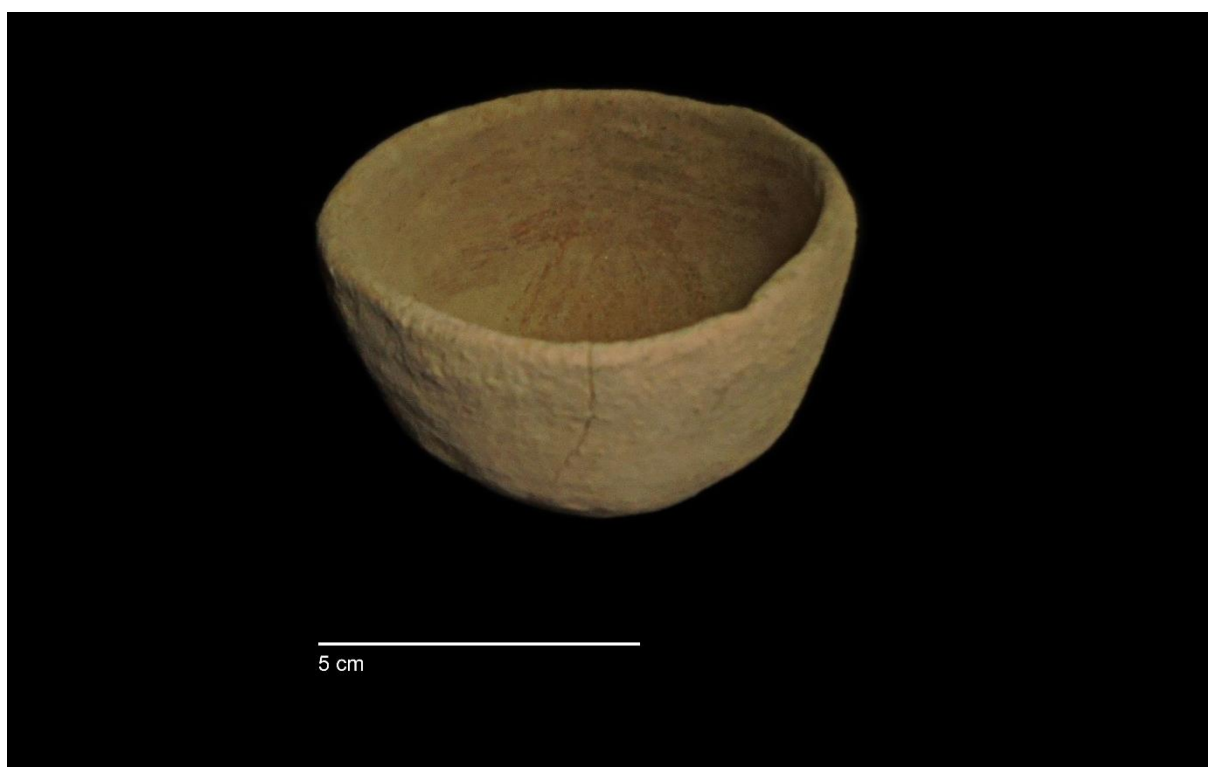


Figura 211 – Foto do recipiente cerâmico vaso 11 da anta dos Currais do Galhordas



Figura 212 – Foto do recipiente cerâmico vaso 12 da anta dos Currais do Galhordas



Figura 213 – Foto do recipiente cerâmico vaso 13 da anta dos Currais do Galhordas



Figura 214 – Foto do recipiente cerâmico vaso 15 da anta dos Currais do Galhordas



Figura 215 – Foto do recipiente cerâmico vaso 16 da anta dos Currais do Galhordas



Figura 216 – Foto do recipiente cerâmico vaso 17 da anta dos Currais do Galhordas



Figura 217 – Foto do recipiente cerâmico vaso 19 da anta dos Currais do Galhordas



Figura 218 – Foto do recipiente cerâmico vaso 20 da anta dos Currais do Galhordas



Figura 219 – Foto do recipiente cerâmico vaso 22 da anta dos Currais do Galhordas



Figura 220 – Foto do recipiente cerâmico vaso 23 da anta dos Currais do Galhordas



Figura 221 – Foto do recipiente cerâmico vaso 24 da anta dos Currais do Galhordas



Figura 222 – Foto do recipiente cerâmico vaso 25 da anta dos Currais do Galhordas



Figura 223 – Foto do recipiente cerâmico vaso 26 da anta dos Currais do Galhordas



Figura 224 – Foto do recipiente cerâmico vaso 27 da anta dos Currais do Galhordas



Figura 225 – Foto do recipiente cerâmico vaso 28 da anta dos Currais do Galhordas



Figura 226 – Foto dos machados de pedra polida da anta dos Currais do Galhordas (escala 10 cm)



Figura 227 – Foto de machado de pedra polida da anta dos Currais do Galhordas



Figura 228 – Foto do conjunto de contas de colar da anta dos Currais do Galhordas (escala 5 cm)



Figura 229 – Conjunto de placas de “xisto” da anta dos Currais do Galhordas (escala 10 cm)



Figura 230 – Foto do micrólito geométrico encontrado na anta dos Currais do Galhordas

1.7. Ficha de Sítio: Cerejeiro 1

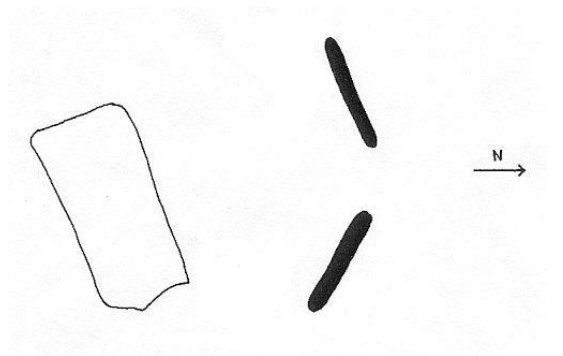


Figura 231 – Planta do Cerejeiro 1 (Arquivo S.A.C.M.C.V.)



Figura 232 – Foto de vista Noroeste do Cerejeiro 1 (Arquivo S.A.C.M.C.V., modificada)

Breve história das investigações:

A anta do Cerejeiro 1 foi identificada por Maria da Conceição Rodrigues, que a denomina Anta da Tapada do Cerejeiro (RODRIGUES, 1975).

Este monumento foi escavado na década de 80, mais concretamente em 1982, pelo Grupo de Arqueologia de Castelo de Vide.

Código Nacional de Sítio: CNS 446

Classificação Patrimonial: Imóvel de Interesse Público (67/97, DR 301, de 31-12-1997)

Localização Administrativa: Lugar do Cerejeiro, Freguesia de Santiago Maior, Castelo de Vide, Portalegre

Cartografia: IGEO, Instituto Geográfico do Exército – Carta Militar de Portugal – Folha n.º 335 (1:25 000), Sério M888, Lisboa. 1999

Coordenadas Geográficas: X: 256952, 10 Y: 280182, 03

Implantação Topográfica: Encosta

Associação a outros sítios pré-históricos: Cerejeiro 2

1 - **Tipologia arquitetónica:** Indeterminável

2 – **Diâmetro máximo da câmara:** Indeterminável

3 – **Dimensão do corredor:** Indeterminável

- 4 – **Orientação do corredor:** Indeterminável
- 5 – **Número de esteiros componentes da câmara:** 2 esteios
- 6 – **Número de esteios componentes do corredor:** Indeterminável
- 7 – **Morfologia da câmara:** Indeterminável
- 8 – **Morfologia do corredor:** Indeterminável
- 9 – **Laje de fecho em cutelo:** Ausente
- 10 – **Laje de cobertura da câmara:** Ausente
- 11 – **Lajes de cobertura do corredor:** Ausente
- 12 – **Mamoa:** Ausente

Materiais arqueológicos exumados na Anta

Pedra Lascada	Lâminas /Lamelas	2
	Micrólitos Geométricos	1
	Pontas de Seta	--
	Outros	--
Pedra Polida	Percutores	--
	Machados de Pedra Polida	2
	Enxós	--
	Moventes	--
	Dormentes	--
	Outros	1
Cerâmicas	(inclui fragmentos inclassificados)	6
Objectos de Adorno	Contas de Colar	--
	Placas de “Xisto”	--
	Báculos	--
	Zoomorfos	--
Outros		--

14 – Bibliografia

RODRIGUES, M (1975) *Carta Arqueológica do Concelho de Castelo de Vide*. Lisboa: Junta Distrital de Portalegre

15 – Fotos e desenhos dos materiais²³



Figura 233 – Foto do conjunto dos recipientes cerâmicos da anta do Cerejeiro 1



Figura 234 – Foto do micrólito geométrico da anta do Cerejeiro 1



Figura 235 – Foto da lâmina e de trapézio da anta do Cerejeiro 1



Figura 236 – Foto do machado de pedra polida da anta do Cerejeiro 1

²³ Fotografias tiradas por mim.



Figura 237 – Foto de machados de pedra polida da anta do Cerejeiro 1

1.8. Ficha de Sítio: Vale da Estrada



Figura 238 – Planta do Vale da Estrada (Arquivo S.A.C.M.C.V.)

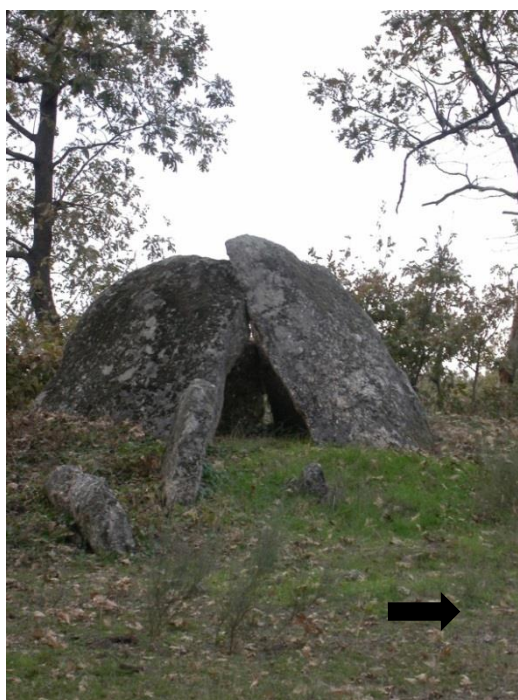


Figura 239 – Foto de vista Este do Vale da Estrada (Arquivo S.A.C.M.C.V., modificado)

Breve história das investigações:

Este monumento foi denominado Anta do Vale da Estrada – Couto do Zé Godinho por Maria da Conceição Rodrigues (RODRIGUES, 1975). Jorge de Oliveira refere-se a ele como Vale da Estrada (OLIVEIRA, 1997).

A sua escavação foi realizada em 1982 pelo Grupo de Arqueologia de Castelo de Vide.

Código Nacional de Sítio: CNS 478

Classificação Patrimonial: Imóvel de Interesse Público (67/97, DR 301, de 31-12-1997)

Localização Administrativa: Couto do Zé Godinho, Freguesia de Santiago Maior, Castelo de Vide, Portalegre

Cartografia: IGEO, Instituto Geográfico do Exército – Carta Militar de Portugal – Folha n.º 335 (1:25 000), Série M888, Lisboa. 1970

Coordenadas Geográficas: X: 253010, 56 Y: 279395, 97

Implantação Topográfica: Encosta

Associação a outros sítios pré-históricos: Desconhecida

- 1 - **Tipologia arquitetónica:** Anta de câmara e corredor diferenciado
- 2 – **Diâmetro máximo da câmara:** Muito grande (≈ 4.10 metros)
- 3 – **Dimensão do corredor:** Longo (≈ 5.10 metros)
- 4 – **Orientação do corredor:** Este
- 5 – **Número de esteiros componentes da câmara:** 7 esteiros (apenas presentes 5 esteiros)
- 6 – **Número de esteiros componentes do corredor:** 2 esteiros
- 7 – **Morfologia da câmara:** Poligonal
- 8 – **Morfologia do corredor:** Indeterminável
- 9 – **Laje de fecho em cutelo:** Ausente
- 10 – **Laje de cobertura da câmara:** Ausente
- 11 – **Lajes de cobertura do corredor:** Ausente
- 12 – **Mamoá:** Mal preservada

Materiais Arqueológicos

Pedra Lascada	Lâminas /Lamelas	4
	Micrólitos Geométricos	--
	Pontas de Seta	8
	Outros	--
Pedra Polida	Percutores	--
	Machados de Pedra Polida	--
	Enxós	--
	Moventes	--
	Dormentes	--
	Outros	1
Cerâmicas	(inclui fragmentos inclassificados)	18
Objectos de Adorno	Contas de Colar	31
	Placas de “Xisto”	11
	Báculos	--
	Zoomorfos	--
Outros		--

14 – Bibliografia

OLIVEIRA, J. (1997) *Monumentos Megalíticos da Bacia Hidrográfica da Rio Sever. Tomo I.* Edição Especial Ibn-Maruan. Marvão: Colibri/Câmara Municipal.

RODRIGUES, M (1975) *Carta Arqueológica do Concelho de Castelo de Vide*. Lisboa: Junta Distrital de Portalegre.

15 – Fotos e desenhos dos materiais²⁴



Figura 240 – Foto do recipiente ZG22

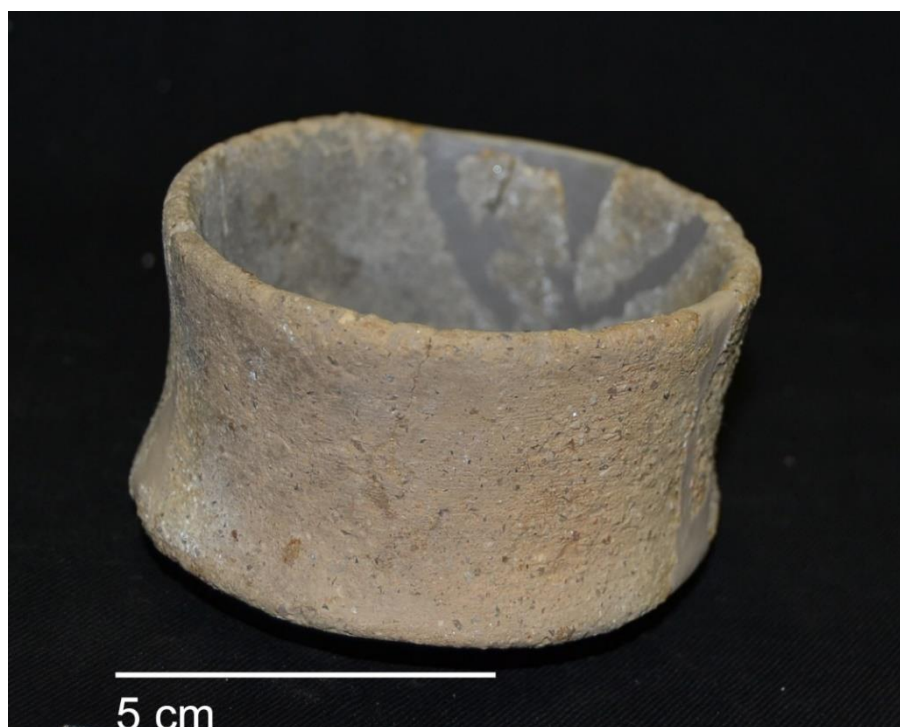


Figura 241 – Foto do recipiente ZG23

²⁴ Fotografias tiradas por mim.



Figura 242 – Foto do recipiente ZG24



Figura 243 – Foto do recipiente ZG25



Figura 244 – Foto do recipiente ZG27



Figura 245 – Foto do recipiente ZG28



Figura 246 – Foto do recipiente ZG29



Figura 247 – Foto do recipiente ZG30



Figura 248 - Foto do recipiente ZG31



Figura 249 – Foto do recipiente ZG32



Figura 250 – Foto do recipiente ZG34



Figura 251 – Foto do recipiente ZG67



Figura 252 – Foto de conjunto dos recipientes cerâmicos da anta do Vale da Estrada



Figura 253 - Foto de conjunto das contas de colar da anta do Vale da Estrada



Figura 254 – Foto de conjunto das pontas de seta da anta do Vale da Estrada



Figura 255 – Foto de conjunto das lâminas da anta do Vale da Estrada



Figura 256 – Foto de conjunto das placas de “xisto” da anta do Vale da Estrada

1.9. Ficha de Sítio: Tapadão da Relva

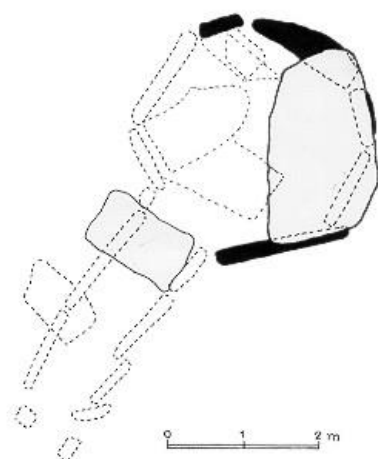


Figura 257 – Planta do Tapadão da Relva (Arquivo S.A.C.M.C.V.)



Figura 258 – Foto de vista Sudeste do Tapadão da Relva (Arquivo S.A.C.M.C.V., modificado)

Breve história das investigações:

Maria da Conceição Rodrigues denomina este monumento Anta do Tapadão da Relva/ Cabeço da Gestosa (RODRIGUES, 1975). Jorge de Oliveira opta apenas por Tapadão da Relva (OLIVEIRA, 1997).

Este monumento foi escavado em 1982 pelo Grupo de Arqueologia de Castelo de Vide.

Código Nacional de Sítio: CNS 477

Classificação Patrimonial: Imóvel de Interesse Público (67/97, DR 301, de 31-12-1997)

Localização Administrativa: Lugar do Tapadão da Relva, Freguesia de São João Baptista, Castelo de Vide, Portalegre.

Cartografia: IGEO, Instituto Geográfico do Exército – Carta Militar de Portugal – Folha n.º 335 (1:25 000), Série M888, Lisboa. 1999

Coordenadas Geográficas: X: 249815,56 Y: 269606,97

Implantação Topográfica: Encosta.

Associação a outros sítios pré-históricos: Desconhecida.

- 1 - **Tipologia arquitetónica:** Monumento de câmara e corredor diferenciados
- 2 – **Diâmetro máximo da câmara:** Grande (≈ 3.5 metros)
- 3 – **Dimensão do corredor:** Longo (≈ 5.33 metros)
- 4 – **Orientação do corredor:** Sudoeste
- 5 – **Número de esteiros componentes da câmara:** 5 esteios e 2 alvéolos
- 6 – **Número de esteios componentes do corredor:** 9 alvéolos
- 7 – **Morfologia da câmara:** Poligonal
- 8 – **Morfologia do corredor:** Paralelo
- 9 – **Laje de fecho em cutelo:** Ausência
- 10 – **Laje de cobertura da câmara:** Presença (parte dele encontra-se ainda sob os esteios)
- 11 – **Lajes de cobertura do corredor:** 2 lajes
- 12 – **Mamoa:** Mal preservada

Materiais arqueológicos exumados na Anta

Pedra Lascada	Lâminas /Lamelas	11
	Micrólitos Geométricos	3
	Pontas de Seta	77
	Outros	15
Pedra Polida	Percutores	--
	Machados de Pedra Polida	7
	Enxós	3
	Moventes	--
	Dormentes	--
	Outros	1
Cerâmicas	(inclui fragmentos inclassificados)	26
Objectos de Adorno	Contas de Colar	50
	Placas de “Xisto”	10
	Báculos	--
	Zoomorfos	--
Outros		3

14 – Bibliografia

OLIVEIRA, J. (1997) *Monumentos Megalíticos da Bacia Hidrográfica da Rio Sever. Tomo I.* Edição Especial Ibn-Maruan. Marvão: Colibri/Câmara Municipal.

RODRIGUES, M (1975) *Carta Arqueológica do Concelho de Castelo de Vide.* Lisboa: Junta Distrital de Portalegre.

15 – Fotos e desenhos dos materiais ²⁵

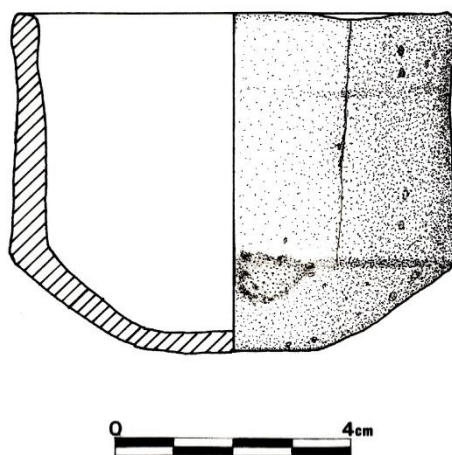


Figura 259 – Foto e desenho do recipiente TR1

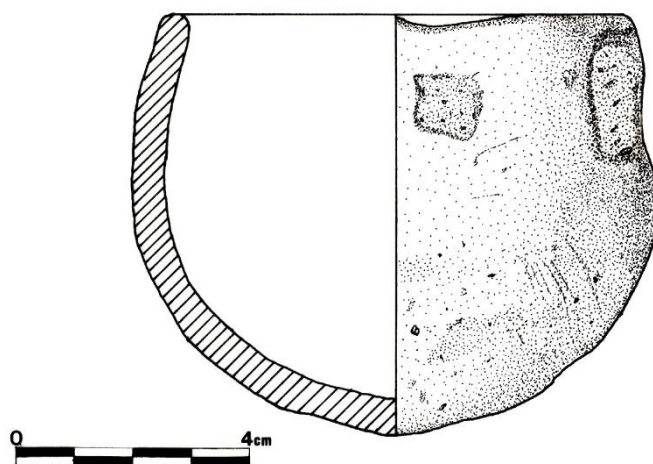


Figura 260 – Foto e desenho do recipiente TR2

²⁵ Desenhos cedidos pela Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide (S.A.C.M.C.V.).
Fotografias tiradas por mim.

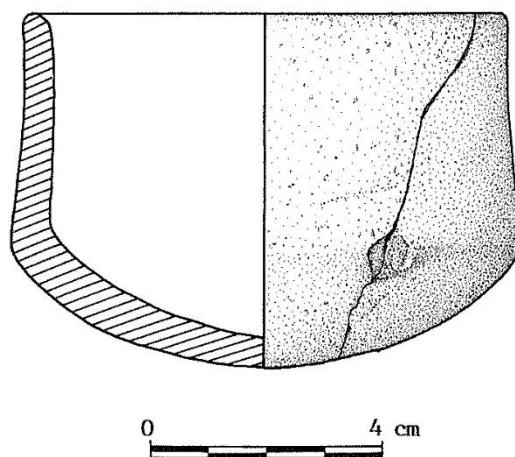


Figura 261 – Foto e desenho do recipiente TR3

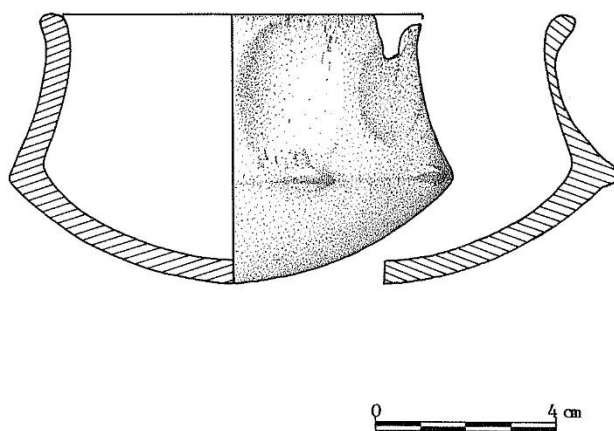


Figura 262 – Foto e desenho do recipiente TR4

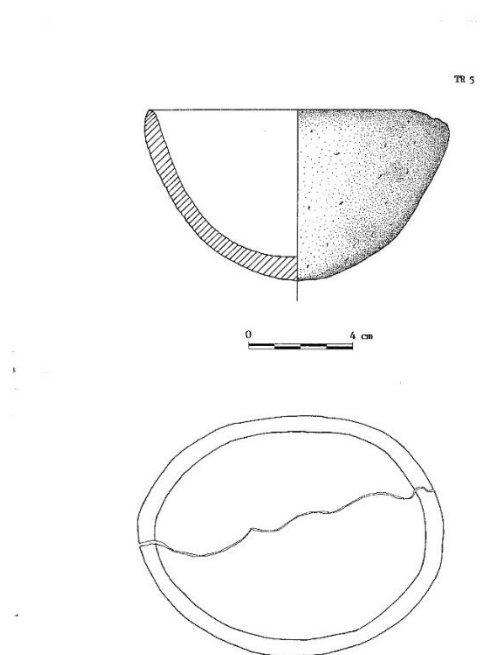


Figura 263 – Foto e desenho do recipiente TR5

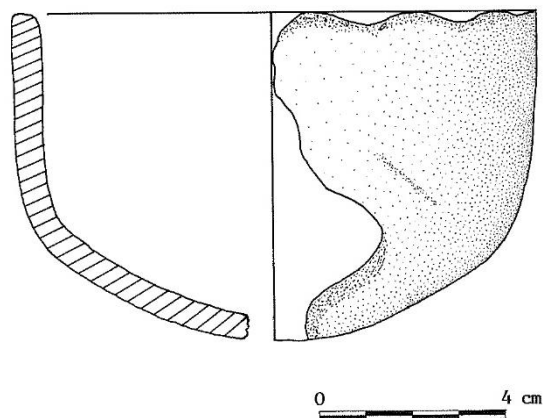


Figura 264 – Foto e desenho do recipiente TR6

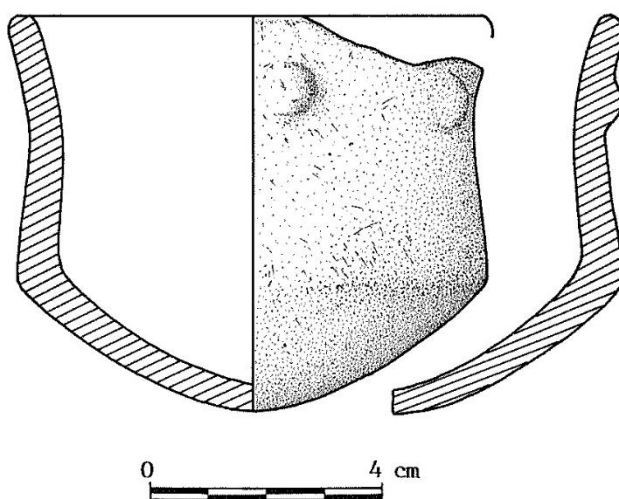


Figura 265 – Foto e desenho do recipiente TR7

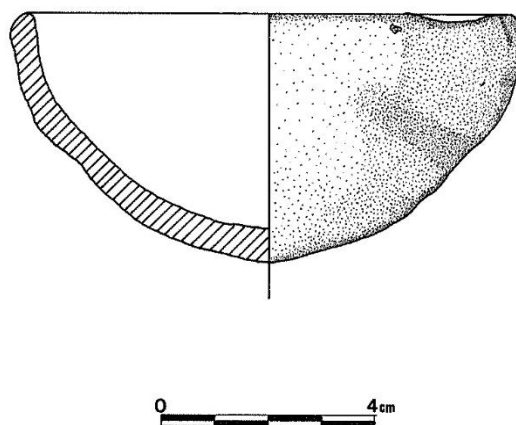


Figura 266 – Foto e desenho do recipiente TR8

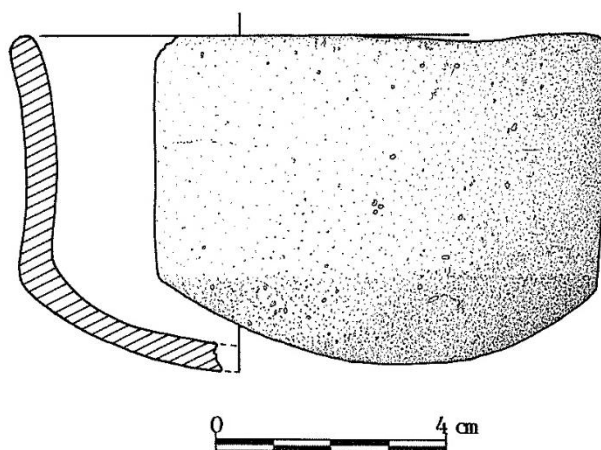


Figura 267 – Foto e desenho do recipiente TR9

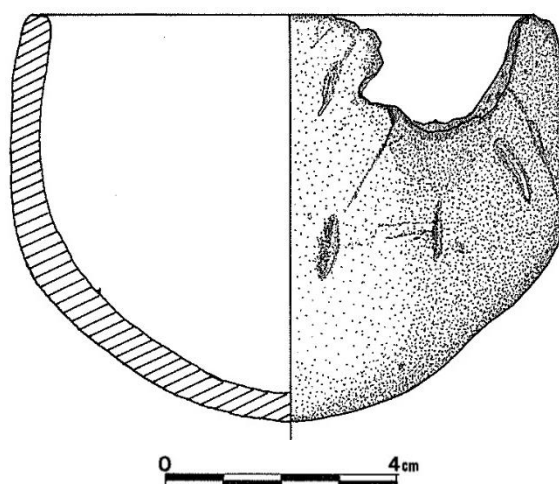


Figura 268 – Foto e desenho do recipiente TR10

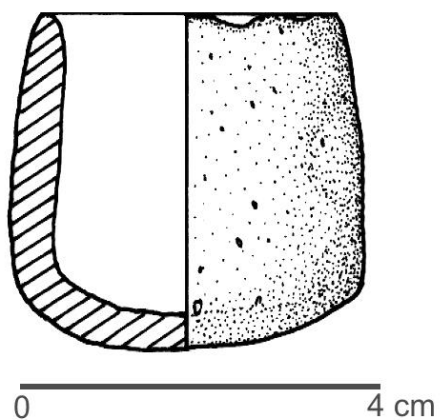


Figura 269 – Foto e desenho do recipiente TR11

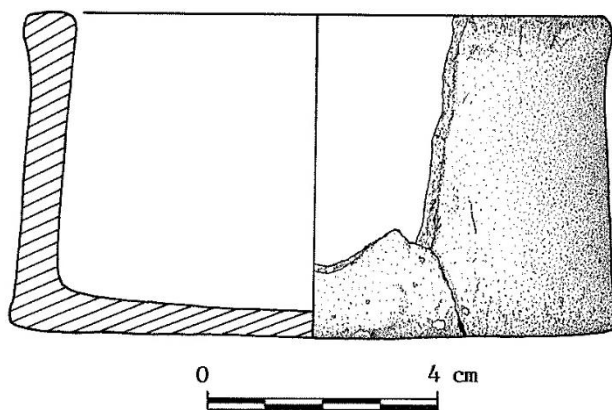


Figura 270 – Foto e desenho do recipiente TR12

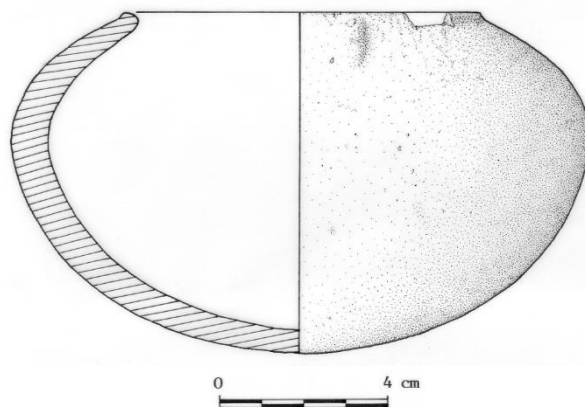


Figura 271 – Foto e desenho do recipiente TR13

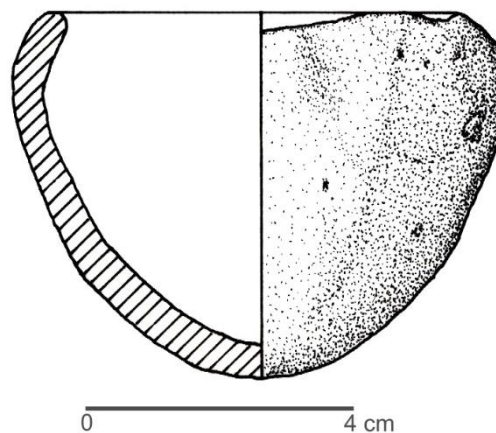


Figura 272 – Foto e desenho do recipiente TR14

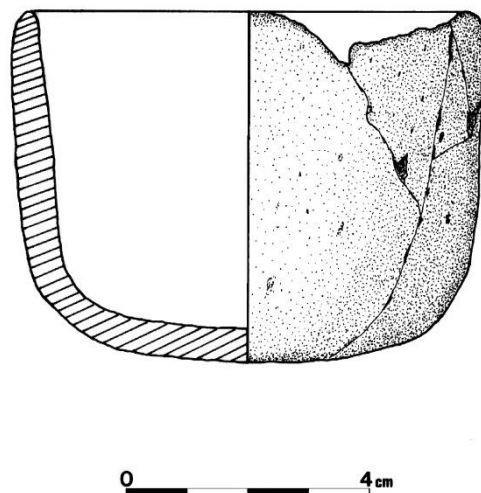


Figura 273 – Foto e desenho do recipiente TR15

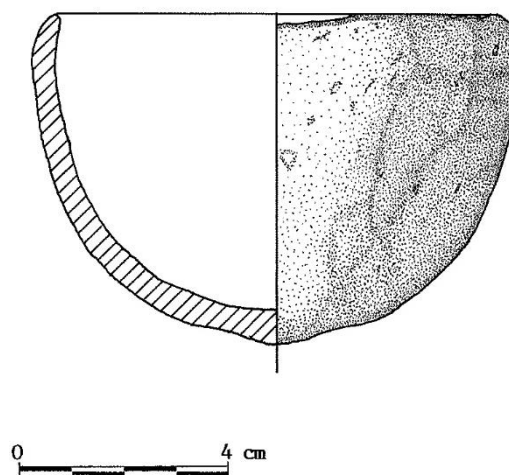


Figura 274 – Foto e desenho do recipiente TR16

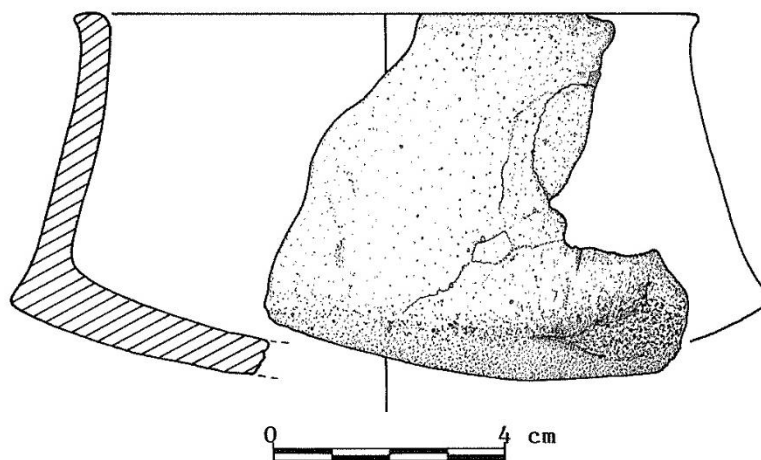


Figura 275 - Foto e desenho do recipiente TR17

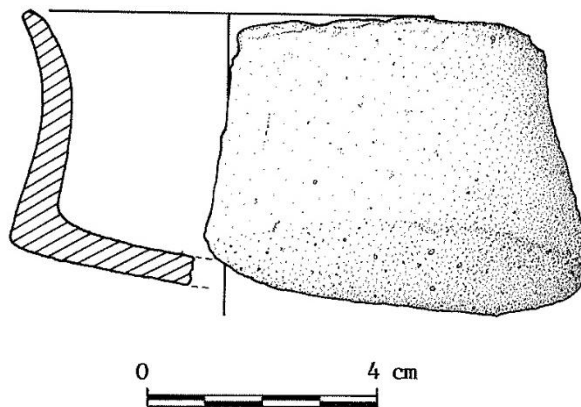


Figura 276 – Foto e desenho do recipiente TR18

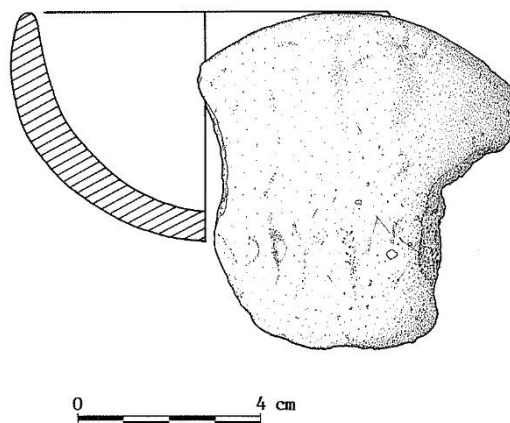


Figura 277 – Foto e desenho do recipiente TR19

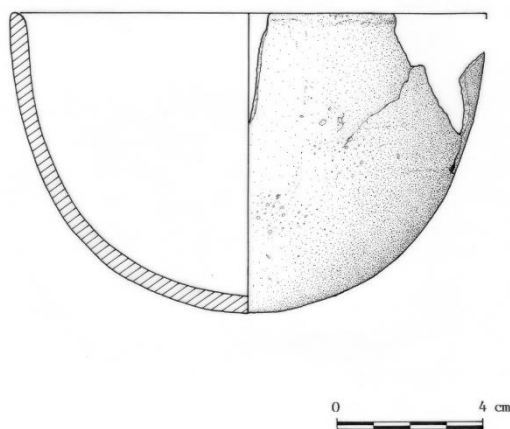


Figura 278 – Foto e desenho do recipiente TR20



Figura 279 – Foto do recipiente TR21

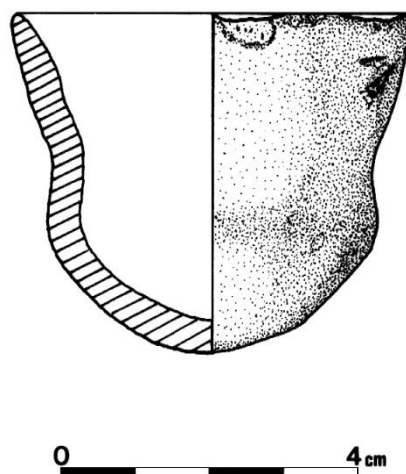


Figura 280 – Foto e desenho do recipiente TR22



Figura 281 – Foto do recipiente TR23

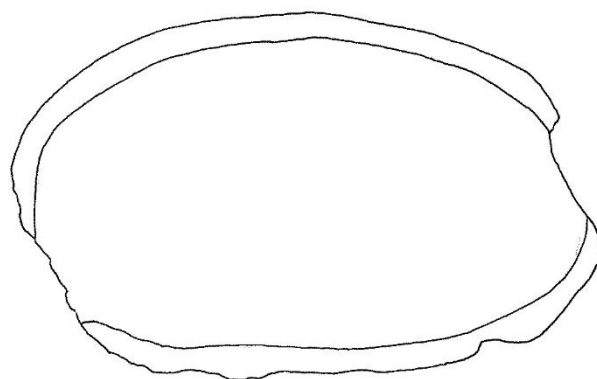
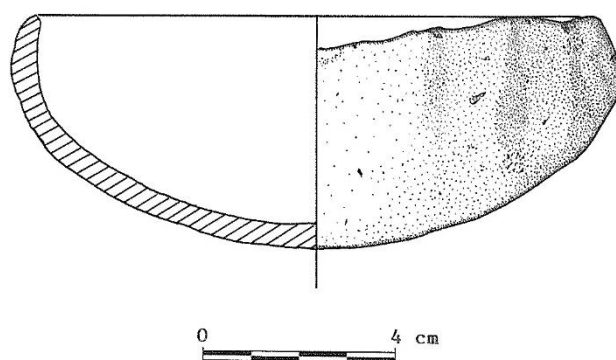


Figura 282 - Desenho do recipiente TR23

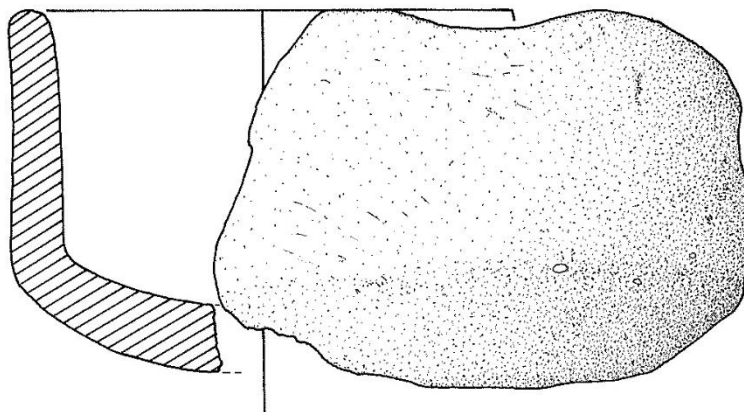


Figura 283 – Foto e desenho do recipiente TR197



Figura 284 – Foto de conjunto dos recipientes cerâmicos da anta do Tapadão da Relva

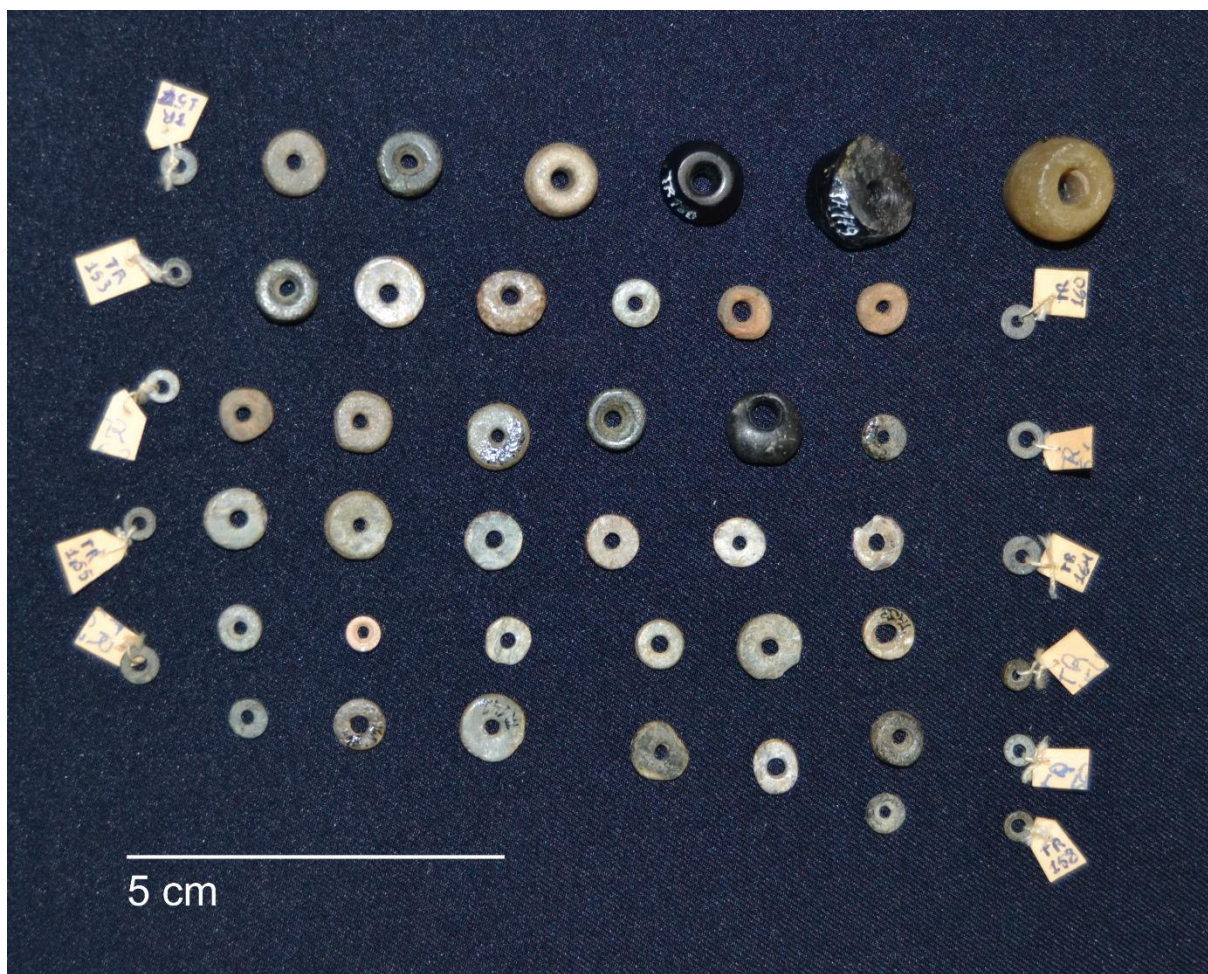


Figura 285 – Foto de conjunto das contas de colar da anta do Tapadão da Relva



Figura 286 – Foto de conjunto dos machados de pedra polida da anta do Tapadão da Relva



Figura 28742 – Foto de conjunto das enxós da anta do Tapadão da Relva



Figura 288 – Foto de conjunto das lâminas e de um micrólito geométrico da anta do Tapadão da Relva



Figura 289 - Foto de conjunto das pontas de seta da anta do Tapadão da Relva



Figura 290 – Foto da ponta de seta da anta do Tapadão da Relva



Figura 291 – Foto de micrólitos geométricos e outros utensílios líticos da anta do Tapadão da Relva



Figura 292 – Foto de conjunto das placas de “xisto” da anta do Tapadão da Relva



Figura 293 – Diversos materiais classificados como “outros” da anta do Tapadão da Relva

1.10. Ficha de Sítio: Tapada dos Olheiros

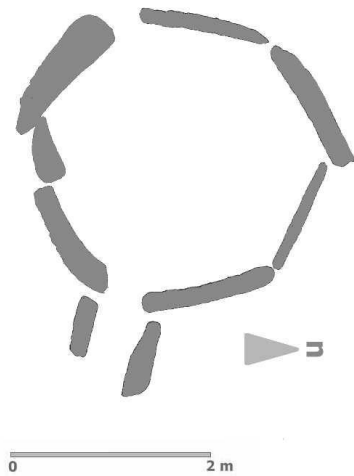


Figura 294 – Planta da Tapada dos Olheiros
(Arquivo S.A.C.M.C.V.)



Figura 295 – Foto vista de Nordeste da Tapada dos Olheiros
(Arquivo S.A.C.M.C.V., modificado)

Breve história do monumento:

A Tapada dos Olheiros foi inicialmente descrita por Pereira da Costa, que a denomina *dolmin ou Anta da Tapada dos Olheiros* (COSTA, 1868). Possidónio da Silva (SILVA, 1879) e Vilhena Barbosa (BARBOSA, 1881) identificam-na como Olheiros e Tapada dos Olheiros, respectivamente. Vera e Georg Leisner atribuem-lhe a denominação Anta da Tapada dos Olheiros (Pedro Alvaro 2) (LEISNER & LEISNER, 1959), a qual é igualmente utilizada por Maria da Conceição Rodrigues (RODRIGUES, 1975).

Esta anta foi alvo de escavação em 1982 dirigida pelo Grupo de Arqueologia de Castelo de Vide.

Código Nacional de Sítio: CNS 445

Classificação Patrimonial: Imóvel de Interesse Público (67/97, DR 301, de 31-12-1997)

Localização Administrativa: Tapada da Marmelada, Freguesia de Santa Maria da Devesa, Castelo de Vide, Portalegre.

Cartografia: IGEO, Instituto Geográfico do Exército – Carta Militar de Portugal – Folha n.º 335 (1:25 000), Série M888, Lisboa. 1970

Coordenadas Geográficas: X: 258237, 88 Y: 278669, 30

Implantação Topográfica: Vale

Associação a outros sítios pré-históricos: Tapada de Pedro Álvaro (CNS 472)

1 - **Tipologia arquitetónica:** Monumento de câmara e corredor diferenciados

2 – **Diâmetro máximo da câmara:** Média (≈ 2.70 metros)

3 – **Dimensão do corredor:** Curto (≈ 1 metro)

4 – **Orientação do corredor:** Este

5 – **Número de esteiros componentes da câmara:** 7 esteiros

6 – **Número de esteiros componentes do corredor:** 2 esteiros

7 – **Morfologia da câmara:** Poligonal

8 – **Morfologia do corredor:** Paralelo

9 – **Laje de fecho em cutelo:** Ausente

10 – **Laje de cobertura da câmara:** Ausente

11 – **Lajes de cobertura do corredor:** Ausente

12 – **Mamoá:** Mal preservada

Materiais arqueológicos exumado na Anta

Pedra Lascada	Lâminas /Lamelas	--
	Micrólitos Geométricos	--
	Pontas de Seta	--
	Outros	--
Pedra Polida	Percutores	--
	Machados de Pedra Polida	2
	Enxós	3
	Moventes	--
	Dormentes	--
	Outros	--
Cerâmicas	(inclui fragmentos inclassificados)	11
Objectos de Adorno	Contas de Colar	2
	Placas de “Xisto”	1
	Báculos	1
	Zoomorfos	--
Outros		4

14 – **Bibliografia**

BARBOSA, I. (1881) – Monumentos Nacionaes. Padrões Históricos e Commemorativos de Varões Illustres. Que são elementos apreciáveis para o estudo da História das Artes em Portugal. *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*. Série 2ª. Tomo III. Nº9.

COSTA, F. (1868) *Nocions sur l'état Prehistorique de la Terre et de l'Homme suivies de La description de quelques dolmens ou antas du Portugal*. Lisboa: Typ. da Academia.

LEISNER, G., LEISNER, V. (1959) *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der westen*. Madrider Forschungen 1.2. Berlim: Walter De Gruiter & Co.

RODRIGUES, M (1975) *Carta Arqueológica do Concelho de Castelo de Vide*. Lisboa: Junta Distrital de Portalegre.

SILVA, J. (1879) *Notice sur les Monuments Mégalithiques du Portugal*. Association Française pour l'Avancement des Sciences. Paris, Secrétariat de l'Association.

15 – Fotos e desenhos dos materiais²⁶

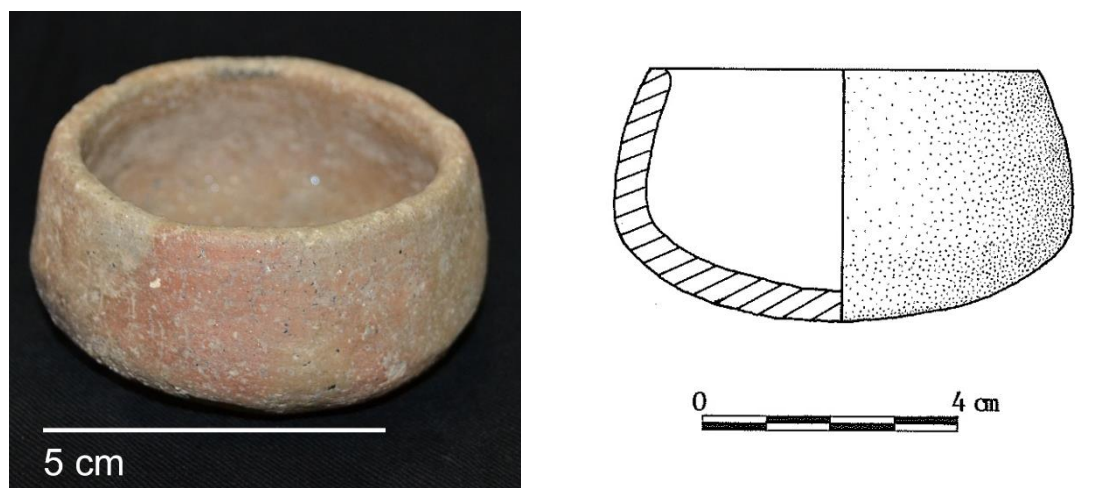


Figura 296 – Foto e desenho do recipiente O9

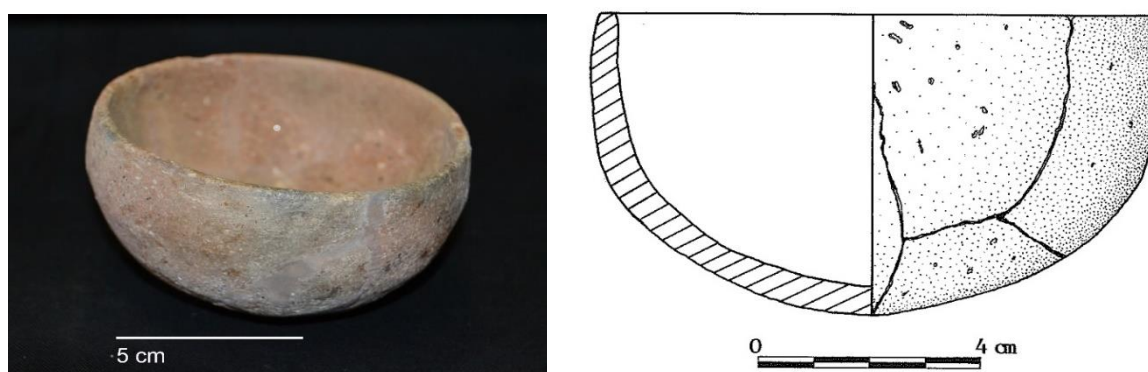


Figura 297 – Foto e desenho do recipiente O10

²⁶ Desenhos cedidos pela Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide (S.A.C.M.C.V.). Fotografias tiradas por mim.

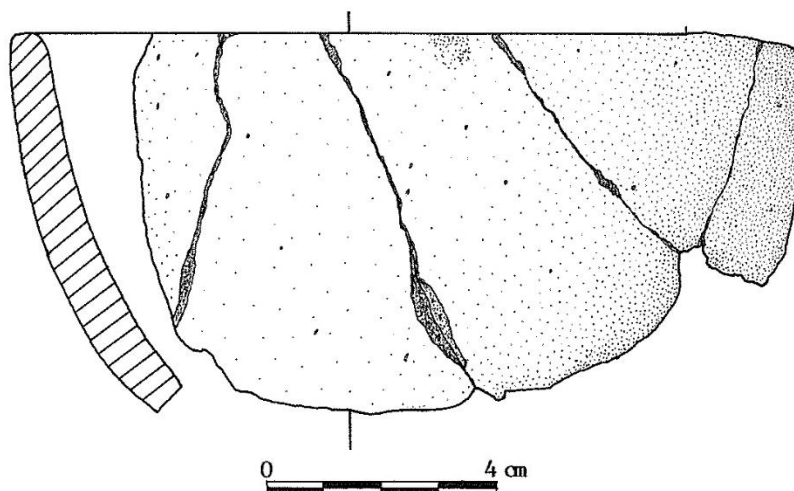


Figura 298 – Foto e desenho do recipiente O11

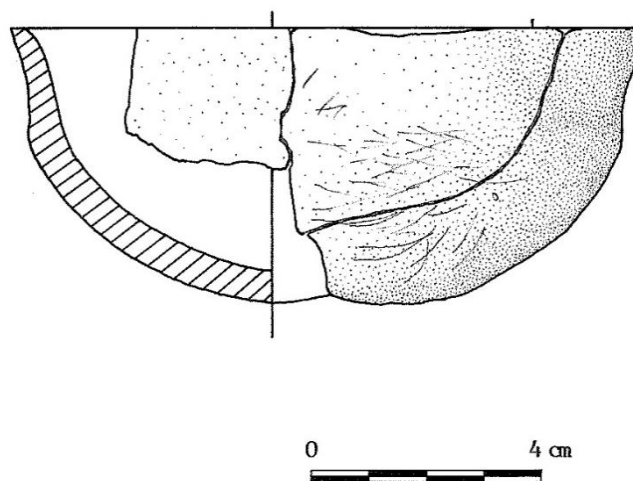


Figura 299 - Foto e desenho do recipiente O12

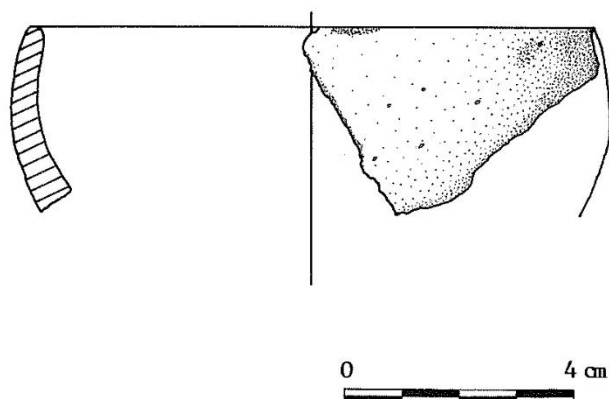


Figura 300 – Foto e desenho do recipiente O13

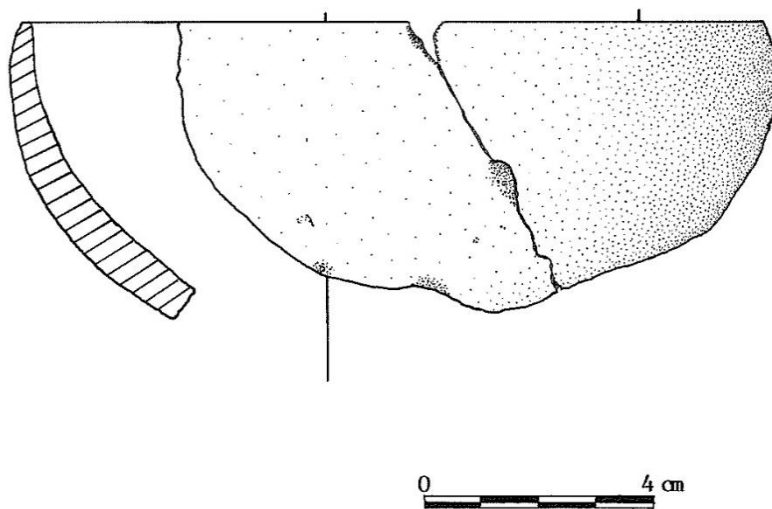


Figura 301 – Foto e desenho do recipiente O14

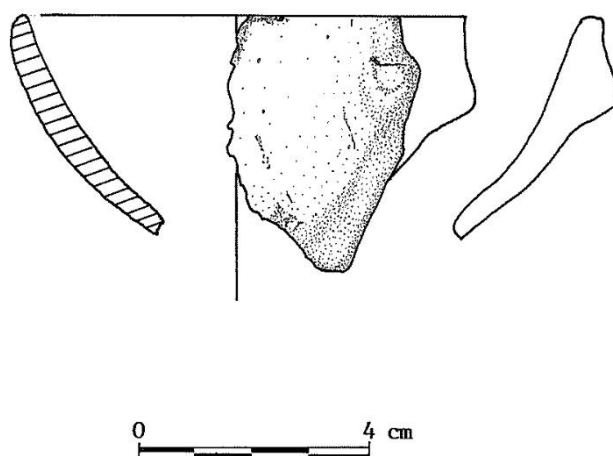


Figura 302 – Foto e desenho do recipiente O15

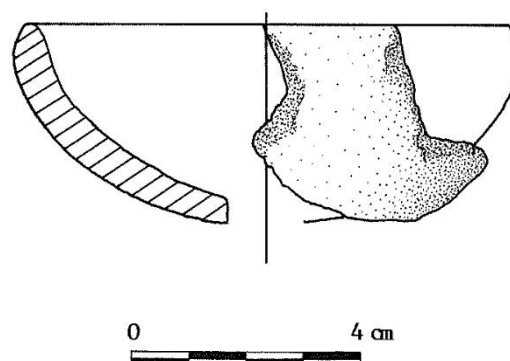


Figura 303 – Foto e desenho do recipiente O17

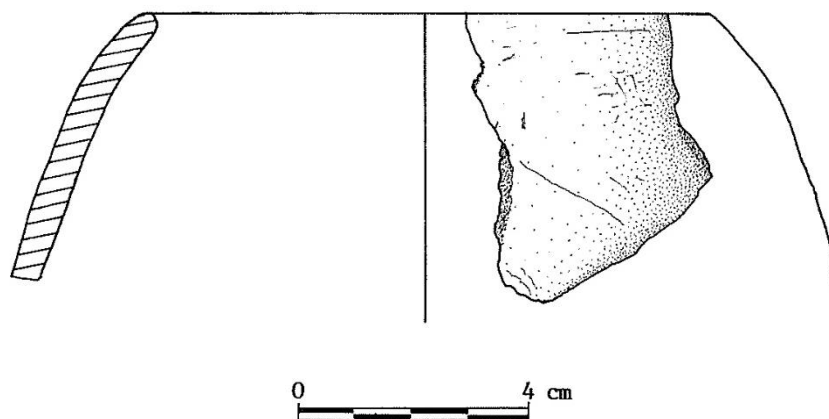


Figura 304 – Foto e desenho do recipiente O18

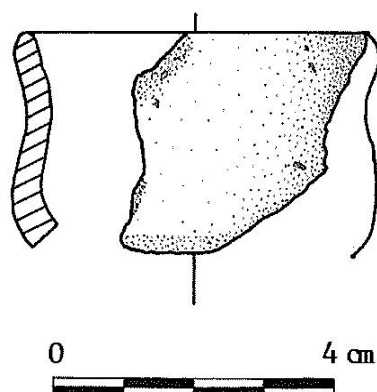


Figura 305 – Foto e desenho do recipiente O19



Figura 306 – Foto de conjunto dos recipientes cerâmicos da anta da Tapada dos Olheiros



Figura 307 – Foto de enxós e machado de pedra polida da anta da Tapada dos Olheiros



Figura 308 – Foto de machados de pedra polida da anta da Tapada dos Olheiros



Figura 309 – Foto de conjunto das contas de colar da anta da Tapada dos Olheiros



Figura 310 – Foto da placa de “xisto” da anta da Tapada dos Olheiros



Figura 311 – Foto do báculo da anta da Tapada dos Olheiros



Figura 312 – Foto de líticos considerados “outros” da anta da Tapada dos Olheiros

1.11. Ficha de Sítio: Porto Eivado

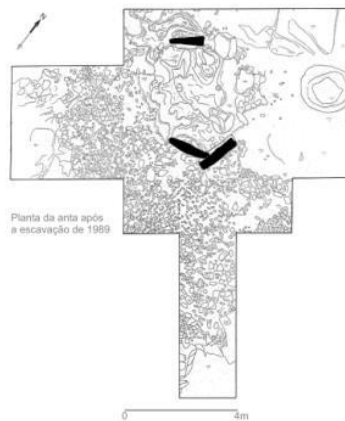


Figura 313 – Planta do Porto Eivado (Arquivo S.A.C.M.C.V.)



Figura 314 – Foto de vista de Sudoeste do Porto Eivado
(Arquivo S.A.C.M.C.V., modificado)

Breve história do monumento:

A anta do Porto Eivado foi identificada pelo casal Leisner (LEISNER & LEISNER, 1959). Posteriormente, Jorge de Oliveira atribuiu-lhe a designação Porto Alvaído (OLIVEIRA, 1986); seguidamente volta a denominá-la Porto Aivado (OLIVEIRA, 1997).

Este monumento foi alvo de duas campanhas de escavação, em 1988 e em 1989, sob a direcção de Jorge de Oliveira (OLIVEIRA, 1988; 1989).

Código Nacional de Sítio: CNS 1865

Classificação Patrimonial: Imóvel de Interesse Público (67/97, DR 301, de 31-12-1997)

Localização Administrativa: Lugar do Porto Aivado, Freguesia de Santa Maria da Devesa, Castelo de Vide, Portalegre

Cartografia: IGEO, Instituto Geográfico do Exército – Carta Militar de Portugal – Folha n.º 325 (1:25 000), Série M888, Lisboa. 2000

Coordenadas Geográficas: X: 261513, 40 Y: 280090, 61

Implantação Topográfica: Planalto

Associação a outros sítios pré-históricos: Povoado pré-histórico do Corregedor e de S. Martinho

1 - Tipologia arquitetônica: Anta, corredor não identificado/ corredor destruído

- 2 – **Diâmetro máximo da câmara:** Muito grande ($\approx 4,5$ metros)
- 3 – **Dimensão do corredor:** Indeterminável
- 4 – **Orientação do corredor:** Indeterminável
- 5 – **Número de esteiros componentes da câmara:** 2 esteios
- 6 – **Número de esteiros componentes do corredor:** Indeterminável
- 7 – **Morfologia da câmara:** Indeterminável
- 8 – **Morfologia do corredor:** Indeterminável
- 9 – **Laje de fecho em cutelo:** Ausente
- 10 – **Laje de cobertura da câmara:** Ausente
- 11 – **Lajes de cobertura do corredor:** Ausente
- 12 – **Mamoa:** Mal preservada

Materiais arqueológicos exumados na Anta

Pedra Lascada	Lâminas /Lamelas	2
	Micrólitos Geométricos	--
	Pontas de Seta	3
	Outros	--
Pedra Polida	Percutores	3
	Machados de Pedra Polida	2
	Enxós	--
	Moventes	4
	Dormentes	--
	Outros	1
Cerâmicas	(inclui fragmentos inclassificados)	30
Objectos de Adorno	Contas de Colar	--
	Placas de “Xisto”	1
	Báculos	--
	Zoomorfos	--
Outros		5

14 – Bibliografia

LEISNER, G., LEISNER, V. (1959) *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der westen*. Madrider Forschungen 1.2. Berlim: Walter De Gruiter & Co.

OLIVEIRA, J. (1988) *Relatório de Trabalhos Arqueológicos na Anta do Porto Aivado (Castelo de Vide). 1ª Campanha*. Évora. Proc. S-1865 [ant. 88/1(54)].

OLIVEIRA, J. (1989) *Relatório de Escavação da Anta do Porto Aivado*. Évora. Proc. S-1865 [ant.88/1(54)].

OLIVEIRA, J. (1997) *Monumentos Megalíticos da Bacia Hidrográfica da Rio Sever. Tomo I*. Edição Especial Ibn-Maruan. Marvão: Colibri/Câmara Municipal.

15 – Fotos e desenhos dos materiais²⁷

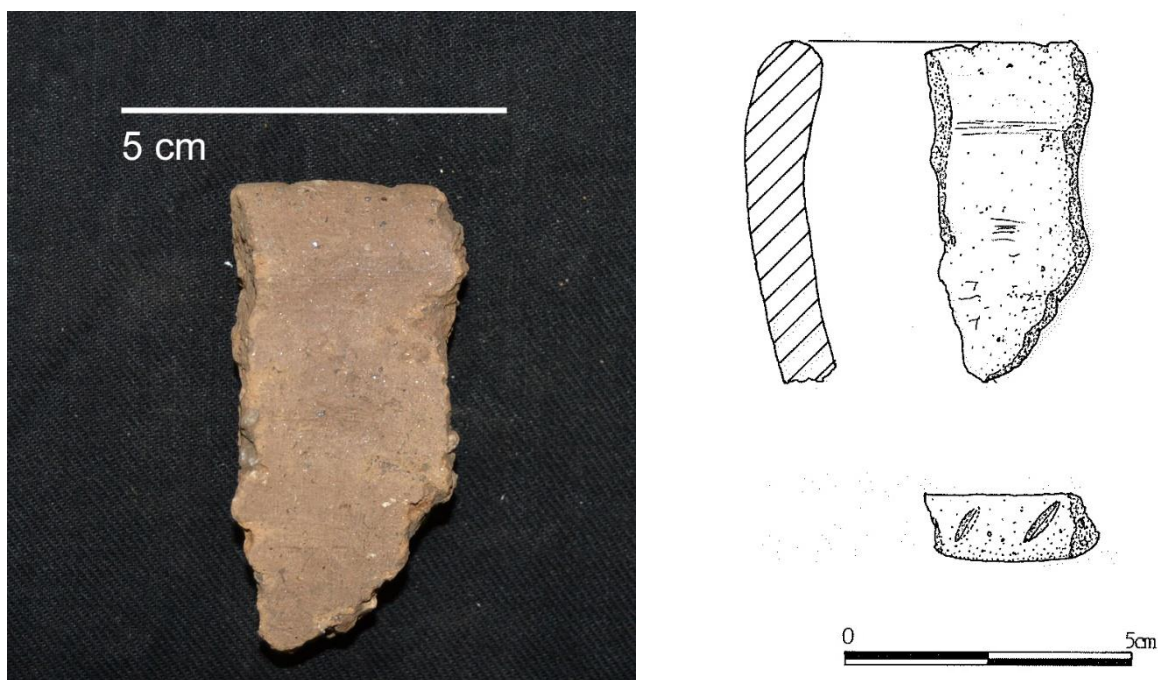


Figura 315 – Foto e desenho do recipiente PV110

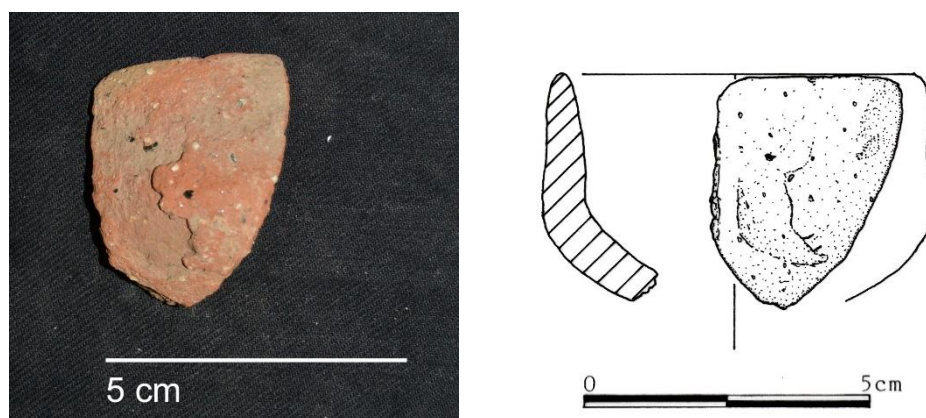


Figura 316 – Foto e desenho do recipiente PV62

²⁷ Desenhos cedidos pela Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide (S.A.C.M.C.V.).
Fotografias tiradas por mim.

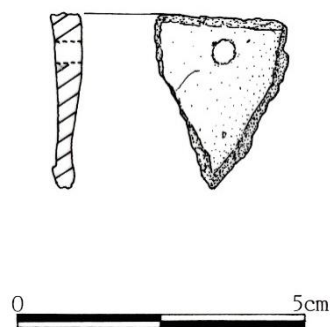


Foto 317 – Foto e desenho do recipiente PV9



Figura 318 – Foto do recipiente PV100

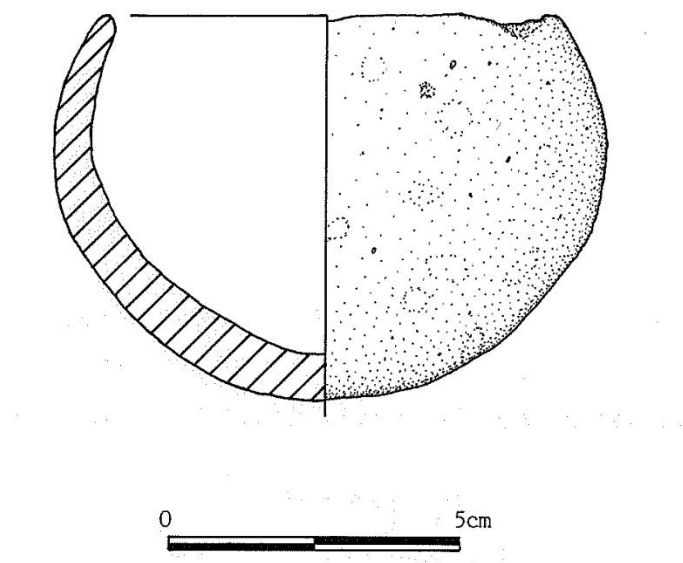


Figura 319 – Desenho do recipiente PV100

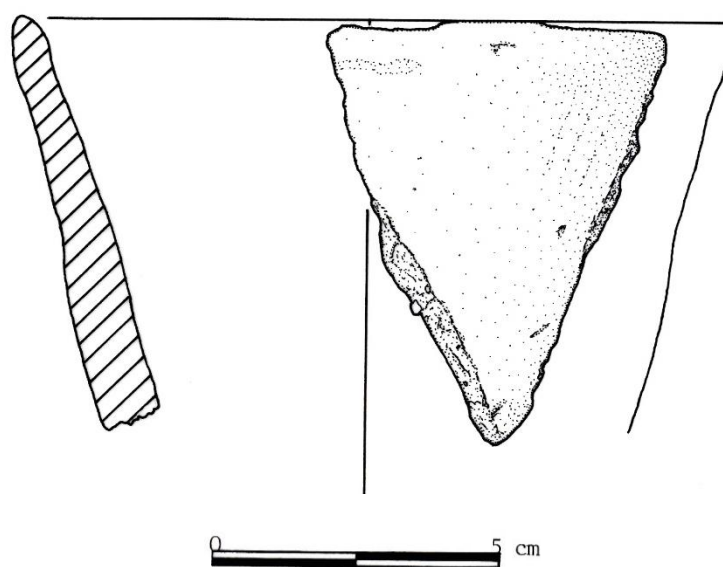


Figura 320 – Foto e desenho do recipiente PV44

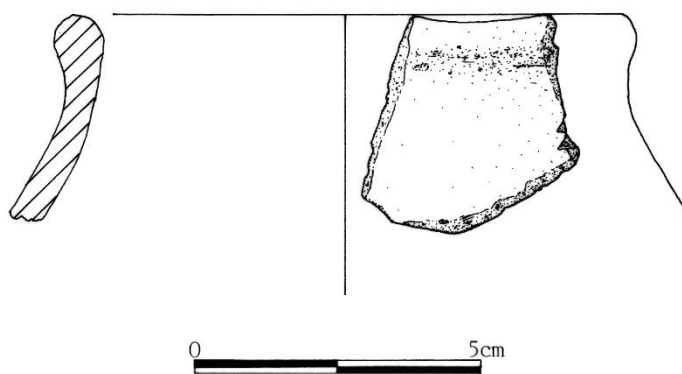


Figura 321 – Foto e desenho do recipiente PV114



Figura 322 – Foto do recipiente PV101

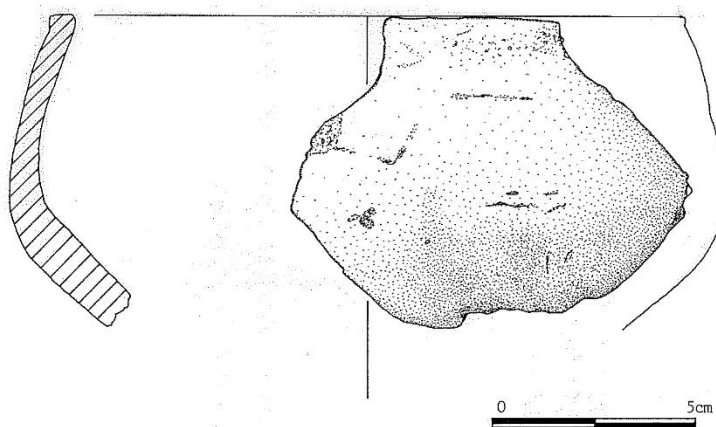


Figura 323 – Desenho do recipiente PV101

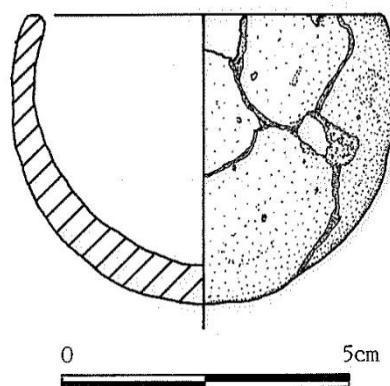


Figura 324 – Foto e desenho do recipiente PV49

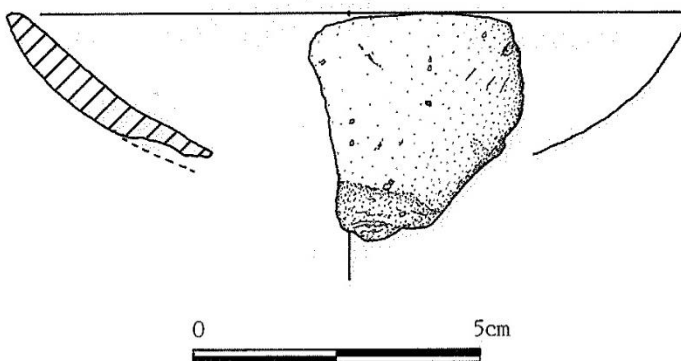


Figura 325 – Foto e desenho do recipiente PV45

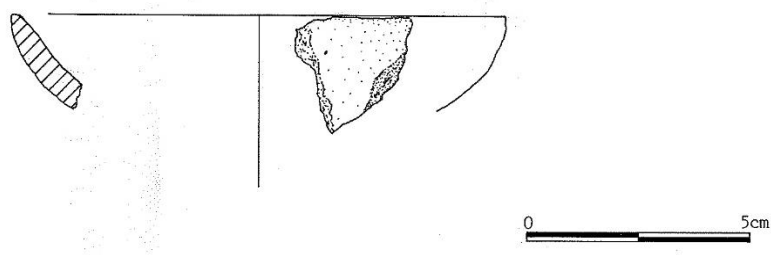


Foto 326 – Foto e desenho do recipiente PV149

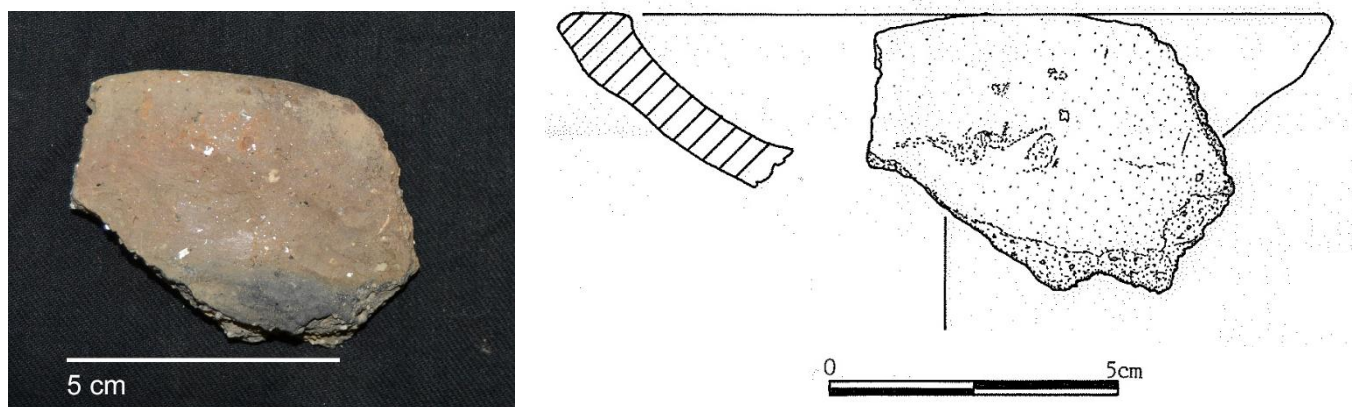


Figura 327 – Foto e desenho do recipiente PV86

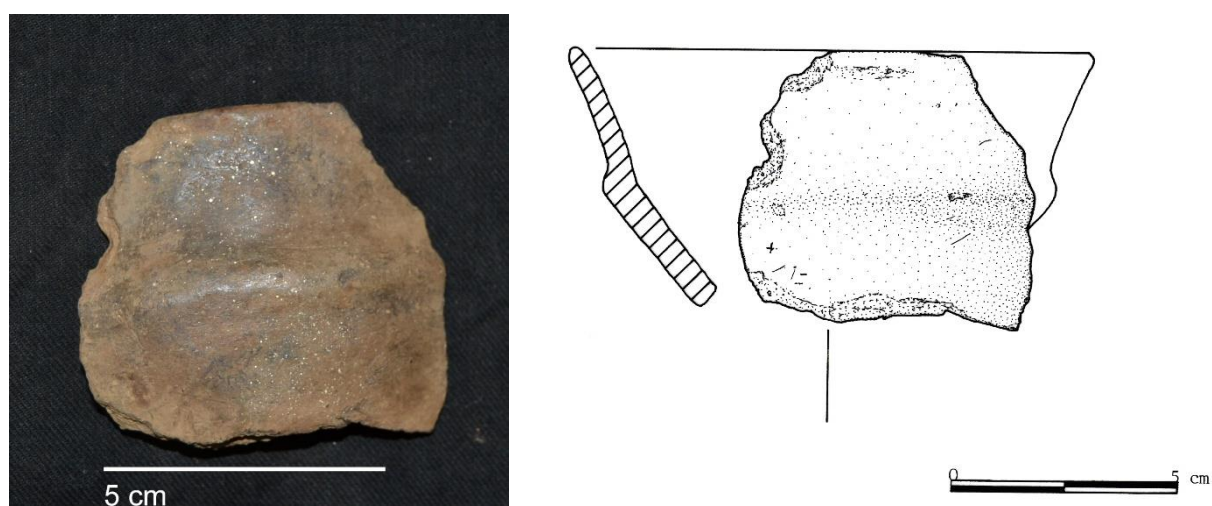


Figura 328 – Foto e desenho do recipiente PV102



Figura 329 – Foto de conjunto dos recipientes cerâmicos da anta do Porto Eivado



Figura 330 – Foto de conjunto dos percutores e de outros utensílios líticos da anta do Porto Eivado



Figura 331 – Foto de conjunto dos machados de pedra polida da anta do Porto Eivado



Figura 332 – Foto de conjunto das pontas de seta da anta do Porto Eivado



Figura 333 – Foto de uma lâmina e de uma lamela da anta do Porto Eivado



Figura 334 – Foto da placa de “xisto” da anta do Porto Eivado



Figura 335 – Foto do conjunto de restos osteológicos da anta do Porto Eivado

1.12. Ficha de Sítio: Casa dos Galhardos



Figura 336 – Foto de vista Este da Casa dos Galhardos
(Arquivo S.A.C.M.C.V., modificado)

Breve história do monumento:

A primeira menção a este monumento encontra-se na obra de Pereira da Costa (COSTA, 1868) como *dolmin ou Anta dos Galhardos*. É referido pelo mesmo nome por Possidónio da Silva (SILVA, 1879), pelo casal Leisner (LEISNER & LEISNER, 1959) e por Maria da Conceição Rodrigues (RODRIGUES, 1975). Jorge de Oliveira denomina-o Galhardo (OLIVEIRA, 1997).

Esta anta foi escavada em 1982 pelo Grupo de Arqueologia de Castelo de Vide.

Código Nacional de Sítio: CNS 449

Classificação Patrimonial: Monumento Nacional (Decreto de 16-06-1910, DG, n.º 136, de 23-06-1910)

Localização Administrativa: Sítio do Galhardo, Freguesia de Santa Maria da Devesa, Castelo de Vide, Portalegre

Cartografia: IGEO, Instituto Geográfico do Exército – Carta Militar de Portugal – Folha n.º 335 (1:25 000), Série M888, Lisboa. 1970

Coordenadas Geográficas: X: 257998, 52 Y: 276741, 60

Implantação Topográfica: Peneplanície

Associação a outros sítios pré-históricos: Desconhecida

1 - **Tipologia arquitetónica:** Anta, corredor não identificado/ corredor destruído

- 2 – **Diâmetro máximo da câmara:** Informação não disponível
- 3 – **Dimensão do corredor:** Indeterminável
- 4 – **Orientação do corredor:** Este
- 5 – **Número de esteiros componentes da câmara:** 7 esteiros (6 *in situ*)
- 6 – **Número de esteiros componentes do corredor:** Indeterminável
- 7 – **Morfologia da câmara:** Poligonal
- 8 – **Morfologia do corredor:** Indeterminável
- 9 – **Laje de fecho em cutelo:** Ausente
- 10 – **Laje de cobertura da câmara:** Ausente
- 11 – **Lajes de cobertura do corredor:** Ausente
- 12 – **Mamoa:** Mal preservada

Materiais arqueológicos exumados da Anta

Pedra Lascada	Lâminas /Lamelas	1
	Micrólitos Geométricos	2
	Pontas de Seta	1
	Outros	1
Pedra Polida	Percutores	--
	Machados de Pedra Polida	--
	Enxós	--
	Moventes	--
	Dormentes	--
	Outros	--
Cerâmicas	(inclui fragmentos inclassificados)	2
Objectos de Adorno	Contas de Colar	1
	Placas de “Xisto”	--
	Báculos	--
	Zoomorfos	--
Outros		--

14 – Bibliografia

COSTA, F. (1868) *Nocions sur l'état Préhistorique de la Terre et de l'Homme suivies de La description de quelques dolmens ou antas du Portugal*. Lisboa: Typ. da Academia.

LEISNER, G. e LEISNER, V. (1959) *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der westen*. Madrider Forschungen 1.2. Berlim: Walter De Gruiter & Co.

OLIVEIRA, J. (1997) *Monumentos Megalíticos da Bacia Hidrográfica da Rio Sever. Tomo I.* Edição Especial Ibn-Maruan. Marvão: Colibri/Câmara Municipal.

RODRIGUES, M (1975) *Carta Arqueológica do Concelho de Castelo de Vide.* Lisboa: Junta Distrital de Portalegre.

SILVA, J. (1879) *Notice sur les Monuments Mégalithiques du Portugal.* Association Française pour l'Avancement des Sciences. Paris, Secrétariat de l'Association.

15 – Fotos e desenhos dos materiais²⁸

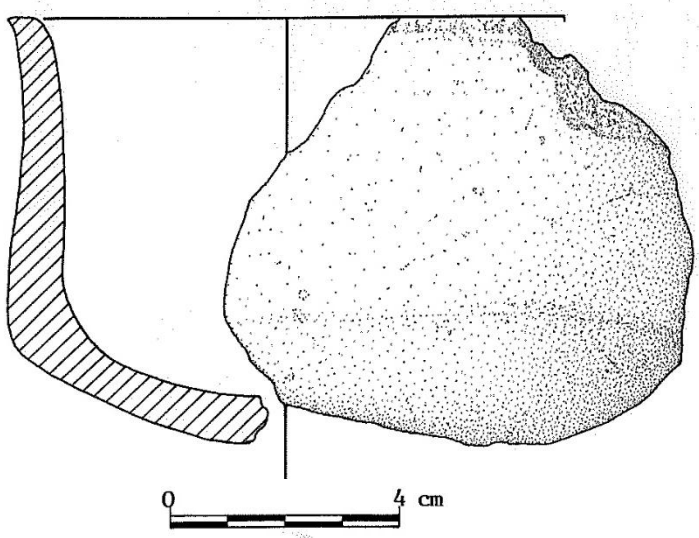


Figura 337 – Foto e desenho do recipiente G7

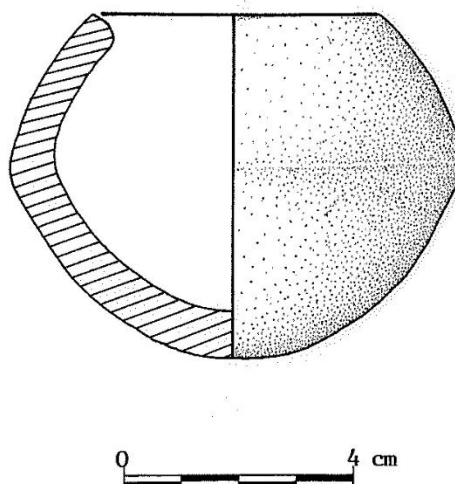


Figura 338 – Foto e desenho do recipiente G8

²⁸ Desenhos cedidos pela Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide (S.A.C.M.C.V.). Fotografias tiradas por mim.



Figura 339 – Foto do conjunto dos recipientes cerâmicos da anta da Casa dos Galhardos



Figura 340 – Foto da lâmina da anta da Casa dos Galhardos



Figura 341 – Foto do conjunto de micrólitos geométricos e de outro utensílio lítico da anta da Casa dos Galhardos



Figura 342 – Foto da ponta de seta da anta da Casa dos Galhardos



Figura 343 – Foto da conta de colar da anta da Casa dos Galhardos

1.13. Ficha de Sítio: Nave do Grou

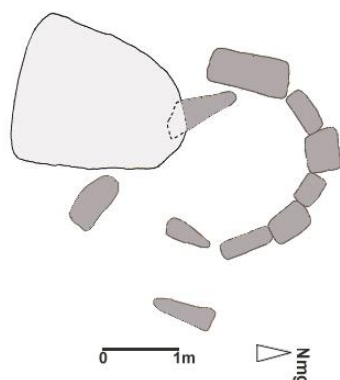


Figura 345 – Planta do Nave do Grou (Arquivo S.A.C.M.C.V.)



Figura 346 – Foto de vista Sudeste do Nave do Grou (Arquivo S.A.C.M.C.V., modificada)

Breve história do monumento:

Este monumento corresponde ao *dolmin ou Anta do fundo da Nave do Grou no sítio do Sobral*, listada por Pereira da Costa (COSTA, 1868). É igualmente referido como Grou (SILVA, 1879), Anta da Nave do Grou (BARBOSA, 1881; LEISNER & LEISNER, 1959; RODRIGUES, 1975) e Sobral (RODRIGUES, 1975; OLIVEIRA, 1997).

Foi escavada em 1982 pelo Grupo de Arqueologia de Castelo de Vide.

Código Nacional de Sítio: CNS 471

Classificação Patrimonial: Monumento Nacional (Decreto de 16-06-1910, DG, n.º 136, de 23-06-1910)

Localização Administrativa: Lugar do Sobral, Freguesia de São João Baptista, Castelo de Vide, Portalegre

Cartografia: IGEO, Instituto Geográfico do Exército – Carta Militar de Portugal – Folha n.º 335 (1:25 000), Série M888, Lisboa. 1999

Coordenadas Geográficas: X: 255320, 72 Y: 270428, 94

Implantação Topográfica: Vale

Associação a outros sítios pré-históricos: Desconhecida

1 - **Tipologia arquitetónica:** Anta, corredor não identificado/ corredor destruído

2 – **Dimensão da câmara:** Média (\approx 2 metros)

3 – **Dimensão do corredor:** Indeterminado

4 – **Orientação do corredor:** Este

5 – **Número de esteiros componentes da câmara:** 7 esteios

6 – **Número de esteios componentes do corredor:** 2? (existem dois blocos de granito em frente à entrada da câmara)

7 – **Morfologia da câmara:** Poligonal

8 – **Morfologia do corredor:** Indeterminável

9 – **Laje de fecho em cutelo:** Ausente

10 – **Laje de cobertura da câmara:** Ausente

11 – **Lajes de cobertura do corredor:** Ausente

12 – **Mamoas:** Ausente

Materiais arqueológicos exumados na Anta

Pedra Lascada	Lâminas /Lamelas	--
	Micrólitos Geométricos	5
	Pontas de Seta	--
	Outros	--
Pedra Polida	Percutores	--
	Machados de Pedra Polida	1
	Enxós	--
	Moventes	--
	Dormentes	--
	Outros	--
Cerâmicas	(inclui fragmentos inclassificados)	1
Objectos de Adorno	Contas de Colar	--
	Placas de “Xisto”	--
	Báculos	--
	Zoomorfos	--
Outros		--

14 – Bibliografia

COSTA, F. (1868) *Nocions sur l'état Prehistorique de la Terre et de l'Homme suivies de La description de quelques dolmens ou antas du Portugal*. Lisboa: Typ. da Academia.

BARBOSA, I. (1881) Monumentos Nacionaes. Padrões Históricos e Commemorativos de Varões Illustres. Que são elementos apreciáveis para o estudo da História das Artes em Portugal. *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*. Série 2ª. Tomo III. Nº9.

LEISNER, G. e LEISNER, V. (1959) *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der westen*. Madrider Forschungen 1.2. Berlim: Walter De Gruiter & Co.

OLIVEIRA, J. (1997) *Monumentos Megalíticos da Bacia Hidrográfica da Rio Sever. Tomo I*. Edição Especial Ibn-Maruan. Marvão: Colibri/Câmara Municipal.

RODRIGUES, M (1975) *Carta Arqueológica do Concelho de Castelo de Vide*. Lisboa: Junta Distrital de Portalegre.

SILVA, J. (1879) *Notice sur les Monuments Mégalithiques du Portugal*. Association Française pour l'Avancement des Sciences. Paris, Secrétariat de l'Association

15 – Fotos e desenhos dos materiais²⁹



Figura 347 – Foto do recipiente S7

²⁹ Desenhos cedidos pela Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide (S.A.C.M.C.V.)
Fotografias tiradas por mim.

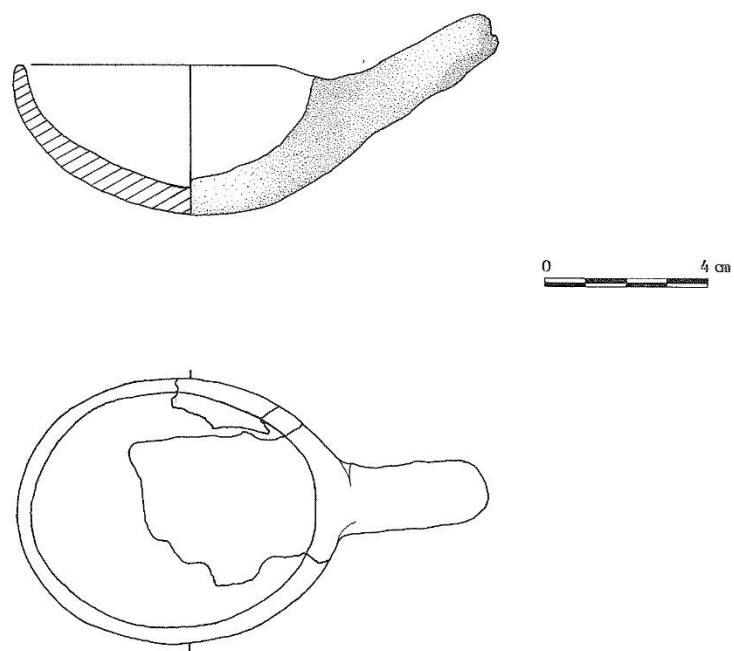


Figura 348 – Desenho do recipiente S7

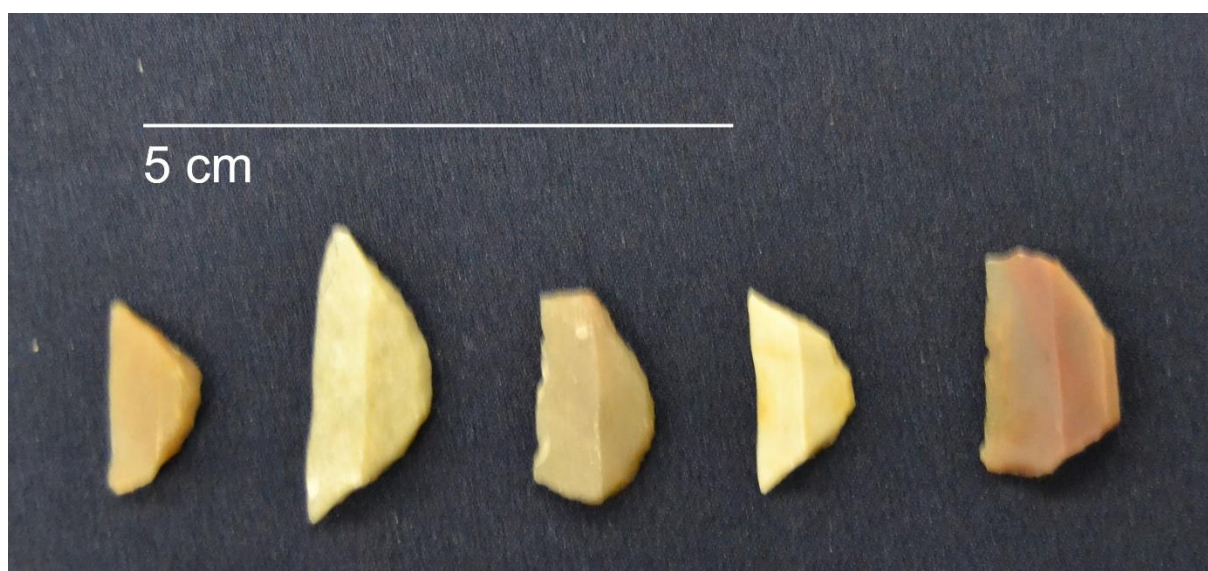


Figura 349 – Foto do conjunto de micrólitos geométricos da anta da Nave do Grou



Figura 350 – Foto do machado de pedra polida da anta da Nave do Grou

Anexo 2

Quadro 2.1. – Coordenadas geográficas dos monumentos megalíticos do concelho de Castelo de Vide³⁰

Designação do Monumento megalítico	CNS	Latitude	Longitude
Alcogulo 1	00447	39.413972	-7.533139
Alcogulo 2	00473	39.413028	-7.531694
Alcogulo 3	00448	39.409083	-7.526944
Alcogulo 4		39.406806	-7.539889
Casa dos Galhardos	00449	39.456828	-7.439232
Cerejeiro	00446	39.487885	-7.471096
Coureleiros 1	00441	39.444056	-7.470083
Coureleiros 2	00438	39.444944	-7.471917
Coureleiros 3	00440	39.450333	-7.466583
Coureleiros 4	00439	39.444472	-7.469556
Coureleiros 5	00437	39.443139	-7.469833
Couto do Zé Godinho	00478	39.481056	-7.516972
Currais do Galhordas	07270	39.461111	-7.544444
Fonte de Mouratão	00443	39.412740	-7.571615
Junçal	00474	39.467145	-7.469806
Lazareto de Castelo de Vide		39.422949	-7.489426
Maria Trigo		39.475293	-7.428812
Melriço	00475	39.433056	-7.501944
Mosteiros	01230	39.519919	-7.551321
Nave do Grou	00471	39.400152	-7.490864
Pai Adão		39.463285	-7.447673
Pai Anes	00442	39.518957	-7.540213
Pombais	00476	39.437219	-7.459238

³⁰ Toda a informação do quadro 2.1. foi relhida por Rui Boaventura no âmbito do Projecto MEGAGEO

Ponte da Casa Nova	17078	39.399961	-7.566261
Porto Eivado	01865	39.486746	-7.418088
Registo Moreno		39.468233	-7.414242
Tapada de Matos 1	17080	39.398960	-7.569068
Tapada de Matos 2	17081	39.399813	-7.568853
Tapada de Pedro Álvaro	00472	39.468289	-7.454088
Tapada do Arvoredo	00436	39.517163	-7.570448
Tapada do Souto	17079	39.460750	-7.546667
Tapada dos Olheiros	00445	39.474174	-7.456283
Tapadão da Relva	00477	39.393083	-7.554833
Tapadas do Pincho	32539	39.439664	-7.452073
Terreno da Ribeira		39.568576	-7.475145
Vale de Sancho	00479	39.490076	-7.432675
Vale do Cano 8		39.473055	-7.405813
Várzea dos Mourões	00444	39.481668	-7.469400

Anexo 3

Quadro 3.1. - Denominação das antas utilizada

Código Nacional de Sítio	Designação utilizada nesta dissertação (BOAVENTURA & PEREIRA)	Designação utilizada por Pereira da Costa (1868)	Designação utilizada pelo casal Leisner (1959)	Designação utilizada por Maria da Conceição Rodrigues (1975)	Designação utilizada por Jorge de Oliveira (1997)
CNS447	Alcogulo 1	Dolmin ou Anta da Borda da Coutada do Porto dos Pinheiros	Anta 1 da Coutada de Alcogulo (do Porto dos Pinheiros)	Anta da Coutada do Alcogulo I	Alcogulo I
CNS473	Alcogulo 2	Dolmins ou Antas do Milhar do Cabeço [IV]	Anta 2 da Coutada de Alcogulo (do Cabeço dos Milhares)	Alcogulo - 2	Alcogulo II
CNS443	Alcogulo 3	Domins ou Antas do Milhar do Cabeço [V]	Anta 3 da Coutada de Alcogulo (Milhar do Cabeço)	Alcogulo - 3	Alcogulo III
CNS442	Pai Anes			Anta do Pai Anes	Pai Anes
CNS437	Coureleiros 5		Anta 5 da Herdade dos Coureleiros	Coureleiros - 3	Coureleiros I
CNS441	Coureleiros 1	Dolmin ou Anta de Corleiros	Anta 1 da Herdade dos Coureleiros	Coureleiros - 1	Coureleiros II
CNS438	Coureleiros 2		Anta 2 da Herdade dos Coureleiros	Coureleiros - 4	Coureleiros IV
CNS439	Coureleiros 4		Anta 4 da Herdade dos Coureleiros	Coureleiros - 2	Coureleiros III
CNS17079	Tapada do Souto				Tapada do Souto
CNS446	Cerejeiro 1			Anta da Tapada do Cerejeiro	Cerejeiro
CNS478	Vale da Estrada			Anta do Vale da Estrada – Couto do José Godinho	Vale da Estrada

CNS477	Tapadão da Relva			Tapadão da Relva/Cabeço da Gestosa	Tapadão da Relva
CNS445	Tapada dos Olheiros	Dolmin ou Anta da Tapada dos Olheiros	Anta da Tapada dos Olheiros (Pedro Álvaro 2)	Anta da Tapada dos Olheiros	Olheiros
CNS1865	Porto Eivado		Porto Eivado		Porto Aivado
CNS449	Casa dos Galhardos	Dolmin ou Anta da Casa dos Galhardos	Anta da Casa dos Galhardos	Anta da Casa dos Galhardos	Galhardo
CNS7270	Currais do Galhordas				Currais do Galhordas
CNS471	Nave do Grou	Dolmin ou Anta do fundo da Nave do Grou no sítio do Sobral	Anta da Nave do Grou	Nave do Grou Sobral	Sobral
CNS1230	Mosteiros		Herdade dos Mosteiros	Anta da Tapada dos Matos	Tapada de Matos

Anexo 4

Alcogulo 1		
Material	Nº de Inventário	Local de Depósito
Cerâmica	AI1	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	AI2	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	AI3	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	AI4	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	AI5	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	AI6	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	AI7	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	AI8	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	AI9	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	AI10	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	AI11	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	AI12	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	AI13	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	AI14	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	AI15	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	AI16	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	AI17	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	AI19	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	AI20	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	AI21	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	AI22	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	AI23	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	AI24	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	AI26	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide

Cerâmica	AI44	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	AI45	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	AI46	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	AI47	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	AI48	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	AI49	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	AI50	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	AI51	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	AI52	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	AI27	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	AI33	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	AI34	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	AI35	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	AI36	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	AI37	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	AI38	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	AI39	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	AI40	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	AI41	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	AI42	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	AI43	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	AI29	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	AI32	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	AI57	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Micrólitos geométricos	AI28	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Micrólitos geométricos	AI30	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Micrólitos geométricos	AI31	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide

Alcogulo 2		
Material	Nº de Inventário	Local de Depósito
Cerâmica	AII1	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	AII2	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	AII3	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	AII4	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	AII79	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	AII80	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	AII81	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	AII82	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	AII83	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	AII84	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	AII85	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	AII86	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	AII87	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	AII88	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	AII89	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	AII90	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	AII91	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	AII92	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	AII93	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	AII94	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	AII95	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	AII96	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	AII97	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide

Cerâmica	AII98	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	AII99	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	AII100	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	AII101	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	AII102	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	AII103	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	AII104	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	AII105	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	AII106	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	AII107	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	AII108	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	AII110	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	AII111	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	AII112	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	AII74	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	AII76	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	AII77	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	AII78	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	AII13	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	AII14	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	AII15	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	AII16	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	AII17	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	AII18	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	AII19	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	AII20	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	AII21	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide

Pontas de seta	AII49	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	AII50	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	AII51	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	AII52	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	AII53	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	AII54	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	AII55	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	AII56	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	AII57	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	AII58	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	AII59	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	AII60	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	AII61	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	AII62	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	AII63	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	AII64	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	AII67	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	AII68	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	AII69	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	AII73	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	AII75	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Micrólitos geométricos	AII65	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Micrólitos geométricos	AII66	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Micrólitos geométricos	AII70	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Micrólitos geométricos	AII71	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Micrólitos geométricos	AII72	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	AII10	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide

Placas de “xisto”	AIII1	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	AIII2	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	1	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	2	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	3	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	4	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	5	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	6	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	7	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	8	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	9	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	10	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	11	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	12	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	13	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	14	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	15	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	16	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	17	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	18	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	19	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	20	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	21	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	22	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	23	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	24	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Machados de pedra polida	AI5	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide

Machados de pedra polida	AI6	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Machados de pedra polida	AI7	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Machados de pedra polida	AI8	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Machados de pedra polida	AI9	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide

Alcogulo 3		
Material	Nº de Inventário	Local de Depósito
Cerâmica	8230	Museu Nacional de Arqueologia
Cerâmica	8231	Museu Nacional de Arqueologia
Placas de “xisto”	8233	Museu Nacional de Arqueologia
Báculo	8235	Museu Nacional de Arqueologia
Machados de pedra polida	8236	Museu Nacional de Arqueologia
Machados de pedra polida	8237	Museu Nacional de Arqueologia
Machados de pedra polida	8238	Museu Nacional de Arqueologia
Machados de pedra polida	8239	Museu Nacional de Arqueologia
Machados de pedra polida	8240	Museu Nacional de Arqueologia
Machados de pedra polida	8241	Museu Nacional de Arqueologia
Machados de pedra polida	8242	Museu Nacional de Arqueologia
Pilão	8243	Museu Nacional de Arqueologia

Anta do Cabeço		
Material	Nº de Inventário	Local de Depósito
Machados de pedra polida	1	Museu Geológico de Lisboa
Machados de pedra polida	2	Museu Geológico de Lisboa
Machados de pedra polida	3	Museu Geológico de Lisboa
Placas de “xisto”	1	Museu Geológico de Lisboa
Placas de “xisto”	2	Museu Geológico de Lisboa
Placas de “xisto”	3	Museu Geológico de Lisboa
Placas de “xisto”	4	Museu Geológico de Lisboa
Placas de “xisto”	5	Museu Geológico de Lisboa
Placas de “xisto”	6	Museu Geológico de Lisboa

Coureleiros 1		
Material	Nº de Inventário	Local de Depósito
Cerâmica	CII66	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	CII71	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	CII72	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	CII82	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	CII91	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	CII92	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	CII93	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	CII102	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	CII103	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	CII104	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	CII106	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	CII113	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	CII115	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	CII117	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	CII12	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	CII13	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	CII14	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	CII15	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	CII16	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	CII17	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	CII18	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	CII19	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	CII20	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	CII21	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide

Contas de colar	CII49	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	CII50	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	CII51	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	CII52	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	CII53	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	CII54	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	CII55	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	CII56	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	CII57	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	CII58	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	CII59	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	CII60	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	CII61	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	CII62	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	CII99	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	CII63	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	CII64	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	CII65	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	CII75	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	CII76	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	CII81	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	CII84	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	CII95	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	CII96	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	CII97	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	CII98	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	CII100	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide

Pontas de seta	CII107	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	CII108	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	CII109	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	CII110	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	CII112	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	CII124	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	CII125	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	CII09	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	CII10	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	CII11	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	CII68	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	CII77	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	CII89	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	CII90	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	CII114	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	CII119	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	CII120	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	CII126	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	CII127	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	CII128	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Micrólitos geométricos	CII69	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Micrólitos geométricos	CII78	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Micrólitos geométricos	CII91	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	CII7	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	CII8	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	CII79	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	CII80	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide

Placas de “xisto”	CII80A	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	CII111	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	CII111A	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Machados de pedra polida	CII2	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Machados de pedra polida	CII3	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Machados de pedra polida	CII5	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Machados de pedra polida	CII85	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Machados de pedra polida	CII101	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Machados de pedra polida	CII136	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Enxós	CII1	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Enxós	CII4	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Enxós	CII6	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Enxós	CII74	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Movente	CII118	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Movente	CII129	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Movente	CII130	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Percutor	CII121	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Percutor	CII131	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Percutor	CII132	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide

Coureleiros 2		
Material	Nº de Inventário	Local de Depósito
Cerâmica	CIV10	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	CIV25	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	CIV29	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	CIV30	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	CIV31	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	CIV32	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	CIV50	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	CIV51	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	CIV52	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	CIV54	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	CIV91	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	CIV6	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	CIV7	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	CIV8	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	CIV21	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	CIV26	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	CIV39	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	CIV40	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	CIV41	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	CIV42	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	CIV43	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	CIV47	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	CIV60	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	CIV65	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide

Contas de colar	CIV67	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	CIV68	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	CIV84	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	CIV85	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	CIV86	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	CIV87	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	CIV1	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	CIV2	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	CIV3	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	CIV13	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	CIV14	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	CIV15	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	CIV16	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	CIV17	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	CIV18	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	CIV19	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	CIV33	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	CIV34	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	CIV35	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	CIV36	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	CIV37	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	CIV48	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	CIV49	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	CIV55	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	CIV56	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	CIV57	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	CIV58	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide

Pontas de seta	CIV59	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	CIV61	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	CIV63	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	CIV64	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	CIV69	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	CIV75	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	CIV76	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	CIV4	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	CIV5	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	CIV38	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	CIV44	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	CIV45	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	CIV66	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	CIV74	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	CIV78	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	CIV82	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Micrólitos geométricos	CIV20	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Micrólitos geométricos	CIV22	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Micrólitos geométricos	CIV83	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	CIV9	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	CIV27	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	CIV28	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	CIV63	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Machados de pedra polida	CIV90	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Enxós	CIV77	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide

Coureleiros 4		
Material	Nº de Inventário	Local de Depósito
Micrólitos geométricos	CIII5	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Micrólitos geométricos	CIII16	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Micrólitos geométricos	CIII18	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Micrólitos geométricos	CIII19	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Micrólitos geométricos	CIII24	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Micrólitos geométricos	CIII28	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Machados de pedra polida	CIII4	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Machados de pedra polida	CIII6	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Machados de pedra polida	CIII7	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Machados de pedra polida	CIII8	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Machados de pedra polida	CIII13	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Machados de pedra polida	CIII15	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Machados de pedra polida	CIII26	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Machados de pedra polida	CIII27	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Enxós	CIII9	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Enxós	CIII12	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Enxós	CIII14	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide

Coureleiros 5		
Material	Nº de Inventário	Local de Depósito
Cerâmica	CI17	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	CI18	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	CI21	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	CI27	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	CI11	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	CI20	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	CI3	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	CI4	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	CI5	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	CI6	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	CI13	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	CI22	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	CI23	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Micrólitos geométricos	CI2	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	CI1	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	CI7	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	CI8	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	CI9	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	CI16	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Machados de pedra polida	CI15	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Enxós	CI14	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide

Mosteiros		
Material	Nº de Inventário	Local de Depósito
Cerâmica	TM1	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	TM2	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	TM3	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	TM4	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	TM5	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	TM6	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	TM7	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	TM8	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	TM9	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	TM10	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	TM12	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	TM13	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	TM14	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	TM527	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	TM292	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	TM293	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	TM294	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	TM295	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	TM296	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	TM297	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	TM298	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	TM299	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	TM330	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	TM331	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide

Contas de colar	TM322	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	TM323	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	TM324	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	TM325	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	TM326	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	TM327	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	TM328	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	TM329	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	TM536	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	TM537	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	TM538	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	TM107	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	TM108	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	TM109	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	TM110	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	TM112	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	TM113	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	TM114	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	TM115	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	TM116	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	TM117	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	TM118	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	TM120	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	TM121	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	TM122	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	TM123	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	TM124	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide

Pontas de seta	TM582	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	TM583	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	TM541	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	TM539	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	TM540	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	TM542	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	TM546	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	TM543	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	TM547	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	TM550	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	TM555	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	TM544	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	TM545	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	TM565	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	TM564	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	TM563	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	TM562	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	TM561	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	TM560	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	TM559	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	TM552	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	TM553	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	TM551	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	TM556	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	TM557	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	TM554	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	TM549	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide

Pontas de seta	TM558	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	TM548	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de lança	TM103	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Alabardas	TM512	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Alabardas	TM513	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Alabardas	TM44	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Alabardas	TM515	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Alabardas	TM15	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Alabardas	TM507	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Alabardas	TM509	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Alabardas	TM511	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Alabardas	TM522	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Alabardas	TM510	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Alabardas	TM526	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	TM566	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	TM572	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	TM576	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	TM568	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	TM571	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	TM575	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	TM573	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	TM574	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	TM657	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	TM106	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	TM81	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	TM82	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	TM83	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide

Lâminas/Lamelas	TM49	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	TM50	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	TM33	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	TM73	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	TM62	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	TM54	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	TM55	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	TM56	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	TM57	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	TM58	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	TM59	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	TM60	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	TM61	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	TM63	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	TM64	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	TM66	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	TM70	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	TM71	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	TM72	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	TM79	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	TM80	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	TM78	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	TM76	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	TM74	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Micrólitos geométricos	TM51	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Micrólitos geométricos	TM52	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Micrólitos geométricos	TM53	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide

Micrólitos geométricos	TM65	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Micrólitos geométricos	TM67	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Micrólitos geométricos	TM68	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Micrólitos geométricos	TM69	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Micrólitos geométricos	TM524	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Buril	TM500	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	TM273	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	TM282	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	TM288	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	TM286	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	TM285	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	TM284	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	TM290	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	TM287	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	TM278	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	TM291	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	TM279	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	TM289	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	TM277	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	TM280	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	TM276	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	TM283	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Zoomorfos	TM535	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Machados de pedra polida	TM271	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide

Pai Anes		
Material	Nº de Inventário	Local de Depósito
Cerâmica	PA29	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	PA30	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	PA31	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	PA32	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	PA35	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	PA39	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	PA40	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	PA49	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	PA1	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	PA2	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	PA3	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	PA4	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	PA5	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	PA6	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	PA7	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	PA8	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	PA9	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	PA10	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	PA11	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	PA12	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	PA13	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	PA14	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	PA15	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	PA16	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide

Contas de colar	PA17	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	PA18	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	PA19	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	PA20	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	PA21	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	PA22	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	PA28	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Micrólitos geométricos	PA23	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Micrólitos geométricos	PA24	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Micrólitos geométricos	PA25	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Micrólitos geométricos	PA26	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	PA43	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	1	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	2	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Machados de pedra polida	PA41	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Machados de pedra polida	PA44	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Machados de pedra polida	PA45	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Machados de pedra polida	PA46	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide

Tapada do Souto		
Material	Nº de Inventário	Local de Depósito
Cerâmica	1	Em posse de Rui Boaventura

Currais do Galhordas		
Material	Nº de Inventário	Local de Depósito
Cerâmica	Vaso 2	Na posse temporária do Professor Doutor Sérgio Monteiro-Rodrigues
Cerâmica	Vaso 3	Na posse temporária do Professor Doutor Sérgio Monteiro-Rodrigues
Cerâmica	Vaso 4	Na posse temporária do Professor Doutor Sérgio Monteiro-Rodrigues
Cerâmica	Vaso 5	Na posse temporária do Professor Doutor Sérgio Monteiro-Rodrigues
Cerâmica	Vaso 6	Na posse temporária do Professor Doutor Sérgio Monteiro-Rodrigues
Cerâmica	Vaso 7	Na posse temporária do Professor Doutor Sérgio Monteiro-Rodrigues
Cerâmica	Vaso 8	Na posse temporária do Professor Doutor Sérgio Monteiro-Rodrigues
Cerâmica	Vaso 9	Na posse temporária do Professor Doutor Sérgio Monteiro-Rodrigues
Cerâmica	Vaso 10	Na posse temporária do Professor Doutor Sérgio Monteiro-Rodrigues
Cerâmica	Vaso 11	Na posse temporária do Professor Doutor Sérgio Monteiro-Rodrigues
Cerâmica	Vaso 12	Na posse temporária do Professor Doutor Sérgio Monteiro-Rodrigues
Cerâmica	Vaso 13	Na posse temporária do Professor Doutor Sérgio Monteiro-Rodrigues
Cerâmica	Vaso 15	Na posse temporária do Professor Doutor Sérgio Monteiro-Rodrigues
Cerâmica	Vaso 16	Na posse temporária do Professor Doutor Sérgio Monteiro-Rodrigues
Cerâmica	Vaso 17	Na posse temporária do Professor Doutor Sérgio Monteiro-Rodrigues
Cerâmica	Vaso 19	Na posse temporária do Professor Doutor Sérgio Monteiro-Rodrigues
Cerâmica	Vaso 20	Na posse temporária do Professor Doutor Sérgio Monteiro-Rodrigues
Cerâmica	Vaso 22	Na posse temporária do Professor Doutor Sérgio Monteiro-Rodrigues
Cerâmica	Vaso 23	Na posse temporária do Professor Doutor Sérgio Monteiro-Rodrigues
Cerâmica	Vaso 24	Na posse temporária do Professor Doutor Sérgio Monteiro-Rodrigues
Cerâmica	Vaso 25	Na posse temporária do Professor Doutor Sérgio Monteiro-Rodrigues
Cerâmica	Vaso 26	Na posse temporária do Professor Doutor Sérgio Monteiro-Rodrigues
Cerâmica	Vaso 27	Na posse temporária do Professor Doutor Sérgio Monteiro-Rodrigues
Cerâmica	Vaso 28	Na posse temporária do Professor Doutor Sérgio Monteiro-Rodrigues

Contas de colar	1	Na posse temporária do Professor Doutor Sérgio Monteiro-Rodrigues
Contas de colar	2	Na posse temporária do Professor Doutor Sérgio Monteiro-Rodrigues
Contas de colar	3	Na posse temporária do Professor Doutor Sérgio Monteiro-Rodrigues
Contas de colar	4	Na posse temporária do Professor Doutor Sérgio Monteiro-Rodrigues
Contas de colar	5	Na posse temporária do Professor Doutor Sérgio Monteiro-Rodrigues
Pontas de seta	1	Na posse temporária do Professor Doutor Sérgio Monteiro-Rodrigues
Lâminas/Lamelas	1	Na posse temporária do Professor Doutor Sérgio Monteiro-Rodrigues
Micrólitos geométricos	1	Na posse temporária do Professor Doutor Sérgio Monteiro-Rodrigues
Placas de “xisto”	1	Na posse temporária do Professor Doutor Sérgio Monteiro-Rodrigues
Placas de “xisto”	2	Na posse temporária do Professor Doutor Sérgio Monteiro-Rodrigues
Machados de pedra polida	1	Na posse temporária do Professor Doutor Sérgio Monteiro-Rodrigues
Machados de pedra polida	2	Na posse temporária do Professor Doutor Sérgio Monteiro-Rodrigues
Machados de pedra polida	3	Na posse temporária do Professor Doutor Sérgio Monteiro-Rodrigues
Machados de pedra polida	4	Na posse temporária do Professor Doutor Sérgio Monteiro-Rodrigues
Machados de pedra polida	5	Na posse temporária do Professor Doutor Sérgio Monteiro-Rodrigues
Machados de pedra polida	CG1	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide

Cerejeiro 1		
Material	Nº de Inventário	Local de Depósito
Cerâmica	CE6	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	CE4	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	CE5	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Micrólitos geométricos	CE3	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Machados de pedra polida	CE1	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Machados de pedra polida	CE2	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide

Vale da Estrada		
Material	Nº de Inventário	Local de Depósito
Cerâmica	ZG22	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	ZG23	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	ZG24	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	ZG25	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	ZG27	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	ZG28	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	ZG29	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	ZG30	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	ZG31	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	ZG32	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	ZG34	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	ZG67	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	ZG34	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	ZG35	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	ZG36	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	ZG37	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	ZG38	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	ZG39	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	ZG40	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	ZG41	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	ZG42	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	ZG43	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	ZG44	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	ZG45	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide

Contas de colar	ZG46	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	ZG47	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	ZG48	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	ZG49	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	ZG50	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	ZG51	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	ZG52	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	ZG53	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	ZG54	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	ZG55	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	ZG56	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	ZG57	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	ZG58	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	ZG59	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	ZG60	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	ZG61	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	ZG62	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	ZG63	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	ZG64	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	ZG14	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	ZG15	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	ZG16	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	ZG17	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	ZG18	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	ZG19	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	ZG20	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	ZG21	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide

Lâminas/Lamelas	ZG1	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	ZG2	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	ZG3	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	ZG4	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	ZG5	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	ZG6	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	ZG7	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	ZG8	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	ZG9	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	ZG10	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	ZG11	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	ZG12	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	ZG13	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide

Tapadão da Relva		
Material	Nº de Inventário	Local de Depósito
Cerâmica	TR1	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	TR2	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	TR3	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	TR4	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	TR5	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	TR6	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	TR7	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	TR8	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	TR9	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	TR10	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	TR11	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	TR12	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	TR13	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	TR14	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	TR15	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	TR16	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	TR17	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	TR18	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	TR19	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	TR20	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	TR21	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	TR22	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	TR23	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	TR197	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide

Contas de colar	TR188	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	TR154	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	TR156	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	TR161	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	TR160	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	TR164	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	TR157	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	TR153	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	TR158	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	TR155	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	TR168	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	TR162	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	TR193	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	TR167	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	TR163	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	TR196	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	TR173	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	TR174	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	TR190	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	TR191	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	TR192	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	TR41	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	TR42	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	TR43	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	TR44	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	TR45	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	TR46	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide

Pontas de seta	TR102	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	TR103	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	TR104	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	TR105	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	TR106	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	TR107	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	TR108	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	TR109	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	TR110	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	TR111	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	TR112	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	TR113	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	TR114	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	TR115	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	TR116	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	TR117	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	TR118	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	TR126	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	TR129	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	TR137	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	TR139	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	TR145	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	TR146	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	TR147	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Micrólitos geométricos	TR125	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Micrólitos geométricos	TR131	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Micrólitos geométricos	TR144	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide

Placas de “xisto”	TR28	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	TR26	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	TR24	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	TR25	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	TR30	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	TR27	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	TR32	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	TR29	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	TR31	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	1	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Machados de pedra polida	TR33	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Machados de pedra polida	TR37	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Machados de pedra polida	TR34	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Machados de pedra polida	TR36	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Machados de pedra polida	TR35	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Machados de pedra polida	1	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Machados de pedra polida	2	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Enxós	TR39	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Enxós	TR38	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Enxós	TR40	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide

Tapada dos Olheiros		
Material	Nº de Inventário	Local de Depósito
Cerâmica	O9	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	O10	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	O11	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	O12	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	O13	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	O14	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	O15	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	O17	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	O18	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	O19	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	O1	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	O2	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	O23	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Báculo	O24	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Machados de pedra polida	O8	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Machados de pedra polida	O20	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Enxós	O7	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Enxós	O21	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Enxós	O22	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide

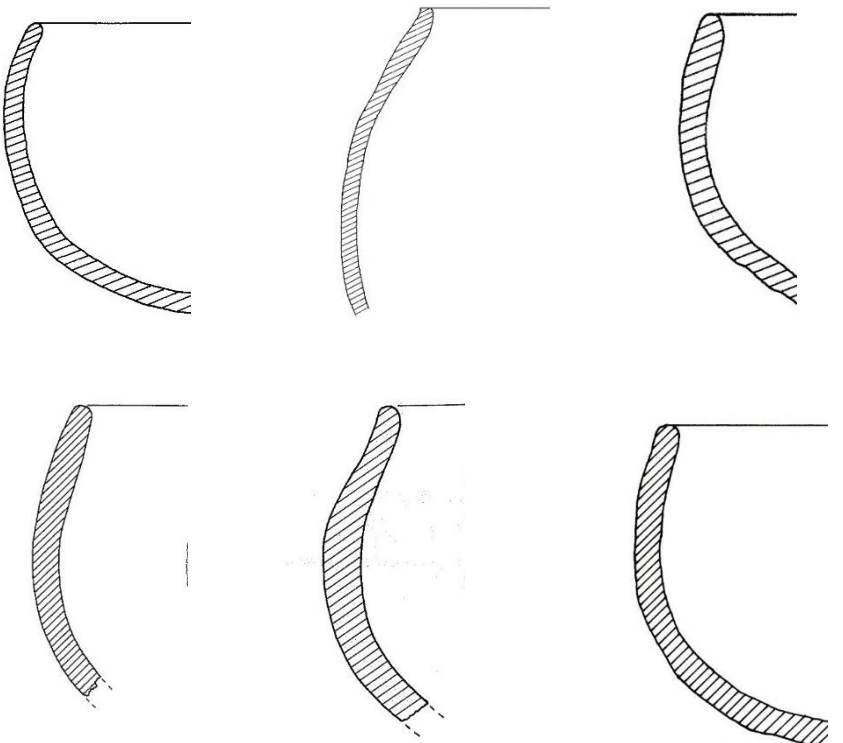
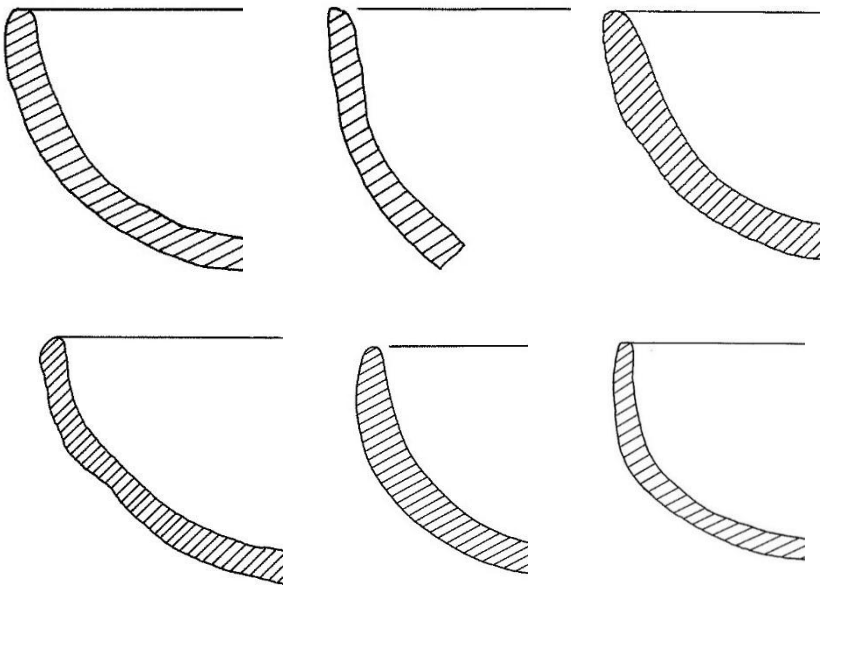
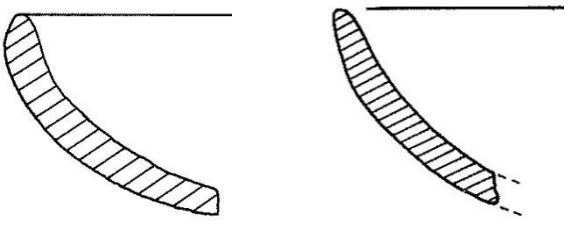
Porto Eivado		
Material	Nº de Inventário	Local de Depósito
Cerâmica	PV110	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	PV62	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	PV9	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	PV100	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	PV44	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	PV114	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	PV101	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	PV49	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	PV45	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	PV149	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	PV86	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	PV102	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	PV10	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	PV11	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Pontas de seta	PV12	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Placas de “xisto”	PV47	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	PV14	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	PV38	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Machados de pedra polida	PV30	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Machados de pedra polida	PV31	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide

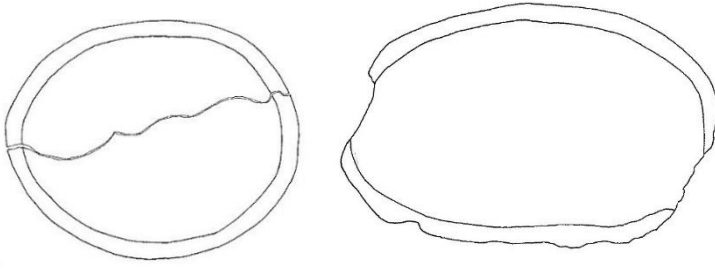
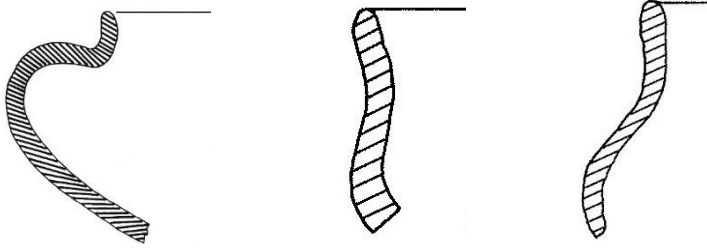
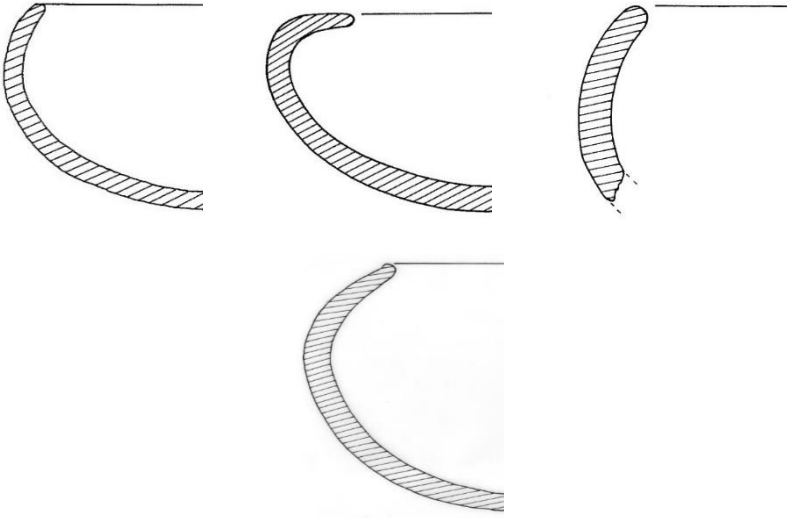
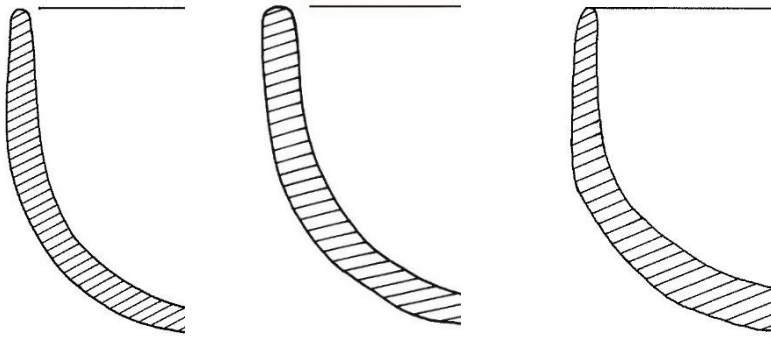
Casa dos Galhardos		
Material	Nº de Inventário	Local de Depósito
Cerâmica	G7	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Cerâmica	G8	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Contas de colar	G6	
Pontas de seta	G5	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Micrólitos geométricos	G1	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Micrólitos geométricos	G3	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Micrólitos geométricos	G4	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Lâminas/Lamelas	G2	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide

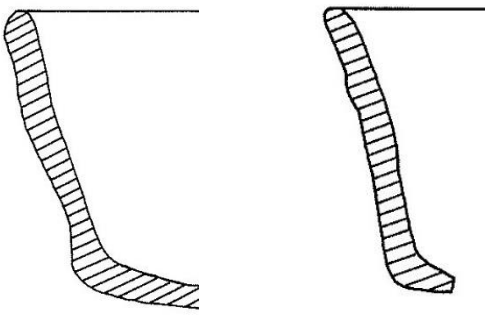
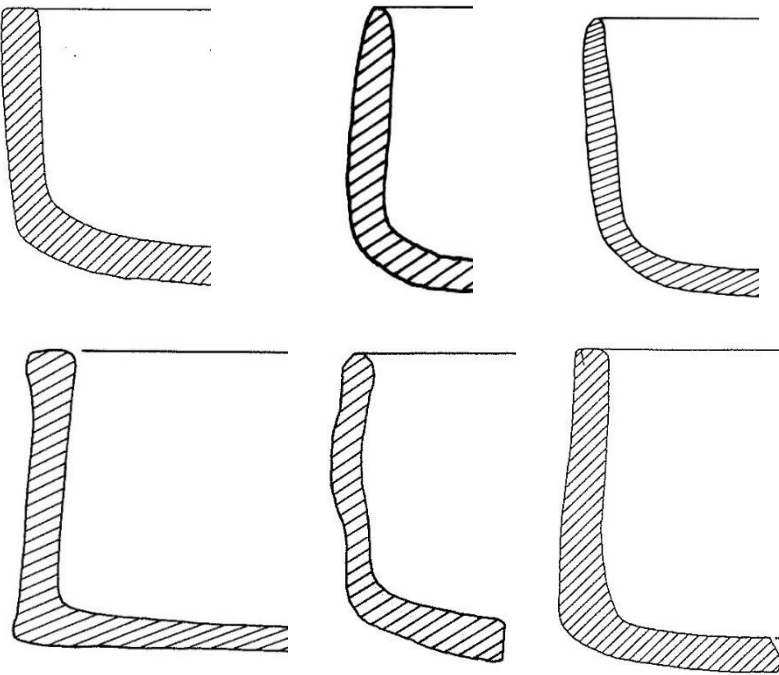
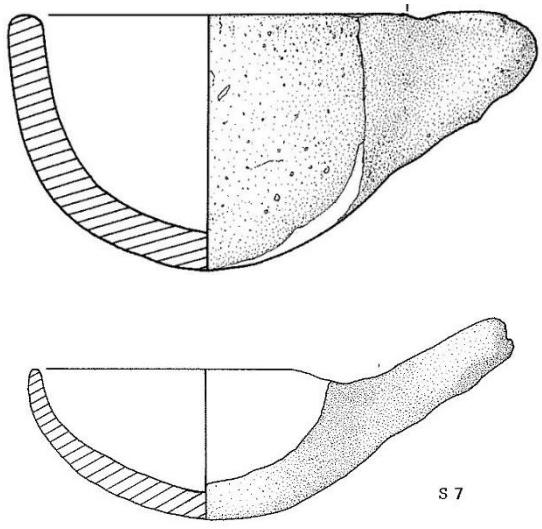
Nave do Grou		
Material	Nº de Inventário	Local de Depósito
Cerâmica	S7	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Micrólitos geométricos	S1	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Micrólitos geométricos	S2	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Micrólitos geométricos	S3	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Micrólitos geométricos	S4	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Micrólitos geométricos	S5	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Micrólitos geométricos	S6	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide
Machados de pedra polida	S8	Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide

Anexo 5

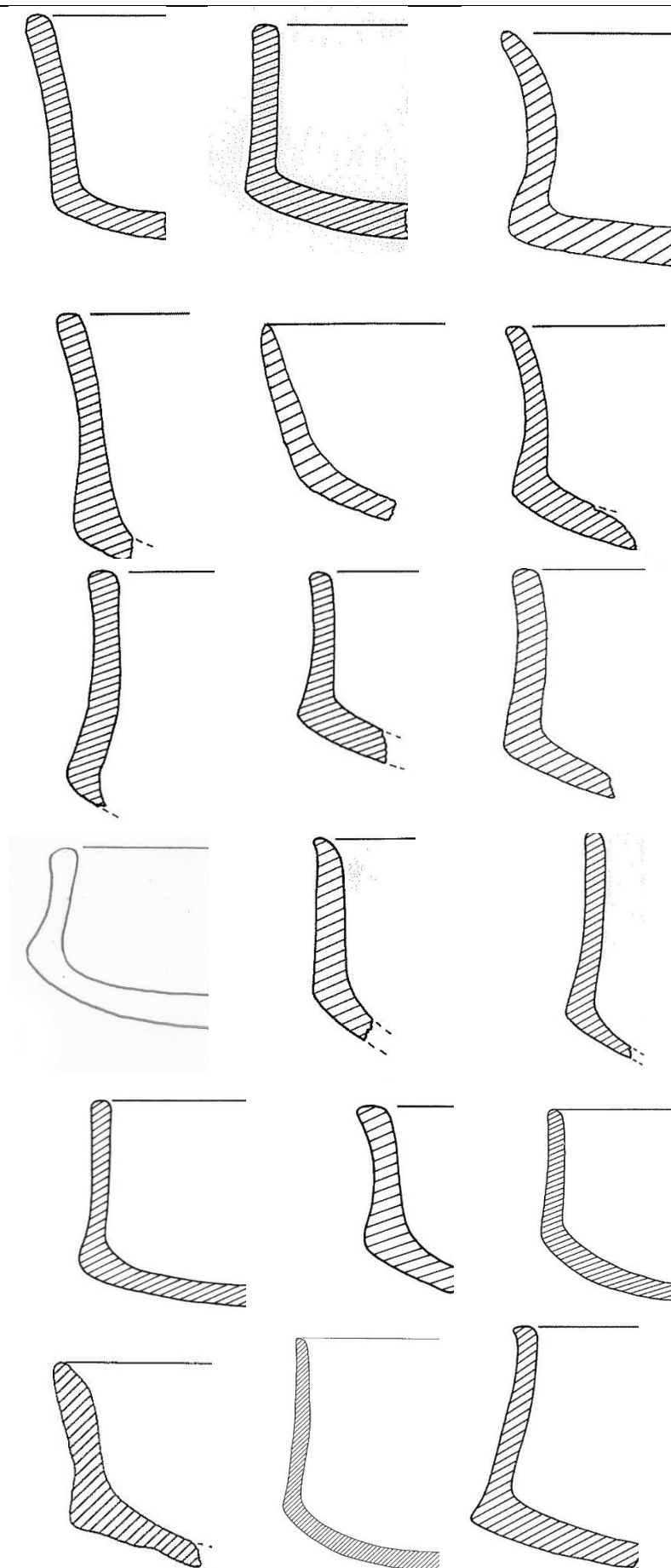
Quadro 5.1 – Tipologia morfológica dos recipientes cerâmicos das antas do concelho de Castelo de Vide

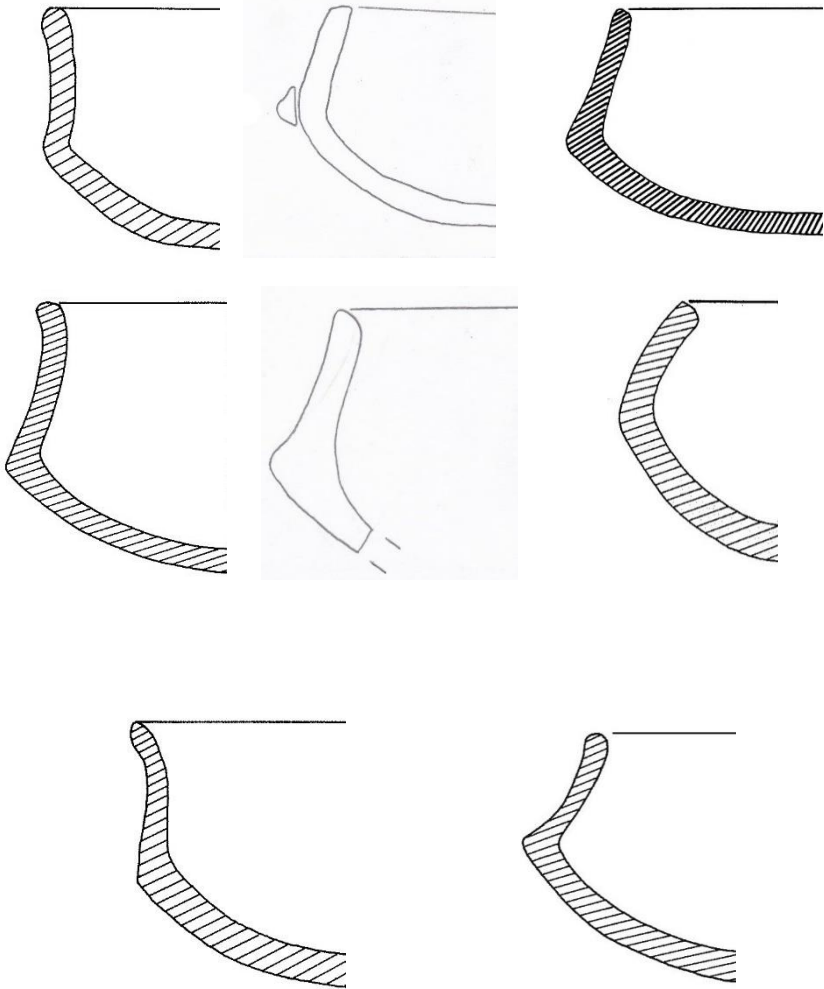
<p>Tipo morfológico 1 – Recipientes esféricos</p>	
<p>Tipo morfológico 2 – Recipientes semi-esféricos</p>	
<p>Tipo morfológico 3 – Recipientes em calote de esfera</p>	

<p>Tipo morfológico 4 – Recipientes ovais</p>	
<p>Tipo morfológico 5 – Recipientes esféricos de colo estragulado</p>	
<p>Tipo morfológico 6 – Recipientes elipsóides</p>	
<p>Tipo morfológico 7 – Recipientes semi-elipsóides</p>	

<p>Tipo morfológico 8 – Recipientes troncocónicos</p>	
<p>Tipo morfológico 9 – Recipientes de corpo cilíndrico</p>	
<p>Tipo morfológico 10 – “Colheres”</p>	

Tipo morfológico 11 – Recipientes de carena baixa



<p>Tipo morfológico 12 – Recipientes de carena média ou alta</p>	
<p>Tipo morfológico 13 - Campaniforme</p>	